

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

Thiago da Cunha Nascimento

**REFLEXIVIDADE LINGÜÍSTICA E ATOS METACOMUNICATIVOS EM
CONCEPTUALIZAÇÕES CULTURAIS EVIDENCIADAS NA FALA-EM-
INTERAÇÃO**

BELO HORIZONTE
2020

Thiago da Cunha Nascimento

**REFLEXIVIDADE LINGUÍSTICA E ATOS METACOMUNICATIVOS EM
CONCEPTUALIZAÇÕES CULTURAIS EVIDENCIADAS NA FALA-EM-
INTERAÇÃO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudos da Língua em Uso

Orientadora: Prof^a Dra Ulrike Schröder

BELO HORIZONTE
2020

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

N244r

Nascimento, Thiago da Cunha.

Reflexividade linguística e atos metacomunicativos em
conceptualizações culturais evidenciadas na fala-em-interação
[manuscrito] / Thiago da Cunha Nascimento. – 2020.

264 f., enc.: il., (color) (p&b)

Orientadora: Ulrike Agathe Schröder.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 236-261.

Anexos: f. 262-264.

1. Cognição – Teses. 2. Linguística – Teses. 3. Ciências
cognitivas – Teses. I. Schröder, Ulrike. II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 401.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



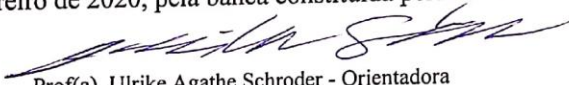
FOLHA DE APROVAÇÃO

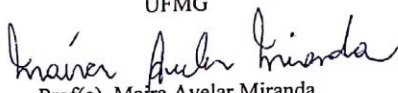
REFLEXIVIDADE LINGÜÍSTICA E ATOS METACOMUNICATIVOS EM CONCEPTUALIZAÇÕES CULTURAIS EVIDENCIADAS NA FALA-EM-INTERAÇÃO

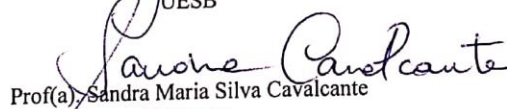
THIAGO DA CUNHA NASCIMENTO

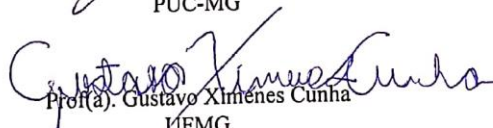
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

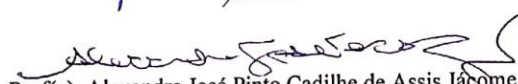
Aprovada em 28 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Ulrike Agathe Schroder - Orientadora
UFMG


Prof(a). Maira Avelar Miranda
UESB


Prof(a). Sandra Maria Silva Cavalcante
PUC-MG


Prof(a). Gustavo Ximenes Cunha
UFMG


Prof(a). Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome
UFJF

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2020.


Prof(a). Ana Larissa Adorno Marciano Oliveira
Subcoord. Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

À Irajara, meu modelo cognitivo, minha inspiração.

À Denise, ao Cris, ao Walter, minhas fontes de alegria e carinho.
Aos meus amigos-família Mara Tavares, Paulo Lavareda, Ivana Pinheiro
e Gasperim Ramalho, companheiros de estrada que tanto amo.

À Espiritualidade amiga, que sempre me inspira,
motiva e guia rumo a sonhos grandiosos.

AGRADECIMENTOS

Ao final dessa longa e laboriosa – porém enriquecedora – jornada que é o doutoramento, urge que eu expresse minha gratidão primeiramente a Deus e à Espiritualidade amiga que tanto me iluminaram e guiaram durante minha formação nos estudos doutorais.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – PosLin, agradeço pelo ensino de alta qualidade, compreensão e carinho ao longo de minha jornada tanto no mestrado quanto no doutorado.

À minha orientadora, Profa. Ulrike Schröder, minha gratidão incomensurável! Não sei como expressar minha admiração e satisfação em ter sido orientado por tão sábia mulher. Fui muito feliz ao longo desses anos de trabalho e pesquisa junto a ti, Ulrike.

Aos meus colegas do NUCOI, atual ICMI, obrigado pelas partilhas e aprendizagens colaborativas.

À Renata Martins, ao Fábio Miranda e ao Filipe Oliveira, não somente minha gratidão, mas também minha amizade e admiração. Vocês são os guias e anjos da guarda desse programa de pós-graduação.

À Michele Cristina, à Thais Mariana, à Marielle Amaral, à Cassiane, à Fabiola Lima, ao Sidney e a toda a equipe da biblioteca, pela excelência no serviço, pelos risos, pelo suporte tanto emocional quanto acadêmico e pelos “muitos galhos quebrados”. Vocês são grandes amigos meus! Obrigado!

Convém lembrar que, para uma boa vivência de um doutoramento, o ambiente no qual circulamos é igualmente importante. Sendo assim, gostaria de manifestar minha gratidão à equipe da cantina pelo bom humor com que me tratavam e pelo suporte emocional que me dispensavam em meus momentos de estresse: Valdinete, Keninha, Diogo Marcos, Elenita Passos, Marcia, Alessandra Silva, Milene Goldie, Laís Araújo, Paula de Oliveira, Priscila Nayara, Eliane Fátima, Rosangela da Silveira, Bruna Rafaela, Talita Natália, Naiana Rodrigues,

Patrícia Paula, Luiz Felipe, Luciene Martins, Vladmir e Francielle. Obrigado, pessoal, por fazerem minha rotina nas dependências da Letras ser algo tão divertido e saudável!

À minha mãe, Irajara Nascimento, que me auxilia, me ajuda e me escuta.

Ao meu pai, Antônio Walter, a Denise Nascimento, minha irmã, e ao Jonathan Garcia, meu cunhado, pela força e motivação.

À Mara Tavares, ao Paulo Lavareda, à Ivana Pinheiro, ao Gasperim Ramalho minha família aqui em Minas, meu enorme obrigado, pelo amor, pela amizade e conhecimentos compartilhados.

Ao Thiago Machado, que acompanhou o início dessa caminhada aqui em Minas e muito me encorajou. Obrigado por me motivar e aconselhar nos momentos de estresse!

À Aline Lobo, que prontamente revisou meu abstract.

Às mulheres mineiras que mais amo: Ivone Campos, Leise Abreu, Paula Sollero e Alice Ramalho, minha incomensurável gratidão. Vocês são o afago que faz a vida ficar mais leve.

A ele que chegou há pouco, mas que, nessa reta final, se mostrou um bom companheiro nas noites em que eu finalizava esta tese: Adilson Junior, meu amor. A ti, meu obrigado!

Por fim, mas não menos importantes, agradeço aos participantes desta pesquisa. Vocês foram a essência desta pesquisa e o motivo de ela existir. Obrigado!

A todos aqueles que aqui não mencionei, mas que de alguma forma contribuíram com esta pesquisa, muito obrigado!

« Veni, Vedi, Vici C'est de la chance aussi Tout petit à petit L'oiseau qui fait son nid, douillet
Veni, Vedi, Vici »
(Alizée)

“A educação é longo processo de trabalho,
entre o dever e a disciplina,
em que a dor é sempre a nossa mestra prestimosa e benevolente”
(Emmanuel)

RESUMO

Nesta tese, tivemos como objetivo analisar as funções de atos metacomunicativos na interação entre paraenses e mineiros quando esses conversavam sobre suas experiências no grupo cultural um do outro. Precisamente, averiguamos as funções de atos metacomunicativos quando os participantes comunicavam suas conceptualizações culturais acerca de sua vivência na cultura um do outro. Para a consecução de tal intento, baseamo-nos nos construtos teóricos oferecidos por pesquisas em reflexividade e metacomunicação (LUCY, 1993; SILVERSTEIN, 1993; BUBLITZ; HÜBLER, 2007; VERSCHUEREN, 1999, 1998), de modo a inquirir as funções de atos metacomunicativos e metalinguísticos na fala-em-interação. Utilizamos conceitos e categorias analíticas da Linguística Cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], 1999; JOHNSON, 2007; CROFT; CRUSE, 2004) e Linguística Cultural (PALMER, 1996; SHARIFIAN, 2015, 2011) para investigarmos as conceptualizações culturais comunicadas pelos participantes desta pesquisa. Finalmente, para analisarmos os aspectos interacionais dos fenômenos mencionados, valemo-nos do quadro teórico e metodológico disponibilizado, sobremaneira, pela Linguística Interacional (BARTH-WEINGARTEN, 2011; COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018) e também pela Análise da Conversa (SIDNELL, 2010; SIDNELL; STIVERS, 2013), de modo a analisarmos as ações dos participantes da interação nos níveis linguístico, verbo-gestual e corporal-visual. Nosso corpus foi criado a partir da gravação em áudio e vídeo de dois eventos interacionais entre paraenses e mineiros, uma interação em Belo Horizonte, Minas Gerais, e a outra em Barcarena (Vila dos Cabanos), Pará. Essas interações procedem de duas ‘conversas eliciadas’ (KASPER, 2008, p. 281), nas quais os participantes discorreram sobre tópicos como ‘família’, ‘amizade’, ‘política’, ‘religião’ etc. O material oriundo das gravações foi transcrito com o suporte do programa EXAMARaLDA (SCHMIDT; WÖRNER, 2009), seguindo as convenções de transcrição GAT 2 (SELTING et al., 2016). Identificamos conceptualizações culturais com teor avaliativo comprometedor do ‘gerenciamento das relações’ (SPENCER-OATEY, 2008, p.13), isto é, a harmonia das relações interpessoais na conversa, o que ocasionou a emergência de atos metacomunicativos, seja por meio de inserções (metacomunicação explícita), seja por meio do uso demasiado de pistas contextuais (metacomunicação implícita). Tais atos metacomunicativos serviram à função principal de orientar as interpretações dos interlocutores quanto de preservar suas faces.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva, Linguística Cultural, Linguística Interacional, Conceptualização Cultural, Atos Metacomunicativos.

ABSTRACT

In this dissertation, we aimed to analyse the functions of metacommunicative acts in the interaction between Paraenses and Mineiros when they talk about their experiences in each other's cultural group. Precisely, we investigated the functions of metacommunicative acts when participants communicate their cultural conceptualizations about their experience in each other's culture. In order to achieve such a goal, we have made use of the theoretical framework offered by research on reflexivity and metacommunication (LUCY, 1993; SILVERSTEIN, 1993; BUBLITZ, HÜBLER, 2007; VERSCHUEREN, 1999, 1998), so that the functions of metacommunicative and metalinguistic acts in talk-in-interaction could be investigated. We have also used concepts and analytical categories from Cognitive Linguistics (LAKOFF, JOHNSON, 2003 [1980], 1999, JOHNSON, 2007, CROFT, CRUSE, 2004) and Cultural Linguistics (WOLF, 2015, SHARIFIAN, 2011, 2015) to inquire the cultural conceptualizations conveyed by the participants of this research. Finally, we have used the theoretical background and the methodological tools provided by Interactional Linguistics (BARTH-WAINGARTEN, 2011; SELTING, COUPER-KUHLEN, 2018) in order to examine the participants' actions at the linguistic, verbal-gestural and body-visual levels concerning the interactional aspects of the abovementioned phenomena. Our corpus has been created from audio and video recordings of two speech events between Paraenses and Mineiros, one interaction in Belo Horizonte, Minas Gerais, and the other in Barcarena (Vila dos Cabanos), Pará. These interactional encounters have come from two 'elicited conversations' (KASPER, 2008, p. 281), in which participants have discussed topics such as 'family', 'friendship', 'politics', 'religion', and so forth. The material from the recordings has been transcribed with the support of the EXMARaLDA software (SCHMIDT; WÖRNER, 2009), following the GAT 2 transcription conventions (SELTING et al., 2016). We have identified cultural conceptualisations that threatened the 'rapport management' (SPENCER-OATEY, 2008, p.13), that is, the harmony of the interpersonal relationship in the conversation, what has caused the emergence of metacommunicative acts, either through insertions (explicit metacommunication), or through the overuse of contextual cues (implicit metacommunication). Such metacommunicative acts have functioned to guide the interlocutors' interpretations and save their faces.

Key-words: Cognitive Linguistics, Cultural Linguistics, Interactional Linguistics, Cultural Conceptualizations, Metacommunicative Acts.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Esquema de CONTÊINER / CONTENÇÃO. Fonte: Oliveira (2012, p. 22)	39
Imagem 2: Ato de comparação e formação de um esquema. Fonte: Autoria própria.	44
Imagem 3: Categoria PÁSSARO com seus membros representativos. Fonte: Autoria própria.	50
Imagem 4: fMRI de cursos de ativação em resposta a sentenças de ativação literais e metafóricas. Áreas ativas e sobreposições de uma tarefa somatossensorial de mãos estão sinalizadas em branco. Fontes: Johnson (2007, p. 169) e Rohrer (2001, p. 13)	59
Imagem 5: Um modelo distribuído de cognição cultural. Fonte: Sharifian (2011, p. 6)	69
Imagem 6: Um modelo distribuído de esquema cultural. Fonte: Sharifian (2011, p. 7).	71
Imagem 7: Estrutura de uma teoria pragmática. Fonte: Verschueren (1998, p. 59).	85
Imagem 8: A2 (à direita) acena com a mão ao reencenar o discurso reportado de seu professor.	93
Imagem 9: Participantes da interação 2017BHMipA1.	118
Imagem 10: Participantes da interação 2018BaMiPa1.	119
Imagem 11: <<movimentando a mão esquerda do centro para fora com a mão espalmada para cima, levantando o rosto e projetando os lábios arredondados para frente> ^eu::(.) eu não sou desoNEsta.>	148
Imagem 12: PA1, à direita ao enunciar: <<sorrindo, acenando com a cabeça>é: desonestiDade;>.	152
Imagem 13: <<mão esquerda aberta, com a palma para fora e dedos juntos, mão direita também aberta, com a palma vertical e dedos afastados; h>não tô diZENdo que eu tô certa também não.>>.	156
Imagem 14: em CERTos pontos eu_acho que eu exage- / eu já dEi uma <<dedos indicadores em riste> exageRAda aqui.>	157
Imagem 15: Reação dos interlocutores de PA2 – ao lado de PA1, o rapaz – à sua metaenunciação.	158
Imagem 16a: <<movimentos circulares com as mãos> mas eu tenho essa cOisa muito do ↑ÍNdio;=né,	164
Imagem 16b: <<movimentos circulares com as mãos> mas eu tenho essa cOisa muito do ↑ÍNdio;=né,	164

Imagem 16c: <<movimentos circulares com as mãos> mas eu tenho essa coisa muito do ↑ Índio ;=né,	165
Imagem 17a: da de ser muito <<movimentos circulares com as mãos> carinho:sa ;>	166
Imagem 17b: de ser muito <<movimentos circulares com as mãos> aBERTa ;>	166
Imagem 17c: minha família é nordestI:na de <<movimentos circulares com as mãos> aBRIR a cAsa pras pessOas>;	167
Imagem 18a: Essa COIsa de:: ter uma cultU:ra muito fechAda;	170
Imagem 18b: Essa COIsa de:: ter uma cultU:ra muito fechAda;	170
Imagem 19: MG1 acena com a cabeça para PA2: <<acenando com a cabeça> mHM;>.	172
Imagem 20a: eu não quero ficar na <<movimento em arco com a mão esquerda> SÍNdrome;>=né, .	176
Imagem 20b: de de <<movimento em arco com a mão esquerda> coitaDI:nha;>	177
Imagem 20c ou ficar <<movimento em arco com a mão esquerda> demonIZANdo> eh: belo horizONte;.	177
Imagem 21a: MInas é <<movimento circular com ambas as mãos> uma coisa> maiOr;	178
Imagem 21b: MInas é <<movimento circular com ambas as mãos> uma coisa> maiOr;	178
Imagem 21c: MInas é <<movimento circular com ambas as mãos> uma coisa> maiOr;	179
Imagem 22: Interlocutores de PA2 demonstram com aceno de cabeça sua compreensão e alinhamento com a declaração da falante.	179
Imagem 23: (---) <<mão com os dedos conectados em movimentos para cima e para baixo> desse amOr (arraiGAdo) que o:;>	186
Imagem 24: tem esse <<mão com os dedos conectados em movimentos para cima e para baixo> sentimEnto nativISTa;>	187
Imagem 25: (0.7) um dos HInos <<dedo indicador direito para cima> mais bonItos que o país tem;>	191
Imagem 26: (1.5) e nós descoBRImos que <<levantando os dedos polegar, indicador e anelar> só tinha três pessoas cantando;>	192
Imagem 27a: PA1 levanta as sobrancelhas e franze o cenho.	192
Imagem 27b: PA1 acena com a cabeça.	193

Imagem 28: e eu descobri que <<movimento arqueado com as mãos, dedos esticados>↑dAs DUAS pessOas que tavam cantando o hino do pará;>	194
Imagem 29a: um era um cearEnse.	195
Imagem 29b: e outro era um miNEIro;	195
Imagem 30: que ↑era EU;	196
Imagem 31: metáfora gestual IMPORTANTE É GRANDE / TAMANHO	197
Imagem 32: um hIno <<fechando e abrindo a mão direita> boNIto;>	200
Imagem 33: num <<levando a mão esquerda para frente espalmada para cima> esTAdo bonIto;>	201
Imagem 34: <<sorrindo> um dia DESses o que aconteceu,>	211
Imagem 35: seu <<fechando a mão direita perto corpo> !MG3!; tem um jacarÉ aqui no> PÁtio;	213
Imagem 36: MG3 toca a testa com a mão direita.	214
Imagem 37: expressão facial de incredulidade e gestos de MG3.	215
Imagem 38: MG1 e MG2 reagem à expressão facial de MG3.	216
Imagem 39: pausa (1.7) .	217
Imagem 40: Interlocutores de MG3 sorrindo em resposta ao seu riso.	224

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Baseado em Kövecses (2010), retirado de Nascimento (2016).	63
Quadro 2: Indicadores de consciência metapragmática. Fonte: Verschueren (1998, p. 61).	86
Quadro 3: Diretrizes de direitos e obrigações. Traduzido e adaptado de Spencer-Oatey (2008, p. 15).	96
Quadro 4: Convenções GAT2 usadas pelo NUCOI. Fonte: Carneiro (2017, p.69-72).	129

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: EXMARaLDA Partitur-editor. Fonte: Carneiro (2017, p. 67).	122
Figura 2.1: Configuração de mão. Fonte: Carneiro (2017, p.78) traduzido de Bressemer (2013, p. 1085).	130
Figura 2.2: Configuração de mão – combinação de dedos. Fonte: Carneiro (2017, p.78) traduzido de Bressemer (2013, p. 1086).	130
Figura 3: Orientação da mão. Fonte: Carneiro (2017, p.79) traduzido de Bressemer (2013, p. 1087).	131
Figura 4.1: movimento da mão. Fonte: Carneiro (2017, p.79) traduzido de Bressemer (2013, p. 1088-1089).	131
Figura 4.2: movimento da mão - direções. Fonte: Carneiro (2017, p.79) traduzido de Bressemer (2013, p. 1089-1090).	132
Figura 5: Posição do gesto no espaço gestual. Fonte: Carneiro (2017, p.80) traduzido de Bressemer (2013, p. 1091).	132

LISTA DE SIGLAS

LC – Linguística Cognitiva

LI – Linguística Interacional

AC – Análise da Conversa

GAT – *Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem*

EXMARaLDA - *Extensible Markup Language for Discourse Annotation*

EI – Esquema Imagético / de Imagem

MetonC – Metonímia Conceptual

UE – Unidade Entonacional

NUCOI – Núcleo de Estudos em Comunicação (Inter)cultural em Interação

PA – Paraense

MG – Mineiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
I RELEVÂNCIA DESTE ESTUDO.....	21
II PERGUNTAS E OBJETIVO DA PESQUISA.....	27
III ESTRUTURA DO TRABALHO.....	28
CAPÍTULO 1 – COGNIÇÃO E LINGUAGEM.....	29
1.1 COGNIÇÃO CORPORIFICADA E LINGUAGEM: O SIGNIFICADO ANCORADO NA EXPERIÊNCIA DO CORPO.....	30
1.2 LÍNGUA COMO REFLEXO DA ESTRUTURA CONCEPTUAL.....	41
1.3 MECANISMOS COGNITIVOS DE CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO.....	43
1.3.1. Esquematização.....	43
1.3.2. Categorização.....	48
1.3.3. Metáfora e Metonímia Conceptuais.....	53
1.4 O PAPEL DA INTERAÇÃO E DA EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL SOBRE OS PROCESSOS COGNITIVOS.....	64
1.4.1 Linguística Cultural e Cognição Social.....	68
1.4.2 Modelos Cognitivos e Modelos Culturais: uma janela de acesso à cognição cultural.....	72
1.4.3 Conceptualização Cultural.....	76
1.5 UMA SÍNTESE.....	78
CAPÍTULO 2 – METALINGUAGEM E FALA-EM-INTERAÇÃO.....	79
2.1 FUNÇÃO METALINGÜÍSTICA: REFLEXIVIDADE NA LÍNGUA EM USO.....	80
2.1.1 Consciência Metapragmática.....	84
2.1.2 Atos Metacomunicativos e suas funções.....	87

2.1.3 Atos Metacomunicativos e Gerenciamento da relação.....	93
2.2 A LINGUÍSTICA INTERACIONAL.....	98
2.2.1 Arquitetura Conversacional.....	103
2.2.2 Por uma aproximação entre a Linguística Cognitiva e a Linguística Interacional.....	109
2.3 UMA SÍNTESE.....	111
CAPÍTULO 3 – DA METODOLOGIA.....	112
3.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	112
3.1.1 Questões Metodológicas.....	113
3.1.2 Conversa Eliciada: um gênero discursivo, uma ação social.....	115
3.2 REGISTROS EM ÁUDIO E VÍDEO.....	117
3.2.1 Interação 2017BHMIPa1.....	117
3.2.2 Interação 2018BaMiPa1.....	118
3.3 A TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL.....	120
3.3.1 Pacote para transcrição EXMARaLDA: a ferramenta Partitur-Editor.....	120
3.3.2 O sistema de transcrição GAT2 e a notação de gestos.....	123
3.4 OBJETIVO DA PESQUISA.....	137
3.5 QUESTÕES DE PESQUISA.....	137
3.6 A CONSTRUÇÃO DE UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA.....	138
CAPÍTULO 4 – DAS CONCEPTUALIZAÇÕES CULTURAIS E AÇÕES METACOMUNICATIVAS EVIDENCIADAS NA FALA-EM-INTERAÇÃO	141
4.1 INTERAÇÃO 2017BHMIPa1.....	141
4.1.1 O mineiro desonesto.....	142
4.1.2 O mineiro desonesto: ações metacomunicativas.....	153
4.1.3 Uma cultura muito fechada.....	159
4.1.4 Uma cultura fechada: ações metacomunicativas.....	174

4.2 INTERAÇÃO 2018BaMiPa1.....	181
4.2.1 O nativismo estranho.....	182
4.2.2 O nativismo estranho: ações metacomunicativas.....	199
4.2.3 Não pisem no jacaré.....	204
4.2.4 Não pisem no jacaré: ações metacomunicativas.....	220
4.3 COMPROVAÇÃO DA HIPÓTESE.....	225
CAPÍTULO 5 – PARA CONCLUIR NOSSA INVESTIGAÇÃO.....	227
5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	227
5.2 CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES DESTA PESQUISA.....	233
5.3 PESQUISAS FUTURAS.....	235
REFERÊNCIAS.....	236
ANEXO A.....	262
ANEXO B.....	263
ANEXO C.....	264

A comunicação em si é um processo altamente reflexivo, no qual, além de se referir a objetos, pessoas, relações e eventos no mundo, o indivíduo também molda constantemente seus enunciados: (a) assumindo posicionamentos na interação; (b) (re)definindo o tipo de atividade em andamento; (c) qualificando suas contribuições como jocosas, irônicas ou sérias; (d) fornecendo pistas aos interlocutores quanto às suas próprias atitudes e apreciações; bem como (e) guiando-os a uma interpretação apropriada de tais pistas (SCHRÖDER, 2015). A partir disso, podemos inferir que a atividade reflexiva é ubíqua no processo de comunicação. Lucy (1993, p. 18) afirma que essa atividade é fundamental para o uso da língua: atos metacomunicativos (e metalinguísticos) ocorrem a todo tempo, de modo a auxiliar a estruturação da atividade linguística em andamento. Esses atos constituem um tópico importante para a pesquisa linguística por refletirem a ‘consciência metapragmática’ – uma força basilar na capacidade de construção de sentido da língua em uso (VERSCHUEREN, 1998). De acordo com Verschueren (1998, p. 58), os usuários da língua sabem relativamente o que eles estão fazendo quando usam a língua, ou seja, em algum grau de saliência – isto é, foco de atenção – eles se ‘automonitoram’. Dito de outro modo, eles estão atentos às suas contribuições e à repercussão delas na interação.

Destarte, as pesquisas em metacomunicação/metalinguagem concentram-se, entre outros aspectos, em como os participantes de uma interação moldam seus próprios enunciados e os de seus interlocutores, de modo a assegurar ou mudar a direção da conversa em curso para criar relações sociais, bem como assegurar a manutenção da intersubjetividade. Posto isso, nosso objetivo com essa pesquisa é investigar as funções de atos metacomunicativos na interação entre paraenses e mineiros quando esses, em uma conversa, falam sobre suas experiências no grupo cultural um do outro. Precisamente, objetivamos averiguar as funções de tais atos metacomunicativos em relação às conceptualizações culturais manifestadas por paraenses e mineiros quando engajados em uma conversa.

Para a consecução de tal intento, baseamo-nos nos construtos teóricos oferecidos por pesquisas em (meta)pragmática (HÜBLER, 2011; LUCY, 1993; SILVERSTEIN, 1993; BUBLITZ; HÜBLER, 2007; VERSCHUEREN, 1999, 1998), de modo a inquirir as funções dos atos metacomunicativos (e metalinguísticos) na fala-em-interação. Laçamos mão dos conceitos e categorias analíticas da Linguística Cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980],

1999; JOHNSON, 2007; CROFT; CRUSE, 2004) e Linguística Cultural (PALMER, 1996; WOLF; POLZENHAGEN, 2006; WOLF, 2015; SHARIFIAN, 2011, 2015) visando investigar as conceptualizações culturais manifestadas pelos participantes da pesquisa. Finalmente, para analisarmos os aspectos interacionais dos fenômenos mencionados, valer-nos-emos também do instrumental teórico e metodológico disponibilizado pela Linguística Interacional (SELTING, 2005; SELTING; COUPER-KUHLEN, 2001; COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018) e pela Análise da Conversa (SCHEGLOFF, 1996; SIDNELL, 2010; SIDNELL; STIVERS, 2013), de modo a explanarmos as ações linguísticas, não-verbais (e.g.: expressões faciais, risos, olhar) e verbo-gestuais (MÜLLER et al., 2013, 2014) dos participantes desta pesquisa.

I RELEVÂNCIA DESTE ESTUDO

Em seu texto de 1944, *O estrangeiro: um ensaio em psicologia social*,¹ Alfred Schütz utiliza o termo *estrangeiro* para se referir ao indivíduo que tenta integrar-se ao grupo ao qual ele chega:

[P]ara o nosso propósito corrente, o termo ‘**estrangeiro**’ significará um indivíduo adulto do nosso tempo e civilização que tenta ser permanentemente aceito, ou pelo menos tolerado, pelo grupo do qual ele se aproxima. (SCHÜTZ, 1944, p. 499, grifo nosso)²

O autor cita o caso do imigrante como exemplo mais proeminente de sua definição.³ Entretanto, não são desconsideradas situações nas quais indivíduos são vistos como ‘estrangeiros’ no grupo em que eles se inserem, por exemplo: um noivo que quer ser integrado ao seio da família da noiva, um filho de fazendeiro que ingressa na faculdade, um morador da cidade que se muda para o meio rural, etc. Ainda, conforme o filósofo, na perspectiva do estrangeiro,

a cultura do grupo aproximado tem sua própria história, e essa história é até acessível a ele [ao estrangeiro]. Mas ela [a história] não se torna jamais parte integral de sua biografia, tal como o é a história de seu grupo de origem [...]. O estrangeiro, portanto, se aproxima do grupo como um recém-chegado no sentido pleno do termo. No mínimo, ele pode estar desejoso e ser capaz de compartilhar o presente e o futuro do

¹ Tradução nossa: *The stranger: an essay in social psychology*.

² Tradução nossa: “For our present purposes, the term “stranger” shall mean an adult individual of our times and civilization who tries to be permanently accepted or at least tolerated by the group which he approaches” (SCHÜTZ, 1944, p. 499).

³ Esse exemplo do imigrante corresponde à experiência de Schütz enquanto estrangeiro nos EUA; pois, por ser judeu, o filósofo teve que fugir da Áustria em virtude da iminente ameaça de ocupação daquele país por Hitler em 1938. Schütz emigrou para Paris; e, um ano depois, ele chegou aos Estados Unidos (WAGNER, 2012, p. 12).

grupo aproximado numa experiência vívida e imediata; não obstante, ele permanecerá excluído do passado do grupo. (SCHÜTZ, 1944, p. 502)⁴

Observa-se, assim, que o grupo cultural, enquanto comunidade,⁵ apresenta uma “dimensão significativa de experiência compartilhada” (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 15) constituída por suas práticas, políticas, formas e uso da língua, enfim, sua história. Essa experiência compartilhada confere ao grupo – comunidade – uma coesão de tal forma que, conforme Saville-Troike (2003, p. 14-17), ainda que o indivíduo fale a mesma língua do grupo, ele pode não pertencer a este. Desse modo, tomando como base essa ideia de Schütz (1944), um indivíduo oriundo do estado do Pará, na região norte do Brasil, ao migrar para o estado de Minas Gerais, na região sudeste, até certo grau, encontra-se na condição de um estrangeiro. O mesmo é válido para o mineiro que sai de seu estado e migra para o Pará. Ou seja, ao sair de sua comunidade de fala, no norte, e migrar para outra comunidade de fala, no sudeste, um indivíduo do norte que também faz parte da comunidade dos paraenses se depara com uma realidade diferente da sua, e nessa condição, ele se equipara a um estrangeiro, que sabe que se encontra num mundo não familiar, organizado de uma maneira diferente daquela de seu mundo habitual (SCHÜTZ, 1945, p. 369).

A propósito, é oportuno comentar que, em nossos dados, os participantes desta pesquisa demonstraram se sentir vivendo na condição de um estrangeiro – ou de ver a cultura do outro como algo diferente ou estranho – quando passaram a viver no grupo cultural ao qual se integraram. No trecho 1 da Interação 2017BHMipa1⁶ a seguir, vemos que o participante PA1, paraense vivendo em Minas Gerais, nota que existe uma diferença entre as regiões do Brasil:

Trecho 1 da Interação 2017BHMipa1:

01 PA1: eh: eu gosto de definir o brasIl assim
02 eu falo são três países dentro de um
03 amazônia o nordeste e o resto.
04 o resto é o que a gente conhece⁷

⁴ Tradução nossa: “the culture of the approached group has its particular history, and this history is even accessible to him. But it has never become an integral part of his biography, as did the history of his home group. [...] The stranger, therefore, approaches the other group as a newcomer in the true meaning of the term. At best he may be willing and able to share the present and the future with the approached group in vivid and immediate experience; under all circumstances, however, he remains excluded from such experiences of its past” (SCHÜTZ, 1944, p. 502).

⁵ Quando usarmos o termo ‘comunidade’ referimo-nos ao conceito de ‘comunidade de fala’ apresentado em Saville-Troike (2003, p. 14).

⁶ As gravações das interações foram identificadas por códigos que informassem o ano e local da gravação, assim como a naturalidade dos participantes envolvidos. Ademais, os participantes envolvidos foram identificados por siglas que destacassem a sua naturalidade. Trataremos dos procedimentos de codificação dos dados e da identificação dos participantes no capítulo metodológico.

⁷ Para esses trechos ilustrativos da introdução (e.g.: Trecho 1 da Interação 2017BHMipa1 e Trechos 1 e 2 da 2018BaMiPa1), empregamos o nível de transcrição mínima do sistema GAT2 (cf. capítulo 3, seção 3.3.2). Anotamos, pois, somente sobreposições ([]), marcadores de hesitação (eh, hum), pausas (., (--), (2 . 1)), risos, ações e eventos linguísticos e não linguísticos, etc.

Se observarmos, na linha 2 do trecho acima, PA1 usa uma expressão metafórica para mostrar que as regiões do Brasil são diferentes e que tais diferenças podem ser bem acentuadas, uma vez que ele usa o conceito PAÍS para falar das diferenças culturais entre as regiões brasileiras. Essa mesma conceptualização de uma região ser concebida como um país foi encontrada na fala de MG3, mineiro vivendo no Pará, como se pode ver no trecho 1 da interação 2018BaMiPa1:

Trecho 1 da Interação 2018BaMiPa1

```
01  MG3:  então eh: (--)
02         é outro Brasil dentro dos (Brasis)
03         [eh
04  MG1:  [é
05  MG2:  [é
06  PA1:  [((acena com a cabeça))]
07  MG3:  então tem toda essa parte
08         e aí comecei ver a história também;
09         e comparar
10         (2.1) pega a província do Grãopará
```

Por seu turno, no trecho 2 da Interação 2018BaMiPa1, MG1, mineira vivendo no Pará, conceptualiza a cultura paraense como uma terra diferente, estrangeira:

Trecho 2 da Interação 2018BaMiPa1

```
01  MG1:  agora eu
02         (.) eh
03         essa é uma dificuldade
04         que nós enfrentamos
05         (0.4) e sempre enfrentamos
06         (0.3) é esse sentimento mesmo
07         (0.4) dos
08         (0.7) do voltado para o estranho
09         (.) o estrangeiro
```

Podemos inferir pela conceptualização de MG1 nas linhas 08 e 09 que não somente ela vê o estado do Pará como uma terra estrangeira como também ela mesma vivência o sentimento de ser estrangeira numa terra diferente do que ela está habituada. Ressaltamos que essas conceptualizações dos participantes emergiram a partir de sua vivência nas regiões nas quais se estabeleceram; e, por não compartilharem o pano de fundo cultural-regional do grupo social ao

qual se achegaram, eles começaram a perceber as diferenças entre suas culturas e a questionar a realidade na qual passaram a viver.

Sendo assim, encontramos nas reflexões de Alfred Schütz – bem como nos relatos de paraenses e mineiros vivendo nos grupos culturais uns dos outros – o germen para a realização desta pesquisa que é a investigação da experiência intercultural de paraenses que migram para o estado de Minas Gerais e de mineiros que migram para o estado do Pará.

É importante salientar que concebemos o termo ‘intercultural’ de forma escalar, gradual (cf. LOENHOFF, 2011; KESCKES, 2014). Ou seja, cremos que as diferenças entre culturas (e certamente entre as línguas) aumentam conforme o grau de conhecimento compartilhado que a pessoa possui no tocante ao grupo cultural de que ela se aproxima. Tal conhecimento engloba não somente o conhecimento do sistema linguístico, mas também o conhecimento compartilhado de atitudes, valores, contextos de interação, compreensões socioculturais, etc. (cf. SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 15). Sendo assim, um ‘choque cultural’ (num sentido de perturbação no ‘sistema de relevância’⁸ da pessoa, cf. SCHÜTZ, 1944) é possível de acontecer mesmo quando a pessoa se insere em grupos culturais dentro de um mesmo país, como é possível ver nos trechos ilustrativos das Interações 2018BaMiPa1 e 2017BHMIPa1 acima.

Conforme Schütz (1944, p. 502), o estrangeiro começa a interpretar seu novo ambiente social com base em seu modo de pensar habitual. Dentro de seu esquema de referência,⁹ oriundo de seu grupo de origem, ele encontra, contudo, uma ideia já formada do padrão supostamente válido dentro do grupo ao qual ele se afilia – uma ideia que ele necessariamente verificará ser por vezes inadequada. Quando isso ocorre, o indivíduo experiencia uma ‘crise’ que leva a uma perturbação de seu sistema de relevância, o qual se mostra inválido para guiá-lo dentro do grupo social. Ainda, por não compartilhar do mesmo pano de fundo histórico-cultural do grupo, o ‘estrangeiro’ torna-se em essência aquele que questiona quase tudo o que para os membros do grupo social é inquestionável.

Posto isso, o texto de Schütz (1944) nos suscitou a seguinte pergunta para a realização desta pesquisa: a partir de suas experiências vividas, que conceptualizações culturais o

⁸ O termo ‘sistema de relevância’ refere-se a um sistema de conhecimento adquirido no seio do grupo cultural em que o indivíduo nasce e é criado. Conforme Schütz (1944, p. 501), esse sistema de relevância é “o conhecimento de receitas (*recipes*) confiáveis para interpretar o mundo social e lidar com as coisas e os indivíduos, de modo a obter os melhores resultados em cada situação com o mínimo de esforço, evitando consequências indesejáveis./ a knowledge of trustworthy *recipes* for interpreting the social world and for handling things and men in order to obtain the best results in every situation with a minimum of effort by avoiding undesirable consequences.”. Segundo o autor, essa receita serve como um modelo interpretativo, ou seja, quem quer que aja conforme uma receita específica pretende obter um resultado correlato a ela. Em síntese, como veremos no capítulo 1, o sistema de relevância, no âmbito da Linguística Cognitiva e da Linguística Cultural, equivale à noção de Modelos Cognitivos (Culturais). O indivíduo se orienta no mundo, faz sentido dele, a partir de seus modelos cognitivos culturais.

⁹ Ou receitas (*recipes*), nos termos de Schütz.

indivíduo elabora acerca do grupo ao qual se achega? Com efeito, por adotarmos uma perspectiva interacional que prima pela fala-em-interação, essa pergunta atuou como diretriz para observarmos a maneira pela qual o indivíduo materializa suas percepções e conceptualizações quando engajado em uma conversa com um interlocutor proveniente do grupo social ao qual tal indivíduo tenta se integrar. Em outras palavras, investigamos as conceptualizações culturais instanciadas na fala-em-interação entre indivíduos de grupos socioculturais diferentes quando esses discutiam assuntos relacionados às suas experiências interculturais.

Ainda, uma vez que a conversa é o *locus* ideal para negociação e coconstrução do sentido, no qual os interlocutores demonstram seu entendimento acerca do que o outro diz e/ou faz anteriormente, bem como orientam suas ações em relação às sequências prévias de fala, interessamo-nos em analisar como as conceptualizações culturais são negociadas e coconstruídas na fala-em-interação. Desse modo, a perspectiva (meta)comunicativa foi oportuna e relevante para investigarmos como essa negociação e coconstrução de sentidos aconteceu entre os interlocutores. Isto é, durante a negociação de sentidos os interlocutores puderam se valer de ações como remeter-se ao ato de formulação linguística em si para comentar ou avaliar seu próprio dizer, para negociar a expressão mais adequada com o outro, para qualificar o sentido do que foi ou seria dito, etc. (HILGERT, 2014, p. 365), de modo a realizar a manutenção da compreensão intersubjetiva (SCHEGLOFF, 1992) e gerir o desdobramento da interação visando a minimizar possíveis mal-entendidos na conversa. Assim, interessou-nos também analisar atos metacomunicativos e suas funções na fala-em-interação.

Os atos metacomunicativos são usados para (a) estabelecer e assegurar relações interpessoais harmônicas pela construção de um *rappor*t entre os interactantes (HONGLADAROM, 2007), (b) preservar a face e expressar afeto (PIZZICONI, 2007; SUZUKI, 2007) e (c) auxiliar na coconstrução de conceitos abstratos como, por exemplo, alteridade (SCHRÖDER, 2015). Essas evidências mostram que, além de nos preocuparmos com a proposição de um enunciado, preocupamo-nos também com o efeito que ele tem em relação ao outro, ou seja, temos consciência das reações que podem ser desencadeadas pela fala. Por isso, interessamo-nos em investigar as funções de atos metacomunicativos em relação às conceptualizações culturais instanciadas na fala de paraenses e mineiros quando engajados em uma conversa.

Sendo assim, esta pesquisa mostra-se especialmente relevante ao abordar aspectos cognitivos que podem contribuir para os campos da AC, uma vez que, com seu enfoque na realização local e na arquitetura da conversa, ela dá pouca ênfase aos aspectos cognitivos

subjacentes às situações comunicativas, ou seja, aos outros componentes que auxiliam no funcionamento do ‘maquinário’ (SACKS; JEFFERSON, 2006 [1995], p. 169)¹⁰ que é a conversa, e da Linguística Interacional, que em seu objetivo de investigar a organização e o uso da língua estrutural e funcionalmente na interação social, também tem procurado formas de se ajustar a estudos que levem em conta os aspectos cognitivos da estrutura e uso da língua na fala-em-interação (BARTH-WEINGARTEN, 2011, p. 90-91).

Convém também ressaltar dois outros aspectos que destacam a relevância desta pesquisa. O primeiro concerne à falta de mais estudos em metacomunicação em português. Ainda que consigamos encontrar estudos como os de Geraldi (1997) Possenti (2000), Hilgert (2014) e Dalla Costa (2014), o campo da Linguística necessita de um corpo de pesquisa mais robusto quanto ao fenômeno da linguagem reflexiva e da metacomunicação, bem como necessita de trabalhos que tenham uma perspectiva cognitivo-interacional como os de Schröder (2014, 2015, 2018). Assim, pretendemos contribuir com mais uma investigação voltada para essa questão da metacomunicação numa perspectiva cognitivo-interacional.

O segundo aspecto diz respeito à natureza do grupo escolhido para integrar os dados no *corpus* do Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação¹¹ – NUCOI, da Universidade Federal de Minas Gerais. O NUCOI dispõe de um *corpus* de filmagens e suas respectivas transcrições oriundas de interações entre participantes de culturas linguísticas diferentes (cf. ALVES, 2015; LONGORDO, 2014; CAPUTO, 2017), assim como de interações entre participantes que partilham do mesmo pano de fundo cultural e linguístico (cf. CARNEIRO MENDES, 2017); assim sendo, visamos integrar a esse banco de dados mais um tipo de grupo, e.g.: interação entre paraenses e mineiros, dado as diferenças que o pano de fundo linguístico e cultural desses indivíduos sejam salientes, mesmo integrando um pano de fundo linguístico e cultural maior, isto é, a cultura brasileira.

Em suma, pela natureza multifacetada do fenômeno que analisamos, foi necessária uma mobilização teórico-metodológica que lidasse com tal complexidade. Por isso, recorreremos aos procedimentos analítico-metodológicos disponibilizados pela LI e AC, de modo a fazer uma microanálise das ações dos participantes quando engajados numa conversa. Destarte, encontramos nessas ações instanciações de conceptualizações culturais oriundas de suas experiências na cultura regional em que estão inseridos. Dado que os participantes estavam em

¹⁰ Machinery.

¹¹ Em dezembro de 2019, em um encontro fomentado pela Worldwide Universities Network, na Universidade de Sheffield, o Núcleo tornou-se o centro de pesquisa Intercultural Communication in Multimodal Interactions. Para mais informações sobre o antigo Núcleo e atual Centro de pesquisa o leitor pode acessar o link: <http://www.lettras.ufmg.br/padrao/cms/index.php?web=icmi&lang=2&page=2906&menu=&tipo=1>

interação, os atos metacomunicativos pareceram auxiliar na gestão da conversa, de modo a regular a forma como essas conceptualizações foram comunicadas pelos falantes e interpretadas por seus interlocutores. Trouxemos, por fim, como parte inovadora e contributiva, uma conjunção dos estudos cognitivos às bases empíricas das investigações na fala-em-interação.

II PERGUNTAS E OBJETIVO DA PESQUISA

Como dito anteriormente, de acordo com Schütz (1944), o indivíduo não pertencente ao grupo social ao qual se achega tende essencialmente a questionar quase tudo o que para os membros de tal grupo é inquestionável. Desse modo, aquele indivíduo passa a elaborar e atribuir significados acerca de tal grupo conforme suas experiências vividas, ou seja, ele elabora conceptualizações oriundas de suas interações no grupo social. Tendo isso em mente, elaboramos as seguintes perguntas norteadoras desta pesquisa: (a) Quais são as conceptualizações culturais que paraenses e mineiros elaboram quando falam sobre suas experiências no grupo cultural um do outro? (b) Quais são os atos metacomunicativos usados pelos participantes quando estes comunicam suas conceptualizações culturais? e (c) Quais funções tais atos desempenham nessa situação interacional?

Tais perguntas nos auxiliaram a delinear nosso objetivo geral, a saber, investigar as funções de atos metacomunicativos durante a negociação e a coconstrução de conceptualizações culturais instanciadas na fala de paraenses e mineiros quando engajados em uma conversa. Ainda, com base naquelas perguntas, formulamos nossa hipótese de que haveria maior manifestação de atos metacomunicativos na conversa quando as conceptualizações culturais informadas pelos participantes da interação comprometessem o gerenciamento das relações entre eles.

Para comprovar nossa hipótese, bem como responder as perguntas de pesquisa, como veremos no capítulo metodológico, realizamos a gravação de duas interações nas quais estavam presentes mineiros e paraenses conversando sobre suas experiências interculturais no grupo cultural um do outro.

III ESTRUTURA DO TRABALHO

A seguir apresentamos no capítulo 1 a revisão de literatura concernente aos principais conceitos da LC e da Linguística Cultural. Posteriormente, no capítulo 2, apresentamos os conceitos pertinentes a esta pesquisa oriundos da Metapragmática e Linguística Interacional. No capítulo 3, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados nesta investigação. No capítulo 4, apresentamos a descrição e discussão dos dados. Por fim, no capítulo 5, apresentamos nossas considerações finais, respondendo nossas perguntas de pesquisa, bem como apontando para trabalhos futuros.

CAPÍTULO 1 – COGNIÇÃO E LINGUAGEM

“Mental facts cannot be properly studied apart from the physical environment of which they take cognizance.”

William James

Uma atenção especial deve ser dada à natureza de nossos corpos se quisermos abordar adequadamente a maneira como nossa cognição confere significado às nossas experiências no mundo. De acordo com Johnson (1987), nossa consciência – bem como nossa racionalidade – está ligada à nossa orientação corporal e à nossa interação **no** e **com** o mundo. Segundo o filósofo, a investigação do movimento de nossos corpos no ambiente é a chave para compreender como a experiência no mundo faz sentido para organismos como nós. Boa parte de nosso conhecimento perceptual é oriundo do movimento, seja do movimento corporal como um todo, seja de nossas interações com objetos móveis (JOHNSON, 2007).

Isso posto, orientados por uma base filosófico-epistemológica experiencialista (LAKOFF; JOHNSON, 1999; JOHNSON, 1987, 2007), apresentamos neste capítulo a perspectiva cognitivista da linguagem, a qual se orienta para o significado¹² e tem como base a língua em uso, bem como recontextualiza a gramática (SILVA, 2009, p. 516), de modo a apreender da língua os traços de nossa cognição corporificada a fim de compreender como o corpo e sua experiência com o meio atuam na construção do significado linguístico. Sendo assim, tomamos como pressuposto a premissa de que os significados oriundos de nossas experiências no e com o mundo são delineados pela natureza de nossos corpos e configuração de nossos cérebros, pelo ambiente em que estamos inseridos, por nossas interações sociais e pela cultura na qual crescemos.

Dessa forma, abalizamos nossa investigação no quadro teórico da Linguística Cognitiva e da Linguística Cultural por conceberem a língua(gem) como um meio de estudar os aspectos da estrutura e organização conceptual da mente, tais como a representação do conhecimento e a construção de sentido (EVANS, 2012). Seguindo um “compromisso cognitivo” (EVANS, 2012, p. 130), a Linguística Cognitiva – assim como a Linguística Cultural – assume o pressuposto de que os princípios geradores da estrutura linguística não somente refletem muitas nuances da cognição humana como também mobilizam outras formas de cognição, tais como memória, atenção, percepção, categorização, aprendizagem, etc. Ela sugere a linguagem como

¹² Nessa perspectiva, o significado é concebido como experiencial e enciclopédico.

componente de nossa cognição geral. Por conseguinte, a língua é vista como um mecanismo para se inquirir acerca de uma gama de fenômenos mentais, visto que ela seja um reflexo de nosso raciocínio (OLIVEIRA, 2010).

Desse modo, a investigação cognitivo-discursiva das estruturas linguísticas permite-nos ter acesso às conceptualizações (uma das unidades de análise desta tese), isto é, às formas de representação do conhecimento elaborado pelos indivíduos. Tendo isso em mente, a seguir, discorreremos acerca das bases corporificadas da experiência no mundo, assim como apresentamos alguns conceitos relevantes nos estudos cognitivistas, a saber, corporificação, experiencialismo, cognição corporificada, etc.

1.1 COGNIÇÃO CORPORIFICADA E LINGUAGEM: O SIGNIFICADO ANCORADO NA EXPERIÊNCIA DO CORPO

Dentre os pressupostos em que a Linguística Cognitiva e a Linguística Cultural se abalizam está a tese da ‘cognição corporificada’ (*embodied cognition*) (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991). Esta tese é composta, segundo Evans (2012), por dois aspectos: a subtese da ‘experiência corporificada’ (*embodied experience*) e a subtese da ‘cognição ancorada’ (*grounded cognition*), as quais constituem a noção de ‘cognição corporificada’.

A noção de ‘cognição corporificada’ está intrinsecamente relacionada à ‘hipótese da corporificação’ (ROHRER, 2007)¹³ preliminarmente elaborada por Lakoff e Johnson (2003 [1980]). Nesta obra, os autores formulam sua hipótese da corporificação para fundamentar sua teoria da metáfora como um processo cognitivo. Assim sendo, é a partir de uma generalização acerca da direcionalidade da projeção metafórica que a hipótese é postulada (ROHRER, 2007):

Primeiro, sugerimos que há uma *direcionalidade* na metáfora, ou seja, compreendemos um conceito em termos de outro. Precisamente, tendemos a estruturar conceitos pouco concretos e inerentemente mais vagos (como aqueles para as emoções) em termos de conceitos mais concretos, os quais são claramente delineados por nossa experiência. (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 112, grifo dos autores)¹⁴

¹³*Embodiment Hypothesis* (ROHRER, 2007).

¹⁴Tradução nossa: “First, we have suggested that there is directionality in metaphor, that is, we understand one concept in terms of another. Specifically, we tend to structure the less concrete and inherently vaguer concepts (like those for emotions) in terms of more concrete concepts, which are more clearly delineated in our experience.” (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 112)

Desse modo, Lakoff e Johnson (2003 [1980]) cunham uma hipótese que fundamenta sua investigação acerca tanto da nossa experiência quanto dos nossos pensamento e linguagem de um ponto de vista cujo corpo em sua interação no e com o mundo provê as bases para um significado experiencial.

À vista disso, os autores evidenciaram, com base em um número grande de exemplos,¹⁵ que muito da linguagem prosaica que usamos para caracterizar uma variedade de experiências é sistematicamente moldada por um número relativamente pequeno de metáforas. A metáfora, na concepção de Lakoff e Johnson (2003 [1980]), é concebida como um mecanismo cognitivo basilar, tese central de sua Teoria da Metáfora Conceptual.¹⁶ Assim, ao contrário do que tradicionalmente se pensava acerca da linguagem cotidiana – isto é, que ela era literal, vê-se que, na verdade, ela é permeada por metáforas (conceptuais) que estruturam o sentido que conferimos e comunicamos acerca de nossas experiências no mundo.

Um comentário válido acerca dos estudos de Lakoff e Johnson (2003 [1980]) é que, conforme Schröder (2004, p. 251), o mérito dos dois autores está no fato de terem explicitado a ubiquidade da metáfora ao fornecer e sistematizar vários exemplos do falar cotidiano. Ademais, essa mudança paradigmática no tocante à superação da ideia aristotélica de metáfora como fenômeno impressionista da linguagem já podia ser observada nos campos da filosofia, da psicologia e da linguística nos trabalhos de Locke, Vico e Kant, bem como as reflexões de Bühler, Blumenberg e Weinrich (SCHRÖDER, 2008). Esses autores não somente já se afastavam explicitamente de uma ideia da metáfora enquanto tropo de linguagem poética, discorrendo sobre a metáfora enquanto fenômeno cognitivo básico (JÄKEL, 1999), como também já antecipavam questões basilares à LC, tais como esquemas oriundos de nossas impressões sensoriais.

O mais intrigante da investigação de Lakoff e Johnson (2003 [1980]), conforme Rohrer (2007, p. 32), é o fato de um número relativamente pequeno de metáforas basear-se em domínios resultantes de experiências corpóreas e de tais domínios realizarem a maior parte do trabalho de ordenamento de conceitos mais abstratos, por apresentarem uma estrutura interna e uma lógica suficientes para definir tais conceitos.

Lakoff e Johnson (2003 [1980] p. 117) postulam que, enquanto mecanismo cognitivo, a metáfora possibilita-nos compreender um domínio de experiência mais abstrato em termos de um domínio de experiência mais concreto, mais básico. Este domínio mais básico, segundo os

¹⁵ Convém destacar que um ponto de crítica relevante quanto às hipóteses de Lakoff e Johnson (2003 [1980]) sempre foi ao fato de eles não terem trabalhado com dados empíricos, mas sim exemplos introspectivos.

¹⁶ Trataremos sobre a teoria da metáfora conceptual mais adiante na seção 1.3.3.

autores, é um todo estruturado dentro de nossa experiência o qual é conceptualizado em forma de uma *gestalt* experiencial.¹⁷ As *gestalts* são experiencialmente básicas por caracterizarem todos estruturais inseridos em experiências humanas recorrentes. Elas representam organizações coerentes de nossas experiências em termos de dimensões naturais – ou categorias naturais, tais como partes, estágios, causas, etc.

Assim sendo, essas dimensões naturais são ‘tipos naturais de experiências’, as quais são um produto de nossos corpos (com seu aparato sensório-motor, capacidades mentais, composição emocional, etc.), nossas interações com o ambiente (movimento, manipulação de objetos, alimentação, etc.) e nossas interações com outras pessoas dentro de nossa cultura (em termos de situações políticas, sociais, econômicas, religiosas, etc.). Em outras palavras, esses tipos naturais de experiências são “produtos da natureza humana” (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 118).

Observa-se que, desde a formulação inicial da hipótese da corporificação, o termo ‘corporificado’, ou mesmo ‘corporificação’, foi pensado de modo a abarcar investigações tanto sobre as bases fenomenológico-experienciais quanto sobre os substratos neurofisiológicos da linguagem. Sendo assim, Lakoff e Johnson (2003 [1980], p. 210) argumentam que uma abordagem adequada de nossa experiência, nosso pensamento e nossa linguagem requer

- (i) ver os objetos como entidades relativas às nossas interações com o mundo e nossas projeções sobre ele;
- (ii) ver as propriedades das entidades como interacionais ao invés de inerentes e
- (iii) ver as categorias como *gestalts* experienciais definidas via protótipos ao invés de vê-las como rigidamente fixas e definidas via teoria dos conjuntos.

Desse modo, no centro de sua hipótese da corporificação, Lakoff e Johnson (2003 [1980]) sugerem o Experiencialismo, ou ‘Realismo Experiencial’ (LAKOFF, 1987), para tratarem da experiência humana, do pensamento e do fenômeno linguístico.

Lakoff e Johnson (2003 [1980]), Lakoff (1987) e Johnson (1987) propõem a abordagem experiencialista como forma, sobremaneira, de contrastar com a concepção filosófica tradicional do significado e do pensamento enquanto manipulação de símbolos que

¹⁷ A Teoria de *Gestalt* está especificamente relacionada a psicólogos da Escola de Berlim, formuladores da teoria, a saber, Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka (SMITH, 1988, p. 11). Conforme Azevedo e Lepesqueur (2011, p. 65) a Linguística Cognitiva apresenta alguns aspectos de afiliação epistemológica à Psicologia da Gestalt, precisamente, a apropriação pela Linguística Cognitiva, por meio de conceitos e noções, “das seguintes proposições gestaltistas: (a) a percepção é básica para os demais processos cognitivos; (b) as partes não são primárias à percepção do todo e (c) a percepção é regida pelo princípio da atenção seletiva”.

corresponderiam a uma realidade objetiva, dada aprioristicamente, a qual é independente do tipo particular de corporificação do organismo (ROHRER, 2007, p. 35).

Ao proporem a abordagem experiencialista, Lakoff e Johnson (2003 [1980]) argumentam que o ser humano seja concebido como parte de seu meio, e não separado dele. Tal perspectiva ressalta a constante interação do homem com seu meio físico e com outras pessoas, numa troca mútua e constante. Isto é, o indivíduo não pode funcionar no meio sem modificá-lo ou sem ser mudado por ele. A compreensão, desse modo, emerge da interação, em uma constante negociação com o ambiente e com outros indivíduos.

Em sua obra de 1999, *Philosophy in the Flesh*, Lakoff e Johnson afastam-se do sentido experiencialista mais amplo de corporificação, ou seja, de seu aspecto teórico-epistemológico, para voltarem sua atenção aos aspectos neurofisiológicos do termo, isto é, à maneira como o substrato corporal modela a linguagem:

A hipótese da mente corporificada, portanto, desfaz a distinção percepção-concepção. Na mente corporificada, concebe-se que o mesmo sistema neural mobilizado na percepção (ou no movimento corporal) tem papel central na concepção. Ou seja, é possível que os mesmos mecanismos responsáveis pela percepção, movimento e manipulação de objetos possam ser responsáveis pela conceptualização e raciocínio (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 37-38)¹⁸

Nossa cognição, portanto, não é um tipo de processo interno ‘realizado pela mente’, mas sim uma forma de ‘ação corporificada’ (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991, p. 172; JOHNSON, 2007, p. 147). Nesse tocante, de acordo com Varela, Thompson e Rosch (1991, p. 172), o termo ‘corporificada’ destaca dois pontos: o primeiro, que a cognição depende dos tipos de experiências oriundas de um corpo que possui várias capacidades sensório-motoras. O segundo, que essas mesmas capacidades sensório-motoras são incorporadas em um contexto biológico, psicológico e cultural mais amplos. Por sua vez, o termo ‘ação’ enfatiza novamente que processos sensoriais e motores, percepção e ação, são fundamentalmente inseparáveis da cognição vivida. Em verdade, corporificação e ação não estão ligados por questões circunstanciais, mas sim evoluíram juntos nos indivíduos (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991, p. 173).

¹⁸Tradução nossa: “The embodied-mind hypothesis therefore radically undercuts the perception/ conception distinction. In an embodied mind, it is conceivable that the same neural system engaged in perception (or in bodily movement) plays a central role in conception. That is, it is possible that the very mechanisms responsible for perception, movements, and object manipulation could be responsible for conceptualization and reasoning.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.37–38)

Gallese (2003) corrobora essa ideia de o organismo significar o ambiente de acordo com a natureza de sua corporificação na qual a ação – movimento – tem papel primordial ao afirmar que

Se analisarmos, no nível físico de descrição, a relação entre agentes biológicos e o ‘mundo exterior’, descobriremos organismos vivos processando diferentes manifestações de energia à qual eles são expostos: eletromagnética, mecânica, química. A energia interage com os organismos vivos. É somente em virtude dessa interação que a energia pode ser especificada em termos de ‘estímulo’ (visual, sonoro, somato-sensorial, etc.) ao qual o organismo é exposto. O resultado dessa interação entre energia e organismos vivos é que a energia – agora, estímulo – é traduzida, ou melhor, transduzida, em um *código informacional comum*. Os receptores de modalidades sensoriais diferentes são os agentes do processo de transdução: eles convertem os diferentes tipos de energias resultantes das interações organismo-ambiente em códigos comuns de potenciais de ação. Potenciais de ação expressam a excitabilidade eletroquímica das células, e constituem o código usado pelos bilhões de neurônios, que constituem o sistema nervoso central, para se comunicar entre si. (GALLESE, 2003, p. 1232)¹⁹

Vê-se que, no contexto de interação organismo-ambiente, padrões de energia tornam-se estímulos para o organismo, os quais são convertidos em potenciais de ação nos neurônios deste organismo, iniciando assim uma vasta comunicação neuronal. Convém acentuar que Gallese (2003) refere-se aos potenciais de ação e padrões de ativação como ‘representações’, não no sentido tradicional da teoria da representação, na qual as entidades mentais referem-se a elementos de uma realidade externa, mas num sentido de que esses padrões devam ser vistos simultaneamente como o veículo de representação e o conteúdo das coisas representadas, pois, como padrões de organismo-ambiente, são tanto as estruturas de interação – veículo – quanto o “modelo de mundo” – o conteúdo – para o organismo.

Johnson (2007, p. 158) adverte-nos quanto ao termo ‘representação’ usado seguramente por Gallese (2003) em relação aos padrões de interação organismo-ambiente – bem como a seus acoplamentos, na medida em que eles são codificados em termos informacionais como potenciais de ação e padrões de ativação neuronais: é preciso cuidado ao pensar essas estruturas neuronais como se elas fossem representações mentais internas à maneira tradicional da teoria da representação, visto que muitos membros da comunidade científica podem comparar um

¹⁹Tradução nossa: “If we analyse at the *physical level of description* the relationship between biological agents and ‘the world outside’, we will find living organisms processing the different epiphanies of energy they are exposed to: electromagnetic, mechanical, chemical energy. Energy interacts with living organisms. It is only by virtue of this interaction that energy can be specified in terms of the ‘stimuli’ (visual, auditory, somatosensory, etc.) to which every organism is exposed. The result of the interaction between energy and living organisms is that the energy, now ‘stimulus’, is translated, or better, transduced into a *common informational code*. The receptors of the different sensory modalities are the agents of the transduction process: they convert the different types of energies resulting from organisms–world interactions into the common code of action potentials. Action potentials express the electrochemical excitability of cells, and constitute the code used by the billions of neurons that comprise the central nervous system to ‘communicate’ with each other.” (GALLESE, 2003, p. 1232)

certo padrão de ativação no organismo ao que este encontra **no mundo**. Isso reproduz a dicotomia interno-externo, e pode nos levar a pensar os padrões de ativação neuronais como sendo algum tipo de ‘quase-entidade’ que, numa relação intencional, representa algum padrão independente no mundo.

Sendo assim, o modo mais apropriado de descrever um padrão de ativação, conforme Johnson (2007, p. 158-9), é afirmando que tal padrão, primeiramente, constitui alguma parte de nossa experiência de um *affordance*²⁰ (cf. GIBSON, 1986 [1979]) do mundo; e segundo, tal padrão é tanto um modelo **de** quanto modelo **para** experiência e ação potenciais. Ou seja, o padrão de ativação é um modelo de estruturas oriundas de um acoplamento organismo-ambiente recorrentes, bem como é um modelo para percepções e ações que alguém possa experimentar. Em suma, é um modelo no qual os padrões de ativação neurais são meras estruturas recorrentes de experiências vividas ou potenciais, retidas no organismo em forma de pesos sinápticos.

Ademais, os esquemas não são apenas modelos para conceptualização de experiências passadas; alguns são **planos** de um certo tipo para a interação com objetos e pessoas (JOHNSON, 1987): “o esquema não é somente o plano, mas também o executor do plano. É um padrão *de* ação, bem como um padrão *para* ação” (NEISSER, 1976, p. 56). Assim, esquemas fornecem expectativas e antecipações que influenciam nossas interações com o ambiente.

Johnson (2007, p. 159) comenta que, embora todo esse processo de emergência de estruturas experienciais seja vagamente orientado por objetivos, sempre há um aspecto teleológico incorporado, uma vez que o organismo tenha valores implícitos que esteja querendo realizar: homeostase em seu meio interno, autoproteção de ameaças, reprodução, ou, em casos mais complexos, atualização de suas potencialidades e realizações. Em assim sendo, esse aspecto teleológico depende em última instância da habilidade do organismo de controlar nuances de seu ambiente e de seus estados corporais:

Qualquer interação requer uma estratégia de controle. Estratégias de controle são tipicamente **relacionais**: elas podem ser vistas como uma forma de modelar a interação entre o organismo e o ambiente [...]. Propriedades que são constantemente acopladas a objetos ou eventos, e que ocorrem confiavelmente em diferentes ocasiões, podem ser muito úteis, porque elas permitem que agentes biológicos adquiram e estoquem conhecimento que pode ser aplicado no futuro. Além disso, esse tipo de ‘conhecimento estocado’ admite que o indivíduo antecipe ou preveja alguma propriedade sem a necessidade de sempre verificá-las [...]. A abstração é exatamente

²⁰O termo descreve o mutualismo entre o ambiente e o organismo que o habita. Gibson (1986 [1979], p. 127) conceitua o termo *affordance* da seguinte maneira: “os *affordances* de um ambiente são o que ele tem para oferecer ao animal, o que ele provê ou fornece, seja para o bem, seja para o mal / the *affordances* of the environment are what it offers the animal, what it provides or furnishes, either for good or ill”.

isso: ela permite a representação de objetos e eventos de uma maneira que é independente de suas presenças constantes e plenas. (GALLESE, 2003, p. 1234)²¹

Essa descrição de Gallese (2003), de acordo com Johnson (2007, p. 159), é a base para a conceptualização: conceitos são padrões de interação importantes o suficiente para a experiência contínua de uma pessoa que merecem ser selecionados no fluxo da experiência.

Para ilustrar, tomemos como exemplo nossa experiência com a ‘contenção física’. De acordo com Johnson (1987, p. 21), a ‘contenção’ (*containment*) e a ‘demarcação’ (*boundedness*) são as facetas mais comuns de nossas vivências corpóreas. Estamos intimamente conscientes de nossos corpos como contêineres tridimensionais nos quais inserimos coisas – por exemplo, comida, água, ar – e para fora dos quais outras coisas saem – por exemplo, resíduos alimentares, ar, sangue. Desde o início de nossas vidas, experienciamos ininterruptamente a contenção física em nossos arredores: nos movemos para dentro ou para fora de quartos, veículos, roupas, enfim, inúmeros tipos de espaços limitados. Ainda, manipulamos objetos, colocando-os em contêineres – copos, caixas, latas, sacolas. Em cada um desses casos, há organizações espaciais e temporais repetíveis. Dito de outro modo, há esquemas típicos para CONTENÇÃO ou CONTÊINER.

Johnson (1987, p. xiv) nomeia essas estruturas oriundas da interação organismo-ambiente de ‘Esquemas Imagéticos’, os quais são estruturas básicas, corporificadas e pré-conceptuais e que estão abaixo do nível da consciência e, naturalmente, são anteriores à formulação do pensamento conceptual abstrato. Os EIs são caracterizados enquanto *gestalts* por

sua natureza de um todo unificado, coerente e significativo dentro de nossa experiência e nossa cognição. Eles são o princípio capital pelo qual alcançamos a estrutura do significado. Eles geram coerência à, estabelecem unidade dentro da, e restringem nossa rede de significados. O mais importante, essas ‘*gestalts* experienciais’ não são arbitrárias nem formas ‘flácidas’ sem uma estrutura interna. (JOHNSON, 1987, p. 41)²²

²¹Tradução nossa: “Any interaction requires a control strategy. Control strategies are typically *relational*: they can be seen as a way of modelling the interaction between organism and environment [...]. Properties that are constantly coupled with objects or events, and that reliably occur on different occasions, are most useful, because they enable biological agents to acquire and store knowledge that can also be applied in the future. Furthermore, this kind of ‘stored knowledge’ allows one to anticipate and predict some properties without the need of always verifying them [...]. Abstraction is exactly that: it enables the representation of objects and events in a way that is independent of their full-blown and constant presence.” (GALLESE, 2003, p. 1234)

²²Tradução nossa: “their nature as coherent, meaningful, unified wholes within our experience and cognition. They are a principle means by which we achieve meaning structure. They generate coherence for, establish unity within, and constrain our network of meaning. Most important, these “experiential *gestalts*” are neither arbitrary, nor are they “mushy” forms that have no internal structure.” (JOHNSON, 1987, p. 41)

Johnson (2007, p. 139) destaca três aspectos dos esquemas imagéticos referentes à ancoragem do significado ao corpo. Primeiramente, por serem as estruturas básicas de nossa experiência sensorio-motora pelas quais encontramos um mundo que podemos entender e no qual podemos agir, os EIs são parte importante no processo que possibilita nossas experiências corpóreas fazerem sentido para nós, tendo um papel central na discriminação dos contornos de nossas orientação e experiência corporais. É oportuno salientar que o termo ‘imagético’ não está limitado à propriedade puramente visual, mas sim abrange características sinestésicas, ou seja, outras modalidades sensoriais – e também motoras (JOHNSON, 1987, p. 24-25).

É imperativo ressaltar que os EIs têm uma natureza dinâmica, bem como o sentido que é oriundo dessas estruturas e padrões recorrentes de nossa experiência sensorio-motora opera abaixo do estado de consciência, isto é, no nível do ‘inconsciente cognitivo’ (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Isto quer dizer que um indivíduo não precisa pensar ou refletir sobre o esquema CONTÊINER para ativar essa estrutura e, logo, compreender uma situação em que uma coisa se encontra contida na outra. Desse modo, o mero fato de ver um contêiner, manipulá-lo, ou ainda ouvir ou ler a proposição ‘em’, ativaria o EI para a compreensão de uma determinada cena.

Avelar (2013, p. 36) comenta que a de ideia de um ‘inconsciente’ cognitivo pode implicar uma falsa interpretação de que não existe uma lógica na estruturação dos EIs. Por isso, Lakoff e Johnson (1999, p. 13) frisam que o inconsciente cognitivo é amplo e intrinsecamente estruturado. Nele estão incluídos não somente todas as nossas operações cognitivas automáticas, mas também todo nosso conhecimento implícito. Ou seja, o inconsciente cognitivo apresenta uma lógica e uma estrutura internas.

Consoante a isso, o segundo aspecto concerne à existência de uma **lógica** da estrutura imagética. Vejamos como ocorre essa lógica: considerando alguém a se deslocar ao longo de um caminho linear em direção a um destino; num tempo T1, a pessoa está no meio do caminho. Se essa pessoa se desloca ainda mais no caminho e alcança o tempo T2, ela estará mais próxima do destino em T2 do que em T1. Essa é uma parte da lógica que estrutura o esquema ORIGEM-CAMINHO-META. Outra situação rotineira seria aquela em que temos a chave do carro **em** nossa mão; decidimos então colocar a mão no bolso. Por meio da lógica transitiva de contenção, a chave do carro acaba em nosso bolso. É essa lógica espacial e corporal que nos permite fazer sentido e agir em nossas experiências mundanas.

O terceiro e último aspecto refere-se ao fato de os esquemas imagéticos não serem entendidos como simplesmente mentais ou meramente corporais, mas sim um contorno ‘corpómente’ (DEWEY, 1929), uma continuidade (*continuity*) que conecta nossas interações no e com

o mundo aos nossos processos cognitivos de imaginação e pensamento, por exemplo. Essa noção de continuidade corpo-mente foi sintetizada da seguinte forma por Dewey (1929, p. 205):

[...] corpo-mente simplesmente designa o que de fato acontece quando um corpo vivo está envolvido em situações de discurso, comunicação e participação. Na frase hifenizada corpo-mente, ‘corpo’ designa o continuado e o conservado, a operação registrada e cumulativa de fatores contínuos com o resto da natureza, tanto inanimada quanto animada; enquanto que ‘mente’ designa as características e consequências que são diferenciais, indicativos de traços que emergem quando o ‘corpo’ está engajado numa situação mais ampla, mais complexa e interdependente. (DEWEY, 1929, p. 285)²³

O princípio da continuidade de Dewey (1929) preenche a lacuna ontológica que separa o corpo da mente. Os EIs, portanto, estabelecem uma conexão entre mente e corpo no qual pode-se pensar que níveis crescentes de complexidade nos organismos podem eventualmente resultar na emergência de atividades cognitivas progressivamente mais reflexivas e abstratas, atividades essas relacionadas à mente.

Vemos assim que uma vez que a natureza de nossos corpos gera padrões sensório-motores de nossa experiência, afirmamos que nossa experiência é corporificada (*embodied experience*). Logo, podemos nos perguntar, como então processos cognitivos mais abstratos – tais como imaginação e pensamento, como dito acima – podem ser relacionados ao corpo? Como nossa cognição torna-se corporificada (*embodied cognition*)? Tanto Johnson (1987) quando Lakoff (1987) alegam que via projeção e elaboração metafórica estruturamos o pensamento abstrato.

Explicamos: a partir de nossas experiências corpóreas como CONTENÇÃO, conceptualizamos muitos conceitos e situações abstratas baseados nesse EI. No enunciado “Jaime está em apuros; ele não tem saída”, por exemplo, a situação de perigo instanciada na expressão – o estado em que Jaime se encontra – é conceptualizada em termos de um CONTÊINER. Vejamos a imagem 1:

²³ Tradução nossa: “[...] body-mind simply designates what actually takes place when a living body is implicated in situations of discourse, communication and participation. In the hyphenated phrase body-mind, “body” designates the continued and conserved, the registered and cumulative operation of factors continuous with the rest of nature, inanimate as well as animate; while “mind” designates the characters and consequences which are differential, indicative of features which emerge when “body” is engaged in a wider, more complex and interdependent situation.” (DEWEY, 1929, p. 285)

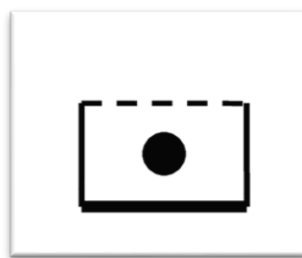


Imagem 1: Esquema de CONTÊINER / CONTENÇÃO. Fonte: Oliveira (2012, p. 22)

A situação de perigo é concebida como um contentor que, com seus limites, restringe as ações de Jaime, impossibilitando-o de fazer algo para sair dessa situação.

Um outro exemplo seria com a expressão “Juca não pegou a ideia de Pedro”. O conceito abstrato COMPREENDER UMA IDEIA, por meio de uma projeção metafórica, é conceptualizado em termos de AGARRAR UM OBJETO. Logo, a expressão acima é licenciada pela metáfora conceptual:

COMPREENDER É AGARRAR²⁴

Bases corpóreas: agarrado		Pensamento abstrato: compreender
Objeto agarrado	→	Ideia / conceito compreendido
Agarrar um objeto	→	Compreender uma ideia
Força do manuseio	→	Nível de compreensão
Perda do manuseio	→	Falha na compreensão
Objeto fora do alcance	→	Ideia que não pode ser compreendida

Fonte: Johnson (2007, p. 166).

O mapeamento sistemático acima nos mostra que, em nossas experiências corpóreas com o manuseio de objetos, apreendemos suas qualidades e características ao segurá-los, manipulá-los e examiná-los, ganhando conhecimento deles. Emergem dessas experiências, além do esquema SEGURAR, esquemas como OBJETO, FORÇA, CONTATO, SUPERFÍCIE, CONTENÇÃO, etc. Via projeção metafórica, essas experiências corporificadas são estendidas ao pensamento abstrato, o qual, no caso do exemplo, é acerca da COMPREENSÃO DE UMA IDEIA. Notemos que há uma lógica – ou estruturas inferenciais – nessa projeção metafórica: uma pessoa não consegue compreender uma ideia que lhe está além da compreensão, isto é, fora de seu alcance intelectual. Se o objeto lhe foge à posse, a pessoa o deixa cair ou o perde, por consequência ela não apreenderá as nuances do objeto apropriadamente. De modo análogo, se

²⁴UNDERSTANDING IS GRASPING (JOHNSON, 2007, p. 166).

a pessoa não consegue manusear a ideia, ela não a compreenderá – ela não ‘pegará’ a ideia (JOHNSON, 2007, p. 166). O significado abstrato é, portanto, ancorado nas bases corpóreas, ou seja, ele é corporificado.

Conforme Johnson (2007, p. 166), a hipótese do significado corporificado propõe que, quando conceptualizamos atos de compreensão via metáfora conceptual COMPREENDER É SEGURAR, ativamos o esquema SEGURAR. Gallese e Lakoff (2005) descrevem essa ativação da seguinte maneira:

[...] circuitos estruturadores no sistema sensorio-motor, que funcionam normalmente como parte das operações sensorio-motoras, mas cujas conexões neurais para especificar detalhes podem ser inibidas, permitem que elas [conexões neurais] forneçam estrutura inferencial aos conceitos ‘abstratos’. Se isso é correto afirmar, então o raciocínio abstrato em geral faz uso do sistema sensorio-motor. (GALLESE; LAKOFF, 2005, p. 19)²⁵

É a ativação do esquema SEGURAR que nos permite raciocinar e fazer inferências acerca do que é compreender uma ideia, uma sentença ou uma teoria. Toda a estrutura interna do esquema SEGURAR é mobilizada para fazermos sentido do ato de compreender algo.

É imprescindível comentar ainda que os EIs não são rígidos ou fixos; são, contudo, alterados em cada aplicação a situações particulares. Eles são, pois, dinâmicos. Essa dinamicidade apresenta dois aspectos: primeiramente, os EIs são estruturas de uma atividade por meio da qual organizamos nossas experiências em várias formas de compreensão. Eles são a fonte primária pelas quais construímos e conferimos ordem, e não meros receptáculos passivos nos quais a experiência é vertida. Em segundo lugar, diferente de moldes, os EIs são flexíveis de tal sorte que podem ser instanciados em uma miríade de situações nos mais variados contextos. Seria um equívoco dizer que os EIs são preenchidos por detalhes perceptuais concretos. Ao invés disso, eles são relativamente maleáveis, de tal maneira que podem ser modificados para se encaixar em muitas situações semelhantes, porém diferentes. Situações essas que partilham uma estrutura subjacente recorrente (JOHNSON, 1987).

Com base no que foi dito até então, podemos afirmar que ‘a mente emerge’ (JOHNSON, 2007, p. 151), num sentido em que, em nossas interações com o ambiente e com outros seres, alcançamos uma cognição social.²⁶ Não nascemos com mentes completamente formadas,

²⁵ Tradução nossa: “[...] structuring circuits in the sensory-motor system, which normally function as part of sensory-motor operations, but whose neural connections to specific details can be inhibited, allowing them to provide inferential structure to “abstract” concepts. If all this is correct, then abstract reasoning in general *exploits* the sensory-motor system.” (GALLESE; LAKOFF, 2005, p. 19)

²⁶ Mais adiante, na seção 1.4.1, quando falarmos em Linguística Cultural e conceptualizações culturais, explicaremos melhor o termo ‘cognição cultural’.

prontas para o pensamento e suas complexidades. Adquirimos a mente por meio de nossos compartilhamentos coordenados de significados e nossa habilidade em nos engajar em situações simbólicas de interação. A mente nessa perspectiva é uma questão de grau que se estende “do nível mais simples, envolvendo nosso sistema sensorio-motor, ao nível mais complexo, envolvendo o sistema de racionalização abstrata” (AVELAR, 2013, p. 29).

A mente é uma conquista e não uma faculdade pré-dada. Não há uma ruptura entre processos cognitivos superiores e nossas experiências corpóreas de sentido. O significado emerge de nossas experiências corporificadas e ganha voz por meio da linguagem e outras formas sociais de interação e expressão simbólicas (JOHNSON, 2007). Sendo assim,

o aspecto semiológico das categorias linguísticas decorre, sobremaneira, do acoplamento entre nossa constituição biológica (nosso aparato sensorio-motor) e nossas experiências no mundo, que resulta em estruturas de conhecimento organizadas em forma de domínios cognitivo-culturais (DCC), idealizados subjetivamente e intersubjetivamente compartilhados pelos membros de um grupo social. (DUQUE; COSTA, 2012, p. 16)

Posto isso, a língua – a gramática – é compreendida como um sistema de organização conceptual, constituindo-se como uma rede de construções, a qual deve ser pensada de acordo com as atividades de categorização, a saber, os processos imagéticos e os domínios cognitivos e culturais (DUQUE, COSTA, 2012, p. 14).

Portanto, nas investigações da LC, a linguagem é vista como parte integrante da cognição geral, interagindo, pois, com aspectos não linguísticos da cognição. Consequentemente, ela serve como uma porta de acesso à estrutura e organização conceptuais. A seguir, vejamos como a língua nos possibilita adentrar no mundo conceptual.

1.2 LÍNGUA COMO REFLEXO DA ESTRUTURA CONCEPTUAL

A estrutura linguística é o elemento primordial na análise da relação entre a experiência, o sistema conceptual e a estrutura semântica. Como já afirmado anteriormente, a LC concebe a linguagem como parte integrante de nossa cognição geral, mobilizando inclusive outras formas de cognição – a saber, atenção, memória, percepção e categorização, por exemplo, nas instancias linguísticas. Consequentemente, a língua funciona como ‘uma lente’ (EVANS, 2012, p. 136) de acesso a muitos fenômenos mentais, dos quais podemos destacar a ‘representação do conhecimento’ (estrutura conceptual) e a ‘construção de significado’

(conceptualização). De acordo com Evans, Bergen e Zinken (2007, p. 5), a subárea da LC que se ocupa desses dois fenômenos especificamente é a Semântica Cognitiva, a qual procura tanto oferecer um modelo descritivo da mente humana quanto investigar os aspectos semânticos da estrutura linguística. Convém comentar que vemos na SC o modelo teórico relevante para alcançarmos alguns dos objetivos desta tese que é a investigação de conceptualizações (culturais), isto é, veremos como paraenses e mineiros engajados numa conversa comunicam suas conceptualizações culturais acerca de suas experiências no grupo cultural um do outro.

Como visto na seção anterior, construímos sentido a partir de nossa experiência no e com o mundo via *gestalts* experienciais que se organizam em categorias, domínios experienciais, que são ativados via projeções fonte-alvo entre domínios para produzirmos e compreendermos a língua. O significado, portanto, é corporificado e subjaz à língua profundamente (TYLER, 2012, p. 38). Assim sendo, os linguistas cognitivos investigam as formas como a língua manifesta a estrutura conceptual corporificada.

É imperativo destacar que a noção de significado na LC refere-se ao significado conceitual, naturalmente dinâmico, em virtude das várias potencialidades envolvidas na sua construção. Tal processo de construção do significado é chamado de ‘conceitualização’, no qual são ativados um ou mais conceitos oriundos da rede conceitual que constitui nosso conhecimento enciclopédico, de modo a construir o significado situado de uma expressão linguística. Em outras palavras, o significado emerge nos momentos em que fazemos uso da língua.

Oliveira (2010, p. 108) afirma que um evento de uso é simplesmente uma expressão simbólica **construída** pelo falante com uma dada intenção. Isso implica, como dito, que o significado é dinâmico, bem como nele estão envolvidos processos cognitivos outros, tais como atenção, memória, percepção. Ou seja, nossas capacidades sensoriais e motoras são mobilizadas para a construção do significado linguístico. Tendo em mente que nossas capacidades sensoriais interrelacionam-se com a linguagem, deseja-se destacar a aproximação da percepção visual à capacidade da linguagem. Tal aproximação subjaz a noção de *construal* (perspectivação conceitual), proposta por Langacker (2008). O termo refere-se à capacidade do ser humano de conceitualizar de várias formas uma situação concebida, por meio de imagens diferentes. Isto é, uma mesma situação pode ser descrita (interpretada, conceitualizada) de várias maneiras conforme o foco que se deseja dar a uma de suas nuances.

Logo, as conceitualizações e, por conseguinte, as expressões linguísticas que as codificam variam em função de uma mudança no foco de atenção, no ponto de vista e no modo de processamento de uma estrutura mental – a título de exemplo: “chover” vs. “chuva” ,

Oliveira (2010, p. 110) explica que a distinção entre o significado desses dois itens lexicais, no nível de especificidade, ou, mesmo, no ponto de vista, pela elaboração metafórica de uma situação, pode ocorrer por mudança no foco de atenção, em função da mudança na direção e no modo (sequencial ou em resumo) do processamento da estrutura mental que subjaz esses itens linguísticos. Em síntese, observa-se que uma mudança na conceitualização impacta a gramática: as unidades simbólicas da língua codificam os padrões convencionalizados de elaboração conceitual como ‘imagética convencionalizada’ que são refletidas na léxico-gramática.

Com a noção de *construal* (perspectivização conceitual) por parte de um indivíduo conseguimos perceber como a língua reflete algumas capacidades cognitivas envolvidas na construção do significado. Vejamos, a seguir, alguns desses mecanismos cognitivos.

1.3 MECANISMOS COGNITIVOS DE CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO

Para investigar os aspectos mentais que envolvem a estrutura conceitual e os processos de conceitualização, apresentamos a seguir alguns mecanismos cognitivos que abalizam os fenômenos mentais acima mencionados: Esquematização, Categorização, Metáfora e Metonímia Conceptuais.

1.3.1. Esquematização

Como visto, nossa cognição – especificamente nossa memória – parece ser organizada em termos de esquemas flexíveis, dinâmicos e complexos, que envolvem ‘generalizações’ abstratas e hierárquicas construídas a partir de exposições a um número específico de instâncias (TYLER, 2012, p. 51).

De acordo com Langacker (1987), a ‘generalização’ é uma de nossas principais capacidades cognitivas. Conforme essa habilidade, somos capazes de extrair esquemas oriundos de experiências recorrentes, cujas características comuns são reconhecidas e delas abstraídas o que é menos relevante, isto é, detalhes que podem diferir de um conceito para outro – ou de uma experiência para outra (TUGGY, 2007). A generalização está relacionada à outra capacidade mental primordial ao processamento cognitivo e à estruturação da experiência, a ‘comparação’. Nela, comparamos e registramos qualquer contraste ou discrepância entre os eventos percebidos (LANGACKER, 1987, p. 101).

Para ilustrar o processo de comparação, concebamos que dois sons (*tones*) – C1 e D1 – diferenciem-se em termos de tom (*pitch*). Se tocamos o primeiro som, C1, ao conceptualizador, essa experiência sensorial auditiva causa-lhe um determinado evento cognitivo²⁷ – um evento A. Se tocamos o segundo som, D1, este induz o conceptualizador ao evento B. É possível que o ouvinte não estabeleça nenhuma relação entre os dois eventos – principalmente se o intervalo entre a execução desses sons for longo, ou ainda se o indivíduo estiver distraído. Ele pode tratar os dois sons como duas experiências auditivas isoladas e não realizar nenhuma comparação. A mera ocorrência dos eventos A e B não constitui uma comparação entre C1 e D1, bem como o reconhecimento de que estes dois sons se diferenciam quanto ao seu tom: tal comparação implica um evento cognitivo que transcenda os eventos A e B ocasionados por C1 e D1, individualmente tratados como experiências distintas. Considerando que o evento complexo no qual C1 e D1 são percebidos um em relação ao outro e avaliados como diferentes em tom seja simbolizado pela notação ‘ $A > B$ ’. Fica evidente que os eventos A e B são componentes desse evento cognitivo complexo. Sendo o símbolo ‘ $>$ ’ o significante para a operação mental – qualquer que seja seu caráter – em si que relaciona A e B e apreende a discrepância entre eles. Essa operação em si é um evento mental distinto – embora não independente – de A e B, sendo $A > B$ um evento de ordem superior que coordena esses três elementos. Vejamos a imagem 2 abaixo que ilustra esse processo:

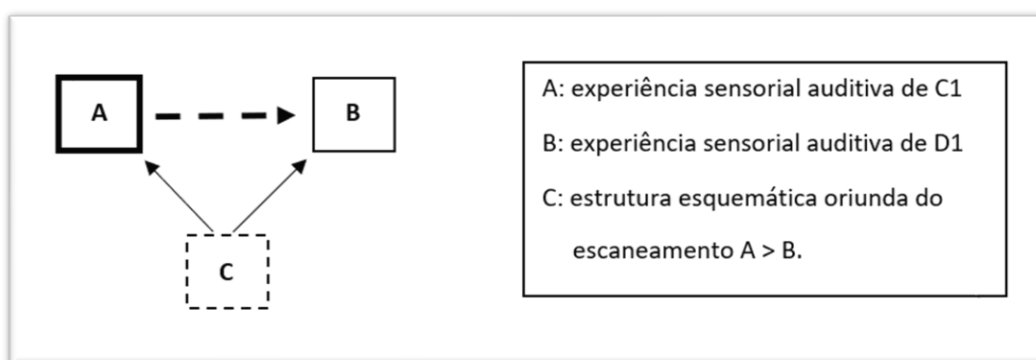


Imagem 2: Ato de comparação e formação de um esquema. Fonte: Autoria própria.

Com efeito, pode-se isolar três componentes funcionais requeridos para o ato de comparação, o qual apresenta a seguinte forma esquemática ‘ $P > M$ ’. Sendo P o ‘padrão de

²⁷ Langacker (1987, p. 100) usa o termo ‘evento’ para “designar uma ocorrência cognitiva de qualquer grau de complexidade, seja ela o disparo de um simples neurônio, seja o acontecimento massivo de uma estrutura intrincada e uma arquitetura de larga escala / to designate a cognitive occurrence of any degree of complexity, be it the firing of a single neuron or a massive happening of intricate structure and large-scale architecture”.

comparação’ e M a meta – ou alvo. Depreende-se dessa terminologia uma relação assimétrica entre os componentes: o padrão serve como evento base ou ponto de referência relativo à meta que é analisada. A operação ‘>’ que conecta P e M é chamada de ‘escaneamento’. Esse termo reflete a direcionalidade da operação – há de certo modo um ‘movimento’ de P para M, de modo que o valor de M depende do grau de ‘partida’ do padrão.

Nota-se que do processo de comparação emerge um tipo de relação vetorial em que o ‘grau de reconhecimento’ do padrão sobre a meta é o principal parâmetro de magnitude no qual comparações distintas se assemelham, ou diferem.

É intrigante salientar que o aparato cognitivo humano é de tal sorte que, quanto mais o grau se aproximar do completo reconhecimento, o sistema cognitivo experiencia um estado de excitação potencializada, o que ocasiona nossa percepção – consciente ou não – da plena preservação das especificações de P sobre M. Assim, numa relação esquemática de menor distância de elaboração – na qual o esquema apresenta várias especificações que são reconhecidas e sobre a qual a estrutura meta adiciona poucos detalhes – tende a ser mais saliente (ou seja, rapidamente nota-se a estrutura do padrão habitando a meta) que uma elaboração esquemática distante. Desse modo, por exemplo, a relação esquemática em ROEDOR → ESQUILO é mais saliente do que a relação esquemática COISA → ESQUILO, na primeira conseguimos identificar na meta (ESQUILO) a estrutura esquemática presente no padrão (ROEDOR), ou seja, P e M apresentam uma elaboração esquemática muito menor do que COISA → ESQUILO, que, por seu turno, apresenta uma esquematicidade parcial (TUGGY, 2007, p. 86).

Convém lembrar, de acordo com Tuggy (2007, p. 83), que um esquema se constitui enquanto tal em virtude de sua relação com suas elaborações. O esquema, como visto, é um contorno básico que especifica a característica partilhada por alguns ou muitos conceitos específicos. A elaboração – instanciação ou subcaso –, por outro lado, ‘preenche’ com detalhes o esquema de formas variadas e geralmente contrastantes. Desse modo, a esquematização – ou abstração – consiste em nossa capacidade de descrever uma situação em diferentes graus de especificidade (OLIVEIRA, 2010).

Langacker (2008) define a ‘esquematicidade’ relacionando-a à sua contraparte, a ‘especificidade’:

a noção de esquematicidade está relacionada ao nível de especificidade, isto é, a adequação de detalhes com as quais alguma coisa é caracterizada; a noção sempre se relaciona – principalmente, se não unicamente – com a precisão de especificação ao longo de um ou mais parâmetros, portanto com o grau de restrição imposto sobre possíveis valores nos moldes dos parâmetros. Um esquema é, portanto, abstrato em relação a suas elaborações de valor zero, no sentido de que fornece pouca informação

e é compatível com uma gama maior de opções, deveria até cobrir o mesmo domínio e suas propriedades básicas como suas elaborações. (LANGACKER, 1987, p. 132)²⁸

Mais adiante em sua obra, Langacker (1987, p. 134) comenta que nossa capacidade para conceptualizar as situações em vários níveis de esquematicidade é inquestionável. Linguisticamente, por exemplo, a esquematicidade se manifesta por meio de termos superordenados ou subordinados, organizados em hierarquias esquemáticas: INSTRUMENTO → MARRETA → MARTELO; SER VIVO → ANIMAL → MAMÍFERO → ROEDOR → ESQUILO.

Desse modo, a língua se torna uma forma empírica de observar essa nossa capacidade de esquematização. Para compreendermos melhor, vejamos os seguintes exemplos:

- (a) Thiago está em Belo Horizonte.
- (b) Thiago está estudando em Belo Horizonte.
- (c) Thiago está fazendo o doutorado em linguística em Belo Horizonte.

Observa-se que as três sentenças estão elaboradas hierarquicamente, sendo a sentença (a) a mais esquemática e (b) a mais específica. Explicamos: a sentença (a) é mais vaga, isto é, evoca um significado mais esquemático se comparada a (b) e a (c), cujos significados são mais específicos por descreverem o que Thiago faz em Belo Horizonte. Vale ressaltar que tanto (b) quanto (c) são instâncias / elaborações de (a), pois acrescentam informações mais específicas a seu significado esquemático.

Langacker (2008, p. 56) lembra ainda que podemos aumentar o grau de especificidade de uma expressão ao nosso bel prazer, por ela poder assumir qualquer extensão. Ao deixar a expressão mais longa, pode-se descrever uma situação mais precisamente e em riqueza de detalhes:

- (d) Alguma coisa aconteceu → uma pessoa percebeu um roedor → uma garota viu um porco-espinho → uma esperta garotinha de óculos vislumbrou um porco-espinho feroz com espinhos afiados.²⁹

²⁸ Tradução nossa: “The notion of schematicity pertains to level of specificity, i.e. the fitness of detail with which something is characterized; the notion always pertains, primarily if not solely, to precision of specification along one or more parameters, hence to the degree of restriction imposed on possible values along these parameters. A schema is thus abstract relative to its nonzero elaborations in the sense of providing less information and being compatible with a broader range of options, even should it cover the same domain and basic properties as its elaborations” (LANGACKER, 1987, p. 132)

²⁹ *Something happened. → A person perceived a rodent. → A girl saw a porcupine. → An alert little girl wearing glasses caught a brief glimpse of a ferocious porcupine with sharp quills.*

Há, no entanto, limites pragmáticos que limitam o tamanho de uma expressão a um grau máximo de extensão e precisão. Por isso, as sentenças de (d) são, na verdade, um tanto anormais, pois, em todas as suas elaborações, todos elementos importantes estão presentes em mesmo nível de especificidade. Talvez, uma expressão que apresente uma mistura de esquematicidade e especificidade seja mais usual:

(e) Alguém viu um porco-espinho feroz.

Nesse tocante a um equilíbrio entre esquematicidade e especificidade, convém ressaltar que há na fala espontânea uma forte tendência de os enunciados alcançarem a extensão de uma oração – ou unidade entonacional (cf. DU BOIS, 1987; CHAFE, 1994) – para conter somente um elemento, introduzindo uma quantidade substancial de informação nova e relevante (LANGACKER, 2008, p. 56). Portanto, como bem nos lembra Langacker (1987, p. 132), as expressões linguísticas dificilmente são demasiado precisas. Mesmo a elaboração de um esquema permite uma gama de variações, como vimos no exemplo (d), sem fixar às coisas valores exatos. O grau de esquematicidade-especificidade está sujeito às variáveis contextuais e interacionais. São essa imprecisão e flexibilidade inerentes à língua que fazem dela um instrumento viável para a comunicação e expressão do pensamento.

É oportuno comentar que esquemas se tornam ‘entrincheirados’ na mente do indivíduo conforme a repetição das comparações mentais e juízos esquemáticos decorrentes dos eventos de uso (*usage events*): quanto mais entrincheirado o esquema, tanto mais fácil será a sua ativação. Como o evento de uso pressupõe ou mesmo atesta a ocorrência de esquemas, estabelece-se assim a convencionalidade dos esquemas, bem como se tornam parte daquele subconjunto do repertório cognitivo do indivíduo que constitui a língua que ele compartilha com outros usuários (TUGGY, 2007).

Em síntese, as relações de esquematicidade emergem quando o conceptualizador compara experiências que lhe causam eventos mentais ocasionadores de estruturas cognitivas, das quais ele abstrai suas similaridades e elabora uma estrutura superordenada, o esquema.

Conforme Langacker (1987, p.105), nossa experiência mental é coerente em virtude da estrutura que impomos a ela. O sustentáculo dessa capacidade de estruturação é a interpretação de uma experiência nova com base em uma experiência prévia – a qual comporta uma assimetria entre padrão e alvo no ato da comparação. Isso destaca um aspecto da natureza dos

esquemas: sua função de categorização, ou seja, ele captura o que é comum a experiências prévias e que pode ser aplicado a novas experiências que exibam a mesma configuração.

Posto isso, observamos que as noções de esquematização e categorização estão inter-relacionadas, visto que a primeira pressupõe a segunda. Vejamos, portanto, a seguir, como ocorre o processo de categorização.

1.3.2 Categorização

Nossa ação no mundo socio-físico-cultural depende de nossa capacidade de categorizar entidades, processos, eventos e relações sociais (TYLER, 2012, p. 45). A todo instante, quando percebemos alguma coisa, uma árvore, por exemplo, fazemos categorizações. Quando quer que raciocinemos acerca de qualquer tipo de coisa, aplicamos categorias, seja consciente seja inconscientemente (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999). Em linhas gerais, uma categoria emerge quando dois ou mais objetos – ou eventos – são tratados como equivalentes (MERVIS; ROSCH, 1981, p. 89).

No modelo clássico de categorização, conforme nos lembra Duque (2018, p. 42), o significado está baseado numa estrutura de atributos necessários e suficientes que constituem a essência de uma certa entidade. Quando reconhecemos os traços de uma coisa, nomeamo-la. Categorizar, nessa perspectiva, consiste em arranjar entidades em conjuntos fechados com base nos traços por elas compartilhadas. Desse modo, na Teoria Clássica do Significado e da Categorização, um conjunto de suposições básicas são admitidas:

- a) as categorias são definidas em termos de um conjunto de traços necessários e suficientes. De acordo com isso, uma entidade pertence a uma determinada categoria se, e somente se, exibe todos e cada um dos traços que a definem. A falta de um desses traços é suficiente para a sua exclusão automática da categoria;
- b) os traços são binários, ou seja, as coisas possuem ou não possuem traços e pertencem ou não pertencem a uma categoria;
- c) as categorias têm limites bem definidos, pois dividem o universo denotado em dois grupos de coisas: as que pertencem e as que não pertencem à determinada categoria. Nesse sentido, não existem casos ambíguos;
- d) todos os membros de uma categoria apresentam o mesmo *status*. Ora, se os entes pertencem ou não pertencem a uma categoria, não existem graus de pertinência, isto é, não há entes que sejam membros melhores do que outros. Sendo assim, a correlação entre os traços na estrutura da categoria é perfeita. (DUQUE, 2018, p. 44)

Seguindo essas suposições, a categoria POTRO seria definida pelos traços [EQUINO], [MACHO], [JOVEM]. De acordo com Croft e Cruse (2004, p. 76), essa ideia clássica adotada pela semântica estrutural, nas figuras de Katz e Fodor (1963), a título de exemplo, causou de imediato interesse de psicólogos como Collins e Quillian (1969), que investigaram a organização e estocagem de conhecimento na memória humana em termos de traços necessários e suficientes. A propósito disso, no sistema de Katz e Fodor (1963), alguns traços seriam binários e outros não. Traços binários apresentam somente dois valores, presença ou ausência. Desse modo, a definição da categoria POTRA diferenciar-se-ia da categoria POTRO pelo valor do traço referente a SEXO: POTRO reuniria os traços [EQUINO], [+MACHO], [-ADULTO], ao passo que POTRA reuniria os traços [EQUINO], [-MACHO], [-ADULTO]. Traços não binários como [EQUINO] pertenceriam a conjuntos de n-tuplos antônimos, ou seja, somente um dos quais poderiam estar presentes em qualquer indivíduo. Precisamente, uma combinação de traços como [EQUINO], [CANINO], [FELINO] seria impossível. Nesse tipo de estrutura categorial figura a ‘hipótese do encaixamento’ (*nesting assumption*) (HAHN; CHATER, 1997, p. 47), que assevera a presença de traços definidores de um conceito superordenado na denotação de um conceito subordinado. Assim, a categoria subordinada PINTARROXO contém como parte de sua definição os traços definidores do conceito superordenado PÁSSARO.

A LC discorda dessa visão clássica da categorização, na qual os objetos possuem certos atributos que devem ser apreendidos pelos sentidos; ou seja, de que há um mundo externo que deve ser internalizado e representado na alma do indivíduo. Porquanto, na perspectiva cognitivista, a categorização está abalizada na experiência corporificada do indivíduo no e com o mundo. Consequentemente, as categorias são conceptuais e dinâmicas por natureza (TYLER, 2012, p. 45).

No entanto, é imperativo ressaltar, conforme destaca Duque (2018, p. 54), que apesar de não se poder sustentar que todas as categorias tenham uma base biológica, é certo que elas se estruturam em torno de um centro cognitivo, seja perceptual, seja motor. Desse modo, a estrutura de atributos correlatos do mundo percebido serve como base para muitas agendas de pesquisa referente à estrutura de categorias naturais (MERVIS; ROSCH, 1981). Com efeito, os trabalhos de Eleanor Rosch e colaboradores (cf. ROSCH, 1975a, 1975b; ROSCH et al. 1976; ROSCH; MERVIS, 1975) estabeleceram o aspecto chave quanto ao processo de categorização – e consequentemente da estrutura da memória: efeitos prototípicos e categorias radiais. Por conseguinte, na categorização, a partir de nossas experiências corporificadas oriundas de nossas interações com os elementos no mundo, julgamos os membros de uma categoria como os melhores exemplos a serem os mais centrais dessa mesma categoria. Vejamos a imagem:

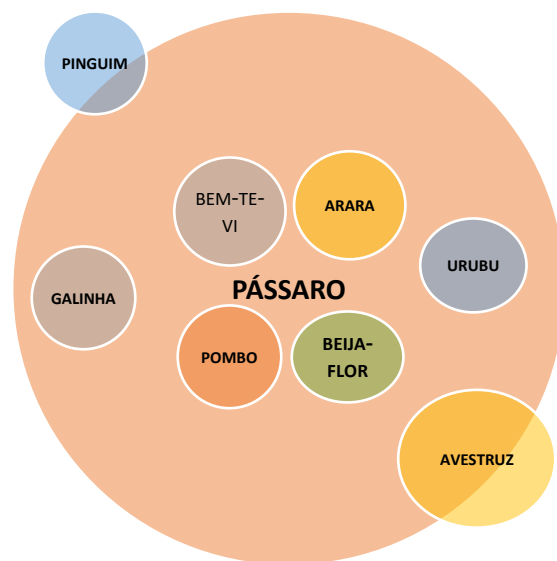


Imagem 3: Categoria PÁSSARO com seus membros representativos. Fonte: Autoria própria.

Observando a imagem 3 concluímos que as ‘categorias humanas’ são tipicamente conceptualizadas em forma de ‘protótipos’, ou seja, em termos de exemplares mais representativos em determinada categoria (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 19). Precisamente, vemos que os membros mais centrais da categoria PÁSSARO são BEM-TE-VI, BEIJA-FLOR, POMBO. Eles seriam, portanto, os melhores exemplares, os protótipos da categoria. Por outro lado, membros como PINGUIM, AVESTRUZ e GALINHA são menos representativos, logo ficam mais distantes do centro categorial, causando até dúvida quanto ao seu pertencimento à categoria. Posto isso, é importante comentar que “as entidades e seus atributos, dentro de uma categoria, se ordenam com diferenças de graus a partir de projeção desses centros cognitivos. Os membros mais distantes do centro são casos limites que podem, inclusive, compor outras categorias, sobrepondo-as” (DUQUE, 2018, p. 54).

De acordo com Croft e Cruse (2004),³⁰ a teoria dos protótipos fundamenta-se na noção de similaridade: um conceito é concebido como representado por um exemplar idôneo a partir do qual o pertencimento à categoria e a centralidade dos outros membros é determinada em termos de sua similaridade ao membro prototípico. Rosch (1975b, p. 545) argumenta que o

³⁰ Os autores (p. 81) afirmam que a Teoria dos Protótipos apresenta duas versões: na primeira, o conceito é representado em termos de uma lista de atributos dos membros das categorias. Assemelha-se um tanto à teoria clássica da categorização, no entanto os traços de uma representação prototípica não são requeridos como necessários e suficientes – muito embora nenhum desses traços seja descartado para características individuais. A centralidade de um item na categoria depende da quantidade de traços ele possui: quanto maior o número de traços, melhor exemplar da categoria ele será. No tocante à segunda versão, discorreremos na presente subseção.

protótipo serve de ‘ponto de referência cognitivo’ em relação aos outros membros avaliados na categoria.

A noção de membros protótipos licencia a possibilidade de as categorias conceituais se organizarem em diferentes níveis de inclusão – com categorias mais específicas encaixadas em categorias mais inclusivas. Rosch et al. (1976), baseados no trabalho de Berlin, Breedlove e Raven (1973) sobre taxonomias populares, asseveram que as categorias conceituais se organizam hierarquicamente em três níveis, a saber, o superordenado, o básico e o subordinado. Vejamos o exemplo abaixo:

(e) VEÍCULO→**CARRO**→HATCHBACK
FRUTA→**MAÇÃ**→MAÇÃ VERDE
ANIMAL→CANINO→**CACHORRO**→PINCHER
OBJETO→MOBÍLIA→**MESA**→MESA DE CENTRO
OBJETO→TALHERES→**FACA**→FACA DE PÃO

No exemplo (e), as categorias em negrito representam o nível ‘básico’, ou ‘genérico’ (BERLIN; BREEDLOVE; RAVEN, 1973), à sua esquerda localiza-se o nível superordenado e à sua direita, o subordinado. Vale ressaltar que as categorias de nível básico apresentam características pertinentes à cognição humana como atestam Rosch et. al (1976 *apud* MERVIS; ROSCH, 1981, p. 92):

- (i) o indivíduo usa ações motoras semelhantes para interagir com os membros da categoria;
- (ii) os membros da categoria têm formas globais semelhantes;
- (iii) uma imagem mental pode refletir a categoria inteira.

De acordo com Croft e Cruse (2004, p. 83), no tocante a (i), há no nível básico de categorização padrões de interação comportamental no qual uma pessoa, para ilustrar como se comportar com um CACHORRO, por exemplo, pode facilmente recorrer à mímica como melhor estratégia de explicação – ela fingiria acariciar a cabeça do cachorro. Por outro lado, se se pede que a pessoa encene a interação com um ANIMAL, ela terá dificuldade, a não ser que ela saiba o tipo de animal. O mesmo seria válido a categoria FACA, referente a UTENSÍLIOS.

A característica apresentada em (ii) diz respeito ao fato de o nível básico ser o mais inclusivo, de modo que a relação parte-todo é estabelecida explicitamente. Adiciona-se a isso a relação parte-parte também. Considerando categorias superordenadas, por exemplo, TALHERES ou MOBÍLIA, não há – pelo menos explicitamente – nenhuma estrutura comum de parte-todo aos membros nesse nível categorial. Categorias biológicas superordenadas mostram, todavia, mais

regularidade na estrutura parte-todo; no entanto, há muito menos características comuns nas relações entre as partes.

Concernente à característica (iii), é no nível básico que uma imagem mental clara e representativa é formada. Não há dificuldades em formar uma imagem mental de um CACHORRO, uma MESA ou uma FRUTA não específicos quando pensamos nessas categorias. Contudo, isso é virtualmente impossível de fazer com categorias superordenadas, tais como ANIMAL, MOBÍLIA, FRUTA, sem sermos específicos. É nesse nível categorial em que há uma ‘correspondência’ mundo-imagem mais rapidamente.

É possível ainda acrescentar mais uma característica às três apontadas por Rosch et. al (1976 *apud* MERVIS; ROSCH, 1981, p. 92): esse é o nível que usamos para referências neutras cotidianas (CROFT; CRUSE, 2004, p. 83). Precisamente, uma corrente de especificidade, como ANIMAL→CANINO→CACHORRO→PINSCHER, inclui uma gama de termos potenciais para uso referentes a uma entidade individual. Logo, um cachorro em particular pode ser ao mesmo tempo um PINSCHER, um CACHORRO e um ANIMAL. Todavia, a menos que necessidades comunicativas específicas levem o indivíduo a usar outros níveis categoriais, o nível básico é em geral usado como referência:

(f) A: Ouvi um barulho lá fora!

B: Foi só um cachorro. / pinscher* / animal*

Essa tendência ao uso dos níveis básicos em geral, bem como o reconhecimento rápido dos membros que lhe pertencem é devido a um equilíbrio entre: (a) informatividade, haja vista que as categorias de nível básico comportam um número intermediário de atributos, e (b) economia, haja vista que os atributos das categorias desse nível são mais proeminentes para a distinção entre categorias – dimensão horizontal (DUQUE, 2018, p. 58).

Depreende-se, desse modo, que, com base nos princípios de informatividade e economia, no nível superordenado a informatividade é comprometida enquanto que no subordinado, a economia. Assim, a categoria superordenada MOBÍLIA fornece menos informação se comparada à categoria básica MESA. Por outro lado, a categoria subordinada MESA DE CENTRO fornece um grau maior de informatividade, que ocasiona um aumento na demanda cognitiva. Rosch et al. (1976) ressalta que, no plano linguístico, é com o nível básico que adultos e crianças nomeiam **espontaneamente** os objetos; as palavras que instanciam as categorias conceituais desse nível são usadas em conversações cotidianas (CRUSE, 1977).

É oportuno destacar que o uso frequente de membros de categorias básicas é devido à prioridade que eles possuem no plano perceptual, funcional e comunicativo (KLEIBER, 1995 *apud* DUQUE, 2018, p. 59):

- a) no plano perceptual, devido à sensação de se estar lidando com uma forma global que pode ser simulada mentalmente por meio de uma imagem simples;
- b) no plano funcional, devido ao acionamento de áreas motoras responsáveis por nossa interação cotidiana com o mundo;
- c) no plano comunicativo, devido ao emprego de palavras que, por um lado, são as mais curtas, as mais comumente empregadas e utilizadas nos contextos neutros e, por outro lado, são as que primeiro são aprendidas pelas crianças e introduzidas no léxico de uma língua.

Convém salientar que, segundo Kleiber (1995 *apud* DUQUE, 2018, p. 59) essa perspectiva dos protótipos com seus princípios pode ser estendida para além da semântica lexical. Ela pode ser aplicada a qualquer fenômeno que envolva categorização, como, por exemplo, à gramática e ao discurso.

Croft e Cruse (2004, p. 47) afirmam que, devido à natureza flexível das categorias conceptuais, entidades e experiências podem ser categorizadas de maneiras diferentes de acordo com o contexto, ambiente e cultura do conceptualizador. Consequentemente, falantes com panos de fundo linguístico-culturais diferentes terão categorias diferentes com protótipos diferentes. Por exemplo, para a categoria PÁSSARO, um falante do norte do Brasil terá como membro prototípico PAPAGAIO, se morador do interior, ou mesmo URUBU, se morador do centro urbano. Por sua vez, um falante do sudeste ou sul do Brasil, terá a ROLINHA como membro prototípico da categoria PÁSSARO.

Em síntese, a categorização é dinâmica e sensível ao contexto, baseada não somente em semelhanças perceptuais, mas também no uso e aspectos funcionais das entidades. Convém ressaltar que categorias básicas naturais tendem a ser mais concretas, ou seja, seus significados não apresentam extensões metafóricas de outros domínios (BERLIN; BREEDLOVE; RAVEN, 1973).

Nesse aspecto, categorias mais abstratas apresentam uma extensão metafórica de modo a fazer sentido para o ser humano. Posto isso, na próxima seção apresentamos a Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais.

1.3.3 Metáfora e Metonímia Conceptuais

Como dito anteriormente, dado o grande destaque da obra de Lakoff e Johnson (2003 [1980]), atribuiu-se a eles uma ressignificação do termo ‘metáfora’, a qual foi descrita enquanto processo cognitivo. Para os autores, a metáfora é um processo cognitivo basilar caracterizado como uma projeção sistemática entre domínios experienciais: “o lócus da metáfora está [...] na maneira que conceptualizamos um domínio mental em termos de outro” (LAKOFF, 2006, p. 185).³¹ Por conseguinte, ela se torna uma questão de pensamento, e não mais de língua exclusivamente: “O sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. Metáforas enquanto expressões linguísticas são possíveis precisamente por haver metáforas no sistema conceptual do indivíduo (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 6).³² Assim, uma vez que pensamento, ação e linguagem estão atrelados ao sistema conceptual, que é metafórico, então, até mesmo a linguagem cotidiana está imbuída de metáforas.

Como dito, a metáfora é caracterizada enquanto uma projeção entre domínios experienciais. Posto isso, convém discorrermos explicitamente sobre o que constitui os domínios³³ (cognitivos) experienciais pelo fato de Lakoff e Johnson (2003 [1980]) e Lakoff (2006) não se deterem a uma explicação detalhada em seus trabalhos de um termo tão caro à teorização tanto sobre as metáforas quanto sobre as metonímias conceptuais.³⁴

Em linhas gerais, um domínio abarca muitos aspectos de uma experiência, os quais são conceptualizados como associados (CIENKI, 2007, p. 181). Duque e Costa (2012, p. 75) afirmam que os domínios experienciais “são nichos de sentido nos quais experiências corpóreo-afetivas ficam estocados desde a infância”. Almeida et al. (2013, p. 70) reforçam essa ideia ao afirmarem que um domínio cognitivo é um construto de experiência humana que reúne um conjunto de entidades, objetos, ações, processos e emoções, que lhes confere uma particularidade e que, em geral, não estariam presentes em outros domínios cognitivos.

Por seu turno, ao desenvolver sua Gramática Cognitiva, Langacker (1987, p. 488) define o termo ‘domínio’ como “uma área coerente de conceptualização, na qual unidades semânticas

³¹Tradução nossa: “the locus of metaphor is [...] in the way we conceptualize one mental domain in terms of another” (LAKOFF, 2006, p. 185).

³²Tradução nossa: “[...] the human conceptual system is metaphorically structured and defined. Metaphors as linguistic expressions are possible precisely because there are metaphors in a person’s conceptual system” (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 6).

³³ Mais adiante, ao tratarmos das metonímias conceptuais, essa noção de domínio cognitivo será muito importante para a compreensão de Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987, cap. 4), os quais em linhas gerais são estruturas de conhecimento de mundo. Precisamente, MCIs “são conhecimentos, produzidos socialmente e disponibilizados culturalmente, que representam um papel relevante para a cognição humana: viabilizam o gerenciamento e uso do amplo conjunto de experiências adquiridas no dia a dia, durante toda a nossa vida” (DUQUE; COSTA, 2012, p. 76).

³⁴ A noção de ‘domínios cognitivos experienciais’ está diretamente relacionada à Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) sobre a qual discorreremos na seção 1.4.2.

podem ser caracterizadas”.³⁵ Essa definição traz consigo o cerne do conhecimento – ou significado – enciclopédico (CIENKI, 2007), o qual é um sistema estruturado de conhecimento, organizado em rede (EVANS, BERGEN, ZINKEN, 2007, p. 11). Nessa perspectiva, um item lexical – um conceito – serve de ‘ponto de acesso’ a um vasto repositório de conhecimento relativo a um conceito particular ou domínio conceptual (LANGACKER, 1987). O domínio atua como um constritor de significado da unidade linguística, servindo como um pano de fundo contra o qual o significado é perfilado e caracterizado (CIENKI, 2007, p. 182).

Para ilustrar, consideremos o domínio GASTRONOMIA (ALMEIDA et al. 2013, p.70). Nele estão inseridos toda espécie de alimentos tais como peixes, carnes, frutas, doces, bebidas, etc. Há também outras entidades presentes como cozinheiros com seus ajudantes, acessórios culinários – por exemplo, pratos, panelas, talheres, etc., bem como as ações, os processos e outros eventos concernentes à GASTRONOMIA. Vê-se que todos esses conceitos, ou unidades semânticas, tanto constituem um domínio coerente de conceptualização quanto são caracterizados em seu interior, ou seja, no interior do domínio experiencial GASTRONOMIA.

Portanto, os domínios experienciais são estruturas de conhecimento formadas mediante nossas experiências recorrentes no mundo e cobrem uma gama de entidades cognitivas, que vão de experiências mentais até espaços representacionais, conceitos ou complexos conceptuais (LANGACKER, 1987, p. 147). Convém lembrar que a natureza dos domínios é flexível em virtude de serem evocados o tempo todo e sofrerem ajustes a fim de acomodarem novas informações durante o processo de construção de sentido do / no mundo (DUQUE; COSTA, 2012, p. 75-76). Para a TMC, isso é bem profícuo em virtude de um domínio de experiência-fonte, por exemplo, ser evocado para estruturar outros domínios experienciais abstratos.

De acordo com Langacker (1987), há domínios básicos que são oriundos, sobremaneira, de nossas capacidades sensoriais. Isso quer dizer, que os domínios experiências, como já dito, têm ancoragem corporificada e são recrutados para estruturar várias formas de pensamento abstrato. Isso significa que a metáfora explicita nossa capacidade inata de incidir estruturas de conhecimento mais concretas, por meio de mecanismos racionais, para domínios de pensamento mais abstratos. Como destacam Duque e Costa (2012):

a metáfora constitui um tipo de **racionalidade imaginativa**, fundada na experiência vivida. O pensamento, portanto, tem base corporal, além de ser ‘imaginativo’, no sentido de que os conceitos que estão diretamente fundados na experiência empregam metáforas, dentre outras formas relações figurativas. (DUQUE; COSTA, 2012, p. 88)

³⁵Tradução nossa: “a coherent area of conceptualization relative to which semantic units may be characterized.” (LANGACKER, 1987, p. 488).

Desse modo, para compreendermos um conceito abstrato como AMOR, mobilizamos nossa experiência e estruturas de conhecimento com viagens e deslocamentos para significarmos aquele conceito em termos de JORNADA. Por consequência, expressões linguísticas como “Nosso relacionamento chegou num beco sem saída” ou “Nos perdemos um do outro no meio do caminho” são licenciadas e compreendidas em função da MC AMOR É UMA VIAGEM.³⁶

De acordo com Lakoff (2006, p. 190), o cenário metafórico que nos permite compreender o domínio AMOR em termos do domínio VIAGEM é o seguinte: os amantes são juntos viajantes numa jornada, e seus objetivos de vida em comum são o destino que eles desejam alcançar. O relacionamento é o veículo que os permite perseguir seus objetivos. O relacionamento é visto como realizando seu propósito enquanto conseguem avançar ao longo do caminho rumo ao seu destino. A jornada pode não ser fácil. Há a possibilidade de obstáculos, bem como lugares em que será necessária a tomada de decisões para uma mudança ou não de direção – encruzilhadas, por exemplo. Decorre-se disso também a decisão de os viajantes seguirem viagem juntos ou não.

A metáfora envolve a compreensão do domínio AMOR em termos do domínio VIAGEM como ilustra o mapeamento a seguir:

AMOR É UMA VIAGEM

Domínio-fonte: VIAGEM		Domínio-alvo: AMOR
Viajantes	→	Amantes
Veículo	→	Relacionamento amoroso
Destino da viagem	→	Objetivos comuns do casal
Obstáculos na viagem	→	Problemas no relacionamento
Abandono do veículo	→	Fim do relacionamento

Fonte: Lakoff (2006, p. 190).

Precisamente, a metáfora é entendida como um mapeamento, no qual elementos do domínio-fonte são projetados sobre elementos do domínio-alvo. Esse mapeamento é altamente estruturado. Há uma correspondência ontológica entre os domínios na qual os elementos relacionam-se sistematicamente entre si, ou seja, os amantes correspondem aos viajantes, o

³⁶ LOVE IS A JOURNEY (LAKOFF, 2006, p. 190)

relacionamento amoroso ao veículo, os problemas amorosos aos obstáculos encontrados na jornada e assim por diante.

Urge salientarmos aqui dois pontos: o primeiro refere-se à questão de não se confundir o mnemônico (ou nome do mapeamento) AMOR É UMA VIAGEM com o mapeamento em si. Lakoff (2006) explica:

Para facilitar a memorização de quais mapeamentos existem no sistema conceptual, Johnson e eu (Lakoff e Johnson, 1980) adotamos uma estratégia para nomear tais mapeamentos, o uso de mnemônicos que sugerem o mapeamento. O mnemônico tem tipicamente – mas não sempre – a forma: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE, ou alternativamente DOMÍNIO-ALVO COMO DOMÍNIO-FONTE. Nesse caso, o nome do mapeamento é AMOR É UMA JORNADA. Quando falo da metáfora AMOR É UMA JORNADA, estou usando um mnemônico para um conjunto de correspondências ontológicas que caracterizam um mapeamento [...].

Se mapeamentos são confundidos com os nomes dos mapeamentos, um outro equívoco pode acontecer. Os nomes dos mapeamentos, frequentemente, têm uma forma proposicional, por exemplo, AMOR É UMA VIAGEM. Mas os mapeamentos em si não são proposições. Se os mapeamentos são tomados pelos nomes dos mapeamentos, o indivíduo pode erroneamente pensar que, nesta teoria (TMC), metáforas são proposicionais. Elas são qualquer coisa menos isso: metáforas são mapeamentos, ou seja, um conjunto de correspondências conceptuais. (LAKOFF, 2006, p.190)³⁷

Em síntese, o mapeamento é o conjunto de correspondências sistemáticas entre os elementos dominiais. O mnemônico nomeia e sugere o conjunto de correspondências.

O segundo ponto diz respeito ao próprio termo “metáfora”. Lakoff e Johnson (2003 [1980], p. 6) e Lakoff (2006, p. 192) advertem que, na TCM, “metáfora” refere-se ao mapeamento conceptual e que o termo “expressão metafórica” refere-se à expressão linguística licenciada pelo mapeamento conceptual. Assim, enquanto um fenômeno, a metáfora envolve tanto mapeamentos conceptuais e expressões linguísticas individuais. Sua distinção é primordial; haja vista que os mapeamentos são primários e permitem estabelecer generalizações sobre o pensamento humano, principal intento dos teóricos.

A metáfora é um mecanismo basilar de raciocínio imaginativo que revela a corporificação de nossa cognição. Ela revela como conceitos abstratos não ligados a alguma

³⁷ Tradução nossa: “To make it easier to remember what mappings there are in the conceptual system, Johnson and I (Lakoff and Johnson 1980) adopted a strategy for naming such mappings, using mnemonics which suggest the mapping. Mnemonic names typically (though not always) have the form TARGET-DOMAIN IS SOURCE-DOMAIN, or alternatively TARGET-DOMAIN AS SOURCE-DOMAIN. In this case, the name of the mapping is LOVE IS A JOURNEY. When I speak of the LOVE IS A JOURNEY metaphor, I am using a mnemonic for a set of ontological correspondences that characterize a mapping [...]. If mappings are confused with names of mappings, another misunderstanding can arise. Names of mappings commonly have a propositional form, for example, LOVE IS A JOURNEY. But the mappings themselves are not propositions. If mappings are confused with names for mappings, one might mistakenly think that, in this theory, metaphors are propositional. They are anything but that: metaphors are mappings, that is, sets of conceptual correspondences.” (LAKOFF, 2006, p.190)

experiência sensorial direta também se apoiam em áreas cerebrais sensório-motoras. Assim, conceitos abstratos, tal como os conceitos concretos, apresentam substratos corporais. Consequentemente, o significado linguístico apresenta um substrato corpóreo. Nossa linguagem e os significados oriundos dela são corporificados.

A metáfora é a base para o pensamento abstrato: os conceitos abstratos são definidos por mapeamentos sistemáticos de domínios corporificados sobre domínios abstratos (JOHNSON, 2007, p. 177). O princípio central da cognição corporificada é que os conceitos concretos são compreendidos com base em áreas sensoriais e motoras do cérebro. Sendo assim, os processos de conceptualização não podem ser vistos como ocorrentes em áreas cerebrais altamente refinadas que são separadas física e funcionalmente de áreas responsáveis pela percepção e movimento. De acordo com Gallese e Lakoff (2005), conceitos concretos são reconhecidos neurologicamente como esquemas sensório-motores que estruturam agrupamentos neurais funcionais em *gestalts* significativas e integradas.

A metáfora enquanto principal mecanismo imaginativo para o pensamento abstrato possibilita-nos compreender domínios abstratos usando estruturas sensório-motoras. Rohrer (2001), com evidências de ressonância magnética funcional, traz confirmações experimentais para mostrar como o pensamento abstrato é baseado em esquemas imagéticos e metáforas conceptuais. O autor conclui em sua pesquisa que há uma contribuição funcional de mapas neurais motores e somatotópicos com o processamento semântico de sentenças tanto literais quanto metafóricas. Como podemos ver na imagem 4 abaixo:

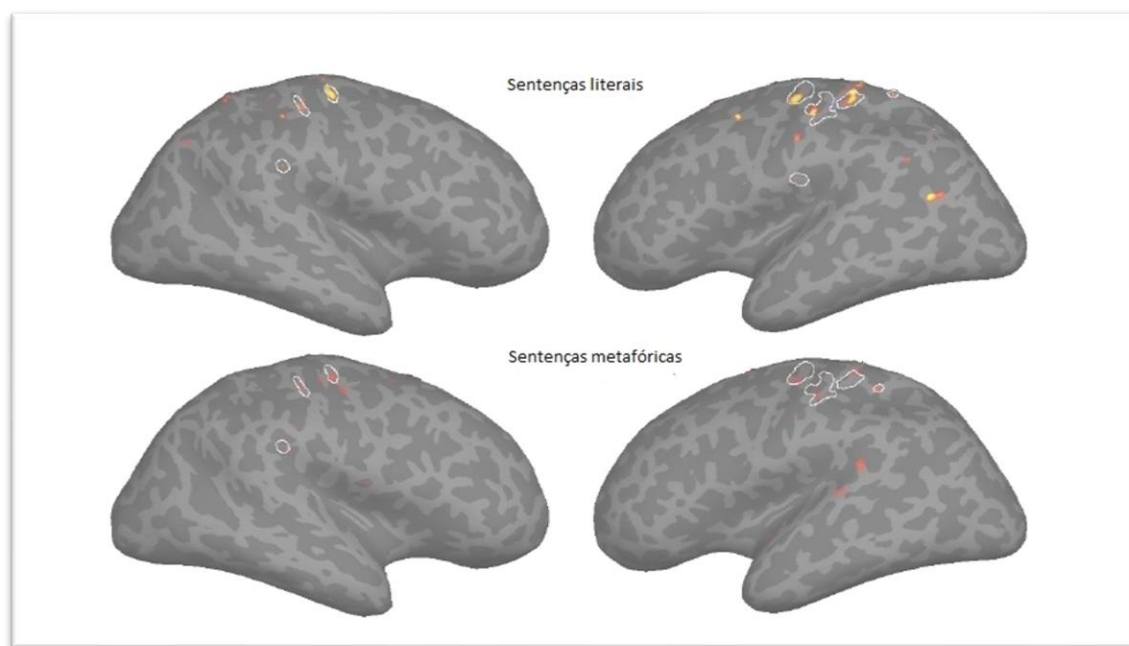


Imagem 4: fMRI de cursos de ativação em resposta a sentenças de ativação literais e metafóricas. Áreas ativas e sobreposições de uma tarefa somatossensorial de mãos estão sinalizadas em branco. Fontes: Johnson (2007, p. 169) e Rohrer (2001, p. 13).

Pode-se concluir que empregamos a lógica de nossa experiência sensório-motora para realizarmos operações cognitivas de alto nível para conferirmos sentido às entidades e domínios abstratos. Nosso pensamento abstrato, portanto, apresenta um substrato corporificado.

Convém ainda tratarmos de outro mecanismo igualmente importante, que tem ganhado visibilidade nas pesquisas em LC, a ‘metonímia conceptual’. Em sua obra, Lakoff e Johnson (2003 [1980]) também mencionam a metonímia enquanto um mecanismo cognitivo, porém com um aspecto distinto da metáfora conceptual:

A metonímia e a metáfora são tipos distintos de processos. A metáfora é, sobremaneira, uma forma de conceber uma coisa em termos de outra; sua função primária é a compreensão. Por seu turno, a metonímia tem uma função primeiramente referencial, ou seja, ela nos permite usar uma entidade **para representar** outra. (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 36, grifo dos autores)³⁸

Além de sua função referencial, Lakoff e Johnson (2003 [1980]) afirmam que a metonímia também serve à função de prover compreensão numa nuance um tanto pragmática: subjazendo à sentença “Precisamos de uma boa cabeça para coordenar este projeto” está a metonímia conceptual PARTE PELO TODO. O grupo nominal “boa cabeça” é a parte do corpo

³⁸Tradução nossa: “Metaphor and metonymy are different *kinds* of processes. Metaphor is principally a way of conceiving of one thing in terms of another, and its primary function is understanding. Metonymy, on the other hand, has primarily a referential function, that is, it allows us to use one entity to *stand for another*.” (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 36)

humano que representa a – faz referência à – PESSOA como um todo. Nota-se, então, a função referencial destacada por Lakoff e Johnson, ‘boa cabeça por pessoa’. Ademais, concernente à provisão de compreensão, outras partes do corpo humano poderiam ter sido usadas para se referir a PESSOA, todavia a parte escolhida foi CABEÇA, a qual faz referência a ‘pessoa inteligente’. Logo, a questão não é somente a de usar uma parte (cabeça) para representar o todo (pessoa), mas sim destacar uma característica particular da pessoa, isto é, sua inteligência, que está associada à CABEÇA. A compreensão jaz no fato de entendermos a cabeça como local do raciocínio, morada da inteligência.

A maneira como Lakoff e Johnson (2003 [1980]) caracterizam a metonímia não parece muito precisa, segundo Barcelona (2013, p. 125). A forma como eles definem esse outro processo cognitivo não responde a questionamentos tais como a existência ou não de metonímias referenciais; se a metonímia é ou não uma projeção conceptual e a natureza dessa projeção. Porventura, em formulações posteriores, Lakoff (1987) e Lakoff e Turner (1989) afirmam existir metonímias não referenciais, bem como serem as metonímias projeções conceptuais que envolvem entidades de um mesmo domínio conceptual – diferenciando-se da metáfora, que opera em domínios conceptuais distintos.

Barcelona (2013) comenta que não somente essas tentativas de Lakoff (1987) e Lakoff e Turner (1989) de definir a metonímia, como também o empenho de muitos outros pesquisadores da LC em tentar sanar os questionamentos oriundos de Lakoff e Johnson (2003 [1989]) não fornecem uma precisão sobre o fenômeno metonímico. Posto isso, o autor propõe uma definição técnica acerca da metonímia conceptual baseada nos trabalhos mais recentes sobre o fenômeno:

A metonímia é uma projeção assimétrica de um domínio conceptual, chamado ‘fonte’, sobre outro domínio conceptual, chamado ‘alvo’, ambos situados no mesmo domínio conceptual funcional e conectados por uma função pragmática. O resultado desta projeção é a ativação mental do alvo (BARCELONA, 2013, p. 126).

Na tentativa de deixar claro o fenômeno metonímico, Barcelona (2013) comenta alguns detalhes de sua definição. Primeiramente, ao usar o termo “domínio conceptual fonte”, o autor crê que mesmo um simples conceito concreto como DEDO pressupõe todo um domínio conceptual, haja vista que tal conceito requer todo um conhecimento de uma gama de outros conceitos, tais como MÃO, CORPO HUMANO, FISIOLOGIA HUMANA. Há ainda o conhecimento relativo à forma e à estrutura do dedo – UNHAS, FALANGES, ARTICULAÇÕES, MÚSCULOS, etc., função, patologias, enfim. Barcelona corrobora, pois, a noção ampliada de metonímia de Lakoff (1987), o qual alega que uma subcategoria ativa metonimicamente a categoria que a contém.

Sendo assim, a subcategoria DEDO ativaria metonimicamente a categoria MÃO, ou mesmo a categoria CORPO HUMANO, que a contém. Posto isso, ‘domínio’ é o termo mais apropriado para a definição, dada a complexidade conceitual que DEDO evoca.

Em segundo lugar, Barcelona (2013) afirma que a metonímia é uma projeção conceptual: o domínio fonte ocasiona um acesso mental ao domínio alvo quando impõe sobre este uma perspectiva. Por exemplo, no período “Picasso não é de fácil compreensão para o leigo. Por outro lado, é muito difícil adquirí-lo por causa dos preços em que se encontra”³⁹ – diga-se de passagem que esse período, segundo Barcelona, encontrava-se em um texto sobre arte do século XX. O alvo metonímico do exemplo acima é A OBRA ARTÍSTICA DE PICASSO, a qual é ativada desde sua fonte metonímica PICASSO em seu papel de ARTISTA PINTOR. A fonte serve de ‘ponto de referência conceptual’, pois é a partir dessa referência que os outros conceitos serão definidos.

Em terceiro lugar, quando usa o termo “domínio funcional”, Barcelona (2013) equipara-o ao conceito de Modelo Cognitivo Idealizado de Lakoff (1987). De acordo com McCauley (1987 *apud* FELTES, 2007, p. 88), MCIs são “construtos mentais simplificados que organizam vários domínios da experiência humana, tanto prática quanto teórica”. Eles são idealizados na medida em que são uma abstração gerada de complexidades do mundo socio-físico por meio de processos perceptuais e conceptuais. Desse modo, além de culturalmente compartilhados, os MCIs podem carregar os traços de subjetividade do indivíduo conceptualizador acerca de um conceito em particular, uma vez que suas abstrações são oriundas de interações singulares com o conceito. Feltes (2007) explicita essa ideia ao afirmar que os MCIs

são idealizados porque, em primeiro lugar, não precisam se ajustar necessária e perfeitamente ao mundo. Isso se justifica pelo fato de que, sendo resultados da interação do aparato cognitivo humano (altamente corporalizado) e a realidade – via experiência –, o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças, etc. Em segundo lugar, podem-se construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, e esses modelos podem ser, inclusive, contraditórios entre si. Os modelos, portanto, são o resultado da atividade humana, cognitivo-experiencialmente determinada, são o resultado da capacidade de categorização humana (FELTES, 2007, p. 89).

É importante lembrar que Lakoff e Turner (1989, p. 103) afirmam que a metonímia “ocorre dentro de um único domínio, e não entre domínios”. Neste ponto, Barcelona (2013) adverte que se deve entender o domínio em que a metonímia acontece como um domínio ‘funcional’ no sentido de MCI. Um MCI pode comportar vários domínios (e subdomínios)

³⁹ Tradução nossa: “Picasso no es fácil de entender para el profano. Por otra parte, resulta muy difícil adquirirlo por los precios a los que está.”

experienciais, aos quais Barcelona (2013) afirma se organizarem em ordem taxonômica.⁴⁰ Ou seja, um domínio funcional pressupõe uma riqueza de conhecimento relativamente detalhado acerca de um determinado conceito. A condição necessária para o fenômeno metonímico é que a fonte e o alvo metonímicos devam estar inclusas no mesmo domínio funcional e sua conexão deve ser estabelecida por uma ‘função pragmática’.

Nesse tocante, a expressão ‘função pragmática’ refere-se a uma propriedade elementar da metonímia na qual há uma conexão privilegiada entre os papéis da fonte e do alvo dentro do mesmo domínio funcional. Barcelona (2013, p. 129) nos lembra que Fauconnier (1994, 1997) define a metonímia como ‘uma projeção por função pragmática’. Dessa forma, a função pragmática é uma conexão forte, em geral automática, entre dois papéis de um mesmo MCI, como acontece entre CAUSA-EFEITO, OBRA-AUTOR, etc. Convém destacar que, conforme Radden e Kövecses (1999), ainda que dois domínios taxonômicos ou funcionais possam coexistir em um mesmo domínio funcional, há, contudo, a possibilidade de eles não terem nenhuma ligação metonímica. Por exemplo, PICASSO e MACHADO DE ASSIS podem coexistir no mesmo domínio funcional ARTES, no entanto não é comum que um elemento ative o outro metonimicamente. A razão para tal estaria no fato de os papéis desses dois elementos dentro do domínio funcional ARTES não guardar nenhum tipo de relação privilegiada que existe, por exemplo, entre OBRA-AUTOR: MACHADO DE ASSIS - DOM CASMURRO ou GUERNICA - PICASSO. A contiguidade da metonímia é sancionada exatamente pela função pragmática entre os (sub)domínios de um domínio funcional comum.

Conforme Lakoff e Jonhson (2003 [1980]),

[...] a metonímia serve a alguns dos mesmos propósitos aos quais a metáfora serve – e de alguma forma da mesma maneira –, no entanto, ela [a metonímia] nos permite focar mais especificamente em certos aspectos do que está sendo referido por ela. É tal como a metáfora; não é um recurso poético ou retórico, muito menos uma questão exclusiva de língua. (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 37)⁴¹

A metonímia está presente, portanto, em nossa maneira ordinária de pensar, agir e falar, ou seja, ela é inerente ao nosso sistema conceptual. Logo, enquanto processo cognitivo basilar, a metonímia também motiva expressões linguísticas metonímicas. A compreensão, por

⁴⁰ Isso quer dizer que o nível de conhecimento ativado é mais esquemático, ou seja, o domínio é localizado dentro de uma taxonomia geral. (cf. LAKOFF (1987) e FELTES (2007), para efeitos taxonômicos). Nesse sentido, a quantidade de propriedades compartilhadas pelos elementos envolvidos no mecanismo cognitivo – isto é, o mapeamento – pode favorecer a emergência de uma metáfora ou uma metonímia.

⁴¹ Tradução nossa: “[...] metonymy serves some of the same purposes that metaphor does, and in somewhat the same way, but it allows us to focus more specifically on certain aspects of what is being referred to. It is also like metaphor in that it is not just a poetic or rhetorical device. Nor is it just a matter of language.” (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 37).

exemplo, do período “Ler Machado de Assis requer muita atenção e maturidade” só é possível por subjazer a ele a MetonC AUTOR PELA OBRA. Depreende-se, portanto, que a metonímia é ubíqua em nosso cotidiano (LITTLEMORE, 2015), tal como a metáfora. Sendo assim, a título de ilustração Kövecses (2010) elencou alguns domínios metonímicos mais frequentes:

M C I	TODO E PARTE	Constituição	OBJETO PELO MATERIAL QUE O CONSTITUI
			MATERIAL QUE CONSTITUI UM OBJETO PELO OBJETO
		Eventos Complexos	SUBEVENTOS SUCESSIVOS PELO EVENTO COMPLEXO
			SUBEVENTOS COPRESENTES PELO EVENTO COMPLEXO
		Categoria e Membro	CATEGORIA PELO MEMBRO
			MEMBRO PELA CATEGORIA
	PARTE E PARTE	Categoria e Propriedade	CATEGORIA PELA PROPRIEDADE DEFINIDORA
			PROPRIEDADE DEFINIDORA PELA CATEGORIA
		Ação	INSTRUMENTO PELA AÇÃO
			AGENTE PELA AÇÃO
			AÇÃO PELO AGENTE
			RESULTADO PELA AÇÃO
			AÇÃO PELO RESULTADO
		Causação	ESTADO/EVENTO PELA COISA/PESSOA/ESTADO QUE O CAUSOU
			SOM CAUSADO PELO EVENTO QUE O CAUSOU
		Produção	PRODUTOR PELO PRODUTO
			AUTOR PELA OBRA
			LOCAL PELO PRODUTO FEITO NO LOCAL
		Controle	CONTROLADOR PELO CONTROLADO
			CONTROLADO PELO CONTROLADOR
		Possessão	POSSESSOR PELO POSSUÍDO
			POSSUÍDO PELO POSSESSOR
		Contenção	CONTENTOR PELO CONTIDO
			CONTIDO PELO CONTENTOR

Quadro 1: Baseado em Kövecses (2010), retirado de Nascimento (2016).

A metonímia é cognitiva. Radden e Kövecses (1999, p. 19) declaram que a metonímia não é simplesmente a substituição de uma entidade por outra, mas as interrelaciona para formar um significado novo e complexo. Ela consiste num processo em que uma entidade conceptual é acessada mentalmente por meio de outra entidade conceptual. Littlemore (2015) corrobora essa ideia ao afirmar a inviabilidade de ativação consciente de uma só vez de todo o conhecimento que temos acerca de um conceito em particular. Segundo a autora, tendemos a nos concentrar no aspecto mais proeminente de tal conceito como meio de acesso ao conceito como um todo. Sendo assim, a metonímia é necessária em função da impraticabilidade de encapsular todos os aspectos do sentido intencionado pelo indivíduo por meio da língua que ele usa.

Em suma, a metáfora e a metonímia são ambos processos cognitivos subjacentes aos processos de conceptualização. Diferenciam-se, no entanto, pela natureza de suas projeções conceptuais. Enquanto a metáfora ocorre entre dois domínios cognitivos distintos, a metonímia, por seu turno, opera em um único domínio cognitivo funcional.

Vimos até então alguns fenômenos cognitivos que ocorrem em nosso processo de conceptualização. Esses processos foram por muitos anos investigados de um ponto de vista solipsista e descontextualizado no sentido de que muito se olhou para os processos mentais do indivíduo sem considerar o contexto sociocultural no qual ele se insere. Não obstante, Lakoff e Johnson (2003 [1980], p. 231) reconhecem que aspectos sociais e interativos – culturais também – podem influenciar os processos de conceptualização, porém, curiosamente seus trabalhos focaram, sobremaneira, num indivíduo solipsista.

Posto isso, é imperativo destacar que a conceptualização humana é um fenômeno tanto **sociocultural** quanto individual. Sharifian (2011, p. 3) comenta que membros de um grupo cultural, ao compartilhar experiências conceptuais, negociam modelos (*templates*) para seus pensamentos e comportamentos. Essas conceptualizações negociadas entre os membros do grupo cultural ao longo do tempo dão origem a sistemas cognitivos complexos atualizados pela interação social. É nesse contexto que surgem noções como ‘cognição social’ e ‘cognição cultural’.

Carpenter, Nagell e Tomasello (1998) afirmam que a cognição é um empreendimento coletivo de muitas formas. Posto isso, discutiremos a seguir o papel do ambiente social e cultural tanto no desenvolvimento cognitivo quanto na produção e compreensão de conceptualizações dos indivíduos.

1.4 O PAPEL DA INTERAÇÃO E DA EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL SOBRE OS PROCESSOS COGNITIVOS

Silva (2009, p. 517) comenta que, nas últimas décadas, houve uma expansão relevante no campo dos estudos cognitivos, desde uma perspectiva exclusivamente interna e autônoma – inserem-se nesse paradigma os trabalhos de Chomsky (1957) – até uma perspectiva corporificada da cognição, isto é, o corpo do indivíduo e seus processos cognitivos são concebidos como interligados e interdependentes.⁴² Ademais, estudos mais recentes incluem a

⁴² Ver os trabalhos de Varela, Thompson e Rosch (1991); Edelman (1992); Damásio (1995, 2000); Lakoff e Johnson (1999) e Gibbs (2005).

situação e a interindividualidade no âmbito da cognição, surgindo assim as noções de ‘cognição situada’ ou ‘cognição social’. Ou seja, a cognição é situada e social porque a atividade cognitiva acontece num contexto socio-cultural.

Johnson (2007, p. 147) nos lembra que um foco exclusivo no engajamento e acoplamento do organismo com o seu meio pode levar à má interpretação de que o pensamento é puramente individual, e não social. Conforme o autor, o pensamento e a compreensão são inerentemente sociais. Posto isso, surge a seguinte questão: como fatores sociais e culturais atuam na cognição humana? Na tentativa de responder a tal questionamento, Johnson (2007) ressalta que, antes de tudo, dois equívocos devem ser evitados. O primeiro refere-se ao fato de acharmos que o ser humano se diferencia dos outros animais no tocante aos comportamentos transmitidos social e culturalmente. Em verdade, as influências socioculturais humanas são contínuas com as de outras espécies animais, ainda que existam características distintas que surjam com a aquisição da linguagem humana. Tomasello (2003, p. 281) já ressaltava essa questão ao asseverar que

[o]s seres humanos compartilham com outros primatas a maioria de suas habilidades e seus conhecimentos cognitivos – incluindo tanto o mundo sensório-motor de objetos em suas relações espaciais, temporais, categoriais e quantitativas como o mundo social de co-específicos que integram verticalmente (dominância) e horizontalmente (associação). E todas as espécies primatas utilizam suas habilidades e seus conhecimentos para formular estratégias criativas e perspicazes quando surgem problemas nos domínios físico e social. Naturalmente, contudo, qualquer espécie de primata pode ter habilidades cognitivas adicionais além daquelas compartilhadas com outros membros da ordem, e os humanos não são exceção. (...) [O]s seres humanos possuem de fato uma adaptação cognitiva particularmente potente porque altera de modo fundamental o *processo* de evolução cognitiva. [...] Essa adaptação consiste na capacidade e tendência dos indivíduos de se identificarem com co-específicos de uma maneira que lhes permite entender esses co-específicos como agentes intencionais iguais a eles mesmos, com suas próprias intenções e atenção, e, por fim, entendê-los como agentes mentais iguais a ele mesmo, com seus próprios desejos e crenças. (TOMASELLO, 2003, p.281-282)

Nota-se que Tomasello (2003) dá maior destaque às espécies primatas para fazer uma comparação da cognição que o ser humano possui, assim como salienta a capacidade singular do homem de ver no seu co-específico um outro agente intencional. Conforme o autor, essa forma inovadora de ver as outras pessoas modificou radicalmente as formas de interação social – inclui-se nisso a aprendizagem social – de tal sorte que a ontogênese do ser humano caracterizou-se de maneira singular na qual as várias gerações de crianças em desenvolvimento aprenderam inúmeras coisas de seus ancestrais e que posteriormente as modificaram de tal forma que essas alterações foram acumuladas e incorporadas em artefatos culturais ou simbólicos.

O segundo erro a ser evitado, segundo Johnson (2007), é o de mudarmos a dicotomia mente e corpo pela dicotomia social versus individual. É imperativo que reconheçamos que a cognição não acontece somente no interior da mente e do corpo de um único indivíduo, mas sim que ela é parcialmente constituída por interações e relações sociais, bem como por artefatos e práticas culturais. Convém ressaltar que, de acordo com Tomasello (2003, p. 298), a linguagem – especificamente a língua – é o artefato cultural único que exerce efeitos transformadores sobre a cognição do ser humano. A língua(gem) apresenta duas funções que estão profundamente inter-relacionadas: a comunicação e a representação cognitiva (TOMASELLO, 2012, p. 206). Precisamente, em seu estado inicial de ontogênese, quando interage com outras pessoas intersubjetivamente e passa a adotar suas convenções comunicativas, o ser humano cria uma nova forma de representação cognitiva a partir desse processo social. Essa novidade consiste no fato de os símbolos linguísticos serem ao mesmo tempo intersubjetivos e perspectivos:

A natureza intersubjetiva dos símbolos linguísticos humanos implica que eles são socialmente “compartilhados” de uma maneira que os sinais animais não são, e isso forma a matriz pragmática na qual muitas inferências sobre as intenções comunicativas dos outros podem ser feitas – por que eles escolhem um símbolo e não outro que eles também compartilham com o ouvinte, por exemplo. A natureza perspectiva dos símbolos linguísticos implica que, quando as crianças aprendem a usar palavras e construções linguísticas da maneira dos adultos, acabam percebendo que exatamente o mesmo fenômeno pode ser interpretado de muitos modos diferentes para diferentes propósitos comunicativos. (TOMASELLO, 2003, p. 298)

Segundo Tomasello (2012, p. 208), “a língua em si é uma forma de atividade de atenção conjunta”. Ou seja, a língua fundamenta-se no compartilhamento e direcionamento da atenção, de modo que é bem natural que ela surja com outras habilidades de atenção conjunta, como, por exemplo, apontar e mostrar. Logo,

(...) adquirir uma língua requer a forma unicamente humana de cognição social – compreender outras pessoas como agentes intencionais como si próprio – sem a qual não haveria nenhuma forma de atividade simbólica ou cultural como a do ser humano. (TOMASELLO, 2012, p. 211)

De modo a compreendermos melhor a língua enquanto uma atividade de atenção conjunta, pensemos no ‘ato de referência’ a um objeto único no mundo como parte do processo de estabelecimento de um tópico conversacional, por exemplo. Poder-se-ia imaginar uma língua em que a referenciação fosse feita somente com nomes próprios, ou seja, da mesma forma como quando nos referimos a pessoas, lugares e coisas muito familiares usando nomes próprios à

semelhança de João, Márcia, Boomer (nome de cachorro), Serra da Piedade,⁴³ Ilha do Marajó.⁴⁴ Poderíamos nos referir às entidades no mundo por seus nomes próprios. Contudo, em algum momento, a memória humana ficaria sobrecarregada, principalmente em virtude de essa ser uma forma pouco econômica de estocagem de conhecimento. Por esse motivo, usamos nomes próprios para algumas centenas de pessoas, lugares e coisas que nos sejam de alguma maneira interessantes e especiais no mundo, bem como usamos alguns milhares de ‘rótulos de categorias’ – substantivos comuns. O uso desses rótulos de categorias a fim de direcionar a atenção de uma outra pessoa para um objeto em específico – no caso em que sua identidade esteja no foco da discussão, ou seja, é o tópico conversacional – requer que a pessoa utilize alguns métodos adicionais de especificação, tanto linguísticos (por exemplo, “o ‘copo’ está no quarto”) quanto não linguísticos (por exemplo, apontar).

Tomasello (2012, p. 209) comenta que uma propriedade intrigante dos rótulos de categorias é a possibilidade que eles oferecem de se referir a uma entidade de muitas perspectivas diferentes de acordo com o contexto e objetivos comunicativos do falante. Tendo como exemplo os substantivos comuns, eles incorporam concepções atencionais que se baseiam em:

- (i) granularidade-especificidade: COISA → MOBÍLIA → MESA → ESCRIVANINHA.
- (ii) perspectiva: COSTA, BEIRA-MAR, PRAIA.
- (iii) função: mãe, professora, mulher, paraense.⁴⁵

Desse modo, dado que falante e interlocutor estabeleçam uma atenção conjunta concernente a uma entidade específica, eles poderão se referenciar a ela no mesmo contexto de outras formas que demandarão maior ou menor esforço cognitivo de recuperação – ou antecipação – do referente. Assim, se um falante de português, por exemplo, olha para uma bicicleta, antes de direcionar a atenção do seu interlocutor para tal bicicleta, ele precisará avaliar o conhecimento e expectativas de seu interlocutor, bem como considerar também seu próprio objetivo comunicativo, para saber que item lexical usar: essa bicicleta aí, a shimano, aquela shimano nova, a bicicleta, aquele meio de transporte. Dezenas de outras expressões poderiam ser utilizadas dependendo dos fatores contextuais e comunicativos.

Em síntese,

⁴³ Formação rochosa cuja altitude é de 1.746 metros. Está situada na região metropolitana de Belo Horizonte, no município de Caeté.

⁴⁴ Ilha costeira brasileira, localizada no arquipélago do Marajó no estado do Pará.

⁴⁵ Exemplo baseado em Langacker (1991 *apud* TOMASELLO, 2012).

O falante sabe que seu interlocutor, como um usuário da mesma língua, compartilha com ele a mesma gama de escolhas para interpretações; estas escolhas estão na forma de uma miríade de perspectivas que são simbolizadas nos símbolos e construções conhecidas na língua compartilhada, mas que nessa ocasião não foram escolhidas. Assim símbolos linguísticos humanos são tanto intersubjetivos (ambos os usuários conhecem, e cada um sabe que o outro conhece, uma gama de possibilidades) e perspectivais (cada símbolo incorpora uma maneira, dentre várias outras maneiras simultaneamente disponíveis, em que a situação pode ser concebida para um dado propósito comunicativo). (TOMASELLO, 2012, p. 210)

Essa visão de Tomasello (2003, 2012) no tocante à integração dos aspectos sociais na perspectiva cognitivista de investigação da relação cognição e linguagem nos leva a uma releitura da cognição humana:

o cognitivo implica o social, visto que a cognição não pode ser entendida como um fenômeno meramente individual, mas antes como uma atividade situada, distribuída e sinérgica. Por outro lado, o social pressupõe o cognitivo, na medida em que a linguagem reside primariamente nas mentes individuais, sem as quais a interação linguística não poderia existir. (SILVA, 2009, p. 522)

Silva (2009) afirma que há muitas evidências oriundas de investigações das ciências cognitivas que apontam para a convergência da corporificação e situacionalidade sócio-cultural da cognição humana. Conforme o autor, a LC desempenha um papel importante na relação entre os conceitos (metáfora, metonímia, categorização) aqui apresentados no estudo da linguagem e na reinterpretação das relações entre linguagem, cultura e cognição.

As investigações em Linguística Cognitiva e em Linguística Cultural – ramo mais recente da LC que conjuga Linguística Antropológica e cognição – têm fornecido contribuições relevantes para a expansão da noção de cognição enquanto cognição social ou cognição cultural. A seguir vejamos um pouco mais sobre essa noção tão cara.

1.4.1 Linguística Cultural e Cognição Social

Conforme Varela, Thompson e Rosch (1991), a noção de ‘cognição corporificada’ pode ser estendida ao ‘domínio do conhecimento cultural’. Nesse nível, a cognição torna-se ‘distribuída’, pois o esforço cognitivo é repartido entre dois ou mais indivíduos e entre eles e os seus instrumentos cognitivos (SILVA, 2009, p. 517). A cognição é, portanto, distribuída entre as pessoas, instrumentos e artefatos (HUTCHINS, 1995).

Sarifian (2011) afirma que a cognição pode ser vista como uma propriedade de grupos culturais, e não somente de indivíduos. A esse nível de cognição, o teórico chama de ‘cognição

cultural emergente’ (p. 21), no qual o que é descrito como ‘cognição’ é um sistema emergente que resulta da interação entre os membros de um grupo cultural através do tempo e do espaço. O autor destaca que o escopo da cultura, obviamente, não está confinado ao domínio cognitivo exclusivamente. A ‘cognição cultural’ instancia-se em vários aspectos da vida das pessoas, por exemplo seu ambiente físico, artefatos, instrumentos, rituais, pintura, dança, etc.

Os membros de um grupo cultural negociam e renegociam sua cognição cultural através de gerações, vertical e horizontalmente, por meio de uma miríade de eventos comunicativos. Essa noção de cognição abarca a ideia de sistemas complexos os quais são dinâmicos e estão em constante evolução, ao invés de serem um conjunto fixo de representações que se estendem a um grupo cultural. A imagem a seguir ilustra a ideia de ‘cognição cultural emergente’:

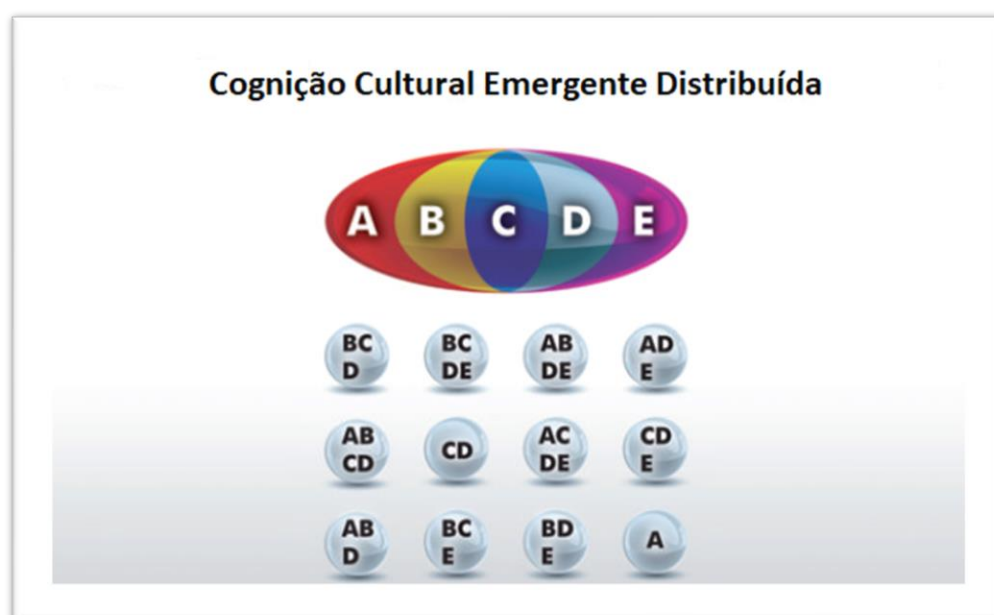


Imagem 5: Um modelo distribuído de cognição cultural. Fonte: Sharifian (2011, p. 6)

O diagrama da imagem 5 mostra como as representações dos indivíduos⁴⁶ são distribuídas através das mentes de um grupo cultural. No diagrama, as unidades que constituem a rede simbolizam as mentes dos membros de um grupo cultural. As letras maiúsculas A, B, C, D e E significam os elementos de um esquema cultural. Consegue-se observar claramente que as mentes constituintes da rede cultural não compartilham todos os elementos do esquema, muito menos cada mente possui todos os elementos do mesmo esquema. Nesse modelo, um esquema cultural é visto como emergente da interação entre as mentes que constituem o grupo cultural. O conhecimento corporificado nos esquemas é distribuído por meio da rede de mentes

⁴⁶Essas representações são chamadas por Sharifian (2011) de ‘conceptualizações culturais’. Na seção 1.4.3, nos aprofundaremos mais sobre essa noção.

num grupo. Convém comentar que, da maneira interativa como os esquemas culturais são distribuídos, a cognição pode ser caracterizada como sinérgica, e não somente sincrônica, haja vista que ela é vista como uma atividade colaborativa entre os indivíduos (SILVA, 2009, p. 517).

Ainda no tocante à imagem 5, o diagrama representa as variações no conhecimento cultural entre os indivíduos de um grupo cultural. Vejamos, como mero exemplo ilustrativo, que uma unidade é marcada como BCD, outra como ADE, outra como BDE e outra somente com A. Essa variação singular no conhecimento cultural das unidades pode ser explicada pela diferença em variáveis como idade, sexo, gênero, etc., bem como no grau de interação entre os membros e o resto da rede. A forma como o conhecimento cultural é representado no diagrama da imagem 7 explica ainda a difusão característica da realidade de nossas comunicações. Na prática, as pessoas recorrem mais ou menos aos esquemas; elas não compartilham necessariamente todos os elementos associados a um determinado esquema. Em uma situação, por exemplo, em que Juca, conhecedor do esquema ABC, interage com seu interlocutor, Pedro, cujo esquema é composto somente de BCD, vê-se que o conhecimento cultural de Juca e de Pedro se sobrepõem relativamente, bem como compartilham alguns elementos do mesmo esquema cultural, a saber, BC. Concomitantemente, esse mesmo conhecimento se difere pela ausência de alguns elementos que ambos os esquemas de Juca e Pedro não apresentam, a saber, A e D, respectivamente. Convém destacar que, em muitas instâncias, os indivíduos interagentes não estão conscientes do papel desempenhado pelos esquemas culturais na comunicação, bem como nem sempre conseguem expressar de maneira plenamente articulada a complexidade de seus significados e/ou identidade dos elementos que compõem seus esquemas culturais (SHARIFIAN, 2011, p. 7).

A maneira como o conhecimento cultural é modelado por Sharifian (2011) faz-nos pensar em como duas pessoas cujos esquemas culturais diferem-se entre si podem pertencer ao mesmo grupo cultural. O autor argumenta que a resposta para tal questionamento se encontra no fato de que embora essas duas pessoas não compartilhem nenhum elemento do esquema cultural em questão, elas podem compartilhar elementos de outros esquemas culturais, como ilustra a imagem 6 a seguir:

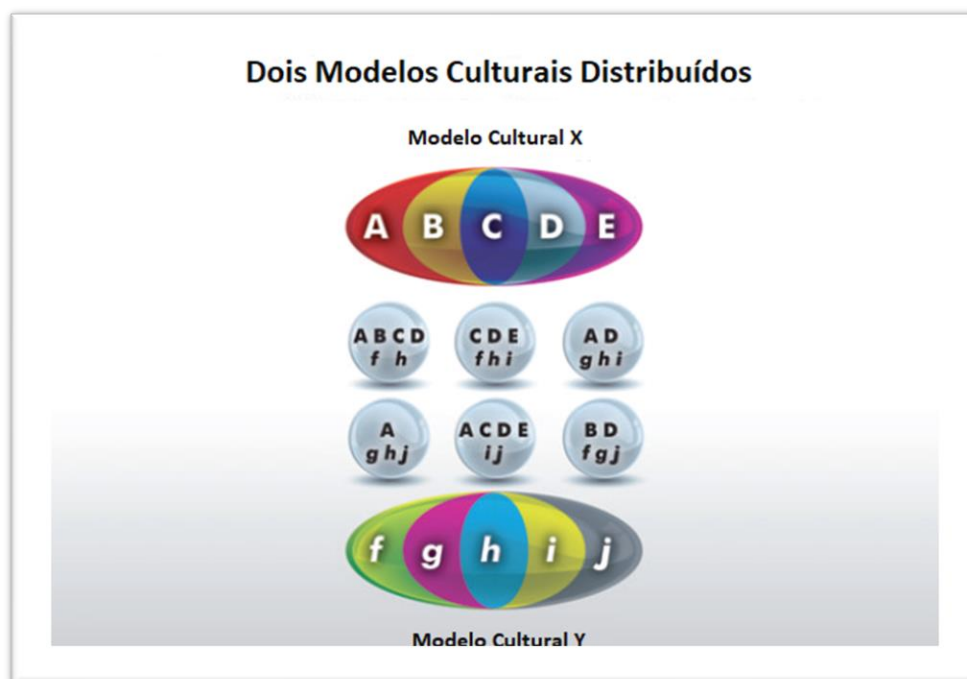


Imagem 6: Um modelo distribuído de esquema cultural. Fonte: Sharifian (2011, p. 7).

Com base na imagem 6, vê-se que duas pessoas podem compartilhar mais elementos do esquema cultural X e menos elementos do outro esquema cultural Y e vice e versa. Logo, não é com base no conhecimento de um único esquema cultural que uma pessoa se torna parte de um grupo cultural. É o grau geral do quanto a pessoa recorre aos vários esquemas culturais disponíveis que o faz mais ou menos um representante daquele grupo cultural.

É imperativo salientar que ambas as imagens 5 e 6 representam entidades completamente dinâmicas, visto que o conhecimento cultural é (re)negociado ininterruptamente. Consoante a isso, pode ocorrer que o membro de um dado grupo cultural ausente-se por um tempo do grupo e um (ou uns) elemento(s) em seu conhecimento cultural (sua cognição) mudarem (ou não), ao passo que esse(s) mesmo(s) elemento(s) permaneça(m) no grupo ou não. Em outras palavras, um indivíduo pode sair do seu grupo de origem, entrar em contato com outros grupos, sofrer mudanças em seus esquemas (modelos) culturais, os quais serão levados para seu grupo de origem ao regressar a ele. Portanto, a cognição cultural é heterogeneamente distribuída entre os membros de um grupo cultural.

A cognição cultural é, normalmente, a pedra angular que orienta nossas ações e comportamentos em dois aspectos: o primeiro concerne ao nosso comportamento – inclui-se aí a performance linguística – que decorre de nossa cognição cultural. O segundo concerne ao fato de operarmos com base no pressuposto de que as ações e comportamentos de nosso interlocutor também se abalizam na mesma cognição cultural que a nossa. De modo geral, a cognição

cultural serve de guia – sistema de relevância (cf. SCHÜTZ, 1945) – para as hipóteses que as pessoas elaboram quando entram em contato com certos contextos durante suas experiências culturais.

Em suma, as pessoas comungam parcialmente das mesmas experiências, em virtude disso elas constantemente negociam e convencionalizam a forma como conceptualizam suas experiências. Não obstante, muito provavelmente, dois indivíduos jamais conceptualizarão uma experiência exatamente da mesma maneira; é possível, contudo, perceber uma cognição coletiva emergir das interações entre os indivíduos membros de um grupo cultural.

1.4.2 Modelos Cognitivos e Modelos Culturais: uma janela de acesso à Cognição Cultural

Como visto na seção anterior, a cognição cultural emerge de uma amálgama de esquemas e modelos culturais que são atualizados via interação social. Esses esquemas e modelos – estocados na memória do indivíduo – estruturam o nível sociocultural da cognição. Conforme Duque e Costa (2012), ao acessar as informações armazenadas em sua memória, o falante se certifica se essas informações são intersubjetivamente compartilhadas. Os autores argumentam ainda, citando Salomão (1999), que

o grau de socialização do registro de um evento repercute diretamente no grau de idealização de sua evocação, ou seja, quanto mais compartilhado for o registro de um evento, mais idealizada será sua evocação (DUQUE; COSTA, 2012, p. 76).

Desse modo, o indivíduo lida com domínios conceptuais que podem ser caracterizados como Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs, uma vez que surgem de idealizações culturais adquiridas ao longo da vida. Posto isso, para compreendermos a arquitetura da cognição socio-cultural, é imperativo discorrermos sobre a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados proposta por Lakoff (1987), a qual abaliza o conceito de ‘modelo cultural’, muito caro tanto à Linguística Cultural quanto à Linguística Cognitiva.⁴⁷

Os Modelos Cognitivos Idealizados, de acordo com Cienki (2007, p. 176), são uma forma pela qual o indivíduo organiza seu conhecimento, não como um reflexo direto do estado de coisas no mundo, mas sim conforme certos princípios cognitivos. Os MCIs são ditos ‘idealizados’ por envolverem uma abstração – via processos perceptuais e conceptuais – das

⁴⁷ ‘Modelo cultural’, enquanto construto teórico, é igualmente importante para outros campos de investigação tais como Antropologia, Antropologia Cognitiva, Ciências Cognitivas, Inteligência Artificial (cf. FELTES, 2018).

complexidades do mundo físico. McCauley (1987 *apud* FELTES, 2007, p. 88) corrobora essa ideia ao afirmar que:

Tais estruturas devem ser idealizadas. Isso significa, entre outras coisas, que elas selecionam dentro de todos os traços possíveis de estímulo aqueles que são sistematicamente mais eficazes (em domínios mais puramente teóricos) ou significativos, social ou instrumentalmente (em domínios práticos) (MCCAULEY, 1987 *apud* FELTES, 2007, p. 88).

Os MCIs proveem estruturas organizadoras,⁴⁸ as quais são meios de processamento da informação, visto que se ajustam à neurobiologia e à experiência corporificada humanas, bem como às ações, aos objetivos e às interações sociais dos indivíduos (CIENKI, 2007). Eles são, portanto, conhecimentos socialmente produzidos e disponibilizados em nível cultural, cujo papel é imprescindível para a cognição humana: viabilizar o gerenciamento e o uso da gama de experiências adquiridas no cotidiano, ao longo de toda a vida do indivíduo (DUQUE; COSTA, 2012).

É oportuno destacar dois pontos, conforme Feltes (2007, p. 88), acerca dos modelos cognitivos: o primeiro é que eles não precisam se adequar de modo necessário e perfeito ao mundo, por isso são ditos ‘idealizados’. O motivo para tanto reside no fato de que o que está presente num modelo cognitivo é determinado pelas crenças, valores, necessidades, propósitos, etc., do indivíduo ou grupo de indivíduos, ou seja, os elementos presentes num modelo cognitivo estão relacionados e condicionados ao resultado da interação entre o aparato cognitivo – altamente corporificado – do ser humano e a realidade, por meio da experiência. O segundo ponto refere-se ao fato de que, para o entendimento de uma mesma situação, diferentes modelos podem ser construídos. Inclusive, tais modelos podem ser contraditórios entre si:

Eles [os modelos cognitivos idealizados] são usados para a compreensão do mundo e para criar teorias sobre o mundo. Por consequência, eles estão geralmente em conflito um com o outro ou com algum conhecimento que temos (LAKOFF, 1987, p. 134).⁴⁹

Desse modo, os MCIs são construtos mentais oriundos de nossas práticas socioculturais, determinados cognitivo-experencialmente, resultantes da capacidade humana de categorização. Eles organizam, portanto, vários domínios do conhecimento humano, sejam eles práticos e/ou teóricos (MEDEIROS; SANTOS; MEDEIROS, 2015; FELTES, 2007).⁵⁰

⁴⁸Por exemplo, sob a forma de categorias conceptuais.

⁴⁹Tradução nossa: “They are used for understanding the world and for creating theories about the world. Consequently, they are often in conflict with one another or with some piece of knowledge that we have.” (LAKOFF, 1987, p. 134)

⁵⁰ Para uma leitura mais aprofundada sobre os tipos de MCIs, sugerimos a obra de Lakoff (1987).

Convém destacar que, em alguns contextos, conforme Feltes (2007, p. 90; 2018), dado o fato de a cognição humana estar inseparavelmente conectada à experiência humana corpórea, social, cultural e histórica, os modelos cognitivos podem ser considerados como ‘modelos culturais’. Isto é, tanto o sistema conceptual humano quanto as inúmeras categorias por ele geradas são cognitivos e culturais simultaneamente, logo muitos modelos cognitivos podem ser também modelos culturais.⁵¹

Bennardo e Munck (2014, p. 3) afirmam que modelos culturais são representações mentais, compartilhadas pelos membros de uma cultura, que funcionam de modo a dar sentido e interpretar *input* sensoriais, bem como produzir e moldar comportamentos intencionais e comunicativos. Os modelos culturais são usados para ler intenções, atitudes, emoções e contextos sociais, incluindo o *status* social daqueles com quem o indivíduo está interagindo. Em síntese, são estruturas que apresentam “um elemento nuclear (*core*) e nós “periféricos” que são preenchidos por valores *default*” (*ibid*).⁵² Esses valores, conforme Feltes (2018, p. 194),

[...] são instanciados – alterados para valores específicos ou deixados em seus valores padrão – quando o indivíduo experiencia ‘eventos’ de qualquer natureza. A partir disso, surge a possibilidade de reconhecer e categorizar eventos como representantes do mesmo modelo cultural, mesmo que ligeiramente diferentes em cada uma das suas ocorrências específicas (FELTES, 2018, p. 194).

Os modelos culturais são flexíveis e fluidos, usados em uma enorme variedade de situações por pessoas com perspectivas diferentes e/ou características psicológicas distintas, tais como história de vida, idade, contexto, *status* social (BENNARD; MUNCK, 2014).

É imprescindível salientar que, do ponto de vista comunicativo e interacional, os modelos culturais – enquanto construtos/esquemas cognitivos – permitem a comunicação e a negociação do entendimento entre os indivíduos, visto que coadunam, em sua memória, ‘blocos de conhecimento’ cujos conteúdos são acionados e, no mesmo instante, recuperados quando esses indivíduos produzem linguagem e, por consequência, se comunicam (MEDEIROS; SANTOS; MEDEIROS, 2015, p. 9).

Ademais, ao construir seus esquemas individuais, o indivíduo acrescenta um tanto de detalhes próprios ao que é percebido enquanto normas ou formas culturais pertinentes, uma vez que, até certo grau, ele é consciente de – ou passível de conscientizar acerca de – seus desejos,

⁵¹ A autora chama-nos a atenção para o fato de que nem todo modelo cognitivo ser considerado um modelo cultural, haja vista que muito se discute acerca da tese da universalidade de alguns modelos cognitivos.

⁵² Tradução nossa: “[...] a “core” component and “peripheral” nodes that are filled by default values.” (BENNARD; MUNCK, 2014, p. 3)

percepções e sentimentos. Consequentemente, os esquemas culturais (com os traços de singularidade) desse indivíduo podem existir a parte de e em contradição aos grupos culturais que impõem as normas e formas de linguagem e cultura (FELTES, 2007, p. 90). Desse modo, em interações sociais, os interlocutores inevitavelmente acrescentam suas idiossincrasias às palavras e gestos destinados a comunicar um significado pretendido. Assim, de modo a expressar de maneira bem-sucedida um significado pretendido, o falante precisará não somente se basear no mesmo bloco de conhecimento – isto é, modelo/esquema cognitivo-cultural – que os seus interlocutores, mas também ser capaz de reconhecer – muitas vezes implicitamente – as ressonâncias conotativas, implicações e repositório de sentimentos ocultos que a instanciação de um modelo cultural em particular pode evocar neles (BENNARD; MUNCK, 2014, p. 4).

Corroborando essa perspectiva intersubjetiva, D’Andrade (1987, 2003 [1995]) afirma que um modelo cultural é um esquema cognitivo intersubjetivamente compartilhado por um grupo social, o qual consiste tipicamente de um conjunto de elementos – objetos conceptuais – interrelacionados que se ajustam para representar algo. Quinn e Holland (1987, p. 4), por seu turno, asseveram que modelos culturais

[...] são pressupostos, modelos de mundo aceitos que são amplamente compartilhados (embora não necessariamente com a exclusão de outros modelos alternativos) pelos membros de uma sociedade e que têm papel primordial em seu entendimento do mundo e seus comportamentos nele (QUINN; HOLLAND, 1987, p. 4).⁵³

Em suma, modelos culturais são esquemas – abstrações – simples que representam algum evento ou objeto e que são associados a valores, objetivos e conhecimento, processos e interpretação de ação, apresentam uma força diretiva na produção de comportamentos específicos e detalhados dos indivíduos (D’ANDRADE, 2003[1995], 1992; KRONENFELD, 2008 *apud* FELTES, 2018).

Por fim, convém lembrar que os modelos culturais – por serem modelos/esquemas – não comportam informações completas, não são precisos. Eles são ‘super simplificados’ e contém apenas a informação relevante ou significativa a algum propósito, ao qual é recorrente e logicamente relacionada. Consequentemente, esses modelos são construtos moldados por objetivos de uma situação concreta (conversas cotidianas, por exemplo). Ou seja, por sua natureza social, eles podem se modificar e se adaptar a variadas situações, bem como estão relacionados a padrões de interação e comunicação, não sendo, assim, internalizados de maneira

⁵³Tradução nossa: “[...] are presupposed, taken-for-granted models of the world that are widely shared (although not necessarily to the exclusion of other, alternative models) by the members of a society and that play an enormous role in their understanding of that world and their behavior in it.” (QUINN; HOLLAND, 1987, p. 4)

determinística, mas produzidos e reproduzidos segundo propósitos distintos (FELTES, 2007, p. 90; MEDEIROS; SANTOS; MEDEIROS, 2015, p. 2).

Conforme Kronenfeld (2000 *apud* FELTES, 2007, p. 91), muito dos conteúdos dos modelos culturais é codificado linguisticamente. Assim sendo, a língua/linguagem muito pode nos informar não somente sobre quais pensamentos são expressáveis, mas também sobre quais pensamentos formam a base para a ação coletiva. De modo a ter acesso a esses conteúdos dos modelos culturais, vemos as ‘conceptualizações culturais’ – estruturas partilhadas e emergentes – como unidade de análise da cognição cultural. A seguir discorreremos sobre esse conceito.

1.4.3 Conceptualização Cultural

Um conceito muito caro à Linguística Cultural é o de ‘conceptualização cultural’. Sharifian (2011, p. 3) define, em linhas gerais, a conceptualização como um produto coletivo da cognição humana. ‘Conceptualização’, como visto nas seções anteriores, é um termo guarda-chuva que abarca processos cognitivos fundamentais tais como a esquematização e a categorização, a metáfora e a metonímia.

Para Sharifian (2011), muito embora as conceptualizações sejam iniciadas na cognição individual, elas podem perfeitamente emergir como ‘cognições culturais’. As cognições culturais podem ser melhor descritas como ‘representações distribuídas’, isto é, como uma rede de representações distribuídas através das mentes de um grupo cultural. Assim sendo, redes cognitivas não estão encerradas exclusiva e necessariamente num único indivíduo. Pelo contrário, essas redes cognitivas inserem-se em outras redes cognitivas com interconexões de pertencimento de maior escala.

As conceptualizações culturais desenvolvem-se em sistemas de conhecimento complexos e dinâmicos, os quais não são totalmente e igualmente compartilhados pelos membros de um grupo cultural alvo. Ao longo do tempo, tais sistemas dinâmicos podem atuar como pontos de ancoragem relevantes aos pensamentos e comportamento das pessoas; podem até constituir visões de mundo, ou seja, definem realidades. Precisamente, as conceptualizações culturais permitem que as pessoas pensem, falem e ajam com uma só mente.

Em geral, uma dica simples ou um gesto são o suficiente para indicar a conceptualização cultural que subjaz e serve de orientação para uma interação social. A atuação de tais conceptualizações culturais na interação social de um determinado grupo cultural fica mais evidentes àqueles que são estranhos – no sentido de não pertencentes – ao grupo. Em

contrapartida, os membros pertencentes ao grupo podem não perceber que tais conceptualizações estão em jogo na interação.

De modo a compreendermos a noção de conceptualização cultural, tomemos como exemplo o esquema de evento CASAMENTO (SHARIFIAN, 2011, p. 8).⁵⁴ De nossas experiencições desse tipo de evento, abstraímos um esquema de como um casamento é organizado em termos de ações, valores, etc. Há também categorias associadas a esse esquema que podem incluir, por exemplo, o PRESENTE DE CASAMENTO, o BANQUETE DE NÚPCIAS. Esquemas de evento podem ainda incluir subesquemas de eventos dentro de um evento maior: o esquema ocidental cristão de Casamento inclui os subesquemas CERIMÔNIA NA IGREJA, RECEPÇÃO, etc. Assim, os membros de um grupo partilham de um modelo cultural – ou conceptualização cultural – acerca de como preparar um casamento, os procedimentos para realizá-lo, o tipo de vestimenta, o tipo de presente a ser dado, conduta numa cerimônia ou ritual, etc. Vale ressaltar que certos eventos, tais como o casamento, são experienciados de maneira mais ou menos parecida por pessoas com o mesmo pano de fundo cultural. Essas semelhanças nas experiências geralmente atuam como o *locus* para a emergência de esquemas de evento culturais através do grupo. Destarte, em um nível cultural de cognição, significados e conceptualizações parecem emergir da interação entre os membros de grupos culturais. Conceptualizações culturais podem a propósito emergir de pequenos grupos culturais, nos quais as pessoas têm estilo de vida e sistemas de crenças e valores suficientemente uniformes, ou seja, apresentam um nível sólido de coerência, desenvolvendo conceptualizações mais coesas.

Como dito, conceptualizações culturais podem ser instanciadas e refletidas em artefatos culturais tais como a língua, por exemplo.⁵⁵ Aspectos de conceptualizações culturais podem ainda ser instanciadas por meio de recursos não-verbais como os gestos. Desse modo, diferentes níveis e unidades da língua, e.g.: atos de fala, *idioms*, metáforas, marcadores discursivos, etc., podem de alguma forma instanciar aspectos de conceptualizações culturais (cf. PALMER, 1996).

Por fim, convém explicar que a identificação de conceptualizações culturais requer uma abordagem etnográfica para analisar artefatos como a língua – ou o discurso –, por exemplo. Sendo assim, é imperativo que se faça uma investigação cujo procedimento analítico concentre-se minuciosamente na identificação de conceptualizações que sejam específicas à cultura do indivíduo.

⁵⁴ *Event schema of Wedding.*

⁵⁵ Além da língua, conceptualizações culturais podem ser instanciadas em pinturas, rituais e mesmo no silêncio.

Dado que a abordagem seja de cunho etnográfico, tanto a perspectiva ética quanto aêmica devem ser adotadas.⁵⁶ Nesse tocante, adota-se a perspectiva ética para a identificação de conceptualizações que parecem ser ‘salientes’ àqueles que estão de fora da cultura dos informantes. No plano do discurso, uma conceptualização cultural pode ser instanciada na forma de um item lexical não familiar, um padrão de uso distinto, um padrão de associações diferente, uma frequência de uso distinta, etc. Ainda assim, conceptualizações culturais nem sempre são tão fáceis de ser claramente salientes por traços na superfície da língua. É nesse ponto que a perspectivaêmica entra em cena para dar o suporte à análise do pesquisador, de modo a prover os argumentos que justifiquem a identificação de conceptualização que sejam culturalmente específicas.

É importante ressaltar que identificar conceptualizações operantes no nível cultural requer uma expansão da unidade de análise para mais de um indivíduo e mais de uma situação de língua em uso. O alto grau de complexidade de uma conceptualização cultural específica começa a emergir na superfície linguística quando o discurso é examinado à luz da intuição de muitos membros do grupo cultural, cada qual demonstrando vários graus de conhecimento acerca de suas conceptualizações culturais. Essa variação no conhecimento de conceptualizações culturais é o que confere sentido ao termo ‘representação distribuída’ demonstrada no modelo que já apresentamos aqui.

1.5 UMA SÍNTESE

Procuramos caracterizar neste capítulo a noção de cognição corporificada, um conceito basilar para as áreas da Linguística Cognitiva e Linguística Cultural. Fundamentados numa perspectiva experiencialista, explanamos a emergência da cognição numa visão solipsista, e posteriormente, discorremos sobre a integração do aspecto social à noção de cognição, expandindo desse modo a interpretação desse conceito. Por fim, apresentamos um modelo de cognição cultural no qual a cognição é vista como uma propriedade de um grupo cultural e não somente de indivíduos.

⁵⁶ Retomaremos essa discussão mais detalhadamente no capítulo metodológico.

CAPÍTULO 2 – METALINGUAGEM E FALA-EM-INTERAÇÃO

Talk has a dual structure [...], on which speaker and hearer have to reach an understanding *simultaneously*. [...] They have to combine the communication of a content with the metacommunication about how to use the communicated content.

Jürgen Habermas

De acordo com Couper-Kuhlen e Selting (2018, p. 16), a estrutura linguística,⁵⁷ quando usada na interação, é uma realização situada, produzida e reproduzida ativamente em tempo real, de maneira sensível ao contexto. A estrutura linguística é desse modo colaborativamente construída e distribuída entre os interactantes. Seu uso na fala-em-interação revela que as práticas linguístico-conversacionais são moldadas conforme as tarefas rotineiras necessárias para o gerenciamento da interação. Em face disso, há um uso particular da língua que caracteriza uma função metalinguística. Isto é, seguindo as pressões cognitivo-interacionais da interação, os falantes e seus interlocutores podem se referir em sua fala a qualquer aspecto do uso da língua; ou seja, eles podem fazer menção ao próprio ato da enunciação, da produção linguística.

Jaworski, Coupland e Galasinski (1998, p. 3) argumentam que a função metalinguística não é uma simples capacidade de autorreferência ou uma característica singular de produção linguística (*design feature*). Muito frequentemente, tanto o falante quanto o(s) seu(s) interlocutor(es) fazem uso ativo e local da função metalinguística de maneira intencional, com base em algum objetivo comunicativo. Desse modo, conforme Schröder (2015, 2018), o indivíduo molda constantemente seus enunciados: (a) assumindo posicionamentos na interação; (b) (re)definindo o tipo de atividade em andamento; (c) qualificando suas contribuições como jocosas, irônicas ou sérias; (d) fornecendo pistas aos interlocutores quanto às suas próprias atitudes e apreciações; bem como (e) guiando-os a uma interpretação apropriada de tais pistas.

Posto isso, neste capítulo, para tratar do fenômeno da metalinguagem e da metacomunicação na fala-em-interação, baseamo-nos nos trabalhos, sobremaneira, de Lucy (1993) e Silverstein (1993), acerca da ‘reflexividade linguística’, de Hübler (2011) e Bublitz e Hübler (2007), sobre ‘metapragmática’, bem como nos trabalhos de Verschueren (1998) e Caffi (1984) para tratar de conceitos como ‘consciência metapragmática’ e ‘atos metacomunicativos’ respectivamente. Por fim, recorreremos às bases da LI, com os trabalhos de Barth-Weingarten (2011), Selting e Couper-Kuhlen (2001) e Couper-Kuhlen e Selting (2018), para mostrar como

⁵⁷ Ou, nas palavras das autoras, unidade(s) linguística(s) tal(tais) como a(s) sentença(s), a(s) oração(ões), a(s) sintagma(s), etc.

na fala-em-interação a estrutura linguística e a ação conversacional tanto constroem quanto são condicionadas pelo contexto interacional, permitindo que fenômenos como o dos atos metalinguísticos e metacomunicativos emergjam no momento da fala. A seguir, discorreremos de maneira mais detalhada sobre o fenômeno metalinguístico na linguagem.

2.1 FUNÇÃO METALINGUÍSTICA: REFLEXIVIDADE NA LÍNGUA EM USO

O fenômeno metalinguístico, enquanto uma dimensão da linguagem, está presente em todos os usos da língua, ou seja, ele transcende a mera reunião de alguns casos de uso metalinguístico, constituindo-se, pois, como uma propriedade básica subjacente a qualquer extensão de discurso (VERSCHUEREN, 1998).

Posto isso, dada a sua ubiquidade e seu papel no funcionamento da língua, a metalinguagem foi introduzida como tópico de investigação no campo da Linguística e da Comunicação por Gregory Bateson (1972 [1950]) e Roman Jakobson (1980 [1957]; 1984). Seus trabalhos representam o ponto de partida para as teorizações no tocante à ‘reflexividade’ na língua em uso. Jakobson (1980 [1957]) foi um dos pioneiros a perceber a importância da metalinguagem na comunicação humana e, conseqüentemente, de sua necessidade de ser incorporada numa teoria linguística descritiva. A função metalinguística é apresentada pelo autor como uma de suas seis funções da linguagem; ele a circunscreve a um papel de manutenção da compreensão da língua enquanto código. Quanto a isso, Hübler e Bublitz (2007) comentam que o entendimento de Jakobson no tocante à metalinguagem parece se relacionar, à primeira vista, ao uso e prática de forma bem direta. A afirmação do autor russo de que “praticamos metalinguagem” (JAKOBSON, 2010 [1960], p. 162) implica que o falante detém em suas mãos um recurso para se referir às formas linguísticas, estruturas e funções. Todavia, Jakobson prefere restringir a metalinguagem a uma função de glosa, a qual é centrada no código linguístico somente.

Por seu turno, Bateson (1972 [1950]) discorre sobre dois tipos de mensagens que atuam num nível metacomunicativo, a saber, (a) mensagens metalinguísticas (*metalinguistic messages*), que fazem referência à própria língua, isto é, a língua falando sobre si mesma, e (b) mensagens metacomunicativas (*metacommunicative messages*), que enquadram os enunciados

na comunicação, de modo a guiar o interlocutor explícita ou implicitamente na interpretação da mensagem existente em tal enquadramento.⁵⁸

Convém comentar que, diferentemente de Jakobson, para além de uma manutenção de entendimento da língua, Bateson (1972 [1950], p. 178) reconhece na metalinguagem uma função de manutenção da relação interpessoal ao afirmar que o assunto – ou tópico – das mensagens metacomunicativas é a relação entre os interlocutores. Pode-se vislumbrar essa ideia de Bateson (1972 [1955]) em Geraldi (1997, p. 42) quando este afirma que “o campo privilegiado, mas não único, das ações *sobre* a linguagem são os **recursos expressivos** para os quais **a atenção do outro é chamada**” (grifo nosso). Ou seja, o falante utiliza pistas tanto linguísticas quanto não linguísticas para apelar à atenção de seu interlocutor, de modo a realizar a negociação e coconstrução de sentidos e assegurar tanto a interpretação adequada dos enunciados quanto a harmonia na intercompreensão.

Vê-se com isso que o uso metalinguístico não está confinado a somente um ‘falar sobre a língua’, mas sim irradia-se para outros aspectos do discurso, como constituir e enquadrar o fluxo da fala-em-interação, por exemplo; ou, ainda, realizar a manutenção das relações interpessoais no evento comunicativo-interacional. Coupland e Jaworki (1998, p. 15) argumentam que, sem uma dimensão metalinguística, os significados linguísticos seriam simplesmente inerentes às formas linguísticas, o que resultaria em sentidos inquestionáveis, não ambíguos e neutros (inocentes). Precisamente, não haveria nenhum investimento social por parte dos interlocutores no uso da língua em termos, principalmente, de negociação do sentido e trabalho inferencial.

Lucy (1993) corrobora esse aspecto funcional e social da metalinguagem ao afirmar que

a abordagem semiótico-funcional avança as questões da relação entre referência linguística e conhecimento, bem como considera a língua em uso como uma forma de ação social, mais precisamente, como ação comunicativa. A partir dessa perspectiva, a atividade reflexiva é essencial ao uso da língua. A atividade metacomunicativa e metalinguística ocorre a todo o tempo para auxiliar na estruturação da atividade linguística em curso. (LUCY, 1993, p. 18)⁵⁹

Depreende-se da citação de Lucy (1993) acima que o fenômeno da metalinguagem apresenta uma relação necessária com fenômenos de uso da língua – o domínio investigativo da Pragmática. Assim sendo, conforme Verschueren (1998, p. 55), o estudo da dimensão

⁵⁸ Nesse enquadramento de enunciações estão integrados elementos prosódicos e visuais (SCHRÖDER, 2018, p. 204), os quais servem de ‘pistas de contextualização’ (cf. GUMPERZ, 1982) que auxiliam na interpretação dos enunciados dos interlocutores.

⁵⁹ Tradução nossa: “the semiotic-functional approach moves beyond a concern with the relation of linguistic reference to knowledge and considers language use as a form of social action, most particularly, as communicative action. From this perspective, reflexive activity is essential to language use. Metacomunicative and metalinguistic activity takes place all the time to help structure ongoing linguistic activity.”

metalinguística da linguagem pode ser chamado de ‘metapragmática’ (SILVERSTEIN, 1993). Desse modo, porquanto a pragmática lida com todas as relações dêiticas entre as formas linguísticas ocorrentes e seus contextos de ocorrência, independentemente se tais contextos são outras formas linguísticas – ou seja, o ‘cotexto’ – ou não especificamente isso, para Silverstein (1993), qualquer que seja o fenômeno pragmático da língua em uso, haverá sempre a possibilidade do envolvimento da ação metapragmática em tal fenômeno em termos de ‘reflexividade’. Em função disso, Silverstein postula a metapragmática como elemento central e necessário para compreendermos a língua em uso:

sem uma função metapragmática simultaneamente em jogo com qualquer (quaisquer) que seja(m) a(s) função(ões) pragmática(s) que exista(m) na interação discursiva, não há possibilidade de coerência interacional, visto que não há uma estrutura de enquadre – neste caso, a estrutura do texto interacional – no qual origens dêiticas ou centralizadoras são relacionáveis umas às outras como contribuições agregadas a algum(ns) evento(s) realizável(eis) e segmentável(eis). (SILVERSTEIN, 1993, p. 36-37)⁶⁰

A função metapragmática supera a trivialidade ou o mero acaso; ela organiza os índices em eventos interpretáveis conforme o tipo de ação ou atividade que o uso da língua em interação constitui. Conforme Silverstein (1993), para que qualquer interação conversacional tenha coerência, deve-se haver pelo menos um modelo (necessariamente metapragmático) do que está em curso no nível pragmático: um modelo que confira algum tipo de estrutura coesiva à interação.

Por exemplo, numa interação configurada como ‘discussão’, a organização e preparação dos índices nessa troca são geridas pelo esforço de insultar alguém. Assim, um falante A pode ver uma troca como uma representação de um texto interacional denominado ‘discussão’, cuja interpretação será acompanhada por certos índices considerados ‘insultos’. Em contrapartida, o interlocutor pode entender essa mesma troca como ‘uma simples brincadeira’, com a interpretação dos mesmos índices como ‘gozação’ (MERTZ; YOVEL, 2009). A questão será então como os interactantes usam a língua para se referir ao significado, ou uso pragmático, daquilo sobre o que estão falando.

Posto isso, conforme Lucy (1993) e Silverstein (1993), a metapragmática está interligada de tal sorte à pragmática no cerne gramatical estruturante da língua, que a comunicação só é possível na prática dado o enquadre provido pela dimensão metapragmática

⁶⁰Tradução nossa: “without a metapragmatic function simultaneously in play with whatever pragmatic function(s) there may be in discursive interaction, there is no possibility of interactional coherence, since there is no framework of structure – here, interactional text structure – in which indexical origins or centrings are relatable one to another as aggregated contributions to some segmentable, accomplishable event(s).” (SILVERSTEIN, 1993, p. 36-37)

dos enunciados nos eventos comunicativos. A metalinguagem, portanto, cria, organiza e forma a estrutura linguística, bem como o fluxo da fala-em-interação (MERTZ; YOVEL, 2009).

Esse mesmo fato estruturador e modelador do discurso, segundo Mertz e Yovel (2009), foi notado por Gumperz (1982) quando ele trata em suas pesquisas das ‘pistas de contextualização e convenções’, assim como da ‘inferência conversacional’:

se a interpretação pressupõe cooperação conversacional e se tal cooperação deve ser alcançada por meio de entendimento tácito expressado na fala, então as teorias de interpretação não podem se apoiar em discussões entre significados literais e não literais ou atos de fala diretos e indiretos. O conhecimento de mundo e pressupostos socioculturais não devem ser vistos como meramente acrescentando legendas adicionais ao – ou clarificando o – que apreendemos do significado proposicional dos enunciados (GUMPERZ, 1982, p. 207).⁶¹

Vê-se na argumentação de Gumperz (1982) que, de modo a se comunicar adequadamente, os falantes fazem inferências acerca da estrutura global da conversa: eles avaliam, por exemplo, com base em muitas pistas contextuais, se uma troca linguística é uma simples troca trivial de cumprimentos, uma discussão, ou mesmo uma troca importante de informações. É a esse nível estruturador que Silverstein (1993) se refere como ‘metapragmático’, em função dos cálculos contínuos, realizados pelos interlocutores em um meta-nível, concernentes à pragmática da troca interacional. Gumperz (1982) conecta esse nível abrangente de estruturação metapragmática, ou inferência conversacional, com os sinais pragmático-conversacionais exibidos minuto-após-minuto, os quais permitem aos falantes fazer avaliações e expressar intenções. Esses sinais são ‘pistas de contextualização’ (GUMPERZ, 1982, p. 131), isto é, constelações de traços instanciados na superfície da forma linguística que veicula a mensagem. Esses traços possibilitam aos falantes discernir a estrutura global, o significado semântico e as conexões entre as partes dos enunciados (MERTZ; YOVEL, 2009).

Desse modo, segundo Mertz e Yovel (2009), uma vez que o falante se confronta com inúmeras possibilidades para enquadrar e executar sua fala, a língua se torna tanto menos um sistema rigoroso de representação (cf. WITTGENSTEIN, 1922) e mais um enquadramento para a comunicação (cf. BATESON, 1972 [1950]), o qual envolve o uso complexo de enquadres e mudanças de *footing*⁶² (cf. GOFFMAN, 1979), bem como atributos da fala, a saber, poéticos,

⁶¹ Tradução nossa: “if interpretation presupposes conversational cooperation and if such cooperation must be achieved through tacit understanding conveyed in talk, then theories of interpretation cannot rest on distinctions between literal and nonliteral meanings or direct and indirect speech acts. Knowledge of the world and socio-cultural presuppositions must not be regarded as merely adding additional subtitles to or clarifying what we learn from the propositional meaning of utterances.” (GUMPERZ, 1982, p. 1982, p. 207).

⁶² Para Goffman (1979, p. 128), o *footing* é o alinhamento, ou o porte, ou o posicionamento, ou a postura ou a projeção do eu do participante / participant’s alignment, or set, or stance, or posture, or projected self. De acordo com Ribeiro e Garcez (2002, p. 262), “essa projeção pode ser mantida através de um trecho de comportamento que pode ser mais longo ou mais curto do

estéticos, entre outros (cf. JAKOBSON, 2010 [1960]). Esses elementos moldam, dependem do e manipulam o contexto comunicativo de qualquer interação linguística, incluindo aspectos das relações interpessoais e dinâmicas de poder entre os falantes. Mertz e Yovel (2009, p. 250) afirmam que, por vezes, os participantes de uma interação conversacional reconhecem explicitamente um nível metalinguístico que estrutura sua conversa; outras vezes, o papel estruturador da metalinguagem pode ser parcialmente ou totalmente encoberto, operando de maneiras súbitas das quais os falantes podem estar parcialmente ou totalmente inconscientes. Não obstante, mesmo nessas instâncias de consciência parcial – ou mesmo mal compreensão total – da metalinguagem, o enquadramento da interação linguística pode ser auxiliado pela metalinguagem. Os interlocutores em uma interação apresentam, portanto, vários graus de consciência da metalinguagem e de sua função no evento comunicativo. Esse reconhecimento da ação de elementos metalinguísticos na fala-em-interação é chamado de ‘consciência metalinguística’ (MERTZ; YOVEL, 2009) ou ‘consciência metapragmática’ (VERSCHUEREN, 1998). A seguir, tratamos desse conceito muito caro ao campo da metapragmática.

2.1.1 Consciência Metapragmática

Para desenvolver sua noção de ‘consciência metapragmática’, Verschueren (1998) adota uma perspectiva pragmática cujo pano de fundo teórico concebe a língua em uso como um processo adaptável e negociável de escolhas linguísticas, tanto na produção quanto na interpretação linguístico-comunicativa, em que os usuários dispõem de uma gama variável de opções linguísticas durante o esforço interativo e colaborativo para a geração e negociação de sentidos. Essas escolhas linguísticas acontecem em variados graus de consciência ou saliência.

Conforme o autor, estão envolvidos na língua em uso processos de geração de sentido altamente dinâmicos os quais ocorrem num ‘meio de adaptabilidade’, que poderia ser chamado de ‘mente em sociedade’ (VYGOTSKI, 1978). Cumpre comentar que esse meio de adaptabilidade asseverado por Verschueren (1998) pode também ser equiparado à noção de ‘cognição socialmente compartilhada’ (SCHEGLOFF, 1991), pelo fato de

que uma frase gramatical, estando implícitos segmentos prosódicos, não segmentos sintáticos, bem como outras pistas de contextualização”.

compreensão compartilhada acerca da importância ou efeito de um enunciado pelos participantes de uma conversa ser parte do que seria entendido por intersubjetividade, que, por seu turno, é parte do que seria chamado de cognição socialmente compartilhada (SCHEGLOFF, 1991, p. 168).⁶³

Esse meio de adaptabilidade é caracterizado por fenômenos cognitivos cujo funcionamento ganha mais visibilidade quando a linguagem está em uso, a saber, percepção e representação, planejamento e memória. No funcionamento desses mecanismos cognitivos, os processos de geração de sentido não somente são determinados por tais mecanismos, como também ocupam um *status* em relação ao meio de adaptabilidade. Isso quer dizer que nem tudo o que acontece no comportamento linguístico ocupa o mesmo lugar na consciência – ou foco de atenção – do falante-ouvinte. Ou seja, há graus de saliência envolvidos nos processos de geração e interpretação de sentidos.

Essa ‘saliência’ (ou consciência), como é diagramado na imagem 7 adiante, presente no processo de escolhas linguísticas, encerra dentro de seu escopo todos os processos operantes na escolha das estruturas ancoradas no contexto, o qual contribui para o funcionamento significativo da língua(gem). Em outras palavras, “os usuários da língua sabem mais ou menos o que estão fazendo quando usam a língua. O automonitoramento, qualquer que seja seu nível de saliência, está sempre acontecendo [na língua em uso]” (VERSCHUEREN, 1998, p. 58).⁶⁴

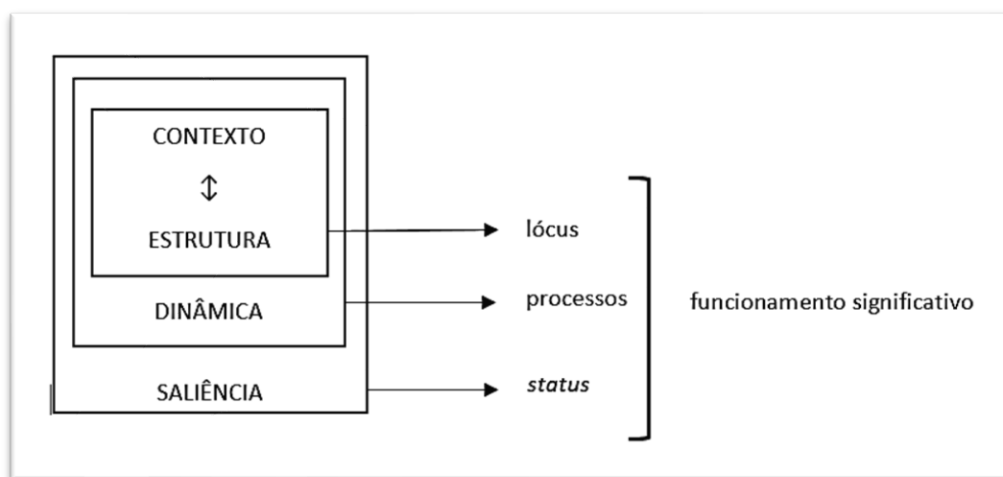


Imagem 7: Estrutura de uma teoria pragmática. Fonte: Verschueren (1998, p. 59).

É esse aspecto geral da língua em uso em relação ao meio de adaptabilidade – da ‘cognição partilhada’ – que Verschueren (1998, p. 58) chama de ‘consciência reflexiva’

⁶³ Tradução nossa: “[...] shared understanding by the coparticipants in conversation of the import or upshot of an utterance is part of what would be meant by intersubjectivity, and this, in turn, is part of what would be meant by socially shared cognition.”

⁶⁴ Tradução nossa: “language users know more or less what they are doing when using language. Self-monitoring, at whatever level of salience, is always going on” (VERSCHUEREN, 1998, p. 58).

(*reflexive awareness*) ou ‘consciência metapragmática’ (*metapragmatics awareness*),⁶⁵ isto é, a capacidade que o indivíduo tem de refletir sobre o uso da língua e os efeitos dela no contexto de uso. Para o autor, o estudo desse tipo de consciência é primordial para o entendimento do comportamento linguístico, uma vez que a língua em uso, tal como qualquer outra forma de ação social, é interpretada – num sentido de que os interlocutores envolvidos atribuem sentido a suas ações, de modo que as interpretações dos interlocutores se tornam parte e parcela do que precisa ser descrito e explicado pela teoria e empiria linguísticas.

É imperativo destacar que a ‘consciência’ (*awareness*) não é mensurável, e a própria noção favorece a especulação, o que pode ruir o intento da pragmática enquanto um empreendimento empírico. Entretanto, o automonitoramento, em qualquer grau de consciência – ou saliência – deixa traços linguísticos identificáveis.

No tocante a tais traços linguísticos, Verschueren (1998, p. 60) elenca alguns indicadores da consciência metapragmática: (a) todos os *shifters*⁶⁶ de Jakobson (1984), tais como pronomes pessoais (eu, tu, eles), expressões dêiticas (este, essa, isso), etc.; (b) as pistas de contextualização de Gumperz (1982), troca de código, por exemplo; (c) partículas ou marcadores discursivos / pragmáticos, como “eu acho”, “sabe”, “na verdade”; (d) advérbios sentenciais, tais como “francamente”, “lamentavelmente”; (e) *hedges*, “a saber”, “tipo”, “de certo modo”; (f) instâncias de menção, por exemplo, discurso reportado e discurso direto, entre outros. O quadro abaixo reúne alguns indicadores de consciência metapragmática:

Metalinguagem explícita	Metalinguagem implícita
- descrições metapragmáticas (e.g.: por meio de itens lexicais metapragmáticos, tais como verbos performativos ou verbos indicadores de atos de fala)	- muitos dos <i>shifters</i>
- expressões autorreferenciais	- expressões dêiticas (tempos verbais, pronomes, etc.)
- partículas ou marcadores discursivos / pragmáticos	- aspecto
- advérbios sentenciais	- modo e modalidade
- <i>hedges</i>	- (alguns) indiciais (<i>evidentials</i>)
- <i>links</i> intertextuais explícitos	- pistas de contextualização (e.g.: padrões prosódicos, troca de código, etc)
- discurso direto e/ou reportado	- vozes ‘implícitas’
- menção (vs. uso)	- nomes próprios (e.g.: C/C de Jakobson, 1984)
- alguns <i>shifters</i> (e.g.: alguns dêiticos)	
- algumas pistas de contextualização (muitas das categorias acima também podem ser incluídas nesta categoria das pistas)	

Quadro 2: Indicadores de consciência metapragmática. Fonte: Verschueren (1998, p. 61).

⁶⁵Mertz e Yovel (2009) usam o termo ‘consciência metalinguística’ (*metalinguistic awareness*) para denotar o mesmo fenômeno.

⁶⁶ De acordo com Hübler (2011, p. 117), por exemplo, o *shifter* ‘você’ (*you*) é um pronome que adquire seu significado referencial específico conforme a situação comunicativa. Essa atribuição de significado dependente do contexto é, pois, resultado de um raciocínio metapragmático, tanto da parte do falante quanto da parte do interlocutor.

O quadro 2 acima serve apenas para fornecer uma referência das categorias às quais pertencem certas instâncias linguísticas. Tendo isso em mente, a consciência metapragmática é instanciada por meio de traços linguísticos que caracterizam e permitem identificar atos metacomunicativos (ou metalinguísticos), sobre os quais trataremos na seção a seguir.

2.1.2 Atos metacomunicativos e suas funções

Nesta seção, conceituaremos a noção de atos metacomunicativos e as exemplificaremos, de modo a ilustrar como o fenômeno da metalinguagem, seja explícita, seja implicitamente, se manifesta na língua em uso, especificamente na fala-em-interação.

Como visto nas seções anteriores, nas mãos dos interactantes engajados em uma situação interacional repousam os recursos, as estratégias e as atos metacomunicativos e metalinguísticos para coconstruírem e negociarem sentidos. Desse modo, o indivíduo é capaz de se distanciar da língua enquanto instrumento para comunicação e concentrar-se nela, de modo a falar sobre ela, referir-se a ela, ou mesmo refletir sobre ela (HÜBLER; BUBLITZ, 2007, p. 2). Em outras palavras, quando

o locutor avalia, corrige, ajusta, comenta a forma do dizer; ou, então, reflete sobre sua enunciação, expressando a sua posição, o grau de adesão, de conhecimento, atenuações, juízos de valor etc., tanto em relação àquilo que está a dizer, como em relação a outros ‘ditos’ (KOCH, 2015, p. 118-119).

O locutor, portanto, coloca em ação ‘estratégias metadiscursivas’ (KOCH, 2015, p. 118-119) – ou, nas palavras de Caffi (1984), ‘atos metacomunicativos’. Conforme Borillo (1985), há, sobremaneira, três formas de intervenção metadiscursiva (ou metacomunicativa) na fala-em-interação:

- (i) a referência ao discurso para explicar o código, que é retirado do contexto em sua realidade linguística, ou, pelo contrário, de seu funcionamento e utilização.
- (ii) a referência ao discurso como um fato enunciativo para explicar certas condições: sua inteligibilidade, a relação do falante com ele [com o discurso], etc.
- (iii) a referência ao discurso enquanto processo de construção de enunciações; ele [o metadiscorso] explica o processo, a estratégia e a organização argumentativa. (BURILLO, 1985, p. 50)⁶⁷

⁶⁷Tradução nossa: “[...] - il fait référence au discours pour en expliquer le code, celui-ci étant pris hors contexte dans sa réalité linguistique, ou au contraire dans sa mise en fonctionnement et dans son usage. / - il fait référence au discours comme fait énonciatif pour en expliciter certaines conditions: intelligibilité, rapport du locuteur à son dire, etc. / - il fait référence au

O gerenciamento da fala-em-interação por meio das ações comunicativas manifesta-se por diferentes meios, estratégias e ações, como, por exemplo, o reparo, uma ação cujo objetivo é o de principalmente assegurar a compreensão intersubjetiva. No reparo, um dos participantes – senão o próprio falante – localiza na fala (anterior), um problema a ser tratado, o qual pode ou não ser resolvido com sucesso. Para ilustrar, vejamos um excerto, retirado de Schegloff (1992, p. 1318), da conversa telefônica entre um funcionário dos bombeiros (D) e uma pessoa (C) que telefonara para informar algo:

Exemplo 1

D: agora qual o número daquela casa que você disse=
=[que estava-]
C: =[não há telefone. Não]
D: senhor?
C: não há telefone mesmo.
D:→ não. eu quis dizer o eh número de endereço da casa, [Vo-]
C: [trinta e um zero
um]
D: trinta e um zero um.⁶⁸

No exemplo acima, o reparo está indicado pela seta. Há uma interrupção no fluxo da conversa: o falante D, ao notar que sua fala causou um mal-entendido entre ele e seu interlocutor C, por meio do reparo, no qual traz ao foco da conversa algo dito por ele mesmo anteriormente, esclarece sua fala de modo a desambiguar a proposição e, dessa maneira, sanar o problema de compreensão. Sendo assim, considerando como marca limítrofe entre comunicação e metacomunicação a quebra no fluxo dialógico em curso (HÜBLER, 2011, p.113), ou seja, uma interrupção nas ações conversacionais, o reparo é um exemplo prototípico de realização de um ato metacomunicativo.

Outro exemplo, retirado do *corpus* disponibilizado pelo Centro de Pesquisa ‘Comunicação Intercultural em Interações Multimodais’,⁶⁹ da UFMG, ilustra uma outra manifestação de um ato metacomunicativo:

discours en tant que mise en construction d'énoncés ; il en explicite le déroulement, la stratégie, l'organisation argumentative” (BURILLO, 1985, p. 50).

⁶⁸ Tradução nossa: now what was that house number you said you were/ no phone.no. / sir? / no phone at all. / no. I mean the uh house number, Y- / thirty eight oh one? / thirty eight oh one.

⁶⁹ Intercultural Communication in Multimodal Interactions – ICMI (website: <http://www.letras.ufmg.br/padrao/cms/index.php?web=icmi&lang=1&page=&menu=&tipo=1>).

Exemplo 2

2014MuBr02 ((11:24-11:40))

01 B3: lá os laboraTÓrios e as coisas que eles têm aqui pra para
utilizaçÃo;
02 que eles disponibiLizam pra qualquer tipo de estudo;=
03 =do que tu vai fazer no no do instiTUTO;
04 de TUDO é um (.) troço fenomenal assim.
05 B2: ((tosse))
06 (-)
07 B1: uhum
08 (1.5)
09 B2: °h é: <<levantando o dedo indicador em direção a B4> eu Acho> que
Eu conCORdo com você;=
10 =tipo em termos do CURso;
11 e a compreensão das Aulas,

Como se pode observar na linha 9, o enunciado de B2⁷⁰ – indicado pela seta – é um ato metacomunicativo que pode ser classificado como um ‘ato de fala metacomunicativo’ (MEYER-HERMANN, 1978 *apud* CAFFI, 1984, p. 458), por referir-se ao ato de fala anterior de forma explícita. Caffi (1984, p. 459) comenta que existem atos de fala metacomunicativos mais específicos, como, por exemplo, comentários, anúncios, esclarecimentos. No caso desta ocorrência, classificamo-la como uma declaração/anúncio que B2 faz do ato de fala que ele performa, ou seja, o ato de concordar: °h é: eu Acho que eu conCORdo com você;. Se observamos as pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) utilizadas por B2, o ato metacomunicativo é salientado pelo acento focal no verbo que indica o ato ilocucionário. Ainda, a ação de concordar é reforçada pelo prolongamento vocálico do item *é*, que, por si só, no contexto em que ocorre, manifesta concordância com a fala de B4. Tal ato metacomunicativo fomenta um alinhamento de B2 a B4, direcionando a maneira como ela deve interpretar a contribuição dele.

Com os dois exemplos fornecidos anteriormente, podemos observar que a função basilar dos atos metacomunicativos é certamente o (auto)monitoramento (HÜBLER; BUBLITZ, 2007). Todavia, de acordo com Hübler e Bublitz (2007, p. 17), outras funções mais específicas podem ser agregadas conforme o contexto em que um ato metacomunicativo acontece:

- a) O enunciado pode expressar a atitude negativa do falante: a repetitividade pode incomodá-lo;

⁷⁰ Os participantes dessa ‘conversa eliciada’ (cf. KASPER, 2008) foram identificados com os seguintes códigos: B1, B2 e B3 são estudantes universitários brasileiros e B4 é também estudante universitária brasileira. Todos estavam fazendo intercâmbio acadêmico na cidade de Münster, Alemanha, no ano de 2014.

- b) O enunciado poderia, deliberadamente, ameaçar a face, sendo provocativo e, por consequência, mostrando uma intenção conflitante;
- c) O enunciado poderia contar como uma tentativa do falante de ganhar o piso (*floor*) ou induzir uma troca de tópico;
- d) O falante pode querer subscrever a uma norma (culturalmente específica) de brevidade e concisão, que ele(a), pois, reforça;
- e) O falante, por meio do enunciado, pode se descrever como sendo crítico e assertivo, com um *status* social que o permite enunciar algo do tipo, isto é, enunciados altamente valorativos.

Hübler e Bublitz (2007, p. 17-18) comentam ainda que funções comunicativas podem ser relacionadas a essas funções metacomunicativas, a saber: função avaliativa; função conflitante (ameaçadora de face); função organizadora (tomada de turno, gerenciamento de tópico, coerência); função mantenedora de normas comunicativas; e função criadora e modificadora de identidade. Quando conjugadas as funções metacomunicativas às funções comunicativas, seu agrupamento pode ser organizado em três grandes grupos com várias subfunções:

- (i) Avaliação
- (ii) Orientação para (a) a comunicação:
 - (inter)pessoal
 - conflitante (ameaçadora de face)
 - afiliativa
 - expressiva
 - relacionado (b) aos meios:
 - organizador
 - negociador de significado linguístico
 - definidor do melhor código (a melhor construção para expressar uma ideia)
- (iii) Instrumentalizada para:
 - reforçar uma norma comunicativa
 - construir identidade.

Embora forneçam a elaboração de uma taxonomia funcional para dar conta de uma ampla gama de possibilidades fenomênicas no tocante à metacomunicação, Hübler e Bublitz (2007) não objetivam exaurir as possibilidades de outras funções mais específicas e contextuais

aparecerem nas mais variadas situações de uso da língua. Sendo assim, os autores comentam que enunciados metapragmáticos podem inclusive exercer funções diferentes daquela de (auto)monitoramento. O discurso reportado, por exemplo, é um tipo de enunciado que dá proeminência a modos particulares de atividade metapragmática. Eles afirmam que, como tal, o discurso reportado pode ser dispensado de qualquer comentário⁷¹ ((auto)reflexivo) e, portanto, sem a função basilar de (auto)monitoramento. Pode-se destacar algumas funções metapragmáticas para o discurso reportado: o uso avaliativo, o uso provocativo, o uso consensual, o uso construtor de identidade. No exemplo 3 a seguir, temos um exemplo de uso avaliativo do discurso reportado que indica um certo grau de consciência metapragmática por parte do falante corrente. No excerto, A1 e A2 relatam sua experiência de relacionamento com seus professores brasileiros:

Exemplo 3

2012Uba1Su01 ((63:16-63:35))

- 01 A1: how_HOW do you compare the relation between students a::nd (.)
teachers in brazil and your cOUntry.
como você compara a relação entre os alunos e os professores no brasil e no seu país.
- 02 like ↑THIS every every every of my of my mAle teachers came in,
tipo isso cada cada cada um do meus professores homens vieram
- 03 like ((faz gesto de comprimir por bater as mãos)) you see,
tipo sabe,
- 04 A2: on the street TOO: <<acc> (by the way)>;
na rua também à propósito
- 05 and (.) my PHYsics teacher.
e meu professor de física
- 06 he's like a (HOMie) of me i don't know;
ele é tipo um (mano) meu eu não sei
- 07 A1: [´yEa:h]
sim
- 08→ A2: [and then] <<f, sorrindo, acenando com a mão> ↑HEY::;> and
then-
e então oi e então
- 10 ((abana a cabeça 0.3))

A princípio, vê-se que, na linha 8, A2 não faz uso de nenhuma estrutura sintática para introduzir o enunciado reportado, tais como *he says / said* (“ele diz/disse”), muito embora o

⁷¹ Os autores se referem a comentários por meio dos quais o discurso reportado pode ser conectado a um elemento de comentário que o enquadra com um sintagma verbal enviesado por alguma atitude, por exemplo, “ele reivindicou” ou “ele bravejou”.

enunciado reportado seja introduzido pela estrutura *and then* (“e então”). Para distinguir a saudação reportada do professor de física ([and then] <<f, sorrindo, acenando com a mão> ↑_{HEY}::;>),⁷² A2 faz uso de traços prosódicos, como, por exemplo, uma mudança no volume da voz: ele a intensifica, deixando-a mais alta, mais forte. Corroborando tal mudança de volume, A2 realiza um pequeno pulo entonacional para cima, bem como produz um prolongamento vocálico no item lexical _{HEY}, usado pelo professor para saudar A2. Nota-se com esses recursos prosódicos, como assevera Günthner (1999, p. 687), que eles são fundamentais para o falante – nesse caso A2 – sinalizar não somente onde o enunciado reportado começa e onde ele termina, mas também sinalizar a quem tal enunciado reportado pertence – nesse caso ao professor de física. Pode-se notar ainda que o uso dos recursos prosódicos feitos por A2 diferenciam a voz dele, que está ancorada no mundo reportado, e a voz de seu professor, personagem do mundo da história, o qual é reportado como alguém entusiasmado e festivo ao encontrar e saudar A2 na rua: o aumento no volume de voz e o prolongamento vocálico estilizam o enunciado do professor de física com um valor de entusiasmo.

Além disso, é imperativo comentar o comportamento visual-corporal de A2 no ato de reportar o enunciado de seu professor, o qual dá suporte a característica metalinguística/metapragmática de sua ação conversacional. Nota-se que o enunciado <<f, sorrindo, acenando com a mão> ↑_{HEY}::;> é proferido entre um sorriso, o qual indica a avaliação positiva atribuída por A2 à fala reportada do professor, ou seja, uma saudação animada. Reforçando tal apreciação positiva de A2 está o gesto de aceno com a mão que ele executa ao reencenar o ato de fala de seu professor. Vale ressaltar que tal reencenação é feita de maneira entusiasmada, como se vê na imagem 8 abaixo.

⁷² Conferir as convenções de transcrição GAT 2 no capítulo metodológico.



Imagem 8: A2 (à direita) acena com a mão ao reencenar o discurso reportado de seu professor.

Com este exemplo, podemos observar que, no ato de produzir um discurso reportado, tem-se “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação” (BAKHTIN, 2009, p. 150), o qual é, ao mesmo tempo, “um *discurso sobre o discurso*, uma *enunciação sobre a enunciação*” (*ibid*, destaque do autor), ou seja, ato metacomunicativo.

Com efeito, pode-se notar a avaliação feita por A2 sobre o enunciado de seu professor como algo positivo, um enunciado que fora, em seu contexto original, proferido de tal sorte que, ao reportá-lo em um novo contexto conversacional, A2 atribuiu-lhe um valor de entusiasmo, algo positivo. Destarte, no momento de rememoração e citação da fala de outrem, o falante emite, portanto, uma atitude valorativa acerca do enunciado que está reportando.

2.1.3 Atos Metacomunicativos e o Gerenciamento da relação

Como visto na sessão 2.1, Bateson (1972 [1950], p. 188) assevera que as mensagens metacomunicativas servem à manutenção das relações interpessoais na interação: essas mensagens, explícita ou implicitamente, fornecem ao interlocutor instruções para – ou o ajudam a – interpretar o conteúdo linguístico-conversacional dentro do enquadre (*frame*) estabelecido por elas. Dessa maneira, esses atos metacomunicativos instauram um momento na interação no qual, conforme Hilgert (2014),⁷³ o falante comenta e avalia seu próprio dizer, qualificando o sentido de suas atitudes linguístico-conversacionais; o que revela a consciência metapragmática

⁷³ Em seu artigo, Hilgert (2014) utiliza o termo ‘intervenção metaenunciativa’.

do falante no que se refere à manutenção da relação de harmonia estabelecida entre ele e seus interlocutores.

Dito isso, torna-se basilar nesta pesquisa o conceito de *rapport management* – gerenciamento da relação –⁷⁴ (SPENCER-OATEY, 2007; 2008), visto que, *grosso modo*, o conceito trata da manutenção das relações de harmonia-desarmonia entre os participantes de uma interação. Ademais, como afirmado na introdução, partimos da hipótese de que as conceptualizações culturais de valor negativo comunicadas pelos falantes tanto paraenses quanto mineiros comprometam a harmonia das relações interpessoais estabelecidas entre eles na conversa, consequentemente as manifestações de atos metacomunicativos emergem, de modo a atuar no gerenciamento da relação.

Spencer-Oatey (2007; 2008) desenvolveu o conceito de ‘gerenciamento da relação’ para descrever a maneira como as pessoas administram a harmonia-desarmonia entre si numa interação. De acordo com a autora, o termo *rapport* refere-se às percepções subjetivas das pessoas acerca da harmonia-desarmonia, da tranquilidade-turbulência e da cordialidade-dureza nas relações interpessoais instauradas na interação social. Logo, o gerenciamento da relação refere-se aos meios pelos quais as pessoas bem (ou mal) gerenciam o grau de entendimento e avença na interação.

Spencer-Oatey (2008, p. 12) opta pelo termo ‘gerenciamento da relação’ por este ser mais abrangente que o termo ‘gerenciamento de face’.⁷⁵ O gerenciamento da relação inclui não somente a análise da maneira como a língua é usada para construir, manter e/ou ameaçar as relações sociais – pressuposto no ‘gerenciamento de face’, mas também inclui a análise do gerenciamento dos direitos e obrigações sociais e objetivos interacionais. Segundo a autora, o termo ‘face’ parece focalizar sobremaneira nas necessidades e preocupações do eu-indivíduo (*self*), enquanto que o termo ‘gerenciamento da relação’ sugere um equilíbrio entre as necessidades do eu (*self*) e do outro, ou seja, do falante e do seu interlocutor.

Spencer-Oatey (2008) elenca três componentes interconectados e subsumidos no ‘gerenciamento da relação’, a saber: (i) gerenciamento de face; (ii) gerenciamento direitos de socialidade e obrigações; e (iii) gerenciamento de objetivos interacionais. No tocante a (i), o gerenciamento de face, há nesse componente a manutenção das sensibilidades da face. A autora, a propósito, segue o conceito de face de Goffman (2011 [1967], p. 15), o qual define ‘face’

⁷⁴ Tradução nossa do termo.

⁷⁵ Pensamos que o termo ‘gerenciamento de face’ faz também referência ao termo ‘trabalho de face’ (*face-work*) de Goffman (2011 [1967]). Conforme o sociólogo, o trabalho de face consiste nas “ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo conscientemente com a fachada [face]. A preservação da fachada serve para neutralizar “incidentes” – quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada (p. 22)”.

como o valor social positivo que uma pessoa clama para si efetivamente por meio da linha (*footing*) que os seus interlocutores presumem que ela tenha adotado durante uma interação em particular. De acordo com Spencer-Oatey (2009, p. 109), a face diz respeito ao senso de valor, dignidade e identidade da pessoa; está associada a questões como respeito, honra, reputação e competência.

Em linhas gerais, conforme Spencer-Oatey (2008, p. 14), a face está intimamente relacionada ao senso de identidade ou ‘conceito-do-eu’ (*self-concept*) que a pessoa tem de si. Esse conceito-do-eu pode ser uma identidade individual (*individual identity*) – da pessoa enquanto indivíduo em si; uma identidade coletiva ou de grupo (*group or collective identity*) – do sentimento de pertencimento a um grupo; e uma identidade relacional (*relational identity*) – sua identidade dentro de um relacionamento com o outros (e.g.: professor-aluno, pai-filho). A esses três aspectos, as pessoas geralmente conferem atributos ou características, tais como traços de personalidade, características físicas, crenças, afiliação linguística, entre outros. Sendo assim, alguns aspectos são positivamente valorados (e.g.: esperto, caloroso emocionalmente), outros negativamente valorados (e.g.: desconfiado, frio emocionalmente) e outros ainda neutros. Comumente, as pessoas têm o desejo de ser positivamente valoradas, isto é, que os outros as apreciem positivamente, destacando implícita ou explicitamente suas qualidades positivas e não as negativas. Portanto, em uma interação social, há um jogo de ‘trabalho de face’ (GOFFMAN, (2011 [1967]), p. 22) no qual ambos, falante e interlocutor(es), tentam manter a face minimizando a possibilidade de ameaçar a face um do outro.

Convém ainda comentar que Spencer-Oatey (2008) salienta que os atributos aos quais a face da pessoa é sensível podem ser aplicados tanto à pessoa enquanto indivíduo quanto à comunidade à qual tal pessoa pertence ou se identifica. Tomemos o atributo ‘talentoso(a)’. Uma pessoa pode se considerar uma professora talentosa por exemplo. Essa mesma pessoa pode considerar o grupo (ou comunidade) ao qual ela pertence também talentoso – uma família talentosa ou um corpo docente talentoso(a).

Quanto ao componente (ii), os direitos de socialidade e obrigações, estes também influenciam no gerenciamento da relação, uma vez que os interactantes se consideram portadores de uma gama de direitos de socialidade e obrigações em relação a outras pessoas. Precisamente, as pessoas têm tanto o direito de esperar certos comportamentos e/ou atitudes de seus interlocutores quanto a obrigação de ter determinados comportamentos e/ou atitudes para com eles (SPENCER-OATEY, 2009, p. 106). Os interactantes consequentemente alicerçam sua conduta com base em um ou mais fatores típicos, os quais estão resumidos no quadro a seguir:

Diretrizes de percepção dos direitos de socialidade e obrigações	Tipos de comportamentos esperados do eu e do outro
Acordos contratuais/legais e exigências sociais	Expectativas comportamentais baseadas em contratos de negócios ou contratos de outra natureza, bem como exigências sociais tais como oportunidades iguais de emprego e prevenção de comportamento discriminatório.
Conceptualizações explícitas e implícitas dos papéis e posições	Expectativas comportamentais associadas a papéis e posições sociais. Embora possam ser contratualmente baseadas (e.g.: deveres especificados em contrato), em geral tais comportamentos relacionados ao papel/posição social são tacitamente estabelecidos. Eles incluem três elementos-chave: igualdade-desigualdade; distância-proximidade; e direitos e obrigações da relação dos papéis.
Convenções comportamentais, estilos e protocolos	Expectativas comportamentais associados às convenções, aos estilos e aos protocolos que as pessoas usam numa interação social. Por exemplo, grupos de trabalho frequentemente desenvolvem convenções para lidar com reuniões de equipe: uma pauta a ser seguida (rigorosamente ou não), mapeamento dos lugares onde os membros da equipe sentarão conforme papel ou status na equipe, etc.

Quadro 3: Diretrizes de direitos e obrigações. Traduzido e adaptado de Spencer-Oatey (2008, p. 15).

As pessoas, portanto, desenvolvem expectativas de comportamento de acordo com sua percepção de direitos e obrigações sociais. Se tais expectativas não são atendidas, a relação interpessoal pode ser afetada. Isso é muito comum quando os interactantes apresentam expectativas comportamentais de natureza divergente, o que pode ser o caso de situações de interação intercultural, haja vista que os modelos cognitivo-culturais subjacentes às expectativas dos interagentes podem variar de tal modo que um conflito de expectativas pode ser inevitável.

Spencer-Oatey (2008, p. 15-17) nos lembra ainda que as pessoas desenvolvem concepções sobre comportamentos adequados de acordo com o que acontece típica e frequentemente em um dado contexto, por consequência elas esperam que tais comportamentos aconteçam em contextos semelhantes. Logo, tanto um senso de como o interlocutor deve ou não deve se comportar quanto os efeitos desses comportamentos são associados a tais comportamentos. Para ilustrar, consideremos um contexto típico e comum: a compra e venda

de um bem ou serviço. Um vendedor tem a obrigação de ser solícito e atencioso com o cliente, assim como tem o direito de esperar que o cliente não seja abusivo ou ofensivo e pague pelos bens ou serviços oferecidos. Como resultado, os interlocutores percebem seus direitos e obrigações em relação aos outros. Se o comportamento esperado não ocorre, um incômodo entre eles pode ser gerado.

Por fim, os objetivos interacionais – componente (iii) – também influenciam no gerenciamento da relação. Em linhas gerais, as pessoas frequentemente têm objetivos específicos quando interagem umas com as outras. Esses objetivos podem ser relacionais, focando na manutenção das relações estabelecidas, ou transacionais, concentradas na tarefa comunicacional a ser cumprida. Há a possibilidade de essas demandas afetarem a relação em termos de frustrações ou incômodos caso os interactantes falhem na consecução de seus objetivos interacionais – ou mesmo na supervalorização deles. Por exemplo, na apreciação de um trabalho acadêmico, o objetivo interacional, a princípio, concentra-se na tarefa comunicativa de emitir um parecer sobre a produção da pessoa sob avaliação, ou seja, algo essencialmente transacional. Se o avaliador não se importar com a dimensão das relações interpessoais, ele pode performar sua ação conversacional, isto é, criticar a produção intelectual do avaliado de maneira ameaçadora à face deste e gerar uma tensão na interação, causando uma desarmonia na relação decorrente do possível constrangimento do avaliado.

O ponto de convergência entre os estudos sobre o ‘gerenciamento da relação’ e os estudos sobre ‘atos metacomunicativos’ está principalmente no âmbito das ‘estratégias de polidez’ (BROWN; LEVINSON, 1986; KERBRAT-ORECHIONI, 2006) utilizadas pelos interactantes, haja vista que os atos metacomunicativos, em geral, servem à manutenção da harmonia das relações interpessoais e da compreensão intersubjetiva.

De acordo com Brown e Levinson (1986), as estratégias de polidez são as ações linguísticas que os falantes performam para comunicar um ‘ato ameaçador de face’ e ainda assim manter a face de seu interlocutor – ou mesmo a própria face. Para os autores, cada ação linguística realizada pelos participantes de uma interação é potencialmente ameaçadora à face um do outro. Por isso, para não comprometer a face de seus interlocutores, bem como não comprometer a própria face, o falante utiliza estratégias que mitigam a potencialidade ameaçadora de seus atos. Desse modo, se o falante decide usar uma estratégia de polidez, é devido ao seu desejo de “mostrar respeito por uma suposta delicadeza emocional do interlocutor [...]” (VILLAÇA; BENTES, 2008, p. 19). Por exemplo, ao fazer uma reclamação – ato ameaçador à face do interlocutor –, o falante pode fazer o uso do humor para a mitigar o efeito ameaçador de sua enunciação sobre a pessoa:

Exemplo ilustrativo:

A: <<sorrindo> nossa (.) esta casa está um primor>

B: Ok já vou arrumar tudo em um minuto

Vê-se no exemplo acima que tanto o recurso do sorriso quanto a construção *um primor* causam um efeito humorístico que atenua o enunciado de A, o qual é uma reclamação acerca da casa bagunça.

No que se refere aos atos metacomunicativos e sua relação com estratégias de polidez, os falantes podem fazer uso ativo e local da dimensão metalinguística da linguagem de acordo com objetivos interacionais em eventos comunicativos e assim fazer uma manutenção das relações sociais na interação. Em outras palavras, se há um conflito durante a conversa e uma tensão é ocasionada entre os participantes, por meio de recursos linguístico-conversacionais – um reparo ou uma inserção, por exemplo – o falante pode suspender o fluxo da conversa e tentar minimizar o conflito, negociando metalinguisticamente o sentido intencionado em sua enunciação anterior. A metalinguagem pode servir, portanto, como uma fonte de estratégias comunicativas num sentido de propiciar ao usuário da língua os recursos linguístico-conversacionais para reportar direta ou indiretamente enunciados anteriores, comentar a performance linguística, o estilo comunicativo ou aspectos retóricos de seus interlocutores e assim poder não somente performar suas ações linguístico-conversacionais como também realizar a manutenção do gerenciamento das relações.

Considerando, portanto, que em uma interação social os interactantes fazem uso de recursos linguístico-conversacionais para comunicar suas conceptualizações culturais, realizar ações metacomunicativas, bem como gerir as relações interpessoais, trataremos a seguir da LI, campo de estudos linguísticos que nos forneceu, sobremaneira, as bases analítico-metodológicas para investigar os fenômenos cognitivos-interacionais instanciados em nossos dados.

2.2 A LINGUÍSTICA INTERACIONAL

Os exemplos fornecidos na seção 1.2 ilustram como um fenômeno cognitivo se materializa na superfície linguística da fala-em-interação. Posto isso, é imperativo que também analisemos como se instauram a conversa e os mecanismos que a organizam, de modo a

descrever de que forma o elemento metalinguístico atua para o funcionamento e estruturação da conversa.

Encontramos na LI, bem como na AC, não somente um aparato metodológico, mas também um quadro teórico frutífero para analisar os fenômenos que objetivamos com esta tese, a saber, a instanciamento de atos metacomunicativos quando conceptualizações culturais são comunicadas na fala-em-interação.

Couper-Kuhlen e Selting (2018, p. 3; SELTING; COUPER-KUHLEN, 2001, p. 1) asseveram que a LI nasceu de um interesse pela língua falada em seu ambiente natural, isto é, a interação social; ela é uma perspectiva sobre a estrutura linguística e seu uso informada pelo habitat natural da língua na ordem da interação. Segundo as autoras, os linguistas interacionais seguem precisamente a observação de Schegloff (1996, p. 54) de que alguns dos traços mais basilares da língua *in natura* são moldados conforme seu ambiente vernacular em uma interação sustentada pela copresença de interlocutores; esses traços emergem como adaptações à interação, ou como parte da ação e trama da interação.

Com efeito, na perspectiva da LI, para que a língua seja analisada em seu habitat natural, métodos empíricos, cuja eficácia mostrou-se bem-sucedida em revelar a estrutura e organização da conversa cotidiana, oriundos da Análise da Conversa (Etnometodológica), devem ser aplicados. Assim sendo, dada sua necessidade de avaliar a estruturação e organização da conversa de modo a compreender o funcionamento da língua, a LI encontra-se imbuída, sobremaneira, das categorias analíticas e métodos da AC, cujo foco investigativo, por muito tempo, repousou nas bases estruturais de interações coordenadas em contextos sociais (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018).

Ademais, de acordo com Barth-Weingarten (2011) e Couper-Kuhlen e Selting (2018), além das raízes fincadas no terreno da AC e da Etnometodologia, a LI também se vale dos campos da Sociolinguística Interacional e da Linguística Antropológica. No tocante à AC e à Etnometodologia,⁷⁶ Barth-Weingarten (2011, p. 79) comenta que muitos conceitos, métodos e instrumentos dessas duas áreas foram emprestados pela LI. Por um lado, a Etnometodologia investiga métodos de senso comum que as pessoas empregam em situações ordinárias de interação social; por outro lado, a AC concentra-se na ordenação das conversas cotidianas como uma instanciamento da ordem social. Logo, estruturas da organização da conversa, tais como

⁷⁶ Convém lembrar que a AC tem uma relação íntima com a Etnometodologia. A mentalidade analítica da AC é oriunda de suas origens etnometodológicas a qual prima pela análise dos fenômenos sociais numa perspectiva do indivíduo em suas práticas sociais cotidianas. Sendo assim, a AC analisa o senso comum, os etnométodos utilizados por pessoas comuns quando engajadas numa interação social, visando a produzir não somente frases, mas ações, a saber, perguntas, respostas, convites, saudações, despedidas (WATSON; GASTALDO, 2015).

tomada de turno, reparo, organização sequencial, referência discursiva, etc., são investigadas por meio de uma microanálise e instrumentos analítico-metodológicos como, por exemplo, o procedimento teste do próximo turno, para inquirir os métodos cotidianos aplicados pelas pessoas para gerir conversações do dia-a-dia. Couper-Kuhlen e Selting (2018, p. 8) sintetizam a influência da AC – bem como da Etnometodologia – sobre a LI da seguinte maneira:

A AC fornece uma maneira única de se pensar sobre a fala-em-interação, uma metodologia rigorosa, bem como uma riqueza de excelentes pesquisas sobre a estrutura sequencial da interação. A Linguística Interacional pode se basear nesse corpo de conhecimento, sustentando os achados da AC com uma análise linguística mais detalhada. Ela pode revelar como recursos linguísticos (e outros recursos) são sistemática e metodologicamente empregados como práticas para implementar e fazer as ações interpretáveis em seus ambientes sequenciais. (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 8)⁷⁷

Sendo assim, de acordo com Barth-Weingarten (2011, p. 78), a LI busca responder a duas perguntas em geral: (a) como padrões linguísticos são moldados pela interação e (b) como tais padrões linguísticos em si moldam a interação. Logo, as formas linguísticas não podem ser analisadas fora de seu co(n)texto de ocorrência.

Concernente à Sociolinguística Interacional, a LI também manifesta interesse pela situação social de uso da língua. Ou seja, ela se debruça sobre como o contexto e a identidade são criados na interação. Por isso, a Teoria da Contextualização é sua base analítica, uma vez que, na perspectiva dessa teoria, o papel das formas linguísticas, bem como outras estruturas não verbais e visual-gestuais são concebidas como meta-pistas para a geração e a interpretação de sentidos em contextos específicos. Os participantes criam, com base nessas pistas de contextualização, o contexto interacional. Dentre tais pistas, podemos encontrar: a postura corporal, os gestos, o olhar, os movimentos prosódicos, a troca de código (*code switching*). Dessa forma,

para entender a organização da fala, precisamos descrever como os recursos verbais, vocais e visuais são utilizados no serviço de performance de ações e atividades na interação social. O uso sistemático desses recursos estabelece práticas para implementar e tornar reconhecíveis as ações e as atividades (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 9)⁷⁸

⁷⁷ Tradução nossa: “CA provides a unique way of thinking about talk-in-interaction, a rigorous methodology, and a wealth of excellent research on the sequential structure of interaction. Interactional Linguistics can build on this body of knowledge, underpinning CA findings with more detailed linguistic analysis. It can reveal how linguistic (and other) resources are systematically and methodically deployed as practices to implement and make actions interpretable in their sequential environments”. (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 8)

⁷⁸ Tradução nossa: “In order to account comprehensively for the organization of talk, we need to describe how interlocutors use verbal, vocal, and visible resources in the service of performing actions and activities in social interaction. The systematic use of these resources constitutes practices designed to implement and make actions and activities recognizable.” (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 9)

Observa-se, portanto, que a LI, para inquirir a contribuição específica da língua no gerenciamento da interação social, leva em consideração todos os modos – ou canais – comunicativos. Convém comentar que, embora argumentem em sua obra acerca da relevância e inserção de aspectos gestuais e visual-corporais na análise da interação social, Couper-Kuhlen e Selting (2018) curiosamente não concentram sua atenção nesses meios comunicacionais mas quase exclusivamente na prosódia. Nesse sentido, a contribuição desta tese está também no preenchimento desta lacuna, isto é, procuramos corroborar os estudos no campo da LI concentrando nossa análise nos gestos, postura dos participantes, expressões faciais, olhar, de modo a abordar as funções metapragmáticas e interacionais desses canais comunicativos.

A respeito da Linguística Antropológica, a LI também está sensível à diversidade cultural das ordens sociais. Tal diversidade é estudada por meio da investigação de sistemas de trocas discursivas e estratégias conversacionais observáveis em contextos culturalmente diferentes. Segundo Couper-Kuhlen e Selting (2018, p. 10), durante os anos de 1980, muitas pesquisas antropológicas centraram-se no uso da língua em comunidades de fala específicas, grupos subculturais, círculos profissionais, contextos de negócios, entre outros, de modo a investigar a forma como tais grupos e instituições interagem em interações cotidianas. Ou seja, a Linguística Antropológica

[e]ncorajou a inclusão de dados oriundos de uma ampla variedade de línguas, (sub)culturas e contextos; ela revelou que as práticas de organização da fala-em-interação variam – ou podem variar – conforme a tipologia da língua. [A Linguística Antropológica] desenvolveu novas formas de se pensar sobre e analisar afetividade, ou manifestações de emoções, na interação; bem como estabeleceu uma metodologia para comparação sociocultural de práticas linguísticas na interação social. (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 12)⁷⁹

Por fim, Barth-Weingarten (2011, p. 80) comenta ainda que a LI tem também influência da tradição discursivo-funcional. Quanto a isso, Couper-Kuhlen e Selting (2018, p. 5) comentam que

[o] terreno para a investigação linguístico-interacional foi preparado por linguistas funcionais em ambos os lados do Atlântico, os quais procuravam motivações para a estrutura linguística na maneira como a língua era usada. Enquanto linguistas sistêmico-funcionais hallidayianos desenvolviam um modelo abstrato de gramática que refletia as funções da linguagem, linguistas discursivo-funcionais observavam o uso da gramática no discurso real, e atribuíam os padrões atestados a funções cognitivas e comunicativas. Todos os funcionalistas concordam que a forma

⁷⁹ Tradução nossa: “it has encouraged the inclusion of data from a wide variety of languages, (sub)cultures, and contexts; it has revealed that the practices of organizing talk-in-interaction (may) vary with language type; it has developed new ways of thinking about and analysing affectivity, or emotion displays, in interaction; and it has established a methodology for the socio-cultural comparison of linguistic practices in social interaction.” (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 12)

linguística é moldada e motivada pela função. (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 5)⁸⁰

Portanto, segundo Barth-Weingarten (2011, p. 80), a LI é uma abordagem de base descritiva e funcional da língua e seu uso. Posto os campos teórico-metodológicos que pavimentam suas bases, a LI utiliza uma série de termos e conceitos oriundos da linguística descritiva. Não obstante, os linguistas interacionais precisam constantemente colmatar a lacuna existente entre as noções linguísticas baseadas numa abordagem autonomista da língua oriunda do gerativismo e os seus próprios achados – geralmente contrários àquela abordagem – baseados na observação do uso linguístico. Barth-Weingarten ressalva que a principal diferença entre a Linguística Interacional e a Linguística Gerativo-transformacional recai na concepção que a primeira tem acerca da língua: esta é um fenômeno fundamentalmente social e situado, o que inclui dois aspectos:

- (a) a língua realiza ações;
- (b) a língua é língua em uso.⁸¹

Por certo, a língua não se produz sozinha; ela serve, porém, aos propósitos dos interlocutores numa interação. Eles objetivam realizar ‘ações’, tais como concordar, avaliar, perguntar, etc., e conseqüentemente executar ‘atividades’, por exemplo, pedir por ajuda ou reunir informações num formulário (cf. SCHEGLOFF, 1997). Assim, a língua fornece aos seus usuários recursos de todos os tipos, a saber, itens lexicais, oracionais, sentenças clivadas e encaixadas, conectivos, perguntas, declarações, imperativos, entre outros, de modo a possibilitá-los a lidar com eventos comunicativos. O emprego sistemático desses recursos linguísticos torna-se em ‘práticas’, isto é, formas recorrentes de concretizarem tarefas particulares na interação (BARTH-WEINGARTEN, 2011).

A LI não se preocupa em analisar somente o que os interlocutores fazem e em que ordem sequencial, mas também a maneira como eles o fazem. Tendo isso em mente, Barth-Weingarten (2011, p. 81) elenca dois grandes questionamentos a serem tratados pela LI:

- (i) que recursos linguísticos são usados para constituir sequências conversacionais particulares e realizar atividades interacionais?

⁸⁰ Tradução nossa: “The ground for interactional linguistic inquiry was prepared by functional linguists on both sides of the Atlantic, who sought motivations for linguistic structure in the way language is used. While Hallidayean systemic functional linguists developed an abstract model of grammar that reflects language functions, discourse functional linguists observed the use of grammar in real discourse and attributed the attested patterns to cognitive and communicative functions. All functionalists agree that linguistic form is shaped and motivated by function” (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2017, p. 5).

⁸¹ Tradução nossa: “Language accomplishes actions, and language is language in use” (BARTH-WEINGARTEN, 2011, p. 80).

- (ii) Que ações interacionais e sequências conversacionais são realizadas por determinados recursos linguísticos?

Pode-se inferir dessas duas perguntas que a LI pressupõe uma investigação da língua em uso, superando a noção de língua como um sistema altamente abstrato. Dito de outro modo, os padrões fonético-fonológicos, a sintaxe, a semântica, o léxico e a morfologia da língua devem ser vistos enquanto ‘corporificados (*embodied*) na interação social’ (BARTH-WEINGARTEN, 2011, p. 81), isto é, observáveis, materializados, na fala-em-interação. Essa visão de língua, conforme Barth-Weingarten (2011) leva a algumas implicações:

- a) Padrões linguísticos são entidades flexíveis e adaptáveis, os quais são colaborativamente realizados;
- b) A relação entre as formas linguísticas e seu contexto sequencial-interacional é reflexiva;
- c) As formas linguísticas são tecidas conforme as necessidades da organização interacional, bem como tecem tal organização interacional;
- d) O emprego de práticas linguísticas específicas em ambiente sequenciais particulares possibilitam a interpretação e, portanto, a realização de ações e atividades características;
- e) Formas linguísticas específicas das línguas moldam a interação de maneira diferente;
- f) Os padrões linguísticos precisam ser investigados em uma perspectiva holística.

Com base na AC, podemos ver as ações realizadas pelos interagentes quando engajados numa conversa. Por seu turno, a LI também nos permite ver como as estruturas linguísticas não somente constroem contextos como também são moldadas por eles. Nesse ponto, a LI nos oferece um instrumental teórico-metodológico cujas categorias analíticas auxiliam na investigação dos fenômenos metalinguístico e metacomunicativo.

2.2.1 Arquitetura Conversacional

Visto o que foi exposto na seção anterior, é imperativo que caracterizemos a conversa e sua arquitetura. Fávero, Andrade e Aquino (2012) definem a conversa – ou melhor, a fala-em-interação – como uma

atividade na qual interagem dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano. Eles organizam sua fala em turnos, que se alternam sem uma disposição fixa, o que caracteriza o encontro em relativamente simétrico ou relativamente assimétrico. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 17)

Observa-se que a fala-em-interação se manifesta enquanto ‘coprodução discursiva’, na qual ocorre uma interlocução ativa por parte dos interactantes em copresença, o que implica um processo de coautoria refletido, nas materialidades linguística e visual-corporal, por marcas da produção verbal e visual-gestual conjunta (KOCH, 2015; MEYER; STREECK; JORDAN, 2017). A conversa, portanto, organiza-se conforme a intervenção dos interagentes no decorrer da interação (KOCH, 2010, p. 80).

Essas intervenções são os ‘turnos de fala’, os quais são caracterizados, de acordo com Marcuschi (2007, p. 18), como qualquer ação verbal ou corporal do interactante enquanto este detém a palavra.⁸² As intervenções – os turnos – ocorrem alternadamente seguindo um mecanismo regulador que subsume duas regras básicas propostas por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974, p. 704):

“Regra 1:

Para qualquer turno, no lugar relevante para transição (LRT)⁸³ de uma unidade de construção de turno (UCT)⁸⁴:

- (a) Se o falante corrente identificou ou selecionou um próximo falante em particular, então o falante selecionado deve tomar o turno nesse momento.
- (b) Se o falante corrente não selecionou o próximo falante antes do final da UCT, então qualquer próximo falante pode (mas não necessariamente precisa) se auto-

⁸² Marcuschi (2007) comenta que o turno pode ser constituído até pela existência do silêncio.

⁸³ O Lugar Relevante para Transição (LRT) é “o local mais favorável para que a troca de turnos aconteça. É nos LRTs que as regras de troca de turno entram em ação” (NASCIMENTO, no prelo).

⁸⁴ Conforme Levinson (2007, p.377), as Unidades de Construção de Turno (UCTs), no modelo de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), “são determinadas por vários traços da estrutura linguística superficial: são unidades sintáticas (sentenças, orações, sintagmas nominais, etc.) identificadas como unidades de turno em parte por meios prosódicos e, especialmente, por meios entonacionais”. Cabe pontuar, segundo Nascimento (no prelo), que Selting (2005) defende a imprescindibilidade da prosódia na formulação das UCTs. De acordo com a autora, as “formulações sintáticas são arranjadas como unidades interacionalmente relevantes via prosódia. A prosódia, portanto, apresenta um papel constitutivo, e não somente um papel concomitante” / syntactic formulations are packaged as interactionally relevant units via prosody. Prosody thus plays a constitutive, not just a concomitant role (SELTING, 2005, p. 37), na elaboração de UCTs. As UCTs podem ser percebidas – e elaboradas – de diversas maneiras em termos prosódicos, seja como uma unidade, seja como várias unidades prosódicas. Consequentemente, esse fenômeno influencia interacionalmente a negociação e alocação dos turnos entre os interlocutores.

selecionar nesse ponto. Se ocorrer auto-seleção, então o primeiro falante a se auto-selecionar tem direito ao turno.

(c) Se nenhum próximo falante se auto-selecionou, então o falante corrente pode (mas não necessariamente precisa) continuar a falar com uma nova UCT.

Regra 2:

Se o falante corrente não identificou ou selecionou um próximo falante em particular (1a), ou se, ao final da UCT, um próximo falante não tiver se auto-selecionado (1b) e o falante corrente tiver continuado a falar (1c), então as regras 1a-c passam a valer novamente para o próximo LRT e assim recursivamente até que a transição de turnos se realize” (tradução de FREITAS; MACHADO, 2008, p. 66-69).⁸⁵

Urge salientar que essa sistemática é localmente administrada; ela atua numa base de turno por turno e organiza assim apenas a transição do falante atual para o seguinte. Ademais, a sistemática é sensível a qualquer contexto situacional imediato. Ainda, conforme Levinson (2007, p. 381),

[u]ma consequência importante do sistema é que ele fornece, independentemente do conteúdo ou de considerações de polidez, uma motivação intrínseca para que os participantes escutem e processem o que é dito – pois as regras de transição exigem a localização prévia da seleção do falante seguinte, se ocorrer, e a projeção dos LRTs vindouros (LEVINSON, 2007, P. 381).

Com sua proposta de uma sistemática para tomada de turnos, Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) mostram que a fala-em-interação não acontece de maneira caótica ou aleatória. Ela é, pois, uma atividade semântica altamente estruturada e funcionalmente motivada (DIONÍSIO, 2012, p. 84). Schegloff (1981, p. 73) destaca essa ideia ao considerar o discurso como um feito interacional, que é caracterizado da seguinte maneira:

- (i) O discurso é uma realização (*achievement*), um produto obtido progressivamente no desdobramento do tempo. Ele não nasce como um todo

⁸⁵ No original:

“(1) For any turn, at the initial transition-relevance place of an initial turn-constructive unit:

- (d) If the turn-so-far is so constructed as to involve the use of ‘a current speaker selects next’ technique, then the party so selected has the right and is obliged to take next turn to speak; no others have such rights or obligations, and transfer occurs at that place.
- (e) If the turn-so-far is so constructed as not to involve the use of a ‘current speaker selects next’ technique, then self-selection for next speakership may, but need not, be instituted; first starter acquires rights to a turn, and transfer occurs at that place.
- (f) If the turn-so-far is so constructed as not to involve the use of a ‘current speaker selects next’ technique, then current speaker may, but need not continue, unless another self-selects.

(2) If, at the initial transition-relevance place of an initial turn-constructive unit, neither 1a nor 1b has operated, and, following the provision of 1c, current speaker has continued, then the rule-set a-c re-applies at the next transition-relevance place, and recursively at each next transition relevance place, until transfer is effected” (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974, p. 704).

pronto oriundo da cabeça do falante, isto é, ele não é a mera comunicação de plano cognitivo apriorístico.

- (ii) Essa realização é interacional. Ou seja, a produção de um segmento conversacional envolve a colaboração das outras partes presentes. Tal colaboração tem um caráter interativo e entrelaçado ao discurso, o qual é feito em fluxo contínuo, ao invés de ser um pacto acertado entre as partes desde o começo.
- (iii) O caráter interacional do discurso conversacional é, ao menos, em partes moldado pela organização socio-sequencial da participação dos interlocutores na conversa. Isto é, o discurso é estruturado por uma organização de tomada de turnos.

Essas três características elencadas por Schegloff (1981) mostram que a fala-em-interação apresenta pressões de ordem pragmática que se sobrepõem, constantemente, às imposições da sintaxe. Esse fato se materializa sob a forma de falsos começos, truncamentos, hesitações, bem como reparos, inserções, repetições e paráfrases, os quais revelam funções cognitivo-interacionais muito relevantes não somente para a organização da conversa, mas também para a manutenção intersubjetividade.

Fica evidente, portanto, que a fala-em-interação não é planejada *a priori* – algo decorrente de sua natureza interacional –, bem como o fluxo conversacional revela descontinuidades constantes motivadas por pressões pragmáticas pertinentes (KOCH, 2010). É oportuno comentar que tais pressões pragmáticas, segundo Koch (2010), são oriundas de estratégias cognitivo-conversacionais realizadas pelos interactantes. A autora as enumera da seguinte forma:

1. Sempre que **perceber** que o parceiro já compreendeu o que você pretendia comunicar-lhe, a continuação de sua fala se tornará, na maioria das vezes, desnecessária.
2. Logo que **perceber** que seu interlocutor não o está entendendo devidamente, **suspenda o fluxo** da informação e repita, parafraseie, mude o planejamento ou **insira** explicações e/ou exemplos.
3. Ao perceber que formulou algo de maneira inadequada, interrompa-se imediatamente e proceda a uma correção.
4. Ao **se dar conta** de que disse algo que é ou poderia ser ofensivo à face do seu interlocutor ou que foi excessivamente categórico naquilo que disse, proceda imediatamente a um reparo, **acrescentando ou inserindo** expressões atenuadoras ou modalizadoras. (KOCH, 2010, p. 81, grifos nossos).

Essas estratégias cognitivo-conversacionais apontadas por Koch (2010, p. 79) não somente evidenciam uma estruturação própria do discurso conversacional, a qual é governada pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção, como também mostram o status ‘em se fazendo’ do texto interacional, ou seja, sua própria gênese. Dessa maneira, na superfície linguística, isto é, no texto falado, seu processo de organização é plenamente entrevisto; sendo possível perceber tanto sua estrutura quanto suas estratégias organizacionais (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012). Em suma, o discurso conversacional permite entrever os processos metacomunicativos e metalinguísticos atuantes em seu processo de produção.

Tendo isso em mente, os grifos que colocamos na citação de Koch (2010, p. 81) acima, destacam que as estratégias cognitivo-conversacionais indicam que os interagentes têm uma consciência metapragmática (cf. seção 2.1.1), a qual, sob a forma de atos metacomunicativos e metalinguísticos, permite-os “evitar perturbações previsíveis na comunicação ou sanar [...] conflitos efetivamente ocorridos [...] pela realização de atividades específicas” (KOCH, 2015, p. 36-37), tais como inserções, paráfrases, reparos, etc., ações importantes para a organização conversacional e manutenção da intersubjetividade.

Em síntese, conforme Fávero, Andrade e Aquino (2012),

o discurso conversacional deve ser, então, considerado um processo que se realiza continuamente durante a interação e só assim é identificável. É na interação e por causa dela que se cria um processo de geração de sentidos, constituindo um fluxo (movimento de avanço e recuo) de produção textual organizado. (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2012, p. 18)

Convém comentar que essas características apontadas por Schegloff (1981), a definição de Fávero, Andrade e Aquino (2012) e as estratégias cognitivo-conversacionais de Koch (2010), permitem-nos, conforme Marcuschi (2007, p. 15), conceber a conversa como uma interação (verbal) centrada, visto que é um processo fruto da colaboração entre partes, e que se desdobra durante o tempo em que essas partes voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum.

É imperativo ainda que destaquemos o papel do corpo dos interlocutores na interação social face a face, haja vista que, conforme salientam Stivers e Sidnell (2005, p. 2), na interação face a face, para além das construções gramaticais, contornos entonacionais, etc., os interlocutores encontram um fluxo contínuo de expressões faciais, gestos, posturas corporais e movimentos de cabeça repletos de significados. Eles estão imersos num ‘espaço intersinestésico’ (*inter-kinesthetic field*) (BEHNKE, 2008, p. 144), no qual seus corpos se engajam em ações interacionais compartilhadas, corporificadas, situacionalmente ajustadas,

isto é, ações que são espontâneas e criativas (MEYER; STREECK; JORDAN, 2017), reguladas localmente pelas pressões pragmático-interacionais.

A interação face a face é, desse modo, uma situação comunicativa viva, corporificada e dinâmica, inerentemente multimodal (MEYER; STREECK; JORDAN, 2017; MÜLLER; CIENKI, 2009, p. 297), na qual diferentes modalidades, a saber, vocal-aural (e.g.: itens lexicais, construções gramaticais, contornos entonacionais, qualidade de voz, etc.) e visual-espacial (e.g.: olhar, gestos, postura corporal, etc.) atuam em conjunto tanto para elaborar o conteúdo semântico da fala quanto para constituir cursos coerentes de ação (STIVERS; SIDNELL, 2005, p. 2).

Os interactantes mobilizam, portanto, recursos corporificados na fala-em-interação, de modo a não somente expressar conteúdos proposicionais, como também gerir a sequencialidade da interação. Por exemplo, do ponto de vista organizacional e estrutural, Streeck and Hartge (1992) mostram como a palma da mão para cima (*palm-up gesture*) e a expressão *a-face* podem (a) sinalizar um assalto de turno antes mesmo de o interlocutor tomar a palavra de fato; (b) auxiliar os falantes correntes a manterem o turno; e ainda (c) permitir que o ouvinte possa gerir adequadamente o enquadre participativo conforme os seguimentos de fala vindouros.

Em seu estudo, Mondada (2007) analisa o uso sistemático do ‘gesto de apontar’ (*pointing gesture*) pelos interactantes como um método interacional para projetar a autosseleção, preparar um local de transição de turno ou, de maneira mais genérica, definir o ‘status de falante’ (*speakership*) dentro da gama de posições sequenciais.

Stivers (2008), por seu turno, investiga o ‘aceno com a cabeça’ (*nodding*) como recurso comunicativo para expressar alinhamento e afiliação em sequências de contação de história (*storytelling*). A autora mostra como o aceno com a cabeça comunica uma avaliação referente aos eventos relatados na narrativa e/ou à posição do falante em relação aos eventos narrados sem o risco de o interlocutor se intrometer ou atrapalhar a narrativa. Ela argumenta que os acenos são cuidadosamente calibrados no meado da sequência narrativa e expressam uma afiliação ao final da contação da história, o que mostra um alinhamento, ou não, com o falante. Em resumo, a autora mostra a diferença entre afiliação e alinhamento a partir do aceno de cabeça.

Ademais, como dito anteriormente, o corpo é um meio de comunicação de conteúdos proposicionais, (co)negociação de sentido, bem como serve de ‘janela de acesso’ (FELTES, 2018, p. 193) à cognição humana. Nas últimas décadas, os estudos acerca de como os gestos, por exemplo, comunicam conteúdos proposicionais (conceptualizações), bem como exercem outras funções linguístico-interacionais, cresceram em grande escala. A título de ilustração,

Müller e Cienki (2009) argumentam que o pensamento metafórico é comunicado de maneira multimodal na interação face a face; assim sendo, a metáfora cognitiva instancia-se também por meio dos gestos. Os autores propõem uma análise que transcende o nível do enunciado verbal e incluem os gestos como canal, recurso semiótico, expressivo de metáforas cognitivas. Corroborando aquele estudo, Cienki (2013) discorre sobre a função dos gestos na fala-em-interação como ‘expressões de conceptualização’ (CIENKI, 2013, p. 184). De acordo com o autor, os gestos instanciam processos cognitivos, tais como metáforas e metonímias conceptuais, integrações conceptuais, perspectivização e ponto de vista, etc., que subjazem às conceptualizações, isto é, as significações elaboradas na mente dos falantes.

Por seu turno, ao analisar alguns gestos presentes em uma conversa entre indivíduos que narravam experiências pessoais, Müller (2013) demonstra o potencial linguístico dos gestos, uma vez que eles exercem as mesmas funções dominantes da língua(gem): expressão, apelo e representação (cf. BÜHLER, 2011, p. 34). Assim, de acordo com a pesquisadora, os gestos podem (a) expressar estados mentais e sentimentos, (b) regular o comportamento dos interlocutores, bem como (c) representar objetos e eventos no mundo. Eles são parte integrante de enunciados multimodais e corporificam os conteúdos mentais que figuram na mente.

Observa-se com os estudos acima citados que, uma vez que os interlocutores iniciam uma interação e se abrem para um evento em que as expectativas mútuas serão elaboradas (MARCUSCHI, 2007), suas ações são coordenadas e orientadas não somente pelos aspectos linguísticos, mas também pelos aspectos visual-corporais. Ademais, ao conceber a interação como multimodal – e a comunicação como um processo holístico –, o ganho analítico é grande e profícuo, pois o turno de fala – o enunciado – é avaliado em sua constituição vocal e visual-espacial, sendo ambas modalidades consideradas igualmente importantes.

Antes de encerrados o presente capítulo, convém salientar na seção a seguir como a LI pode se aproximar da LC, de modo a auxiliá-la em seus empreendimentos linguístico-cognitivos.

2.2.2 Por uma aproximação entre a Linguística Cognitiva e a Linguística Interacional

Considerando os fenômenos cognitivos que investigamos nesta pesquisa, conceptualizações culturais e atos metacomunicativos, o pressuposto norteador de nossas investigações é a metáfora LINGUAGEM COMO JANELA PARA MENTE, a qual orienta muitas

pesquisas em Ciências Cognitivas (FELTES, 2018, p. 193), especialmente a LC. Desse modo, as manifestações linguísticas são o ponto de partida para termos acesso às estruturas e aos processos cognitivos que figuram na mente dos falantes e de seus interlocutores numa situação interacional. Schegloff (1991) assevera que o domínio da interação – da ação social – adentra a própria composição, forma (*design*) e estruturação das ações linguístico-conversacionais, bem como é parte integrante de quaisquer processos, cognitivos ou não, relevantes à concepção e constituição das ações conversacionais e práticas linguísticas. Isso aponta para uma aproximação possível entre a Linguística Cognitiva – e Linguística Cultural – e a Linguística Interacional.

Como visto anteriormente, as conceptualizações culturais, conforme Feltes (2007) e Sharifian (2011), são um exemplo de estruturas cognitivas que podem ser observadas nas ações linguístico-conversacionais, bem como são atualizadas em momentos de interação social. Consequentemente, a fala-em-interação é um *locus* profícuo para a investigação da ativação e emergência de tais estruturas cognitivas que servem de pano de fundo delineador dos sentidos coconstruídos e negociados pelos interactantes. Por seu turno, as ações metacomunicativas, segundo Schröder (2018, p. 202), revelam em si mesmas um fenômeno cognitivo, isto é, uma oscilação entre as atitudes comunicativa – na qual o interagente age como locutor e tem uma perspectiva participativa na interação – e extracomunicativa – na qual o interagente age como observador (auto)reflexivo e tem uma perspectiva externa à interação, de modo a sistematizar e classificar os meios linguístico-conversacionais observados.

O método empregado pela LI – e por consequência pela AC –, isto é, especialmente a ‘análise sequencial’, oferece muitos benefícios às investigações de cunho cognitivo, haja vista que, pelas práticas linguísticas dos interagentes, podemos ter acesso a processos cognitivos atuantes no maquinário da conversa, por exemplo, a oscilação entre as atitudes comunicativa e extracomunicativa na conversa ou a emergência de metáforas e metonímias na coconstrução de sentidos em ações conversacionais. Desse modo, conforme Schröder (2019, p. 20), é possível realizar análises não somente de padrões linguísticos, como também de atos (meta)cognitivos e a interação de tais atos com o nível visível da comunicação, de modo que fenômenos cognitivos possam ser abordados.

Nesta tese, procuramos ilustrar por meio tanto da articulação teórica quanto do emprego dos procedimentos metodológicos a complementariedade das Linguísticas Cognitiva e Interacional. Na seção 3.6, do capítulo metodológico retomaremos a questão da complementariedade entre estudos cognitivos e a LI.

2.4 UMA SÍNTESE

Procuramos apresentar neste capítulo o campo da Metapragmática e dos estudos sobre reflexividade linguística. Discorreremos a noção de consciência metapragmática e sua relação com o conceito de atos metacomunicativos. Introduzimos também o campo da Linguística Interacional e sua relação com a AC, de modo a não somente apresentar as categorias analíticas que adotamos para a análise dos dados desta pesquisa, como também discorrer sobre os procedimentos metodológicos que esses dois campos utilizam para coleta e tratamento dos dados. Por fim, discorreremos sobre a maneira como os interactantes, com suas ações conversacionais, arquitetam todo um texto conversacional coconstruído de maneira interacional, multimodal e organizada.

CAPÍTULO 3 - DA METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos uma metodologia fundamentada num quadro teórico e metodológico que prima pela ocorrência do uso real da língua, no contexto da interação, e que esteja alinhado aos pressupostos teóricos da LC, a saber, um ‘modelo baseado no uso’ (EVANS, 2012). Sendo assim, recorreremos, sobremaneira, à LI e à AC, por nos fornecer o instrumental necessário para realizarmos a microanálise dos fenômenos cognitivo-conversacionais que nos são pertinentes – conceptualizações (culturais) e atos metacomunicativos. Desse modo, procuramos contribuir na conjugação do aspecto social ao aspecto individual da perspectiva cognitivista (cf. SILVA, 2009).

É oportuno salientar que esta tese está inserida no projeto intitulado ‘Conceitos (inter-) culturais chave na interface entre interação, cognição e variação’, do ‘Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural’ – NUCOI,⁸⁶ coordenado pela Profa. Dra. Ulrike Schröder, o qual possui a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP-UFMG) para realizar interações filmadas, com o propósito de promover comparações entre participantes de diferentes culturas ou de um grupo com mesmo pano de fundo cultural, sendo este último o caso de nossa investigação.

A seguir, apresentamos as características metodológicas desta pesquisa, bem como os procedimentos de coleta, transcrição e análise dos dados.

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Como qualquer outra forma de ação social, o uso da língua é sempre imbuído de interpretações, de tal sorte que seus usuários atribuem efeitos de sentido a ela; desse modo, conforme Verschueren (1998, p. 59), a interpretação dos usuários é parte integrante do que precisa ser descrito e explanado nos fenômenos da língua em uso. Por isso, esta pesquisa se insere no paradigma interpretativista, adotando uma postura analítica tanto ética quantoêmica, haja vista que, para investigar a negociação e coconstrução de conceptualizações culturais e os fenômenos metapragmáticos na fala-em-interação, consideramos não somente as categorias teórico-analíticas necessárias para abordar o fenômeno, mas também a perspectiva dos

⁸⁶ atual Centro de Pesquisa ‘Comunicação Intercultural em Interações Multimodais’ (*Intercultural Communication in Multimodal Interactions* - ICMI).

participantes (TURNER; BRUNER, 1986) da conversa em face do fenômeno, uma vez que eles próprios também cococonstroem categorias e enquandres para interpretar suas ações na interação.

Ainda, no que concerne à perspectiva ética do presente estudo, conforme Oliveira e Wolf (2019), na pesquisa em Linguística Cultural, há certa impossibilidade do completo distanciamento do pesquisador no processo de análise dos dados. Os autores, mencionando Sharifian (manuscrito), afirmam que, “[...] em uma situação ideal de pesquisa, o linguista cultural, em busca de acesso à cognição cultural de uma certa comunidade de fala, interage ao máximo possível com os membros do grupo cultural pesquisado” (p. 71). Portanto, conforme Oliveira e Wolf:

O trabalho do pesquisador é desvendar como os horizontes de sentido são influenciados por práticas culturais também por ideologias sociais que não são identificadas pelos sujeitos de pesquisa [...]. Esse desvendamento é (parcialmente) possível devido ao olhar retrospectivo e analítico do pesquisador, que o possibilita entender os sentidos e ações de maneira mais profunda do que o sujeito pesquisado em suas situações comunicativas de rotina. (OLIVEIRA; WOLF, 2019, p. 71-72)

Nossa pesquisa, então, adota uma abordagem qualitativa, empírica, de cunho descritivo-interpretativista, uma vez que nos fundamentamos, sobremaneira, (i) no modelo teórico-analítico da Linguística Cultural que, com sua base hermenêutica, confere ao pesquisador a possibilidade de estudar “os processos cognitivos fundamentais que operam em nível cultural” (SHARIFIAN, 2011, p. 3); e (ii) nas técnicas da AC (e também da LI), com sua origem etnometodologia, logo, um ‘método etnográfico’ (SEVERINO, 2007, p. 119), descritivo por excelência, que documenta e descreve as ações dos participantes envolvidos numa interação social, bem como interpreta os fenômenos sociais e linguísticos inseridos num contexto (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Assim, conjugamos tanto uma perspectiva ética quantoêmica nas descrições e interpretações dos fenômenos aqui investigados, as conceptualizações culturais e atos metacomunicativos na fala-em-interação.

3.1.1 Questões Metodológicas

Como mencionado na introdução deste capítulo, nossa pesquisa está vinculada ao NUCOI, sendo assim, seguimos os pressupostos analíticos e metodológicos do Núcleo. De tal modo, para que o leitor compreenda nossas escolhas teóricas, analíticas e metodológicas, é

imperativo que falemos um pouco sobre a agenda de pesquisa do NUCOI que, *grosso modo*, por meio de estudos concernentes à comunicação intercultural, sob um prisma microanalítico, interacional e multimodal, procura reintegrar aos estudos linguístico-interacionais a dimensão cognitiva da fala-em-interação quando explicita a perspectiva comunicativa (participativa) e extracomunicativa (reflexiva) nos processos de comunicação (inter)cultural. Portanto, o Núcleo debruça-se sobre a investigação de como predisposições individuais entrelaçam-se com pressuposições culturais e sociais em situações concretas de interação (SCHRÖDER, 2019), observando como modelos, cenários e *scripts* culturais auxiliam e são instanciados pelos indivíduos nessas situações interacionais.

Conforme Schröder (2019, p. 29), o objetivo do NUCOI é o de “descobrir o que de fato acontece em encontros interculturais reais, ou entre participantes da mesma cultura em comparação à outra ou entre participantes de culturas de origem distintas, enquanto interagem *na* ou falam *sobre* outra cultura *in situ*” (grifo da autora). Convém destacar que, no caso desta pesquisa, os participantes dos eventos discursivos realizados, embora com o mesmo pano de fundo cultural – brasileiros, são oriundos de regiões muito distintas do país, a saber, Norte e Sudeste, o que caracteriza, em certo grau, uma situação de comunicação intercultural. E nosso objetivo, como exposto na introdução, é o de investigar as funções de atos metacomunicativos quando paraenses e mineiros engajados numa conversa comunicam suas conceptualizações culturais acerca de suas experiências no grupo cultural um do outro. Sendo assim, estamos alinhados com o objetivo geral do Núcleo ao inquirir o que acontece nessa interação entre participantes de origens culturais distintas em termos regionais.

Para abordar um objetivo como o supracitado, Schröder (2019, p. 29) argumenta que é necessário um procedimento metodológico drasticamente empírico que englobe: (i) a construção de um corpus com base em diálogos reais – e isso pressupõe um conhecimento técnico para o manejo dos dados; (ii) a convocação de participantes a serem filmados, bem como a aquisição do equipamento necessário e a garantia de seu funcionamento no momento da gravação; e (iii) a disposição do pesquisador – ou pesquisadores - a se envolver em um trabalho em geral cansativo que é o da transcrição. Esse procedimento empírico apontado pela pesquisadora justifica nossa escolha pela Análise da Conversa como ponto de partida analítico-metodológico, visto que esse campo de investigação represente

[uma] [...] linha de pesquisa mais desenvolvida com respeito a uma documentação de conversas reais pelo método da transcrição, e por oferecer, além disso, ferramentas sólidas e uma terminologia técnica bem estabelecida na prática para iniciar uma análise descritiva da interação em andamento [...]. (SCHRÖDER, 2019, p. 30)

Desse modo, encontramos na AC uma abordagem da língua em uso cuja perspectiva empírica, microanalítica e comunicativa nos permite analisar, juntamente com os padrões linguísticos e conversacionais, os processos (meta)comunicativos e (meta)cognitivos e a interação de tais processos com o nível visível da comunicação (SCHRÖDER, 2019) que indivíduos de regiões diferentes do Brasil manifestam ao longo de encontros interculturais.

Convém ressaltar que, dentre os objetivos gerais do NUCOI, está a criação de um *corpus* de vídeos e suas transcrições, os quais são baseados em filmagens de interações entre participantes de culturas diferentes, bem como de participantes que tenham o mesmo pano de fundo linguístico e cultural. Assim sendo, o principal procedimento de geração de dados é a ‘conversa eliciada’ (KASPER, 2008, p. 281). A seguir, caracterizaremos e faremos algumas considerações acerca desse gênero discursivo.

3.1.2 Conversa Eliciada: um gênero discursivo, uma ação social

Kasper (2008, p. 287) define a ‘conversa eliciada’ como qualquer conversa organizada para fins de coleta de dados, na qual solicita-se que os participantes conversem sobre algum tópico pré-determinado ou alcancem conjuntamente algum objetivo estabelecido pelo pesquisador. Desse modo, segundo Fidelis de Paula (2018, p. 45), “eliciar uma conversa significa provocar um conjunto de tarefas comunicativas as quais poderão revelar aspectos de interesse à pesquisa” de algum fenômeno linguístico-interacional e/ou social.

Urge salientarmos, conforme nos lembra Fidelis de Paula (2018, p. 45), que, embora alguns ramos da linguística tradicionalmente abalizem sua coleta de dados a partir de gravações de interações autênticas e espontâneas – na medida do possível –, certos tópicos discursivos são difíceis de serem ocasionados e mantidos ao longo de uma conversa prosaica. Por isso, como argumenta Schröder (2019), tanto para a agenda de pesquisa do NUCOI quanto para os propósitos desta tese, o fato de as conversas serem provocadas ou direcionadas, e (aparentemente) não naturais, se deve a dois motivos:

- (a) a alta dificuldade de filmar situações reais, o que se torna mais complicado ainda quando se trata ou de interações entre culturas distintas ou de grupos compostos de participantes da mesma cultura em situações semelhantes para fins de comparação; e
- (b) o tópico das discussões – seja nos subprojetos em sala de aula, seja nos subprojetos em grupos de alunos de escola ou de estudantes da universidade –, o qual se volta, em toda sua variedade, para as experiências (inter)culturais, discussão dificilmente detectável em situação ‘autêntica’. (SCHRÖDER, 2019, p. 32)

Ainda que conversas eliciadas estejam a serviço de propósitos de pesquisa, em certas circunstâncias, elas podem se assemelhar muito a conversas autênticas e cotidianas como ressalta Kasper (2008, p. 287). Além disso, segundo a autora, a ‘naturalidade’ de uma conversa pode ser significativamente potencializada se a interação for ‘consequencial’ aos participantes (cf. BARTH-WEINGARTEN, 2011; BARDOVI-HARLIG; HARTFORD, 2005).

Em verdade, nossa experiência em coletar e analisar dados a partir de conversas eliciadas no NUCOI nos mostra que, em geral, ainda que organizemos tarefas comunicativas, as ações dos participantes acontecem de maneira não planejada, autêntica e espontânea durante as interações, sendo poucos os momentos em que eles quebram esse fluxo de naturalidade. De fato, como defende Schröder (2019, p. 32), nossa escolha pela conversa eliciada em oposição à conversa “aparentemente” natural se dá pelo fato de encarmos essa diferença entre os dois eventos discursivos em termos de grau e não em termos epistemológicos. Desse modo, como salienta a autora, estamos em consonância com a observação de Duranti (1997) acerca do ‘paradoxo do observador’ (cf. LABOV, 1972, p. 209):⁸⁷

Se nós pensamos um momento sobre este circuito lógico, concluímos que isto não faz apenas parte da pesquisa. Faz parte do ser social, de ser um membro da sociedade e um produtor/consumidor de interpretações culturais. [...] Nas Ciências Sociais, lidar com o paradoxo significa entender os diferentes caminhos nos quais a presença de certos tipos de atores sociais (por exemplo, etnógrafos) ou artefatos (por exemplo, câmaras, gravadores, notebooks, questionários) assumem um papel na atividade que está sendo estudada e nos tipos divergentes de transformações que cada meio e técnica produz. [...] As pessoas normalmente não inventam um comportamento social, inclusive uma língua, do nada. (DURANTI, 1997, p. 118)⁸⁸

Nota-se, portanto, que o fato de a conversa eliciada ser arranjada não dirime sua autenticidade ou naturalidade do uso real da língua. Ela se constitui enquanto um gênero conversacional por ser uma ‘ação linguística’ (MASCURSCHI, 2008, p.163) praticada recorrentemente no campo da pesquisa pragmático-conversacional.

⁸⁷ Conforme Labov (1972, p. 209), para investigar um fenômeno linguístico numa comunidade de fala, o pesquisador precisa se inserir no contexto da pesquisa, de modo a obter bons dados para a análise da fala natural. Todavia, o pesquisador se depara com o ‘paradoxo do observador’: “[...] descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; no entanto, só podemos esses dados por meio de observação sistemática / [...] to find out how people talk when they are not being systematically observed; yet we can only obtain these data by systematic observation (tradução nossa).

⁸⁸ Tradução de Schröder (2019, p. 32): “If we think a moment about this logical loop we realize that it is not only part of doing research. It is part of being a social being, a member of a society and a producer/consumer of cultural interpretations. [...] In the social sciences, dealing with the paradox means to *understand the different ways in which the presence of certain types of social actors (e.g. ethnographers) or artifacts (e.g. cameras, tape recorders, notebooks, questionnaires) play a role in the activity that is being studied, and the different kinds of transformations that each medium and technique produces.* [...] people usually do not *invent* social behaviour, language included, out of the blue.” (DURANTI, 1997, p. 118, grifos do autor).

3.2 REGISTROS EM ÁUDIO E VÍDEO

Seguimos uma abordagem que considera a língua em uso enquanto interação situada socialmente (KASPER, 2008); sendo assim, seu registro em áudio e vídeo permite-nos realizar uma análise mais profunda e compreensível da interação, visto que além dos aspectos prosódicos proporcionados pelos áudios, os aspectos visual-corporais são disponibilizados pelos vídeos.

Desse modo, registramos em áudio e vídeo duas conversas eliciadas. O registro das duas interações foi realizado com uma câmera filmadora JVC modelo GR-D275, cuja gravação é feita em MiniDV na qualidade NTSC, apoiada em um tripé. De modo a preservar a qualidade sonora das conversas eliciadas, para a captação do som, foi utilizado um gravador digital Sony modelo Px240, que grava em formato mp3. Os materiais foram transcritos com o auxílio do software de transcrição EXMARaLDA, seguindo as convenções de transcrição do GAT2.⁸⁹

Como dito, no gênero discursivo ‘conversa eliciada’, os participantes realizam tarefas comunicativas. Foi solicitado, portanto, que os participantes debatessem sobre suas experiências na cultura em que estavam vivendo no tocante a tópicos como “família”, “amizade”, “politica”, “religião”, etc. (cf. ANEXO A). A discussão desses tópicos é devido ao fato de eles serem aspectos do cotidiano do grupo cultural, bem como veiculam valores e crenças característicos do grupo, os quais podem diferir de uma comunidade de fala para outra.

As interações foram identificadas de acordo com o ano e local em que foram filmadas, bem como com a origem dos participantes envolvidos. Logo, a primeira interação, nomeada 2017BHMIPa1, foi realizada no ano de 2017 – precisamente em 17 de outubro –, na cidade de Belo Horizonte, com participantes naturais de Minas Gerais e Pará respectivamente. Por sua vez, a segunda interação, nomeada 2018BaMiPa1, foi realizada no ano de 2018 – precisamente em 25 de maio –, na cidade de Barcarena, com participantes também naturais de Minas Gerais e Pará respectivamente.

3.2.1 Interação 2017BHMIPa1

A primeira interação, realizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, ocorreu precisamente na Universidade Federal de Minas Gerais, na sala de vídeo da biblioteca da Faculdade de Letras.

⁸⁹ Na seção 4.3, discorreremos detalhadamente sobre o software e o sistema de transcrição GAT2.

A conversa consta de quatro participantes, um homem e uma mulher paraenses e duas mulheres mineiras, respectivamente, PA1, PA2, MG1 e MG2. Vejamos a imagem a seguir:



Imagem 9: Participantes da interação 2017BHMIPa1.

Na medida do possível, tentamos preservar a identidade dos participantes; sendo assim, utilizamos siglas para identificar o estado de origem dos indivíduos, logo, “PA” refere-se à Pará e ‘MG’, Minas Gerais. Os números, por sua vez, concernem à posição dos assentos ocupados pelos participantes. No tocante ao perfil dos participantes, vejamos:

- PA1: homem, estudante de pós-graduação, 24 anos.
- PA2: mulher, professora graduada, 39 anos.
- MG1: mulher, estudante de pós-graduação, 38 anos.
- MG2: mulher, estudante de pós-graduação, 44 anos.

A interação 2017BHMIPa1 teve a duração de 85 minutos. Vejamos a segunda interação na seção a seguir.

3.2.2 Interação 2018BaMiPa1

A segunda interação foi realizada em Barcarena (Vila dos Cabanos), precisamente na casa dos mineiros participantes da conversa. Sendo assim, a interação constou de três mineiros e um paraense, respectivamente MG1, MG2, MG3 e PA1. Vejamos a imagem abaixo:

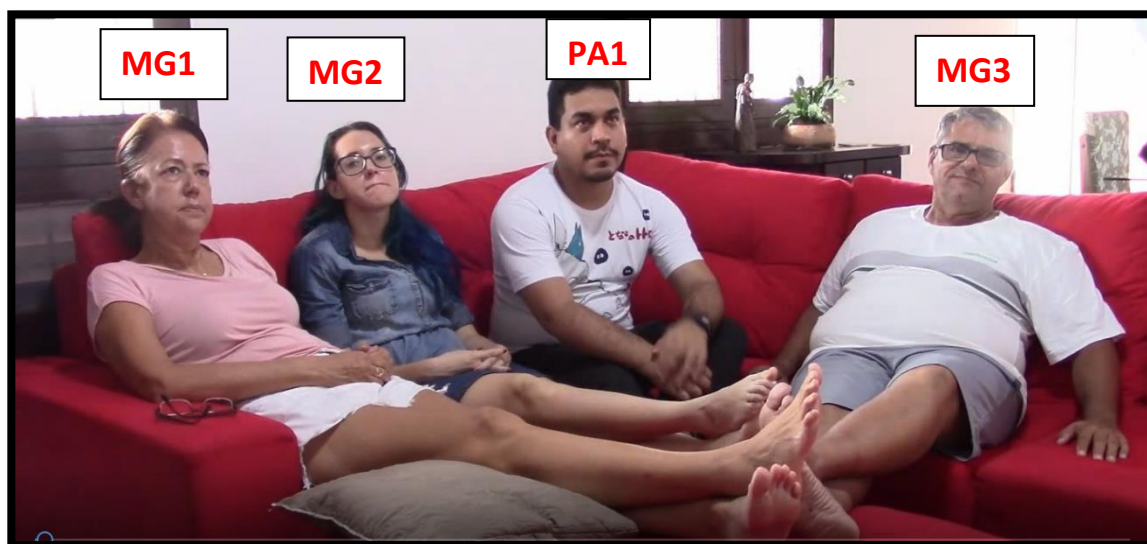


Imagem 10: Participantes da interação 2018BaMiPa1.

Tal como no outro grupo, as siglas representam a origem dos participantes e os números a posição física deles no ambiente. No tocante ao perfil deles, vejamos:

- MG1: mulher, psicóloga, mestra em psicologia e micro-empresária, 57 anos.
- MG2: mulher, estudante de engenharia química, 27 anos.
- MG3: homem, engenheiro graduado, 61 anos.
- PA1: homem, engenheiro graduado., 31 anos.

A interação 2018BaMiPa1 teve a duração de 80 minutos.

É imperativo ressaltar que, em ambas as interações, todos os participantes desta pesquisa, ou seja, cinco mineiros e os três paraenses assinaram tanto o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (cf. Anexo B) quanto o Termo de Liberação de Imagem e Voz (cf. Anexo C) para a consecussão de nossa investigação.

3.3 A TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL

Conforme Schröder, Nascimento e Silva (2019, p. 109), o objetivo de uma transcrição está na sua acessibilidade analítica, isto é, científica, que cria um padrão e facilita a descoberta, portanto, de formas e estruturas. Além disso, segundo os autores, as transcrições não são tão somente os registros reduzidos da realidade, mas também transformam a realidade em uma visão extracomunicativa; por outras palavras, na visão teórica dela mesma. Sendo assim, as transcrições são sempre

trechos selecionados e abstraídos do total de interação conversacional, reduzindo-a a atividades verbais selecionadas, as quais refletem traços específicos da interação [...]. O que é transcrito e como é transcrito sempre implica também uma teoria da língua falada, mesmo que frequentemente pouco refletida e rudimentar, e uma interpretação da conversa (DEPPERMAN, 2008 *apud* SCHRÖDER; NASCIMENTO; SILVA, 2019, p. 109-110).

Posto isso, como já afirmado anteriormente nesta tese, concebemos a fala-em-interação não somente como um processo holístico, no qual vários modos semióticos estão à disposição dos interlocutores para a coconstrução e negociação de sentido, mas também como um ponto de acesso aos processos cognitivos e conceptualizações culturais (SCHRÖDER, 2019, p. 29). Tendo essa orientação teórica em mente, optamos por utilizar como ferramenta de transcrição o software EXMARaLDA e o sistema de transcrição GAT 2.

3.3.1 Pacote para transcrição EXMARaLDA: a ferramenta *Partitur-Editor*

O *Extensible Markup Language for Discourse Annotation* (EXMaRALDA) é um pacote de ferramentas que vem sendo desenvolvido desde os anos 2000 por pesquisadores na área da AC da Universidade de Hamburgo, na Alemanha (LAGE; SCHRÖDER; SILVA, 2019). Ele é um pacote de livre acesso e está disponível para *download* no link <https://exmaralda.org/en/>. O pacote é destinado a quem quer que esteja interessado na criação e manuseio de *corpora* de linguagem oral e aspectos multimodais da interação.

O EXMaRALDA, conforme Carneiro Mendes (2017, p. 65) e Paula (2018, p. 55-56), oferece três ferramentas: (i) o *Partitur-Editor*, que permite a transcrição de arquivos de áudio e/ou vídeo juntamente à notação da transcrição; (ii) o *COMA*, que, por meio da vinculação das transcrições (feitas no *partitur-editor*) e registros em áudio e vídeo com os metadados,

possibilita a criação e manutenção de *corpus*; e (iii) o *EXAKT*, que facilita a consulta, a marcação e análise de *corpora* criados no *Coma*.

Nesta pesquisa, utilizamos somente a ferramenta *Partitur-Editor*, o qual, de acordo com Schmidt e Wörner (2009, p. 569), é uma ferramenta que permite produzir, editar e inserir transcrições em formato de partitura musical. Este tipo de formato de transcrição é a que melhor compreende os requisitos para a representação de descrições com múltiplos níveis, participantes e canais semióticos de sequências de ação em interações espontâneas. Tais requisitos para a pesquisa em língua em uso baseada em *corpus* oral são:

- a) Via de regra, a fala-em-interação é uma interação com múltiplos participantes, na qual eles mudam o papel de falante corrente e ouvinte de formas complexas e imprevisíveis. Logo, uma vez que a estrutura temporal exata de tais mudanças é importante em muitas perguntas de pesquisas em Pragmática, a estrutura de dados deve ser capaz de representar adequadamente as ações sequenciais e simultâneas de um número, a princípio, ilimitado de falantes;
- b) A Pragmática enquanto uma empresa integrativa está interessada no comportamento linguístico-conversacional em diferentes níveis linguísticos. Em geral, o simples registro de propriedades sintática e lexicais da fala não é suficiente, pois fenômenos não verbais (como risos) e prosódicos (pausas, entonação, qualidade vocal) podem apresentar papel igualmente importante na análise. A estrutura de dados deve ser capaz também de acomodar e distinguir descrições em diferentes níveis linguísticos;
- c) Por fim, muitos estudos em pragmática preocupam-se também com o comportamento interacional em diferentes canais semióticos. E uma vez que, em termos técnicos, os registros em áudio e vídeo de dados orais tem se tornado cada vez mais viáveis, é crescente o número de pesquisadores que concentram seu interesse na interrelação do comportamento verbal com expressões faciais, gestos, postura corporal, etc. A estrutura de dados deve, portanto, possibilitar a acomodação de descrições multimodais; ainda, um instrumento de *corpus* deve dar suporte a dados tanto em áudio quanto em vídeo.

Destarte, segundo Carneiro Mendes (2017, p. 65), num primeiro momento de tratamento dos vídeos coletados nas interações, o *Partitur-editor* é basilar por oferecer suporte aos arquivos de áudio e vídeo, possibilitando que a transcrição dos segmentos de fala seja vinculada ao momento preciso da gravação em que eles ocorrem. A autora explica ainda que, quando

acionada a tecla *append interval* (cf. Figura 1 a seguir), é criado um intervalo que compreende os próximos dois segundos da gravação, não havendo desse modo espaço vazio entre um intervalo e outro.

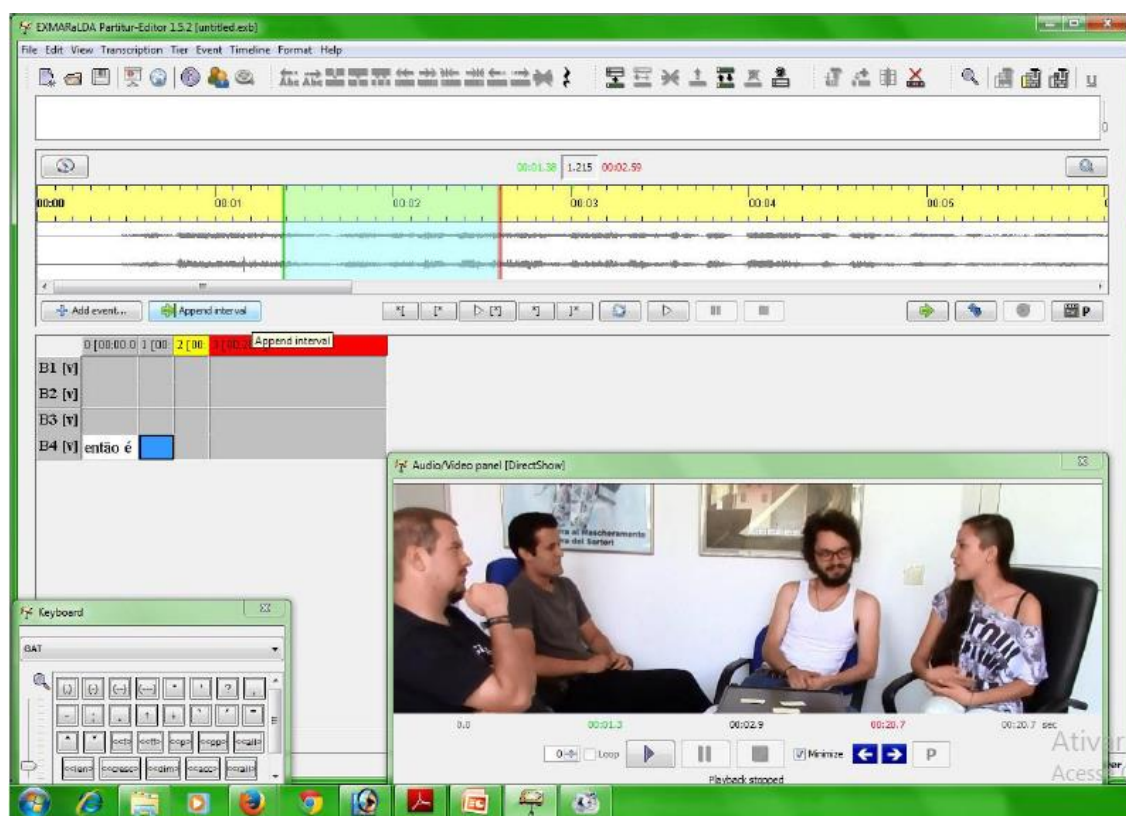


Figura 1: EXMARaLDA Partitur-editor. Fonte: Carneiro Mendes (2017, p. 67).

Observando a figura 1, nota-se que um traço singular do *Partitur-editor* é a possibilidade de alocar cada falante em sua própria camada (*tier*) – o que simplifica o processo de transcrição de interações com mais de dois participantes –, bem como a separação das falas de cada um para fins de análise. Na figura, os falantes (identificados com as siglas B1, B2, B3 e B4),⁹⁰ estão cada um em sua camada. Carneiro Mendes (2017, p. 66) salienta que essa separação em camadas, para a transcrição de gestos, é muito útil, pois permite que mais de uma camada seja alocada para um mesmo participante. Desse modo uma camada pode ser reservada apenas para a descrição dos gestos, havendo também a correspondência na divisão dos eventos de fala dessas duas camadas, a verbal e a gestual. Finalizada a transcrição – ou mesmo selecionando algum trecho dela –, pode-se exportá-la em arquivos do tipo *.txt, *.rtf e *.htm.

⁹⁰A figura 1 ilustra uma das “interações gravadas pelo NUCOI de quatro intercambistas brasileiros no final da sua estadia de um ano de graduação sanduíche na Alemanha pelo programa Ciências sem Fronteiras na Universidade de Münster” (CARNEIRO MENDES, 2017, p. 66).

Ademais, como se vê na figura 1, abaixo da faixa amarela, há um oscilograma o qual indica a oscilação das ondas sonoras ao longo do tempo. De modo a obter essa visualização das ondas sonoras, é necessário que um arquivo de áudio em *.wav seja adicionado. A parte destacada em tom esverdeado, compreendida entre uma linha verde e outra vermelha, é um intervalo de fala,⁹¹ o qual pode ser tocado unicamente repetidas vezes. O programa permite também que os segundos imediatamente antes e imediatamente depois do trecho selecionado sejam tocados sem que a seleção seja desfeita (CARNEIRO MENDES, 2017, p. 66).

Como dito anteriormente, na figura 1, cada falante, de B1 a B4, encontra-se numa camada própria, logo abaixo dos botões. Observe o leitor que o retângulo azul é o local no qual se transcreverá a fala do intervalo selecionado na faixa amarela. No canto inferior direito, está a janela do vídeo, a qual está apenas sobreposta na parte principal, o que permite sua ampliação e sua exibição em um monitor adicional se necessário (*ibid*).

No tocante ao ‘evento de fala’, este deve conter uma UE, segmento de fala coerente e mínimo que, de acordo com Chafe (1990, p. 88), é caracterizada por um contorno entonacional final, deve que conter aproximadamente cinco palavras⁹² e não exceder mais do que dois segundos. Veja o leitor na figura 1 que o intervalo transcrito não apresenta ainda as notações do sistema de transcrição GAT 2. É oportuno comentar que o GAT 2 – como veremos na seção a seguir –, sistema de transcrição escolhido pelo NUCOI, embora permita a descrição de eventos não verbais, não é voltado para a transcrição de gestos, variável relevante nesta tese. Por isso, como também veremos na seção a seguir, escolhemos o sistema de transcrição e descrição de elementos gestuais de Ladewig e Bressemer (2013) e Bressemer (2013).

3.3.2 O sistema de transcrição GAT2 e a notação de gestos

O *Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem* (sistema de transcrição da fala-em-interação) – GAT – é um sistema de transcrição voltado à notação da fala e da prosódia da fala-em-interação cotidiana. Ele surgiu em 1997 como uma proposta de unificação dos sistemas de transcrição existentes no âmbito da Análise da Conversa; suas convenções foram publicadas em uma primeira versão em 1998 por um grupo de 21 linguistas alemães. Todavia, com a

⁹¹Convém comentar que um ‘intervalo de fala’ ou ‘evento de fala’, conforme Lage, Schröder e Silva (2019, p. 152), é “o conjunto resultante da transcrição e de sua associação com a gravação em áudio-vídeo, como se pode ver na coluna 0 da imagem 1.

⁹² Em nossas experiências de transcrição no NUCOI, em português, é possível que uma UE tenha por volta de nove palavras.

divulgação e acesso a novas tecnologias de gravação e armazenamento em áudio e vídeo de dados orais, bem como os softwares para lidar com essa natureza de materiais, foi necessário o aprimoramento do modelo, de modo que o registro de dados multimodais e as marcações de diferentes fenômenos prosódicos pudessem ser feitos, por isso o GAT 2⁹³ foi desenvolvido (SELTING et al., 2016, p. 8; CARNEIRO MENDES, 2017, p. 68-69).

O GAT 2 segue o princípio da ‘casa de cebola’, ou seja, as transcrições podem ser realizadas em três níveis distintos:

- a) a transcrição mínima: são incluídos neste nível fenômenos como sobreposições, marcadores de hesitação, pausas, inspirações e expirações, risos, ações e eventos não linguísticos, bem como trechos de falas não inteligíveis;
- b) a transcrição básica: sendo uma expansão do primeiro nível de transcrição, este nível abarca informações prosódicas, tais como acentos focal e secundário, movimento entonacional ao final do segmento, bem como falas encaixadas (*latching*), prolongamentos de sons, fechamento glotal e comentários interpretativos;
- c) a transcrição refinada: neste nível, para além da indicação mais precisa do posicionamento e da ênfase de acentos, há o registro de movimentos entonacionais nas sílabas enfatizadas e depois delas, de pulos entonacionais perceptíveis no início ou ao longo das UE, de mudanças no registro entonacional, no volume e na velocidade da fala.

É imperativo ressaltar que o GAT 2 baseia-se ainda nos princípios (i) da legibilidade – a transcrição deve ser compreensível tanto para linguistas quanto para leigos; (ii) da clareza – o sistema de transcrição tem que ser explícito ao fornecer a representação dos fenômenos auditivos no nível específico de granularidade; (iii) da iconicidade – pretende-se que os símbolos da transcrição sejam o menos arbitrários possível; e (iv) da relevância – o sistema de transcrição deve possibilitar a notação dos fenômenos interacionais cujas pesquisas anteriores já tenham mostrado ser pertinentes para a interpretação e análise linguísticas. Veja o leitor que esses princípios beneficiam a compreensão da transcrição e se afastam da complexidade confusa de transcrições da primeira geração da AC, as quais frequentemente necessitavam de uma glossa para serem compreendidas (SCHRÖDER, NASCIMENTO; SILVA, 2019, p. 122; SELTING et al., 2016, p. 11).

⁹³ Selting et al. (2009).

Concernente à estrutura da transcrição do GAT 2, de acordo com Selting et al. (2016), o sistema permite a representação de ações linguísticas, não linguísticas, bem como eventos em sua ordem temporal, em registros de áudio e vídeo. As ações e eventos podem ser ligados a um tempo preciso nos registros da transcrição, dando marcações de tempo absolutas, as quais podem ser inseridas em uma terceira coluna. Usa-se a fonte Courier 10 pt, uma fonte equidistante, para minimizar problemas de conversões entre sistemas operacionais. O espaçamento entre linhas é de 1,5. O uso de hífen para a separação de palavras não é possível, uma vez que esse símbolo tenha outra função, a saber, a marcação de contorno entonacional final nivelado. A transcrição inteira é realizada em letras minúsculas, haja vista que letras maiúsculas servem à marcação de acentos. A transcrição é subdividida em segmentos, que são enumerados e dispostos em linhas. No caso de o segmento ser superior ao espaço disponível em uma linha para a notação de tal segmento, este continuará na linha seguinte, porém sem uma numeração. O número da linha, após três espaços, é seguido da identificação do falante. Depois de mais três espaços, a notação do enunciado continua. Por fim, uma seta à esquerda pode ser utilizada para indicar um fenômeno pertinente à análise linguística. Abaixo, apresentamos um exemplo de transcrição, retirado de Schröder, Nascimento e Silva (2019, p. 122-123), que segue as convenções do GAT 2.

Sequência 1 ((26:27-26:43))

```
01 → B4:   então ↑É;;
02         eu acho que_é ISso mesmo;
03  B3:    [primEira leitura é ESsa. ]
04  B4:    [eu acho que eles são mais] respeitOsos do que a outra pessoa
           tá sentINdo assim.
05  B3:    m_HUM.
06  B4:    como vai afetar Ela.
07  B3:    [é.   ]
08  B4:    [os co][mentÁrio.]
09  B2:    [e           ]les tentou antes se coloCAR né no lugar da
           pessoa;=
10         =e ver [tipo:] [como  ] ela tá liDANdo com aquilo;=
11  B4:    [é::;  ]
12  B3:    [m_HUM.]
13  B2:    =pra ver se elas vão tomar ou não a liberDAde;=
14 →      =<<movimentando para trás o tronco com os braços levantados e as
           mãos abertas> e a gente já> <<avançando com as mãos abertas,
           fazendo um movimento em arco para frente> chega
```

to[mando> liberdade com todo MUNdo.]

15 B1: [((ri))]

16 B3: [((ri))]

17 B4: [<<rindo> é::.>]

18 B2: [=<<rindo> é independENTE;=né,>]

19 B1: [((ri))]

20 B4: [é:: Totalmente isso.]

A sequência ilustrativa acima mostra não somente a estrutura geral de uma transcrição em GAT 2, como também a operacionalização dos símbolos desse sistema. Observe o leitor que a transcrição dos enunciados dos participantes foi escrita perpassando os três níveis de transcrição (da mínima à refinada). Em vista disso, os colchetes ([]) são a notação para as sobreposições, como se pode ver nas linhas 15 e 20; entre parentesses duplos ((())), nas linhas 15, 16 e 19, são descritas ações como (sor)risos; com letras maiúsculas (ISSO), são marcados os acentos focal e secundário (ESSa e primEira, respectivamente), ver linha 3. Símbolos como o ponto (.) e o ponto e vírgula (;) marcam os movimentos entonacionais finais, por exemplo, baixo-descendente e descendente respectivamente, como se vê nas linhas 2 e 3; as setas para cima (↑) e os dois pontos (:) sinalizam, nessa ordem, pulos entonacionais – neste caso para cima – e prolongamentos – seja consonantais, seja vocálicos, como ocorre na linha 1. É imperativo reiterar que uma transcrição nos moldes do GAT 2 reflete de maneira icônica a sequência temporal de eventos em tempo real na fala-em-interação. Ainda, tal como no Sistema Jefferson, em um primeiro momento, a transcrição de elementos de natureza prosódica e entonacional é aproximada e ‘impressionista’ (cf. LODER, 2008, p. 140). No entanto, como salientam Selting et al. (2016, p. 40), a transcrição refinada do GAT 2 nos permite, como alternativa ao registro auditivo/impressionista, a integração de uma representação autossegmental dos contornos entonacionais em transcrições básicas e refinadas conforme os objetivos específicos de pesquisa.

Com base em Carneiro Mendes (2017, p. 69-70), segue um resumo com as convenções do GAT 2; no entanto, algumas convenções foram omitidas em função de não serem usadas com frequência pelo NUCOI:

Transcrição Mínima	
Sequência Estrutural	
[]	sobreposição e fala simultânea

[]	
Inspirações e expirações	
°h/h°	ins-/expiração de aprox. 0,2-0,5 seg de duração
°hh/hh°	ins-/expiração de aprox. 0,5-0,8 seg de duração
°hhh/hhh°	ins-/expiração de aprox. 0,8-1,0 seg de duração
Pausas	
(.)	micro pausa estimada em até 0,2 seg de duração aprox.
(-)	pausa curta estimada em aprox. 0,2 – 0,5 seg de duração
(--)	pausa intermediária estimada em aprox. 0,5 – 0,8 seg de duração
(---)	pausa longa estimada em aprox. 0,8 – 1,0 seg de duração
(0.5)/(2.0)	pausa mensurada em aprox. 0,5/2,0 seg de duração (até o décimo de segundo)
Outras convenções segmentais	
e_ah	cliticizações dentro de unidades
eh, ahm, uhm etc.	marcadores de hesitação, assim chamados de “pausas preenchidas”
Risos e choros	
hahaha, hehehe, hihhi	risada silábica
((ri)), ((chora))	descrição de risada ou choro
<<rindo>>	partículas de riso acompanhando a fala com indicação de escopo
Continuadores	
hm, mm, sim, é	partículas monossilábicas
hm_hm, aham	partículas bissilábicas
?hm?hm	com fechamento glotal, frequentemente para negação
Outras convenções	
((tosse))	ações e eventos vocais não verbais
<<tossindo>>	descrição com indicação de escopo
(xxx), (xxx xxx)	uma ou duas sílabas incompreensíveis
(posso)	termo presumido
(posso/passo a falar)	possíveis alternativas
((incompreensível, aprox. 3 seg))	trecho incompreensível com indicação de duração
((...))	omissão na transcrição
Transcrição Básica	
Sequência Estrutural	
=	continuação rápida e imediata com um novo turno ou segmento (<i>latching</i>)
Outras convenções de segmentação	
:	alongamento de vogal, de 0,2 a 0,5 s.

::	alongamento de vogal, de 0,5 a 0,8 s.
:::	alongamento de vogal, de 0,8 a 1,0 s.
?	ruptura (<i>cut-off</i>) por fechamento glotal
Acentuação	
Sílaba	acento focal
!Sílaba	acento extra focal
Movimentos entonacionais no final das unidades entonacionais	
?	alto-ascendente
,	Ascendente
-	Nivelado
;	Descendente
.	baixo-descendente
Transcrição Refinada	
Acentuação	
sílaba	acento secundário
Pulos entonacionais	
↑	pequeno pulo entonacional para cima
↓	pequeno pulo entonacional para baixo
↑↑	grande pulo entonacional para cima
↓↓	grande pulo entonacional para baixo
Mudanças na frequência do som	
<<l> >	frequência mais baixa
<<h> >	frequência mais alta
Notação intralinear de movimentos entonacionais	
en`TÃO	descendente
en'TÃO	ascendente
en ⁻ TÃO	nivelado
en^TÃO	ascendente-descendente
en~TÃO	descendente-ascendente
↑`	pequeno pulo entonacional para cima em direção ao pico da sílaba enfatizada
↓'	pequeno pulo entonacional para baixo em direção ao vale da sílaba enfatizada
en↑ ⁻ TÃO ou en↓ ⁻ TÃO	pulos entonacionais para acentos perceptivelmente mais altos ou mais baixos com curva nivelada
en↑↑ ⁻ TÃO ou en↓↓ ⁻ TÃO	pulos entonacionais perceptíveis em direção ao pico ou em direção ao vale da sílaba enfatizada
Mudanças de volume e velocidade, com escopo	
<<f> >	<i>forte</i> , alto
<<ff> >	<i>fortissimo</i> , muito alto

<<p>>	<i>piano, baixo</i>
<<pp>>	<i>pianissimo, muito baixo</i>
<<all>>	<i>allegro, rápido</i>
<<len>>	<i>lento, devagar</i>
<<cresc>>	<i>crescendo, aumentando o volume</i>
<<dim>>	<i>diminuendo, diminuindo o volume</i>
<<acc>>	<i>accelerando, aumentando a velocidade</i>
<<rall>>	<i>rallentando, diminuindo a velocidade</i>
Mudanças na qualidade vocal e na articulação com escopo	
<<crepitante>>	glotalizado
<<sussurrante>>	mudança de qualidade vocal como indicado

Quadro 4: Convenções GAT2 usadas pelo NUCOI. Fonte: Carneiro Mendes (2017, p.69-72).

Como dito, o GAT 2 possibilita também os registros de ações não linguísticas nas transcrições, isto é, ações visual-corporais. O sistema adequa-se, portanto, aos aspectos multimodais da interação, qual seja, a (co)ocorrência de gestos com a produção de fala, expressões faciais, meneios de cabeça, etc. Na linha 14, da sequência 1 acima, por exemplo, observa-se que, para a descrição de fenômenos gestuais, ou melhor, visual-corporais, os parênteses angulares duplos com marcação de escopo (<< > >) são utilizados. Dessa forma, pode-se descrever a ocorrência de uma manifestação visual-corporal em seu momento preciso de manifestação, notando sua extensão ao longo do enunciado, o que permite uma análise mais substancial e precisa da produção e da negociação de sentidos (SCHRÖDER; NASCIMENTO; SILVA, 2019, p. 123-124).

Todavia, embora o GAT 2 permita a descrição de eventos, este sistema não é voltado para a transcrição de gestos (CARNEIRO MENDES, 2017, p. 67). Tendo isso em mente, é oportuno comentar que, para a notação, transcrição e microanálise dos gestos, entre outros fenômenos visual-corporais, recorremos, sobremaneira, a Bressemer (2013), a qual lança uma perspectiva linguística sobre a notação dos traços formais dos gestos.

Dessa maneira, Bressemer (2013, p.1080) apresenta um sistema que é alicerçado numa abordagem linguístico-semiótica dos gestos, presumindo uma separação heurística da forma, significado e função no processo analítico. Segundo a autora, o sistema de notação dos gestos que ela propõe difere-se em três aspectos: (i) o sistema concentra-se unicamente na descrição da forma dos gestos; (ii) sugere uma descrição formal independente da fala; e (iii) evita descrições gestuais formais interpretativas.⁹⁴

Em outras palavras, o sistema de notação inclui diretrizes para a notação das formas gestuais em relação à sua aparência física. Logo, o sistema concentra-se em quatro parâmetros

⁹⁴ De acordo com a autora: [...] evita descrições de formas gestuais incluindo paráfrases de significado / [...] it avoids gestural form descriptions including paraphrase of meaning (BRESSEMER, 2013, p. 1080).

para a descrição dos gestos na interação: (i) o formato das mãos (*hand shape*); (ii) os padrões de movimento (*movement patterns*); (iii) a orientação das mãos (*hand orientation*); e (iv) a posição do gesto no espaço gestual (*position in gesture space*). Como se vê, as notações que fizemos, restringiram-se, principalmente à mão e ao movimento de braço ou tronco quando interacionalmente relevantes, ou seja, quando foram demasiadamente apelativos ao foco de atenção dos interagentes, bem como à atenção do pesquisador-analista. Outras formas de expressão visual-corporais, tais como, expressão facial e movimento de olhos, foram indicados na transcrição. As figuras de 2.1 a 5 resumem os parâmetros (adaptados) de Bressem (2013). Para o resumo do quarto parâmetros, convém mencionar que recorreremos à versão em português do quadrante de McNeill (2005, p. 274), a qual pode ser encontrada em Pereira (2010, p. 51).



Figura 2.1: Configuração de mão. Fonte: Carneiro Mendes (2017, p.78) traduzido de Bressem (2013, p. 1085).

Combinação de dedos						
1+2 conectados	1+3 conectados	1+2 dobrados	1+2 curvados	1-5 dobrados	1-5 curvados	1-5 curvados afastados
2-5 inclinados	2-5 inclinados 1 esticado	2-5 curvados	1-5 encostados	1+5 conectados	1+2 encostados	

Figura 2.2: Configuração de mão – combinação de dedos. Fonte: Carneiro Mendes (2017, p.78) traduzido de Bressem (2013, p. 1086).

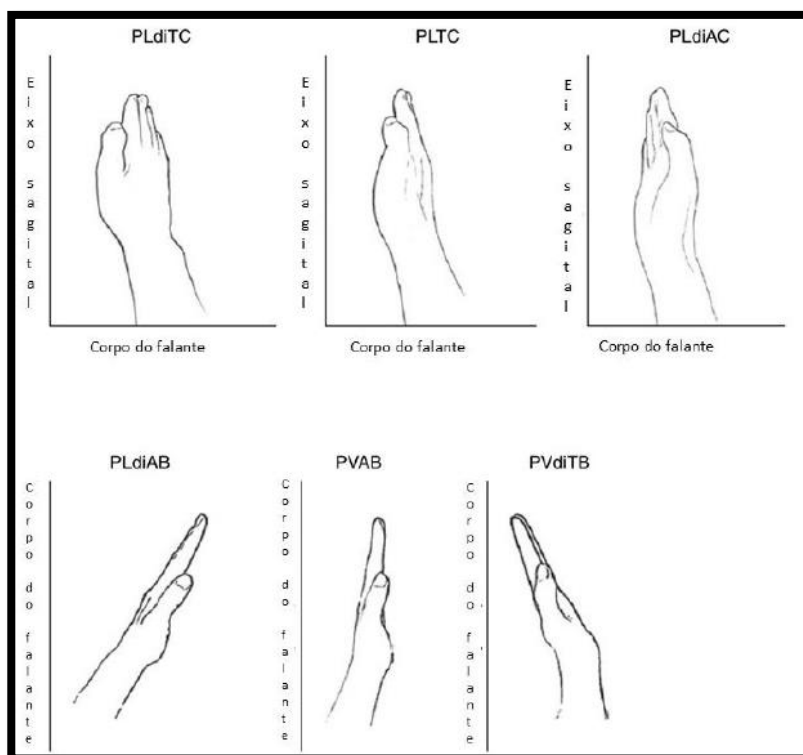


Figura 3: Orientação da mão.⁹⁵ Fonte: Carneiro Mendes (2017, p.79) traduzido de Bressemer (2013, p. 1087).

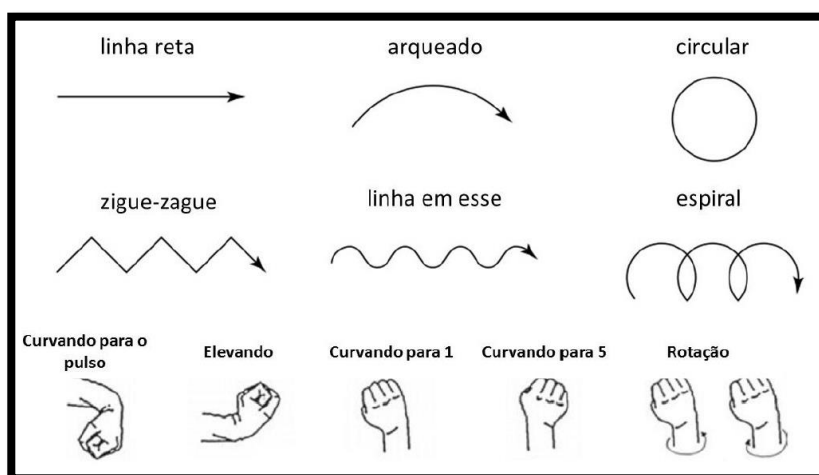


Figura 4.1: movimento da mão. Fonte: Carneiro Mendes (2017, p.79) traduzido de Bressemer (2013, p. 1088-1089).

⁹⁵ As siglas significam respectivamente: PLdiTC (palm lateral, diagonal, towards center) – palma lateral, diagonal, em direção ao centro; PLTC (palm lateral, towards center) – palma lateral, em direção ao corpo; PLdiAC (palm lateral, diagonal, away center) – palma lateral, diagonal, para fora do centro; PLdiAB (palm lateral, diagonal, away body) – palma lateral, diagonal, para fora do corpo; PVAB (palm vertical, away body) – palma vertical, para fora do corpo; e PVdiTB (palm vertical, diagonal, towards body) – palma vertical, diagonal, em direção ao corpo.

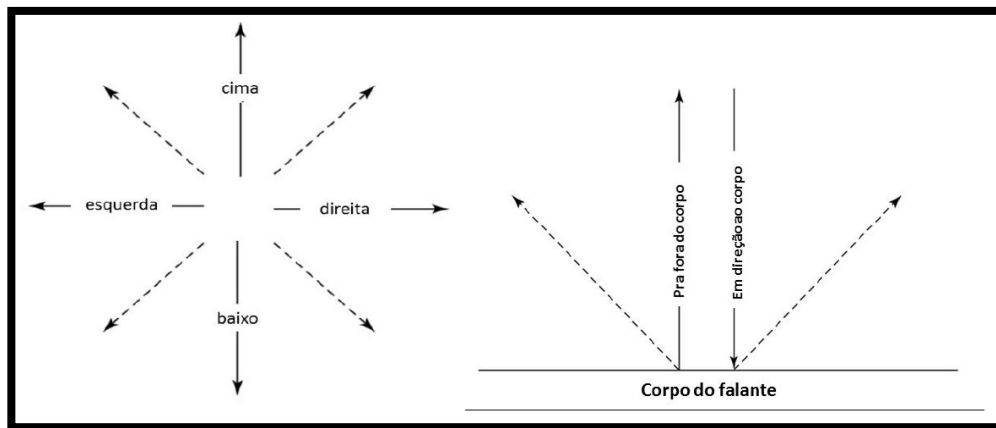


Figura 4.2: movimento da mão - direções. Fonte: Carneiro Mendes (2017, p.79) traduzido de Bressem (2013, p. 1089-1090).

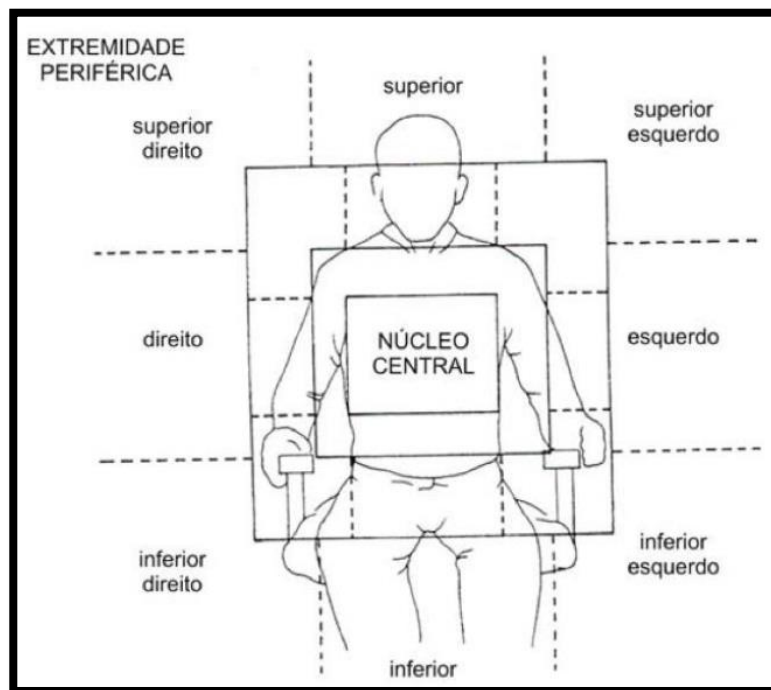


Figura 5: Posição do gesto no espaço gestual. Fonte: Carneiro Mendes (2017, p.80) traduzido de Bressem (2013, p. 1091).

Com base, portanto, nos parâmetros apresentados acima, tentamos reconstruir o significado dos gestos – e sua função – conforme quatro blocos centrais de construção do sentido, a saber, forma, estrutura sequencial, contexto local de uso e distribuição ao longo dos co(n)textos. (cf. BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013).

É importante ressaltar que, no processo de notação dos gestos, também são identificadas e codificadas as fases gestuais. De acordo com McNeill (2005, p. 31), o que entendemos intuitivamente por gesto é a chamada ‘frase gestual’, a qual consiste em até cinco

fases de gesto. Segundo o autor, Kendon (1972 *apud* MCNEILL, 2005, p. 31) distingue três fases gestuais, a saber, preparação, golpe⁹⁶ e retração. A essas fases, Kita (1990 *apud* MCNEILL, 2005) adicionou as fases ‘sustentação pré- e pós-golpe’,⁹⁷ e Susan Duncan (em contato pessoal com o McNeill) acrescentou a ‘sustentação de golpe’.⁹⁸ Assim, para McNeill (2005)

o intervalo completo das fases gestuais, do início da preparação até o final da retração, descreve a duração de um gesto particular e a imagem a ele linguisticamente ligada. Nós vemos a imagem em um estado de ativação que não existia antes e não existirá após esse intervalo (MCNEILL, 2005, p. 34).⁹⁹

Pereira (2010, p. 66-67) descreve as fases gestuais da seguinte maneira:

- **preparação** (opcional): é a fase em que a mão se move até uma posição ideal para o golpe. A mão se afasta de uma posição de repouso no espaço gestual onde ela pode começar o curso. O início da preparação mostra o momento em que o conteúdo visoespacial do gesto começa a tomar forma na experiência cognitiva do falante.
- **golpe** (obrigatório): é uma ação, a amplitude máxima do esforço no gesto em torno do qual se organizam as outras fases. Esta ação deixa impressões ou efeitos de considerável relevância, muitas vezes sincronizada com o ponto de ênfase prosódica. É a fase do gesto onde o formulário é semanticamente interpretável. O significado representado por essa fase do gesto é normalmente expresso no discurso.
- **retração** (opcional): as mãos retornam para descansar (nem sempre na mesma posição que no início). Não pode haver uma fase de retração se imediatamente o falante se move para um novo golpe.
- **sustentação**: é onde a mão é mantida no ar; na mesma posição há um congelamento, isto é, uma unidade estática chamada não movimento. Esta espera pode ser observada antes do golpe. A sustentação sugere que o golpe e a fala expressos contêm uma unidade de ideia criada antecipadamente, desde o início da fase de preparação.

Urge salientar que, para nossa pesquisa, interessou-nos analisar somente o ‘golpe gestual’, cuja notação e descrição foram feitas com base nos parâmetros de Bressem (2013) apresentados anteriormente. Nossa escolha se deve, principalmente, como visto na descrição de Pereira (2010) acima, pelo fato de o golpe ser a fase que, muitas vezes, está sincronizada com a ênfase prosódica e, por consequência, o significado ser em geral expresso no discurso.

⁹⁶ Em inglês *stroke*. Tal como Pereira (2010), adotamos a tradução ‘golpe’ do gesto. Há ainda a possibilidade de encontrar a tradução ‘curso’ do gesto como em Avelar (2016).

⁹⁷ Tradução de Carneiro Mendes Mendes (2017, p. 78) para os termos ‘*pre- and poststroke hold*’.

⁹⁸ Tradução de Carneiro Mendes Mendes (2017, p. 78) para o termo ‘*stroke hold*’.

⁹⁹ Tradução nossa: “The full span of gesture phases, from the beginning of preparation to the end of retraction, describes the lifetime of a particular gesture and its language-linked imagery. We see the image in a state of activation that does not exist before and will not exit after this span” (MCNEILL, 2005, p. 34).

Ainda, após a descrição dos gestos e sua análise em relação ao co(n)texto no qual eles ocorreram, classificamo-los de acordo com as quatro grandes categorias de McNeill (1992, p.75-77):

- **icônicos**: gestos que, em sua forma e maneira de execução, demonstram aspectos da mesma cena que o enunciado também demonstra (MCNEILL, 1992, p.78). Em outras palavras,

Gestos icônicos são gestos estreitamente relacionados com o discurso e expressam representações figuradas, referência espacial ou acontecimento. O gesto pode oferecer informação complementar. Um gesto será icônico se incluir uma relação formal íntima com o conteúdo semântico, exibindo significados de objetos e de ações. Este tipo de gesto revela aspectos dos processos mentais dos falantes que não são articulados pela fala. Fornecem pormenores importantes para a interpretação dos elementos lexicais a que se referem. (PEREIRA, 2010, p. 58)

- **metafóricos**: parecidos com os icônicos, os gestos metafóricos também apresentam uma estrutura imagética (*imagery*), porém eles instanciam conceitos abstratos, tais como conhecimento, língua (MCNEILL, 1992, p. 80) – também cultura. Pereira (2010), ainda esclarece que

Estes gestos são parecidos exteriormente com os icônicos, mas se referem às expressões abstratas. Realmente apresentam forma icônica quanto ao aspecto pictórico, mas o conteúdo (pictórico/descritivo) apresenta predominantemente uma ideia abstrata em vez de um evento ou objeto concreto. Ou seja, [...] a diferença entre o gesto icônico e o metafórico reside no fato de: a) a homologia criada pelo gesto icônico ser do mundo real; b) a criada pelo gesto metafórico ser do mundo mental. (PEREIRA, 2010, p. 61)

- **dêiticos**: gestos cujo movimento é o de apontar (*pointing*), o qual é prototipicamente feito com o dedo indicador, embora qualquer objeto ou mesmo outras partes do corpo (e.g.: nariz, cabeça, lábios, queixo) possam servir para apontar / indicar algo. Precisamente, “são gestos demonstrativos ou direcionais que acompanham as falas apontando geralmente as entidades concretas” (PEREIRA, 2010, p. 56).

- **rítmicos** (*beats*): gestos cujos movimentos não apresentam um significado discernível e podem ser identificados de acordo com suas características prototípicas de movimento (MCNEILL, 1992, p. 80). Ou seja,

Os gestos rítmicos aparecem ligados ao ritmo da fala. São simplesmente batidas (golpes) rítmicas de dedo, da mão ou do braço (predominantemente do antebraço) que conferem uma estrutura temporal ao que é dito, enfatizando a força combativa do

argumento, independente do conteúdo expressado [...]. O gesto marca um ritmo no discurso, enfatizando certas partes. (PEREIRA, 2010, p. 62)

Portanto, após identificarmos os golpes gestuais, conforme os parâmetros de Bressemer (2013), classificamo-los segundo as categorias de McNeill (1992) listadas acima.

Finalmente, para analisarmos as funções semântico-pragmáticas dos gestos em relação à fala dos participantes, recorreremos às categorias de Bressemer, Ladewig e Müller (2013, p. 1111-1112) e Payrató e Tessendorf (2014).

No que concerne à relação semântica entre os gestos e o enunciado com o qual coocorrem, baseamo-nos nas seguintes categorias:

- **redundante**: os traços semânticos ou os esquemas imagéticos convergem com os traços semânticos ou esquemas imagéticos subjacentes à fala, de modo que tais traços e esquemas dos dois modos – gesto e fala – podem ser idênticos ou fazer parte de um conjunto maior de traços semânticos e/ou esquemas imagéticos expressos predominantemente na fala.

- **complementar / suplementar**: os traços semânticos ou os esquemas imagéticos da fala e do gesto não convergem; no entanto, o gesto contribui com seus traços e esquemas à fala, “formando, pois, um subconjunto de significado da modalidade superordenada, a saber, a fala” (GUT et al., 2002 *apud* BRESSEMER, LADEWIG, MÜLLER, 2013, p. 1111).¹⁰⁰

- **contrário**: os traços semânticos ou os esquemas imagéticos da fala e do gesto divergem de tal modo que expressam traços contrários um ao outro, não formando um conjunto sobreposto de traços e esquemas de imagem.

- **troca (replacing)**: gestos ocorrem sozinhos, sem a presença da fala.

Após a análise da relação semântica entre gesto e fala, concentramo-nos na função semântica do gesto em relação à fala:

- **ênfase**: o gesto expressa traços semânticos e esquemas imagéticos redundantes em relação à fala, por apresentar os mesmos traços e esquemas, isto é, idênticos.

¹⁰⁰ Tradução nossa: “[...] thus, forming a subset of the meaning of the superordinate modality, namely speech” (GUT et al., 2002 *apud* BRESSEMER, LADEWIG, MÜLLER, 2013, p. 1111).

- **modificadora:** o gesto expressa traços semânticos e esquemas imagéticos complementares em relação à fala, por apresentar traços e esquemas parecidos.
- **aditiva:** o gesto expressa traços semânticos e esquemas imagéticos contrários à fala.
- **substitutiva:** o gesto expressa traços semânticos e esquemas imagéticos contrários na ausência da fala.

Quanto à função pragmática dos gestos, baseamo-nos nas categorias de Payrató e Tessordof (2014), os quais elencam as seguintes categorias:

- **interativos:** a função desses gestos refere-se a algum aspecto da ação de conversar com alguém. Esses gestos ajudam a manter a conversa como um sistema social e fazem referência ao interlocutor. Apresentam quatro funções básicas: (i) marcar o fornecimento de informação, isto é, o fornecimento de informação nova versus informação dada/compartilhada; (ii) comentar a contribuição do outro, isto é, reconhecimento da contribuição do interlocutor; (iii) obter responsividade, isto é, obter concorências, ajuda, compreensão; e (iv) coordenação de tomada de turno, isto é, tomar ou evitar o turno.
- **(marcadores) pragmáticos:** gestos que assumem função pragmática. Ou seja, servem como marcadores da força ilocucional do enunciado, como operadores gramaticais e semânticos ou como pontuadores ou analisadores (*parsers*) do discurso falado. Esses marcadores têm quatro funções básicas: (i) performativos, (ii) analisadores (*parsers*), (iii) modalizadores; ou (iv) interacionais.
- **metapragmáticos:** gestos que organizam as transações; são usados para regular as ações dos participantes da interação, especialmente chamando a atenção dos interlocutores a certos aspectos do discurso. Esses gestos incluem apontar (*pointing*) ou tocar (*touching*) entre outros, os quais atuam como tentativas de regular o comportamento dos interlocutores.

Em síntese, considerando as funções semântico-pragmáticas, os gestos podem tanto ilustrar quanto enfatizar o que é enunciado no plano verbal, podem modificar o significado verbal ou substituir o significado verbal, isto é, o enunciado verbal. Assim sendo, os gestos incorporam os elementos do significado verbal, destacam informações importantes e trazem

para o plano de figura – isto é, salientam – uma informação no fluxo do discurso (BRESSEM, LADEWIG, MÜLLER, 2013).

Após apresentar o *software* e os sistemas de transcrição que utilizamos para o tratamento dos dados nesta pesquisa, apresentamos a seguir nossos objetivos, bem como as perguntas norteadoras de nossa investigação.

3.4 OBJETIVO DA PESQUISA

Nesta pesquisa objetivamos investigar as funções de atos metacomunicativos quando paraenses e mineiros engajados numa conversa comunicam suas conceptualizações culturais acerca de suas experiências no grupo cultural um do outro. Precisamente, partimos da hipótese de que haveria maior manifestação de atos metacomunicativos na conversa quando as conceptualizações culturais informadas comprometessem o gerenciamento das relações¹⁰¹ entre os participantes.

Para a consecução de nosso objetivo principal, atendemos aos seguintes objetivos específicos:

- Identificar e descrever as instanciações linguísticas (e.g.: construções sintáticas, expressões idiomáticas, dispositivos de categorização do pertencimento)¹⁰² e não linguísticas (e.g.: gestos) de conceptualizações culturais na interação entre paraenses e mineiros;
- Identificar e descrever os traços de metacomunicação nas sequências de fala dos participantes da conversa, tais como reparos, paráfrases, entonação, etc;
- Explanar as funções exercidas pelos atos metacomunicativos nas sequências de fala dos interactantes;

3.5 QUESTÕES DE PESQUISA

¹⁰¹ De acordo com Spencer-Oatey (2008, p. 13), ‘gerenciamento da relação’ (*rapport management*) refere-se à manutenção da harmonia-desarmonia entre as pessoas de em uma interação. Esse gerenciamento abarca três componentes que se interligam: manutenção de face, manutenção de direitos e obrigações de sociabilidade e manutenção dos objetivos interacionais. Trataremos com mais detalhes sobre esse conceito na seção 2.1.3.

¹⁰²Tradução nossa: *membership categorization devices* (SCHEGLOFF, 2007).

Como já exposto, pretendemos investigar as funções de atos metacomunicativos durante a negociação e a coconstrução de conceptualizações culturais instanciadas na fala de paraenses e mineiros quando engajados em uma conversa. Com base nisso, levantamos as seguintes questões:

- Quais são as conceptualizações culturais que paraenses e mineiros elaboram quando falam sobre suas experiências no grupo cultural um do outro?
- Quais são os atos metacomunicativos usados pelos participantes quando estes comunicam suas conceptualizações culturais?
- Quais funções tais atos desempenham nessa situação interacional?

3.6 A CONSTRUÇÃO DE UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA

Antes de encerrarmos o presente capítulo, nesta última seção, gostaríamos de fazer uma breve reflexão sobre a elaboração de uma perspectiva analítica que conjugue os campos da Linguística Interacional e da Análise da Conversa aos campos da Linguística Cognitiva e da Linguística Cultural. Sendo assim, nesta seção, apresentamos a maneira como conduzimos a análise de nossos dados após terem sido registrados em áudio e vídeo e posteriormente transcritos.

No tocante a LI e a AC, Barth-Weingarten (2011, p. 85) nos lembra que o emprego de práticas linguísticas específicas em contextos sequenciais particulares possibilita a interpretação e, portanto, a realização de ações e atividades típicas. Destarte, adotamos uma perspectiva microanalítica das filigranas comunicativas de quatro trechos oriundos de dois eventos interacionais, quais sejam, a interação 2018BaMiPa1 e a interação 2017BHMIPa1.

É oportuno ressaltar que a seleção dos trechos analisados nesta pesquisa foi realizada com base nos seguintes critérios: (i) o grau valorativo da conceptualização, isto é, o juízo de valor veiculado pela conceptualização e (ii) a presença de atos metacomunicativos no contexto em que a conceptualização é instanciada. No concernente ao critério (i), interessou-nos identificar as conceptualizações que carregassem um juízo de valor negativo, pois teriam maior propensão a afetar o ‘gerenciamento das relações’ na interação. Isso nos conduz ao estabelecimento do critério (ii), haja vista que os atos metacomunicativos emergiriam para realizar a manutenção do gerenciamento das relações. Assim, os trechos escolhidos ilustram o

momento em que a conceptualização cultural é instanciada e os atos metacomunicativos ocorrem.

Uma vez que os trechos foram escolhidos, aplicamos, sobremaneira, os métodos da ‘análise senquencial’ (*sequential analysis*) e do ‘procedimento teste do próximo turno’ (*next-turn proof procedure*) (BARTH-WEINGARTEN, 2011, p. 87). Quanto ao primeiro método, a análise sequencial, procuramos em nossos dados os excertos – as sequências – mais representativos dos fenômenos que investigamos. De acordo com Barth-Weingarten (*ibid*), os turnos na fala-em-interação são agrupados em ‘porções’ (*clumps*) conforme (i) as ações que eles realizam ou (ii) a atividade sendo perseguida, bem como (iii) as reações a tais ações / atividade. Sendo assim, para analisarmos tanto as comunicações das conceptualizações culturais quanto os atos metacomunicativos, observamos as ações conversacionais realizadas pelos participantes nos excertos que escolhemos, bem como as reações de seus interlocutores no tocante a tais ações, de modo que pudéssemos descrever e analisar a negociação e coconstrução das conceptualizações culturais comunicadas e suas repercussões na interação.

Concernente ao segundo método, o procedimento teste do próximo turno, é a reação dos interlocutores que mostra a maneira como eles lidam com o enunciado anterior à sua responsividade; logo, como eles compreendem a ação empreendida pelo falante corrente. Posto isso, nos excertos, para que pudéssemos inferir e validar as interpretações do pesquisador, observamos as reações dos participantes em relação às contribuições de seus interlocutores.

No que tange à Linguística Cognitiva e à Linguística Cultural, em termos metodológicos, Feltes (2007, p. 90) afirma que, para termos acesso às conceptualizações culturais e seus respectivos modelos cognitivos, devemos observar “os comportamentos verbais e não verbais dos membros de um determinado grupo”. Sharifian (2011, p. 13) concorda com a autora ao asseverar que é observando o discurso que se pode ter acesso às conceptualizações. Precisamente, segundo o autor, analisa-se os itens lexicais usados pelos indivíduos, padrões de uso linguístico, padrões de associação, etc., para se inferir as estruturas cognitivas subjacentes às construções linguísticas. Dessa forma, analisamos as estruturas linguísticas usadas, bem como as ações conversacionais performadas pelos participantes das interações registradas, de maneira que pudéssemos identificar fenômenos como categorização, metáforas e metonímias, esquemas de proposição, entre outros, os quais são instanciações de conceptualizações culturais.

Ademais, no tocante aos aspectos não verbais, os quais também instanciam modelos culturais (cf. FELTES, 2007, p. 90) e conseqüentemente conceptualizações culturais, procuramos suporte em Bressemer, Ladewig e Müller (2013), para descrevermos os gestos em

relação à fala em seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos; McNeill (1992) e Kendon (2004) para a classificação e interpretação dos gestos, a saber, icônicos, metafóricos, dêiticos e rítmicos. Desse modo, também recorrendo à análise sequencial do contexto imediato em que os gestos ocorreram, principalmente, em relação à fala, pudemos avaliar suas funções tanto no aspecto de instanciação das conceptualizações culturais quanto suas funções nas ações metacomunicativas dos participantes.

Em síntese, com os procedimentos metodológicos e o quadro teórico escolhidos, nossa pesquisa pretende corroborar os estudos que integram a Linguística Cognitiva – bem como a Linguística Cultural – a estudos da interação enquanto uma atividade situada, distribuída e sinérgica. Como veremos no capítulo de análise dos dados a seguir, visamos integrar os aspectos cognitivos à descrição do funcionamento do maquinário da conversa.

CAPÍTULO 4 – DAS CONCEPTUALIZAÇÕES CULTURAIS E AÇÕES METACOMUNICATIVAS EVIDENCIADAS NA FALA-EM-INTERAÇÃO

“Com nossos pensamentos e palavras,
construímos o verdadeiro mundo em que vivemos.”

Torres Pastorino

No presente capítulo, com o suporte da ‘microperspectiva’ advinda da Linguística Interacional e da AC, procuramos revelar os processos cognitivos subjacentes ao ‘maquinário’ da conversa (SACKS; JEFFERSON, 2006 [1995], p. 169). Fazemos uso da Linguística Cognitiva e da Linguística Cultural para tratar de conceptualizações culturais oriundas das experiências de indivíduos vivendo no grupo cultural um do outro. Ainda, na tentativa de estabelecer uma contextualização do cognitivo ao social, fazemos uso também do aparato da Linguística Interacional e da AC para mostrar como ocorre a ‘cognição situada’ – ou ‘cognição social’, ou seja, como os participantes comunicam e negociam suas conceptualizações acerca de suas experiências interculturais. Desse modo, com o quadro teórico, apresentado nos capítulos 1 e 2, articulado com os procedimentos metodológicos apresentados no capítulo 3, objetivamos descrever e explicar neste capítulo a maneira como as conceptualizações culturais foram instanciadas e negociadas pelos participantes da pesquisa, bem como realizaram seus atos metacomunicativos por meio de muitas pistas contextuais, tais como, estruturas linguísticas, padrões prosódicos, expressões faciais, gestos, etc. A seguir apresentamos nossa análise.

4.1 INTERAÇÃO 2017BHMIPa1

Como apresentado no capítulo metodológico, a interação 2017BHMIPa1 ocorreu em Minas Gerais, precisamente, na sala de vídeo da biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Nos excertos a seguir, concentramos nossas análises, basicamente, nas falas de PA1 e PA2, os paraenses, pois nos interessamos em inquirir as experiências interculturais deles em Minas Gerais, bem como analisar as conceptualizações culturais comunicadas por eles, fruto de sua vivência no grupo cultural mineiro.

4.1.1 O mineiro desonesto

Como visto no capítulo 1, a categorização é um fenômeno inerente e basilar à nossa cognição (LAKOFF, 1987). A qualquer momento, quando percebemos e/ou agimos sobre algo, isto é, experienciamos o mundo ao nosso redor, nós categorizamos. Se vemos – percebemos – uma árvore, por exemplo, categorizamos-la como tal. Quando quer que raciocinemos acerca de qualquer tipo de coisa, nós aplicamos categorias. Logo, categorizamos eventos, ações, emoções, relações espaciais, relações sociais, entidades abstratas, etc.

Rosch (1978, p. 30) esclarece que, no processo de categorização, isto é, da formação de uma categoria, os objetos de uma amostra são considerados equivalentes. Ainda, segundo a autora, as categorias são designadas por nomes (e.g.: *árvore*). Ou seja, quando categorizamos, aplicamos uma palavra, um morfema ou uma construção a uma experiência particular a ser comunicada (CROFT; CRUSE, 2004). Croft e Cruse (2004, p. 54) explicam que o ato de categorizar compreende tanto a comparação da experiência em questão às experiências passadas quanto o julgamento de tal experiência como pertencente à classe de experiências prévias designada pela expressão linguística utilizada. Portanto, ao categorizarmos nossas experiências, de modo a agrupá-las em grandes categorias, não somente comparamos-las a outras experiências anteriores, mas também fazemos juízos delas para classificá-las como pertencentes a uma classe de experiências prévias.

Sharifian (2011, p. 3) refere-se à categorização como uma ‘conceptualização’. Para ele, a conceptualização é um fenômeno emergente que ocorre devido a padrões de interação entre elementos de um sistema ao longo do tempo. Em outras palavras, uma conceptualização é elaborada na mente de um indivíduo e, mediante suas interações com outros indivíduos, essa conceptualização é atualizada, retificada e compartilhada como uma ‘cognição cultural’. Assim, a conceptualização, na perspectiva de Sharifian (2011), opera num nível cultural, ou seja, ela é distribuída em um grupo cultural.

Logo, cognições culturais – ou melhor, conceptualizações culturais – são adequadamente descritas como uma rede de representações distribuídas entre as mentes de indivíduos pertencentes a grupos culturais. São oriundas da interação entre os membros do grupo. Essa ideia é corroborada em Silva (2009), o qual argumenta que a atualização e manutenção de modelos cognitivos ocorrem via interação social.

No concernente à interação social, a categorização na perspectiva cognitiva assemelha-se às ‘categorias de pertencimento’ (SACKS, 1974 *apud* EGLIN; HESTER, 1997, p. 2) da conversa etnometodológica. Conforme Eglin e Hester (1997, p. 3), “as categorias de

pertencimento [...] são classificações ou tipos sociais que podem ser usadas para descrever pessoas”.¹⁰³ Ou seja, numa interação social, os interactantes mobilizam conhecimentos de senso comum e aplicam categorias de pertencimento, de modo a estruturar e compreender o mundo social. Ademais, de acordo com Campanha e Schröder (2016), muitas vezes, o uso de categorias de pertencimento pode “tratar-se de atribuições a um grupo cultural ou social que até podem indicar preferências com relação a interpretações semântico-normativas: o pertencimento a um grupo sexual, religioso, político, étnico etc.” (p. 379).

Convém ressaltar que as categorias são flexíveis, porque uma pessoa nem sempre será membro das mesmas categorias, isto é, sua classificação ocorrerá indexicalmente de acordo com a relevância de cada cenário interativo (CAMAPANHA, 2016).

Para ilustrar, vejamos os excertos mais adiante. Inicialmente, observemos como as categorias culturais MINEIRO e PARAENSE são ativadas na conversa. No excerto 1 abaixo, precisamente, PA1, PA2, MG1 e MG2 falavam, a princípio, sobre as diferenças culturais entre o estado do Pará e o estado de Minas Gerais. No entanto, em certo momento, eles especificam o tópico e discorrem sobre as características dos mineiros e dos paraenses com base em suas experiências pessoais:

Excerto 1 2017BHMIPa1 ((22:48–22:59))

- 01 MG1: [o minEiro <<h> tem MUIto> Isso;]
- 02 PA1: [<<pp> isso é interesSANTe;>]
- 03 MG1: muito o meu o meu mArido ↑FAla isso;=
- 04 [=MUIto;]
- 05 PA1: [<<acenando com a cabeça> é;>]
- 06 MG1: [<<all> ele fala assim;>]
- 07 PA1: [<<apontando para PA2> a gente> em belém,=]
- 08 PA2: [((PA2 olha para PA1))]
- 09 MG1: [<<h, estilizado> vocês <<movimento de dentro para fora do corpo com as mãos> não !FA!lam>]
- 10 PA1: [=já é um pOvo mais <<movimento circular com a mão> diREto;>]
- 11 MG1: o que vocÊs tão pEnsa:ndo;>
- 12 [<<h> cês FIcam;>]
- 13 PA1: [<<acenando com a cabeça> é;>]
- 14 MG1: (.) <<movimentos circulares com as mãos> é dando VOLta,
- 15 dAndo VOLta;

¹⁰³Tradução nossa: “Membership categories [...] are classifications or social types that may be used to describe persons” (EGLIN; HESTER, 1997, p. 3).

07 (.) você fAla coisas muito DURas.=
 08 =mas o !SEU! jEito de falar,
 09 as pessoas NÃO ficam com raiva de você.
 10 [<<sorrindo> °h às vezes se eu faLAsse me↑tAde do que
 você fala,>]
 11 MG1: [<<acenando com a cabeça, sorrindo> é (.) tem um lado
 BOM.>]
 12 PA1: [hahahaHAha;]
 13 MG2 [<<rindo> eu apaNHava.>]
 14 PA1: [(((sorri)))]
 15 MG1: [(((olha para MG2, acena com a cabeça, ri)))]
 16 PA2: [(((olha para MG2, acena com a cabeça, sorri)))]
 17 <<sorrindo> ↑é o meu <<h> CAso> porque eu,>
 18 eu realmente eu não sOu <<h> FÁcil.>
 19 (-) °h <h> ^↑MA:S:> e::h;
 20 <<rall> mas o que aconTE:ce.>
 21 → <<movimenta a mão esquerda do centro para fora com a mão
 espalmada para cima, levanta o rosto e projeta os lábios
 arredondados para frente> ^eu:: (.) eu não sOu desoNEsta.>
 22 (0.5)
 23 MG2: <<acenando com a cabeça, dim, p> é.>=
 24 PA1: [=<<acenando com a cabeça, p> mHM.>]
 25 MG1: [(((olha para PA2, acena com a cabeça)))]
 26 PA2: entendeu;
 27 eu eu não SOU,
 28 se eu se eu disSER (.) pra vocÊ,
 29 que_eu vOu cumPRIR,
 30 <<h> eu vou faZER.=
 31 =porque eu aprendI assIm.>
 32 °h então às VEzes essa educaçã-
 33 → << mão esquerda aberta, com a palma para fora e dedos
 Juntos, mão direita também aberta, com a palma vertical
 e dedos afastados;h>não tô diZENdo que eu tô certa também não.>>
 34 (-) né?
 35 → em CERtos pontos eu_acho que eu exage-
 36 → eu já dEi uma <<dedo indicador em riste> exageRAda aqui.>
 37 → °h aquele CAso do menIno eu [exage↑rEi,]=né?
 38 PA1: [haHA]
 39 PA2: mAs por eXEMplo;
 40 <<all> se eu digo,>
 41 Olha (-) MG2;

42 <<all> eu> é ISso que eu vou te pagAr,
 43 é ISso aqui.=
 44 → [=eu não vOu ficAr querendo te enroLAR,]
 45 MG2: [<<acenando com a cabeça, p, dim> é (também;)>]
 46 <<all> entenDEU,>
 47 → querendo passar a PERna em você,
 48 por exemplo;
 49 PA1: ((ri))
 50 MG2: ((acena com a cabeça, sorri))

Primeiramente, convém comentar que, no excerto 2, a categoria MINEIRO não é explicitamente comunicada, mas sim inferida pelo contexto conversacional, isto é, pelos recursos linguísticos utilizados por MG2 – o discurso reportado – para se referir à maneira de se expressar dos mineiros (linhas 6 - 10) e, conseqüentemente, ‘construir uma identidade para si’ (cf. HÜBLER; BUBLITZ, 2007, p. 18-19):¹⁰⁸

Recorte 1 - Excerto 2:

05 MG2: <<all> ele falava> NÓ MG2;
 06 (.) às vezes você FAla as cOisas com as pessO:as,
 07 (.) você fAla coisas muito DURas.=
 08 =mas o !SEU! jEito de falar,
 09 as pessoas NÃO ficam com raiva de você.
 10 [<<sorrindo> °h às vezes se eu faLAsse me,tAde do que
 você fala,>]

Observa-se que a sequência dos enunciados de MG2 direciona a conversa para uma nuance positiva da categoria MINEIRO, isto é, o mineiro enquanto pessoa educada que sabe lidar com situações de conflito. É importante destacar que essa conceptualização é instanciada na construção de uma identidade delineada discursivamente por MG2, por meio de uma autorreferência com a ‘categoria de pertencimento’ – o !SEU! jEito de falar, –, (L08) ao relatar o discurso de um amigo seu que não é mineiro. Desse modo, por meio de uma relação metonímica PARTE PELO TODO (KÖVECSSES, 2010, p. 109), MG2 atribui a si mesma uma característica que é compartilhada pelo seu grupo cultural: um jeito de falar doce e gentil.

¹⁰⁸ Ainda, a categoria é também inferida ‘pelas categorias perceptualmente disponíveis’ (JAYYUSI, 1984 *apud* STOKOE, 2012, p. 285), nas quais os participantes estão fisicamente organizados: de um lado os paraenses (PA1 e PA2) e do outro as mineiras (MG1 e MG2). Convém destacar que os participantes não tinham lugares preestabelecidos para se sentarem. Eles o fizeram aleatoriamente.

Não obstante, a partir da linha 19, ao proferir $(-)^{\circ}h <h>^{\uparrow}MA:S:> e::h;$, PA2 não somente muda o tópico conversacional da conversa como também se contrapõe à direção argumentativa (cf. KOCH, 2010, p.30) positiva de MG2. Tal posicionamento de PA2 é feito com certos recursos conversacionais, ou ‘pistas de contextualização’ (GUMPERZ, 1982): uma micropausa seguida de uma inspiração; ela não somente muda a qualidade vocal – alterando para um tom mais agudo –, mas também realiza um pulo entonacional para cima e um alongamento tanto vocálico quanto consonantal no item lexical $<h>^{\uparrow}MA:S:>$, cuja função adversativa salienta uma mudança de posicionamento e, conseqüentemente, de linha adotada (*footing*) (GOFFMAN, 1979). Sendo assim, PA2 não se mostra alinhada com a conceptualização de MG2, oferecendo um argumento contrário (linha 19) àquele de sua interlocutora.

Vale observar também que o enunciado da linha 20, $<<rall> mas o que aconTE:ce.>$, atua como um mitigador em relação à declaração que PA2 faz na linha 21, $^{\uparrow}eu::: (.) eu não sou desoNESta..$. Explicamos: PA2 diminui gradativamente a velocidade de seu enunciado ($<<rall>$), bem como faz um prolongamento vocálico no item $aconTE:ce$. Esses recursos conversacionais funcionam como uma ‘estratégia de preservação de face’ (KOCH, 2010, p. 37), uma vez que PA2 parece fazer rodeios prosódicos para diminuir o impacto do conteúdo proposicional do enunciado na linha 21.¹⁰⁹

Concernente à declaração $eu::: (.) eu não sou desoNESta..$, a partir de suas experiências com os mineiros, PA2 ativa o conceito – ou a categoria – DESONESTIDADE para descrevê-los. Em função da relação que a paraense estabelece entre as categorias MINEIRO e DESONESTIDADE, depreendemos de seu enunciado a ativação de um ‘esquema de proposição’ (*proposition-schema*) (SHARIFIAN, 2011, p. 10): MINEIRO É DESONESTO. Esse esquema de proposição é oriundo de uma ‘generalização’ (HAUSER, 2011, p. 183), o qual, enquanto prática de categorização, consiste “na relação reflexiva entre um caso individual e uma categoria, onde o caso individual categorizado e a categoria aplicada constituem sentido um sobre o outro reciprocamente, conforme os fins de cada prática de interação social” (CAMPANHA; SCHRÖDER, 2016, p. 379). Campanha (2016) comenta que a generalização não é ‘algo negativo’ necessariamente, sobretudo generalizações acerca de culturas, em virtude de ela ser um processo ubíquo e constituinte das formas de construção de sentido nas interações sociais e experiências da vida cotidiana.

¹⁰⁹ Na seção 4.1.2, aprofundaremos a análise desses enunciados das linhas 19 e 20 em sua função mitigadora.

Tendo em mente o que foi dito no parágrafo anterior, vemos que a participante instancia sua conceptualização dando um acento focal no item *desoNESt*a. Além disso, a conceptualização é prosodicamente comunicada com um movimento entonacional intralinear ascendente-descente e um alongamento vocálico no item *eu::*, seguido de uma micropausa e um acento secundário em *sOu*. Convém salientar que esses recursos de variação entonacional intralinear, o prolongamento vocálico e a micropausa, também atuam como mitigadores para conceptualização comunicada por PA2.

É interessante notar que, em sua declaração, PA2 utiliza um recurso retórico de polidez, o ‘procedimento substitutivo’ (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 84), para se referir aos mineiros como desonestos. Ela o faz usando a primeira pessoa do singular e atribuindo a si mesma a característica negativa que na verdade é direcionada à categoria MINEIRO (“o mineiro é desonesto”). Ademais, um aspecto instigante desse procedimento substitutivo é que, tal como MG2 o faz nas linhas 6-9, PA2 faz uma autorreferência com o item lexical *eu::* (.) *eu*, o que deixa implícito – e deduzível pelo arranjo físico da conversa – a categoria cultural PARAENSE em oposição à categoria cultural MINEIRO. Assim, implicitamente, PA2 deixa nas entrelinhas que os paraenses não compartilham dessa característica que ela está apresentando.

No plano visual-corporal, como se vê na imagem 11 logo abaixo, PA2 realiza dois gestos coocorrentes ao seu enunciado, os quais são licenciados pela metáfora conceptual IDEIAS SÃO OBJETOS (LAKOFF; JOHNSON, 2003[1980], p.10)¹¹⁰.



Imagem 11 <<movimentando a mão esquerda do centro para fora com a mão espalmada para cima, levantando o rosto e projetando os lábios arredondados para frente> *eu::* (.) *eu não sOu desoNESt*a.>

¹¹⁰ IDEAS ARE OBJECTS (LAKOFF; JOHNSON, 2003[1980], p. 10).

Ao enunciar *eu:: (.) eu não sou desonesto.*, PA2 a princípio movimenta sua mão esquerda espalmada para cima e para fora de seu corpo. No contexto em que ocorre, esse gesto ‘mão aberta, palma para cima’ (BRESSEM, MÜLLER, 2014, p. 1582)¹¹¹ é um ‘gesto metafórico’ (MCNEILL, 1992, p. 80), pois a categoria DESONESTA enquanto um conceito abstrato é ‘exposta’ como um objeto sobre a palma de sua mão, de modo que todos o olhem.

Logo após o gesto metafórico, PA2 ainda realiza um ‘gesto dêitico’ (MCNEILL, 1992, p. 80) com seus lábios (*lip-pointing*) (ENFIELD, 2001). Seu gesto de apontar com os lábios é acompanhado por um movimento de levantar tanto o queixo quanto as sobrancelhas para cima. Ainda, quanto ao direcionamento de seus lábios, estes apontam para a mão espalmada como se estivessem direcionados para algo concreto, um referente no plano físico. Avelar (2016, p. 158) comenta que há a possibilidade de um gesto dêitico acontecer sem a presença concomitante de expressões dêíticas no plano verbal, apontando inclusive para ideias abstratas. Conforme a autora, o fato de os gestos também apontarem a entidades abstratas remete à metáfora IDEIAS SÃO OBJETOS. Assim, o ato de apontar com os lábios de PA1 direciona-se à categoria abstrata DESONESTA e reforça a concepção metafórica da categoria apresentada pela paraense. Por fim, cabe pontuar que o comportamento visual-corporal de PA1 exerce uma função apelativa (MÜLLER, 2013) de tal sorte que direciona o foco de atenção de seus interlocutores à conceptualização comunicada por ela.

Em termos de gerenciamento da relação interpessoal, aparentemente, os interlocutores de PA2, sobretudo as mineiras, MG1 e MG2, demonstram desconforto nesse ponto da conversa. Afirmamos isso com base no breve silêncio que se segue à declaração de PA2, o qual é rompido por MG2 ao expressar um baixo *token* de reconhecimento <<acenando com a cabeça, p, dim> é.> (L23), cuja intensidade de emissão, embora baixa, decresce gradualmente, bem como é acompanhado de um aceno com a cabeça. Esse *token* de MG2 mostra um consentimento quanto à contribuição de PA2, bem como um incentivo para que ela desenvolva sua ideia.

Para reforçar sua conceptualização em termos argumentativos, PA2 inicia uma sequência narrativa, de modo a ilustrar com fatos a veracidade e coerência de sua conceptualização:

Excerto 3 - 2017BHMIPa1 ((23:54 - 25:14))

01 PA2: uma vez eu morei,
02 <<acc> que agora eu num moro mais assim;>
03 eu dividia apartamento aqui;

¹¹¹ *Palm-up open hand.*

04 (--) °hh aI a DOna da cAsa,
 05 e a soBRInha da cAsa,
 06 tavam passando um PÉrrengue;
 07 foi na no AUge da crIse;
 08 °h um PÉrrengue <<dim> financEiro;>
 09 °hh e e asSI:M,
 10 elas fazIam questÃO por (.) !TU!do;
 11 por tUdo que eu nunca VI um negÓcio desse;
 12 MG1: [((acena com a cabeça))]
 13 MG2: [((acena com a cabeça))]
 14 PA1: [mHM;]
 15 PA2: CLArO (.) que_o a mInha situação é;
 16 <<h> eu tô PASSando> por uma dificulDAde financEira,
 17 a minha mãe tÁ lÁ pra me assistIr;
 18 eu tEnho namoRAdo que me-=
 19 =ah tá lOnge mas me asSISte;
 20 (--) °hh né,
 21 <<all> entÃO assim;>
 22 Eu eu TENho pessoas com quem eu cOnto.
 23 Óquei;
 24 [ÓQUEI;]
 25 PA1: [<<pp> mHM;>]
 26 PA2: °hh né,
 27 se eu fico sem diNHEIro;
 28 tem alguÉM pra me ajuda;
 29 Óquei;
 30 °h desculpa se eu tô sEndo ¶arroGAnte;=
 31 =<<acc> mas as coisa funcionam> °h DESse jeito aqui;
 32 <<sorrindo> TALvez eu num precIse,
 33 PA2: [°hh]
 34 MG2: [<<sorrindo> (exatamente/certamente) tanto;>]
 35 PA2: [tAlvez eu num me relaciOne MUIto;=]
 36 MG1: [((acena com a cabeça))]
 37 PA2: =com as pessoas [daQUI,=]
 38 PA1: [mHUM;]
 39 PA2: =porque eu TENho;
 40 [(-) pessOas no parÁ,=]
 41 MG2: [((acena com a cabeça))]
 39 PA2: [=que me asSIStem;=né,]
 40 MG2: [((acena com a cabeça))]
 41 (--)

42 PA1: <<p> mHM;>
 43 PA2: °h †MAS <<sorrindo> e anywAy;>
 44 [°h(-)] o chuVEIro dA do do;=
 45 MG2: [((sorri))]
 46 PA2: =da CAsa;
 47 [(0.6) (deu);]
 48 [((acena com a cabeça; franze o cenho e arregala os olhos]
 49 PA2: tAva QUase queimAndo;
 50 que é norMAL;
 51 °h <<h> aí a †Tia chegou com a sobrinha,>=
 52 =e falOu asSIM;
 53 O`lha CARla;
 54 °hh <<levantando o dedo indicador em riste> e_eu ouVI> do
 quArto;
 55 o chuVE:Iro;
 56 °h é:;
 57 eu Acho que vai queiMAR;
 58 †Abre mais;
 59 (0.9) abre ^MAIS porquE,
 60 °h pra num DÁ prejuIzo pra gEnte;
 61 cor!RE!to.
 62 °h ela peGOU falOu assIm;
 63 <<len> Olha TIa;
 64 Óquei;>
 65 <<len, p> mas nÃo FAla pra PA2,>
 66 porque †SE quEimar o chuvEiro,
 67 a gente fAla pra ela paGAR;
 68 PA1: ?Hum,
 69 [Hãhãhãhã;]
 70 MG1: [((sorri))]
 71 MG2: [((arregala os olhos, abre a boca))]
 72 PA2: [aí´ eu virei caVAlo do cão;]
 ((...))
 73 MG2: [= <<h> †ISso é:;>=]
 74 MG1: [((sorri))]
 75 PA1: [((sorri))]
 76 <<acenando com a cabeça>=é:;>
 77 [<<sorrindo, acenando com a cabeça> é: desonestiDAde;>]
 78 MG2: [<<sorrindo>(problema) de caRÁter;=né,>]
 79 MG1: [<<acenando com a cabeça, pp> é]

É oportuno comentar que sequências narrativas frequentemente incluem categorizações (DEPPERMAN, 2011, p. 155). De acordo com Deppermann (2011, p. 155), as versões narrativas são, em geral, vagas e longas, distribuídas em muitas unidades de construção de turno, provendo uma gama de informações contingentes e dêiticas, tais como tempo, espaço, etc. Tais informações são condensadas em categorizações abstratas, atemporais e impessoais sob a forma de uma frase dentro de uma unidade de construção de turno. Tal condensação, ou transformação, é chamada de ‘nocionalização’.

O processo de nocionalização consiste, portanto, na transformação de uma descrição/narração fornecida pelo falante corrente em uma categorização pelo falante seguinte (DEPPERMAN, 2011, p. 155). Em assim sendo, como se pode observar no excerto 3, PA2 narra em uma sequência longa uma situação sobre um chuveiro elétrico que estava prestes a queimar, bem como fornece contingentemente informações acerca das atitudes de duas mineiras na história (linhas 44-67). Por seu turno, ao expressar sua concordância e afiliação à narrativa de PA2, PA1 realiza um processo de nocionalização com o enunciado <<sorrindo, acenando com a cabeça> é: desonestiDAde;> (linha 77). Vê-se que, no plano verbal, PA1 condensa a história com a frase é: desonestiDAde; – tanto o alongamento vocálico do verbo e o movimento entonacional descendente ao final do substantivo esboçam prosodicamente a concordância de PA1 com a conceptualização de PA2.

No plano visual-corporal, PA1 sorri e acena com a cabeça ao proferir seu enunciado. Vejamos a imagem 12:



Imagem 12: PA1, à direita ao enunciar: <<sorrindo, acenando com a cabeça>é: desonestiDAde;>.

Tanto com o sorriso quanto com o aceno de cabeça, PA1 mostra sua afiliação à narrativa de PA2, o que corrobora a conceptualização da paraense como dito. E a síntese da narrativa de sua interlocutora é feita com a nocionalização proferida: ao repetir o item lexical *desonestiDade*, PA1 reforça a conceptualização de PA2. Não obstante, na linha 78, ao proferir <<sorrindo>(problema) de caRÁter;=né,> MG2 introduz outra categoria que, ao invés de ser uma característica da categoria MINEIRO, destaca um aspecto mais individual das pessoas envolvidas na narrativa, posicionamento compartilhado por MG1, a qual fornece um *token* de reconhecimento na linha 79, <<acenando com a cabeça, pp> é.>.

4.1.2 O mineiro desonesto: atos metacomunicativos

Na seção anterior, vimos no excerto 2 que PA2 fez uso de muitos recursos prosódicos, não verbais e visual-corporais, isto é, de muitas ‘pistas de contextualização’, para comunicar sua conceptualização MINEIRO É DESONESTO. Com efeito, observamos um comportamento conversacional com um alto grau de ‘consciência metapragmática’; ou seja, ela fornece índices de um automonitoramento quando expressa seu ponto de vista acerca da categoria cultural MINEIRO. Como exposto no capítulo 2 (cf. Quadro 2: Indicadores de consciência metapragmática), a consciência metapragmática pode ser instanciada linguisticamente de duas maneiras: explícita e implicitamente.

Examinando assim as ações conversacionais de PA2, a começar pelas linhas 19 e 20, do excerto 2, com os enunciados (-) °h <h>^↑MA:S:> e::h; e <<rall> mas o que aconTE:ce.>, identificamos marcas implícitas, principalmente prosódicas, de consciência metapragmática, logo de um ato metacomunicativo. Pistas de contextualização são indicadores de um nível de autorreflexão do interlocutor ao dar sua contribuição em uma conversa. Em outras palavras, as pistas de contextualização indicam como o conteúdo semântico do enunciado deve ser entendido e como cada enunciado se relaciona com os enunciados que o precedem e o sucedem (GUMPERZ, 1982, p. 152). Logo, as pistas são indicadores de um comportamento metacomunicativo.

Posto isso, primeiramente, em termos sequenciais, os dois enunciados das linhas 19 e 20, funcionam como um prefácio para o enunciado da linha 21, ^eu:: (.) eu não sOu desoNESta.. Conforme Kerbrat-Orecchioni (1997), um prefácio pode introduzir atos de fala que são ‘ameaçadores de face’ (BROWN; LEVINSON, 1987), de modo a mitigar sua força ameaçadora. Assim, os enunciados (-) °h <h>^↑MA:S:> e::h; e <<rall> mas o que

aconTE:ce.> diminuem a força ameaçadora da declaração feita por PA2 na linha 21, que veicula a conceptualização MINEIRO É DESONESTO. Esse retardo – marcado, a propósito, pela repetição de item lexical ‘mas’ – é um indicador de que, em algum grau de saliência, PA2 está consciente do impacto que o conteúdo proposicional que ela comunicará é ‘ameaçador de face’, visto que há em sua presença duas interlocutoras mineiras, MG1 e MG2. É oportuno comentar que esse ato metacomunicativo de PA2 pré-posto à sua declaração incorpora antecipações, de modo a preservar possíveis reações negativas (SCHRÖDER, 2018, p. 204-205).

Ainda, no plano verbal, vemos que o uso do operador argumentativo ‘mas’ nos dois enunciados causa um ‘efeito de suspense’ (KOCH, 2010, p. 37) à declaração vindoura, que apresenta um alto teor avaliativo, ameaçador de face e possível comprometedor das relações interpessoais. Esse efeito de suspense, bem como o retardo, caracterizam uma hesitação que é marcada prosodicamente pela mudança da qualidade vocal de PA2 para um registro tonal mais agudo, pelo movimento entonacional intralinear ascendente-descente, pelo pulo entonacional para cima, pelos alongamentos vocálico e consonantal, bem como pelo próprio acento focal dado no item lexical <h>^†MA:S:> na linha 17. Ademais, essa hesitação é também caracterizada pelo alongamento do marcador e::h;, que segue o operador argumentativo, bem como o enunciado seguinte (linha 18), o qual apresenta uma velocidade decrescente no ritmo da enunciação, reforçam esse efeito de suspense causado pela hesitação em relação à declaração feita na linha 19.

Em síntese, os recursos prosódicos usados por PA2 atuam como formas implícitas de um ato metacomunicativo, a saber, a hesitação, cuja função nesse contexto local é o de antecipar reações negativas ao – bem como diminuir o impacto ameaçador de face do – conteúdo proposicional de sua declaração e, por consequência, de sua conceptualização cultural.

Não obstante, sucedendo sua declaração na linha 21, nas linhas 33 a 37, PA2 realiza um ato metacomunicativo (metalinguístico) explícito, ou nas palavras de Koch (2015, p. 118), uma ‘estratégia metadiscursiva’, com uma função retrospectiva:

Recorte 2 – Excerto 2

32 °h então às VEzes essa educaçã-
 33 → << mão esquerda aberta, com a palma para fora e dedos
 Juntos, mão direita também aberta, com a palma vertical
 e dedos afastados;h>não tô diZENdo que eu tô certa também não.>>
 34 (-) né?
 35 → em CERtos pontos eu_acho que eu exage-
 36 → eu já dEi uma <<dedo indicador em riste> exageRAda aqui.>

37 → °h aquele CAso do menIno eu [exage↑rEi,]=né?
 38 PA1: [haHA]

No que tange à posição em que essa sequência metalinguística acontece em relação ao enunciado da linha 21, sua posposição direciona-se à compreensão (cf. SCHRÖDER, 2018, p. 205) de como a conceptualização de PA2 deve ser recebida. Embora sua declaração na linha 21 tenha um alto grau de assertividade, PA2 reconhece que seu posicionamento pode não ser o mais acertado, por isso assevera <<h> não tô diZENdo que eu tô certa também não.> (linha 33). A paraense relativiza, portanto, seu posicionamento assertivo, haja vista ter feito um ataque direto à categoria MINEIRO e, por consequência, às suas interlocutoras imediatas, MG1 e MG2. Observa-se também nesse enunciado que ele não somente introduz o ato de enunciação de PA2, ou seja, o ato de ‘dizer’ – não tô diZENdo, mas também faz um comentário sobre ele – que eu tô certa também não. Assim, em termos retrospectivos, PA2 esclarece que o que ela disse anteriormente pode não ser a realidade que ela expõe, porém essa é a impressão que ela tem da categoria MINEIRO. Cabe ressaltar que Caffi (1984, p. 456) comenta que existem atos de fala metacomunicativos mais específicos, como, por exemplo, comentários, anúncios, esclarecimentos. No caso do metaenunciado <<h> não tô diZENdo que eu tô certa também não.>, classificamo-lo como um ‘esclarecimento’ que PA2 faz do ato de fala que ela performa, ou seja, o ato de dizer, cuja função é de uma manutenção geral da comunicação. Precisamente, diminuir o grau de assertividade de sua fala.

Um breve comentário é oportuno quanto à formalidade desse ato metacomunicativo de PA2. Do ponto de vista textual-interacional, tal ato instancia-se enquanto uma ‘inserção’, cuja macrofunção cognitiva é a de facilitar a intercompreensão (KOCH, 2010, p. 84), bem como para gerir a relação entre os interlocutores (SPENCER-OATEY, 2008, p. 13), isto é, preservar principalmente a face das mineiras presentes. Sendo assim, como pudemos ver, PA2 suspende o fluxo de sua fala acerca do tópico em questão para fazer uma inserção, de modo a expressar sua própria atitude perante seu ato de enunciação, fazendo, pois, uma avaliação de seu enunciado – que ela pode não estar certa –, visando a atenuar seu grau de assertividade como já dito.

Ainda, nas linhas 35-37, PA2 faz uma categorização metaenunciativa de seu ato de enunciação, ou seja, ela o classifica como um exagero: em CERTos pontos eu_acho que eu exage- / eu já dEi uma <<dedo indicador em riste> exageRAda aqui.> / °h aquele CAso do menIno eu [exage↑rEi,]=né?. Koch (2015, p. 83) comenta que uma vez introduzidos na memória discursiva, os objetos do discurso são constantemente transformados,

reconstruídos, recategorizados no desdobramento textual-interacional. Desse modo, PA2 mostra-se consciente de que sua declaração da linha 21 pode ser um posicionamento exagerado, bem como já tenha sido exagerada em outros momentos da conversa.

No nível visual-corporal, também observamos em PA2 um comportamento metacomunicativo. Primeiramente, na linha 33, a paraense realiza um gesto de ‘manter à distância’ (BRESSEM; MÜLLER, 2014, p. 1582),¹¹² coocorrente ao enunciado <<h> não tô diZENdo que eu tô certa também não.>. Seu gesto corrobora a proteção de sua face e a relativização da assertividade de sua declaração na linha 21 do excerto 2, ^eu:: (.) eu não sOu desoNESta.:



Imagem 13: <<mão esquerda aberta, com a palma para fora e dedos juntos, mão direita também aberta, com a palma vertical e dedos afastados; h>não tô diZENdo que eu tô certa também não.>>.

Vê-se na imagem 13 que PA2 posiciona ambas as mãos abertas no quadrante superior de seu corpo: a mão esquerda aberta, com a palma para fora e dedos juntos; a mão direita também aberta, com a palma vertical e dedos afastados. A configuração das mãos da paraense constitui o gesto de ‘manter à distância’, o qual, neste contexto de uso, estabelece-se enquanto um gesto de defesa, impedimento, cuja função pragmática é a de proteger a face da falante a um possível ataque de suas interlocutoras.

Além disso, como dito, a inserção realizada na linha 33 com o enunciado <<h> não tô diZENdo que eu tô certa também não.> visa a não somente diminuir a assertividade da

¹¹² *Holding away.*

declaração da paraense na linha 21 do excerto 2, como também preservar a harmonia das relações interpessoais nesse momento da conversa. Assim sendo, conforme Bressemer e Müller (2014, p. 1585), gestos como o de ‘manter à distância’ podem realizar funções metacomunicativas, isto é, agindo sobre o enunciado, que, neste contexto, mostra a ação de autopreservação de face de PA2, de modo a impedir ataques de face em função de sua declaração sobre a categoria cultural MINEIRO. Seu gesto, portanto, corrobora a relativização da assertividade de seu enunciado *^eu:: (.) eu não sou desonesto., pois contribui para especificar a veracidade da proposição do enunciado <<h> não tô dizendo que eu tô certa também não.>*, que expõe a própria face da falante – estratégia para manter a harmonia das relações interpessoais, bem como comunica uma preservação de face por sinalizar um impedimento de ataques possíveis.

Considerando assim a relação do gesto de PA2 com o enunciado com o qual ele ocorre, notamos indícios de sua consciência metapragmática, a qual engendra a instanciamento de seu ato metacomunicativo, ou seja, sua inserção na linha 33.

Ainda, na linha 36, outro comportamento metacomunicativo no plano visual-corporal chama-nos a atenção: PA2 profere uma metaenunciação realizando um gesto apelativo, ‘dedo indicador esticado’¹¹³ (BRESSEMER; MÜLLER, 2014, p. 1583), com as duas mãos: *em certos pontos eu acho que eu exage- / eu já dei uma <<dedos indicadores em riste> exagerada aqui.>* Como se pode ver na imagem 14 a seguir:



Imagem 14: *em certos pontos eu acho que eu exage- / eu já dei uma <<dedos indicadores em riste> exagerada aqui.>*

¹¹³ Stretched index finger – held.

É oportuno destacar que o gesto de PA2, conforme Bressem e Müller (2014, p. 1585), exerce uma função pragmática de direcionar a atenção dos seus interlocutores a uma parte, ou nuance importante do tópico em questão: salientar sua atitude exagerada. Ademais, se observamos as pistas contextuais (GUMPERZ, 1982) utilizadas por PA2, o ato metacomunicativo é realçado pelo acento focal no item *exageRAda*, que classifica a qualidade da contribuição de PA2. Seu gesto tem um alto teor apelativo e conjugado ao acento focal da UE¹¹⁴ traz ao foco de atenção dos interlocutores a maneira como devem interpretar sua contribuição: de uma forma mais neutra – talvez, cômica –, em virtude de MG1, MG2 e PA1 reagirem a essa sequência metacomunicativa com um sorriso, o que diminui a tensão aparente da declaração na linha 21:



Imagem 15: Reação dos interlocutores de PA2 – ao lado de PA1, o rapaz – à sua metaenunciação.

Vemos que essa sequência metacomunicativa nas linhas 33-37, em CERTos pontos eu_acho que eu exage- / eu já dEi uma <<dedo indicador em riste> exageRAda aqui.>, tem uma função mitigadora em relação à conceptualização MINEIRO É DESONESTO, subjacente ao enunciado eu:: (.) eu não sOu desoNEsta.. Como dito na seção anterior, a reação dos interlocutores de PA2, sobretudo das mineiras, MG1 e MG2, parece ter sido o de um desconforto momentâneo nesse ponto da conversa. O breve silêncio de (0.5) que se segue à declaração de PA2 é um indício, bem como a expressão facial dos interlocutores, como se pode ver na imagem 3. No entanto, o ato metacomunicativo explícito ocorrente na sequência das linhas 33-37 provocou (sor)risos (*laughter*) como reação em seus interlocutores, como se

¹¹⁴ Montredon et al. (2008, p. 180) chama esse fenômeno de ‘acento gestual’ (*gestural accent*), no qual há a coincidência da energia usada tanto para o movimento muscular quanto à emissão vocal e acentos vocais em sílabas proeminentes.

vê na imagem 5 e no excerto 2 (linha 38): PA1 ri e MG1 e MG2 sorriem. Coates (1997, p. 79) comenta que o (sor)riso pode surgir como resposta ao que o interlocutor diz; ele pode sinalizar diversão, surpresa, horror, solidariedade/compreensão ou catarse. Conforme o contexto local em que os (sor)risos acontecem no excerto 2, presumimos que eles sinalizaram um momento de descarga de tensão, causando na interação uma manutenção da ‘harmonia’ da interação (SPENCER-OATEY, 2008), isto é, uma descontração, desfazendo a aparente tensão gerada pelo enunciado da linha 21.

4.1.3 Uma cultura muito fechada

Como visto no capítulo 1, conceptualizações culturais podem ser elaboradas também por meio de ‘metáforas conceptuais’ (LAKOFF; JOHNSON, 2003[1980]; 1999) de acordo com Sharifian (2011, p. 3). Lakoff e Johnson (2003 [1980]) alegam que a metáfora se caracteriza enquanto uma projeção fonte-alvo entre domínios experienciais, isto é, um domínio experiencial, em geral, mais concreto é ativado para estruturar um domínio experiencial, em geral, mais abstrato. Portanto, do mapeamento de elementos de um domínio experiencial concreto e corporificado sobre um domínio experiencial mais abstrato, emerge-se a metáfora conceptual.

Com base nisso, no excerto a seguir, observa-se que na fala de PA2 e PA1, ao discorrem sobre suas impressões acerca do comportamento dos mineiros no âmbito das relações interpessoais, subjaz, sobremaneira, o esquema imagético CONTÊINER – oriundo de um domínio experiencial concreto e corporificado (cf. Capítulo 1, seção 1.1) , que é elaborado na metáfora CULTURA É CONTÊINER (SCHRÖDER; MENDES, 2015), de modo a instanciar suas conceptualizações a respeito do estabelecimento das relações sociais dos mineiros:

Excerto 4 - 2017BHMIPa1 ((16:12-20:17))

01 PA2: °hh e e devIdo: essa cOisa de SER do interiOr do parÁ;
 02 de uma ciDAde °h eh: como capAne:ma;
 03 de setenta mIl habiTANtes;
 04 apesar de eu ter moRAdo em be^lé:m e tal;
 05 mas eu tenho essa cOisa muito do ↑ÍNdio;=né,
 06 da de ser muito <<movimentos circulares com as
 mãos> cariNHO:sa;>
 07 de ser muito <<movimentos circulares com as mãos> aBERta;>
 08 minha família é nordestI:na de aBRIR a cAsa pras pessOas;

09 [a VIda;]

10 PA1: [<<acenando com a cabeça, pp> mHM;>]

11 PA2: °hh e e eu tentEI fazer isso aqui;

12 [e foi muito RUIM pra mim;]

13 MG2: [((sorri e acena com a cabeça para PA2))]

14 PA1: [<<pp> mHM;>]

15 PA2: [((-) °h] e chegou um ponto <<juntando as mãos e esticando os braços> em que eu me †feCHEI;>

16 PA1: <<acena com a cabeça, p> mHM;>

17 (-) e eu não quis mais conta asSIM,

18 no traBALho finan eu também sou;

19 além de_eu ser serviDora pública;

20 eu também °h sou auTÔnoma;=né,

21 então eu precIso me relacionAR com as pessoas aqui;

22 mas é uma relação muito <<aproxima as mãos em diagonal> distANTE.>

23 é muito eh:: é muito funcioNAL;

24 passou a ser uma relação °h mUito funcionA:l;

25 (-) por conta de proBLEmas que eu tive mesmo;=né,

26 °h e: †MAS eh: como eu havIa falAdo pra mgl;

27 (-)eu não quero ficar na SÍNdrome;=né,=

28 =de de coitaDI:nha;

29 ou ficar demonizANdo eh: belo horizOnte;

30 <<all> porque também> eu tô falando de BElo horizonte;=né,

31 [Minas é uma coisa maiOr;]

32 PA1: [((acena com a cabeça))]

33 MG1: [((acena com a cabeça))]

34 MG2: [((acena com a cabeça))]

35 PA2: †MAS assIm eh::;

36 essa COIsa de::;

37 °h ter uma cul!TU:!ra muito fechAda;

38 (1.0) por exemplo †eu sou a†TEIA;

39 †pra iNÍcio de conversa;=né,

40 entÃO eh:: e também eu sou uma pessOa muito racioNAL;

41 (1.4)

42 e Eu:: eh: as coisas são eh lEi é lei e lei †não é LEI;

43 e eu não entENdo às vEzes essa questão das pessoas aqui,

44 tipo elas são muito edu!CA!das;

45 (-) coisa que é assim no ge no TRato no não †é na educação formal;

46 mas no TRato coisa que a gente é mAis grosseiro no norte;

47 PA1: [<<sorrindo, p> mHM;>]

48 PA2: [°hh]só que_eu Acho que a diferença °hh é que
a gente !CHE!ga e fAla o que realmente pensa;

49 MG2: é mais diRE:to;=né,=

50 PA2: =entenDEU;=

51 =não TEM muito meio pre-

52 e sobretUdo pra mim que tenho uma cultura racional;

53 é o que ↑TÁ na lei e acabou;

54 MG2: <<acc> cê sabe que eu tenho uma aMIga que é de maceiÓ,>

55 <<all> que ela fAla assim> eu aprendi muito em belo
horizOnte mas eu não sou GRAta;

56 porque [eu paGUEI <<=> (por tudo que eu aprendi);>]

57 PA1: [((ri))]

58 MG1: [((sorri))]

59 MG2: foi tudo MUIto duro foi um tempo de aprendizado muito
duro;

60 PA2: iGUAL ao meu;=né,

61 MG2: é::;

62 PA2: iGUAL ao meu;

63 MG2: você faz (xxx xxx) (me pareceu) eu lembREI dela;

64 PA1: eu TEenho uma amiga mineira que diz que: eu dei
cErto com minas por causa disso;

65 porque_eu já tenho uma personalidade muito feCHAda;

66 e aqui como o pessoAL é muito::;

67 <<all> como você falou> muito funcioNAL;

68 <<acc, sorrindo> se eu preCIso de você eu vou falAr com você se
eu não preciso eu fIco na mInha> e acabou;=né,>

69 MG1: <<acenando com a cabeça, p> mHM;>=

70 PA1: =e aí ↑pOucas poucas pessoas a gente fica REalmente muito
amigo;=

71 =ao ponto de procurar e querEr eSTAR com a pessoa;

72 (0.8) eh:: e_aí eu tenho uma amIga do norDESte que mudou
pra beagá Esse ano;=

73 =<<all, p> que é de fortaLEza,>

74 e ela SOfre com isso;

75 <<all> porque ela ainda tem essa> de querer estAr mUito
PRÓximo de todo mundo o tempo [intEiro e-]

76 MG2: [(xxx xxx)então eu tenho que
ficAr nIsso só com gente de FOra;]

77 PA1: [é: É::;]

78 MG2: [porque eu tenho essa (xxx xxx)]

((faz movimento ostensivos com as mãos, ri))

79 PA1: e aí eu percebo que e as Outras meninas dos nossos amigos
que são miNEIras assim;

80 são !MUI!to na delas;

81 elas GOSTam (.) super da menina de fortalEza;=

82 =mas elas são !MUI!to na delas assim;

83 e ai ela não enTENde isso;

84 ela acha às vezes que é algum proBLEma com Ela;

85 e não é necessariamente com ELA;

86 é questão de (-) cultuRAL mesmo assim;

87 [(xxx xxx)]

Observa-se que, para elaborar de modo inferencial a conceptualização PARAENSE É ABERTO e, consequentemente, a conceptualização A CULTURA PARAENSE É UMA CULTURA ABERTA, nas linhas 01-07 (ver recorte 1 – excerto 4 adiante), com a construção SER do interiOr do parÁ e com o item lexical ↑Índio, PA2 ativa uma categoria cultural inferível, a saber, CABOCLO, ou mesmo MORADOR DO INTERIOR,¹¹⁵ para estabelecer um modelo cognitivo cultural, no qual o paraense é uma pessoa aberta (tal como o índio na opinião da participante) para se estabelecer relações de amizade e intimidade com facilidade.

A propósito, ao afirmar mas eu tenho essa cOisa muito do ↑Índio, PA2 implica um modelo cognitivo no qual a categoria cultural ÍNDIO é marcada por sua cultura coletivista, de “sociedade solidária” (RIBEIRO, 2015, p.37), em que as relações são marcadas por ‘carinho’ e ‘abertura’ para se estabelecer conexões interpessoais sem dificuldades. Ademais, ao fazer uma autorreferência com a construção eu tenho essa cOisa, PA2 ativa a metonímia PARTE PELO TODO (KÖVECSES, 2010, p. 109), atribuindo a si mesma, numa relação de contiguidade – INDIVÍDUO PELO GRUPO CULTURAL, uma característica que é compartilhada pelo seu grupo cultural, isto é, ser carinhosa e aberta.

Ainda, nota-se que, em nível prosódico, PA2 instancia sua conceptualização acentuando focalmente as palavras ↑Índio (L05), cariNHO:sa (L06) e aBERta (L07) respectivamente. Além disso, em suas três UEs, a falante confere o mesmo contorno entonacional descendente (:), o que afere aos enunciados uma força ilocucional de afirmação.

¹¹⁵ Convém destacar que, de acordo com Castro (2011, p. 38), “[...] o senso comum amazônico conceitua “caboclo” como o habitante autêntico da região, herdeiro tradicional da sabedoria indígena, semiaculturado, porém, e habitante por excelência do interior, como um arquétipo do camponês que, em tantos imaginários nacionais, constitui a essência de uma identidade coletiva”.

Recorte 1 – Excerto 4

01 PA2: °hh e e devIdo: essa cOisa de SER do interiOr do parÁ;
02 de uma ciDAde °h eh: como capAne:ma;
03 de setenta mIl habiTANtes;
04 apesar de eu ter moRAdo em be^lé:m e tal;
05 mas eu tenho essa cOisa muito do ↑ÍNdio;=né,
06 da de ser muito <<movimentos circulares com as
mãos> cariNHO:sa;>
07 de ser muito <<movimentos circulares com as mãos> aBERTa;>
08 minha família é nordestI:na de <<movimentos circulares com as
mãos> aBRIR> a cAsa pras pessOas;
09 [a VIda;]
10 PA1: [<<acenando com a cabeça, pp> mHM;>]

Ademais, nas linhas 08 e 09, com o enunciado *minha família é nordestI:na de aBRIR a cAsa pras pessOas / a VIda*, PA2 recorre também a categoria cultural NORDESTINO É ABERTO. Podemos notar também na fala da paraense uma relação de contiguidade entre os conceitos CASA e VIDA, na qual o conceito CASA é um elemento – uma parte – do conceito VIDA. Assim sendo, vê-se que, com a metonímia PARTE PELO TODO (KÖVECSES, 2010, p. 109), isto é, CASA PELA VIDA, a participante ilustra que uma pessoa do nordeste – tal como uma pessoa do norte – estabelece vínculos de intimidade, amizade, revelando aspectos domésticos (pessoais) de sua vida, e isso acontece levando a pessoa recém conhecida ‘para dentro de casa’, isto é, integrando-a ao círculo familiar.¹¹⁶

No plano visual-corporal, PA2 performa um gesto rítmico (MCNEIL, 1992, p. 80) – dado o movimento circular e ritmado de suas mãos – que destaca discursivamente a categoria cultural ÍNDIO, à qual ela recorre como argumento para sustentar a metáfora PARAENSE É ABERTO e, por consequência, a conceptualização cultural (metafórica) A CULTURA PARAENSE É UMA CULTURA ABERTA:

¹¹⁶ Pensamos também que, a partir da metonímia CASA PELA VIDA, subjaz à fala da paraense a metáfora VIDA ÍNTIMA É CASA, dada a relação analógica entre ‘abrir a casa para uma pessoa entrar’ e ‘compartilhar aspectos de intimidade’ ou ‘dar acesso a aspectos da vida íntima da pessoa’, de modo a se estabelecer uma relação de amizade.



Imagem 16a: <<movimentos circulares com as mãos> **mas eu** tenho essa coisa muito do ↑Índio;=né,



Imagem 16b: <<movimentos circulares com as mãos> mas eu tenho **essa coisa** muito do ↑Índio;=né,

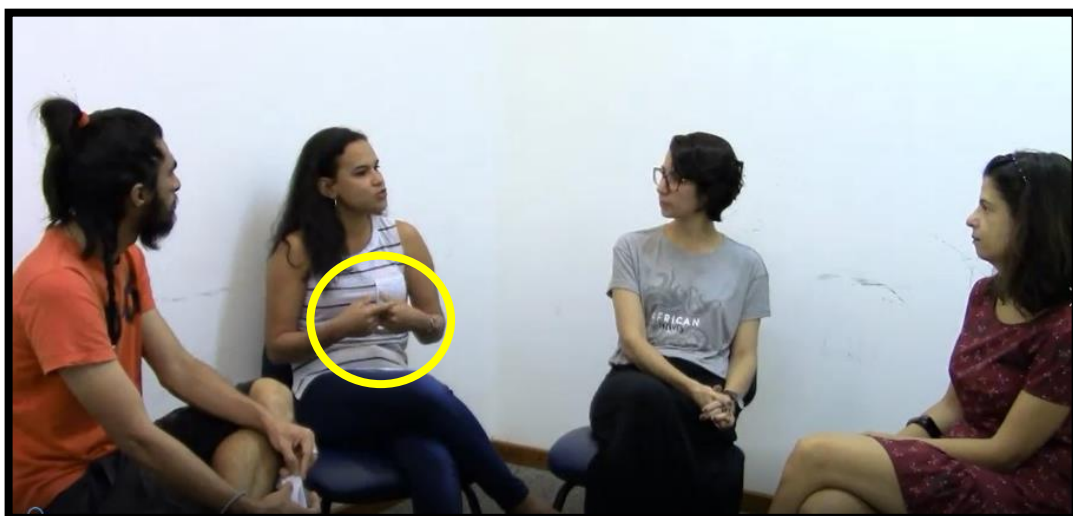


Imagem 16c: <<movimentos circulares com as mãos> mas eu tenho essa coisa muito do ↑Índio;=né,

Na sequência de imagens 16a-c, observamos que o gesto de PA2 ocorre paralelamente à sua fala. A paraense inicia seu gesto com as palmas das mãos voltadas para o seu corpo e os dedos abertos; em seguida, com a mesma configuração de dedos, PA2 vira as palmas das mãos para cima, realizando um movimento levemente arqueado para fora do corpo, culminando com a união das mãos e entrelaçamento dos dedos, com as palmas voltadas para o próprio corpo, tocando-o com ambas as mãos. Em termos semânticos, conforme Bressemer, Ladewig e Müller (2013, p. 1111), o gesto rítmico de PA2 agrega ao seu enunciado o esquema CICLO, e realiza uma função de adição de significado: a continuidade. Por certo, notamos que o efeito de sentido de continuidade relaciona-se, sobremaneira, com o ritmo de fala de PA2, o qual marca não somente a manutenção de seu turno, como também a progressão do conteúdo de sua fala, como se lê no recorte 1 do excerto 4.

Cabe pontuar que, segundo Pereira (2010, p. 62), o gesto rítmico enfatiza a força combativa do argumento – independentemente do conteúdo expressado, bem como marca um ritmo no discurso, de modo a dar proeminência a certas partes da fala. Assim, em termos pragmáticos, de acordo com Bressemer, Ladewig e Müller (2013, p. 1111), o gesto de PA2 funciona como um modo expressivo que destaca não somente a categoria ÍNDIO como dito, mas também, pela a orientação das palmas de suas mãos ao final do movimento arqueado, relaciona a categoria mencionada no discurso à ela, a enunciativa, construindo assim um significado multimodal que reforça a metáfora PARAENSE É ABERTO – via metonímia PARTE PELO TODO – e,

por consequência, a conceptualização cultural (metafórica) A CULTURA PARAENSE É UMA CULTURA ABERTA.

O mesmo gesto rítmico também é performed por PA2 na linha 06, ao afirmar ser ‘carinhosa’, e nas linhas 7 e 8 do recorte 1 do excerto 4, para ilustrar que é uma pessoa ‘aberta’:



Imagem 17a: da de ser muito <<movimentos circulares com as mãos> **carinhO:sa;**>

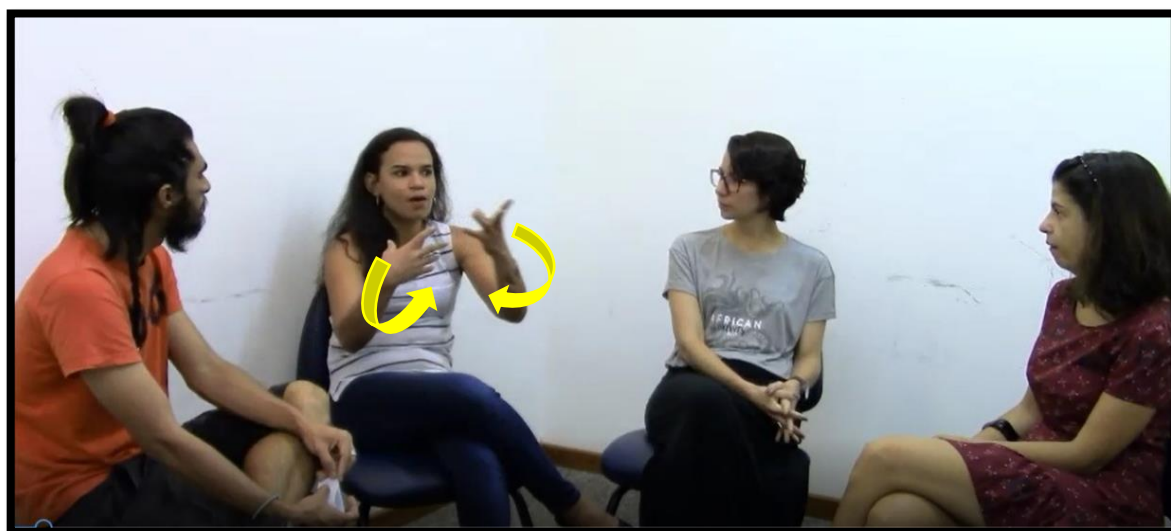


Imagem 17b: de ser muito <<movimentos circulares com as mãos> **aBERta;**>



Imagem 17c: minha família é nordestI:na de <<movimentos circulares com as mãos> aBRIR a cAsa pras pessOas>;

Vemos na sequência de imagens (17a-c) que PA2 repete o gesto rítmico paralelamente aos seus enunciados: da de ser muito <<movimentos circulares com as mãos> cariNHO:sa;>; de ser muito <<movimentos circulares com as mãos> aBERta;>; minha família é nordestI:na de <<movimentos circulares com as mãos> aBRIR> a cAsa pras pessOas>.. Seu gesto configura-se da seguinte maneira: inicia-se com as palmas das mãos voltadas para o próprio corpo, com os dedos esticados e os braços mais próximos de seu tronco. Em seguida, a falante faz um movimento arqueado para fora do corpo com ambas as mãos e para ambos os lados, esquerdo e direito, com os dedos ainda esticados, sendo que a palma da mão direita na lateral ainda voltada para si e a palma da mão esquerda na lateral para fora do corpo. O ‘golpe’ do gesto, isto é, as mãos separadas uma da outra com as palmas numa orientação diagonal e paralelas e os dedos bem esticados, culmina repetidamente com as palavras cariNHO:sa, aBERta e aBRIR, conferindo inclusive um ritmo ao discurso da falante e salientando os itens lexicais focalizados prosodicamente (PEREIRA, 2010, p. 62). Essa repetição gestual pode ser classificada como uma ‘iteração’ (*iteration*) (BRESSEM, 2014).

Segundo Bressem (2014, p. 1642), a repetição de gestos, isto é, a iteração, é usada para marcar a repetição de um mesmo significado; no caso em questão, o significado reiterado refere-se às metáforas PARAENSE É ABERTO e A CULTURA PARAENSE É UMA CULTURA ABERTA, às quais subjaz o esquema de imagem CONTÊINER (SHARIFIAN, 2011, p. 9; JOHNSON, 1987), devido à configuração do movimento das mãos de PA2 conforme se vê na sequência de imagens 17a-c. Ainda, de acordo com Bressem (2014, p. 1643), a repetição gestual de PA2 contribui

para a criação de uma estrutura prosódica multimodal por meio da qual partes específicas do enunciado verbo-gestual são destacadas, o que aumenta inclusive o grau de metaforicidade de sua fala (MÜLLER; TAG, 2010) e coloca em evidência sua conceptualização cultural A CULTURA PARAENSE É UMA CULTURA ABERTA.

É oportuno comentar que, na linha 10, PA1 realiza um *token* de reconhecimento (_{mHM}), que não somente mostra sua afiliação quanto à sua posição no momento de fala de PA2 – interlocutor paraense que acompanha o momento de fala de sua conterrânea –, mas também seu alinhamento e ‘assentimento’ (MACURSCI, 2007, p. 73) – visto que ele também realiza um aceno positivo com a cabeça (<<acenando com a cabeça, pp> _{mHM}; >) – ao posicionamento de PA2 no tocante à conceptualização que comunica. O alinhamento de PA1 fica evidente mais adiante na interação quando ele mesmo relata suas impressões sobre a cultura mineira a partir da linha 64.¹¹⁷

Retornando à fala de PA2, a participante, portanto, estabelece uma aproximação entre as duas regiões do Brasil, Norte e Nordeste, acerca da forma como as pessoas dessas regiões lidam com seus relacionamentos interpessoais, de modo a sustentar sua conceptualização de que A CULTURA PARAENSE É UMA CULTURA ABERTA em oposição à cultura mineira, uma CULTURA FECHADA, como se vê nas linhas 35-36:

Recorte 2 – Excerto 4

35 PA2: ↑MAS assIm eh::;

36 Essa COIsa de:: ter uma cultU:ra muito fechAda;

Pode-se perceber na fala de PA2 que, nos paralelos estabelecidos entre as culturas mineira e paraense, figura como estrutura subjacente de sentido o esquema CONTÊINER: aBERta (L07), aBRIR (L08), ↑feCHEI (L15) e fechAda (L36). PA2, inclusive, acentua essas palavras-chave para destacar sua conceptualização acerca da cultura mineira.

Conforme Johnson (1987, p. 29), estruturas de significado (*meaningful structures*) – os esquemas imagéticos – emergem como padrões advindos de nossas interações sensório-motoras com o mundo (e com outros indivíduos). Esses esquemas são padrões, formas e regularidades presentes em e emergentes de nossas atividades ordenadas e contínuas. Eles conferem sentido e coerência às nossas experiências corporais no mundo. Palmer (1996, p. 66) corrobora Johnson (1987) ao afirmar que os EIs são estruturas de abstração intermediária – entre imagens mentais e proposições abstratas – que são ativados de imediato e estão relacionados a

¹¹⁷ Analisaremos o posicionamento de PA1 mais adiante nesta seção.

experiências socio-físicas. Temos como exemplo de esquemas imagéticos: BARREIRA, CONTATO, DENTRO-FORA, CONTÊINER. No que concerne a estes últimos, Schröder e Mendes (2015) nos lembram que

experimentamos nossa existência como seres humanos a partir de uma limitação do resto do mundo pela barreira da pele. Por conseguinte, tendemos a experienciar o resto do mundo como algo exterior a nós mesmos. Nós nos percebemos como contêineres, envolvidos por uma superfície, e nos relacionamos com o mundo utilizando o sistema de orientação espacial DENTRO-FORA. (SCHRÖDER; MENDES, 2015, p. 109-110)

Ademais, como afirma Johnson (1987, p. 65), os esquemas imagéticos podem ser estendidos e elaborados metaforicamente para estruturar diferentes domínios experienciais abstratos. Schröder e Mendes (2015, p. 110), a propósito, ressaltam que o esquema de CONTÊINER pode ser transferido sem grande dificuldade para categorias conceituais como FAMÍLIA, CLASSES SOCIAIS e CULTURAS.¹¹⁸

Posto isso, Schröder e Mendes (2015) afirmam que, em geral, em situações comunicativas concretas, para falar de suas experiências na cultura do outro, o sujeito recorre à metáfora CULTURA É CONTÊINER. Conforme as autoras, essa metáfora atua como um caminho interpretativo das ações do outro; ela “facilita a coordenação das ações comunicativas e a sua compreensão como construtora de significados, em concordância com a própria teoria sobre o mundo [...]” (SCHRÖDER; MENDES, 2015, p. 125). Ou seja, PA2 não somente conceptualiza a CULTURA MINEIRA como UM CONTÊINER, mas a conceptualiza como um CONTÊINER FECHADO, aspecto, inclusive, negativo para a participante. Logo, para PA2, o modelo cultural cognitivo CULTURA MINEIRA é estruturado pela metáfora A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA.

A propósito da ação visual-corporal de PA2 em relação à sua conceptualização via metáfora, a informante: (i) faz um gesto metafórico para demonstrar a imagem de algo ‘fechando-se em si’ – PA2 aproxima as mãos, entrelaçando seus dedos, unindo, posteriormente, as palmas e apertando os dedos; (ii) esboça uma expressão facial séria e ostensiva, bem como (iii) movimenta sua cabeça de cima para baixo, direcionando seu olhar para MG2:

¹¹⁸cf. Marschak (2005), página 321.



Imagem 18a: Essa COIsa de:: ter uma cultU:ra muito fechAda;



Imagem 18b: Essa COIsa de:: ter uma cultU:ra muito fechAda;

Veja o leitor na imagem 18b acima que a ação visual-corporal de PA2 não somente ilustra e aumenta a metaforicidade de seu enunciado, como também reforça o tom crítico à categoria CULTURA MINEIRA.

Como dito anteriormente, PA1 também compartilha dessa conceptualização acerca da cultura mineira e dos mineiros enquanto indivíduos reservados. No entanto, o *footing* (GOFFMAN, 1981) adotado pelo participante é divergente ao de sua conterrânea, destacando

sua identificação com a cultura mineira, visto que ele mesmo tenha uma personalidade ‘fechada’:

Recorte 3 – Excerto 4

64 PA1: eu TEenho uma amiga mineira que diz que: eu dei
cErto com minas por causa disso;
65 porque_eu já tenho uma personalidade muito feCHAda;
66 e aqui como o pessoAL é muito:;
67 <<all> como você falou> muito funcioNAL;
68 <<acc> se eu preCIso de você eu vou falAr com você se eu
não preciso eu fIco na mInha> e acabou;=né,
69 MG1: <<acenando com a cabeça, p> mHM;>=

A conceptualização cultural que o paraense criou acerca da categoria MINEIRO – a qual é inferida pela construção e aqui como o pessoal – é a de que a pessoa é reservada e contida, com um comportamento objetivo, ‘funcional’ (nas palavras de ambos os participantes paraenses). Isso fica evidente na linha 68 quando PA1 explica a condição que impele um mineiro a romper sua introversão e estabelecer relações interpessoais: <<acc> se eu preCIso de você eu vou falAr com você se eu não preciso eu fIco na mInha> e acabou;=né,. Convém mencionar que PA1 utiliza uma estratégia retórica de polidez, a saber, um ‘procedimento substitutivo’ (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 84), que possivelmente mitiga o traço ‘funcionalidade’ das relações dos mineiros: ele usa a primeira pessoa do singular (eu) para falar do ‘outro’, isto é, do mineiro; muito embora essa construção deixe evidente a identificação do falante com a personalidade geral dos mineiros.

Uma questão curiosa que vale comentar referente à fala de PA1 é a ‘interrogativa tag’ (URBANO, 2015, p. 472), =né,, posicionada após o enunciado declarativo do falante. Conforme Galembeck e Carvalho (20--, p. 12), além de sua função fática, o uso desse marcador discursivo está relacionado à busca pela aprovação discursiva do interlocutor no contexto da argumentação e interação. No momento em que o enunciado de PA1 ocorre, na linha 68, suas três interlocutoras estão olhando para ele. No entanto, o que nos parece é que, embora PA1 direcione seu olhar para PA2 na busca de uma concordância, MG1 é quem valida sua argumentação ao realizar um aceno de cabeça coocorrente com o marcador mHM; (cf. Imagem 19), o qual é enunciado com um movimento entonacional descendente, o que ressalta a força ilocucional de concordância com PA1.



Imagem 19: MG1 acena com a cabeça para PA2: <<acenando com a cabeça> mHM;>.

Vemos que o ponto de alinhamento da fala de PA1 com a fala de PA2 está, sobremaneira, nas construções uma personalidade muito fechada e eu fíco na minha, as quais corroboram as conceptualizações O MINEIRO É FECHADO e A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA. É oportuno comentar que a metáfora ESTADOS SÃO LOCAIS (TEMPORÁRIOS)¹¹⁹ subjaz ao item fechada e à construção na minha, os quais perfilam a natureza do ‘local temporário’, isto é, LOCAL FECHADO / LOCAL COM LIMITES, ou seja, um contêiner. A fala de PA1 inclusive destaca ainda mais a funcionalidade das relações dos mineiros, que, como dito no parágrafo anterior, é validado por MG1, uma mineira.

Tal como em outros momentos da interação, PA1 também inicia uma breve sequência narrativa como argumento ilustrativo para comprovar sua conceptualização. Na sequência, PA1 discorre sobre a experiência de uma amiga sua com os mineiros nesse tocante às relações interpessoais. É importante comentar que, ao mencionar a origem de sua amiga – Nordeste –, o paraense reativa o ‘esquema de proposição’ anteriormente introduzido no discurso por PA2, NORDESTINO É ABERTO:

Recorte 4 – Excerto 4

72 PA1: (0.8) eh:: e_aí eu tenho uma amiga do norDEste que mudou
pra beagá Esse ano;=
73 =<<all, p> que é de fortaLEza,>
74 e ela Sofre com isso;

¹¹⁹STATES ARE (TEMPORARY) LOCATIONS (GRADY, 1997, p. 286).

75 <<all> porque ela ainda tem essa> de querer estAr mUito
 PRÓximo de todo mundo o tempo [intEiro e-]

Como se vê na linha 72, a categoria NORDESTINO é reativada pelo item *norDESte*. De modo a especificar a origem exata de sua amiga, PA1 faz uma inserção parentética na linha 73, informando que sua amiga é de *fortaLEza*. Nota-se que, em ambas as UEs, as palavras-chave são *norDESte* e *fortaLEza*, ambas com acento focal. Esse recurso prosódico traz ao foco de atenção dos interlocutores o esquema cultural sobre o qual PA1 quer discorrer. Vê-se que, com a metáfora INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE (GRADY, 1997, p. 293), o paraense destaca outra nuance da categoria NORDESTINO. Ou seja, além da necessidade de estar aberta – disposta – para estabelecer relações de intimidade: a proximidade (física) é uma condição igualmente relevante para uma pessoa do Nordeste / Norte. Isto é, a presença no cotidiano da pessoa – estar próximo – é importante para se estabelecer vínculos de amizade e intimidade.

Convém ainda comentar que PA1 também usa o EI de CONTÊINER para falar da personalidade das amigas mineiras, bem como tangencialmente da cultura delas.

Recorte 5 – Excerto 4

79 PA1: e aí eu percebo que e as Outras meninas dos nossos amigos
 que são miNEIras assim;
 80 são !MUI!to na delas;
 81 elas GOSam (.) super da menina de *fortaLEza*;
 82 =mas elas são !MUI!to na delas assim;
 83 e aí ela não enTENde isso;
 84 ela acha às vezes que é algum proBLEma com Ela;
 85 e não é necessariamente com ELA;
 86 é questão de (-) cultuRAL mesmo assim;

Se observarmos as linhas 80 e 82, com a construções *são !MUI!to na delas* e *são MUIto na delas assim*, PA1 frisa a personalidade ‘fechada’ das amigas mineiras para falar da introspecção delas em seus relacionamentos. Essa nuance de personalidade destacada pelo falante é ativada pela construção *na delas*, à qual subjaz o esquema CONTÊINER, precisamente na preposição ‘na’ (cf. OLIVEIRA, 2011, 2012, 2016). Em outras palavras, muito embora as mineiras interajam e gostem da amiga nordestina, elas se ‘fecham’ em si mesmas em função de serem reservadas. Esse comportamento das amigas de PA1 corrobora o modelo cognitivo que ele construiu acerca da categoria MINEIRO, a saber, MINEIRO É FECHADO.

PA1, finalmente, encerra seu turno, na linha 86, com o comentário sintético é questão de (-) cultural mesmo assim. Esta síntese sugere que modelos culturais podem ter uma força diretiva sobre as ações das pessoas (cf. D'ANDRADE, 1992; STRAUSS, 1992). Em outras palavras, esquemas culturais moldariam o comportamento dos membros da comunidade que compartilha tais modelos culturais (cf. D'ANDRADE; STRAUSS, 1992). Assim, o modelo cultural A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA motivaria o comportamento 'fechado', mais reservado, das mineiras em questão.

Vemos, portanto, que, nesse momento da interação ilustrado no excerto 4, PA1 e PA2 compartilham da mesma conceptualização cultural acerca da cultura e do povo mineiros, isto é, A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA e O MINEIRO É FECHADO. Todavia, as nuances valorativas que ambos os falantes paraenses atribuem a tais conceptualizações são divergentes: PA1 destaca um aspecto positivo acerca da introspecção dos mineiros, haja vista sua identificação com esse traço cultural enquanto que PA2 destaca um aspecto negativo acerca de tal introspecção do povo mineiro. Por fim, notamos que a característica 'funcional' das relações dos mineiros, destacado pelos participantes paraenses, parece ter sido tratada com certa polidez. Vejamos a seguir.

4.1.4 Uma cultura fechada: ações metacomunicativas

Como visto na seção anterior, PA2 e PA1 mostram-se alinhados quanto às conceptualizações culturais que expressaram, a saber, A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA e O MINEIRO É FECHADO. Entretanto, a orientação argumentativa dos participantes paraenses não se alinhou no que concerne à valoração aferida às conceptualizações: por um lado, PA2 destacou um aspecto negativo em relação ao fato de a cultura mineira ser mais fechada, visto que que essa característica pressupõe a dificuldade de alguém que não seja mineiro possa vir a ter para estabelecer vínculos interpessoais mais íntimos; por outro lado, embora concorde com PA2, PA1 manifesta sua compreensão acerca da cultura mineira, sobremaneira, por se identificar com o fato de os mineiros serem mais introvertidos. Isso faz com que ele perceba que a característica de 'ser fechado' do mineiro não seja algo de todo ruim.

Posto isso, observamos que, para expressar suas conceptualizações, ambos os participantes utilizam ações metacomunicativas (e.g.: inserções, atenuações, etc.), de modo a fazer o gerenciamento das relações (SPENCER-OATEY, 2008), uma vez que as conceptualizações dos dois paraenses carregam um tom crítico. PA2, por seu turno, como visto

no excerto 4, comenta que tentou ser uma pessoa extrovertida, aberta, com os mineiros; no entanto, por ter tido experiências negativas em suas relações com as pessoas em Belo Horizonte, a paraense resolveu se ‘fechar’ e se relacionar com as pessoas objetivamente, sem aprofundamentos de intimidade (ver L11-15).

Não obstante, após falar sobre sua mudança de atitude em suas relações interpessoais, PA2 adota um posicionamento autorreflexivo na conversa:

Recorte 6 – Excerto 4

26 PA2: °h e: ↑MAS eh: como eu havIa falAdo pra mgl;
27 → (-)eu não quero ficar na SÍNdrome;=né,=
28 → =de de coitaDI:nha;
29 → ou ficar demoniZANdo eh: belo horizOnte;
30 <<all> porque também> eu tô falando de BElo horizonte;=né,
31 [MInas é uma coisa maiOr;]
32 PA1: [((acena com a cabeça))]
33 MG1: [((acena com a cabeça))]
34 MG2: [((acena com a cabeça))]
35 PA2: ↑MAS assIm eh::;
36 essa COIsa de::;
37 °h ter uma cul!TU:!ra muito fechAda;

O recorte 6 do excerto 4 acima ilustra um ato metacomunicativo (L27-29) de PA2, a saber, uma inserção, com uma função de “introduzir avaliações ou atitudes do locutor” (KOCH, 2010, p.110):¹²⁰ a paraense suspende brevemente o tópico em curso para expressar uma autocritica em relação à sua fala; isto é, quando ela enuncia eu não quero ficar na SÍNdrome;=né, / de de coitaDI:nha; /ou ficar demoniZANdo eh: belo horizOnte;, PA2 manifesta um grau de automonitoramento, ou consciência metapragmática, na qual a falante tenta atenuar a nuance negativa que sua conceptualização veicula. Isto é, ela ataca a própria face para atenuar o tom crítico de seu *footing*.

Em termos sequenciais, os três enunciados de PA2 ocorrem numa posição pós-posta (cf. SCHRÖDER, 2018, p. 205), isto é, após ter comunicado um conteúdo proposicional com teor negativo (cf. L01-21): a relação com os mineiros é ‘distante’, sem muitos aprofundamentos de intimidade, o que é resultante de um comportamento ‘fechado’ deles. Ademais, a falante destaca, em muitos momentos da interação, que passou por muitos problemas em sua vivência

¹²⁰ Ou nos termos de Koch (2010), ação conversacional metadiscursiva.

na cultura mineira (cf. L21). Assim, suas enunciações metacomunicativas pós-postas atuam em direção à manutenção da intercompreensão, ou seja, apesar da crítica à cultura mineira e ao comportamento dos mineiros, PA2 procura evidenciar (i) que seu posicionamento não é oriundo de melindres de sua personalidade – sobretudo quando ela acentua focalmente os itens SÍndrome, coitaDI:nha e demonizANdo – mas, sim, de seu ‘espaço amostral’, isto é, dos problemas que vivenciou na cultura mineira (ver L21); e (ii) que sua crítica está direcionada a um espaço específico (Belo Horizonte), embora pareça generalizar sua conceptualização cultural para todo o estado de Minas Gerais. Isso fica mais evidente quando a paraense profere o seguinte: <<all> porque também> eu tô falando de BElo horizonte;=né, / [Minas é uma coisa maiOr;]. Nota-se nessa enunciação de PA2 um ‘grau de automonitoramento’, ou atenção, de modo que ela problematiza o modelo cultural elaborado a partir de suas experiências (cf. SCHRÖDER, 2018, p. 210). Sua generalização não se aplica, pois, a todo o povo mineiro. Seus comentários autocríticos, portanto, têm uma medida preventiva para antecipar as críticas de seus interlocutores (cf. HÜBLER, 2011, p. 110). Ela tenta ser precisa e sensata quanto à generalização de sua ‘visão de mundo’ (*worldview*) (SHARIFIAN, 2011, p. 5),¹²¹ elaborada a partir de sua conceptualização cultural.

No plano visual-corporal, nas linhas 27-29, PA2 realiza seu ato metacomunicativo performando mais uma vez uma ‘iteração’ de um gesto rítmico com uma função metacomunicativa, tendo em vista o movimento arqueado e repetitivo que a paraense faz com a mão esquerda ao longo de seus enunciados nas linhas acima mencionadas parece operar na estrutura de seu enunciado, dando destaque ao comentário que ela faz sobre si:

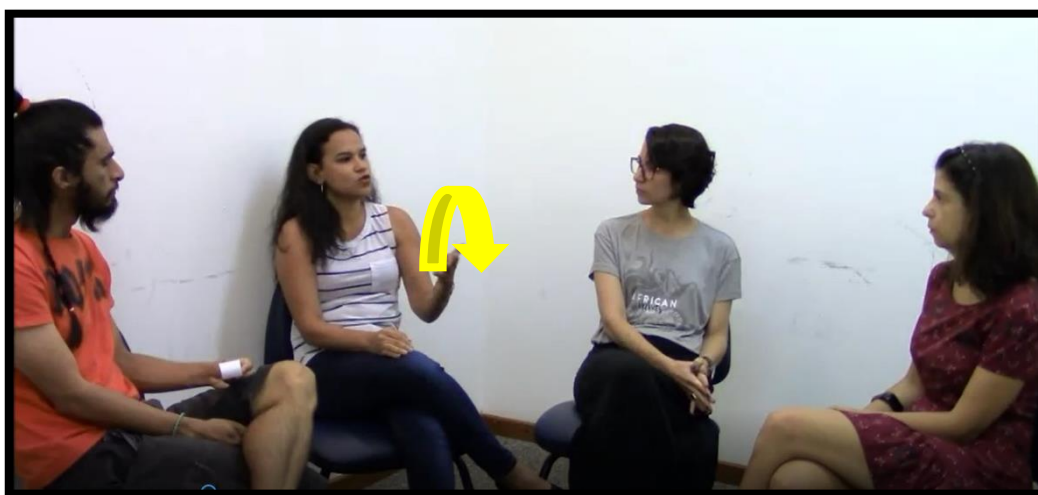


Imagem 20a: eu não quero ficar na <<movimento em arco com a mão esquerda> SÍndrome;>=né, .

¹²¹ Sharifian (2011, p. 5) afirma que ‘conceptualizações culturais’ em nível de sistema cognitivo de um grupo configuram-se como ‘visões de mundo’.



Imagem 20b: de de <<movimento em arco com a mão esquerda> coitaDI:nha;>.



Imagem 20c ou ficar <<movimento em arco com a mão esquerda> demonizANdo> eh: belo horizONte;.

Observa-se na sequência de imagens 20a-c que PA2 faz um movimento arqueado para fora do corpo com a mão esquerda, os dedos levemente esticados e a palma na lateral voltada para seu corpo. Seu gesto repete-se coocorrendo, precisamente, com os itens lexicais SÍndrome, coitaDI:nha e demonizANdo, os quais são destacados visualmente ao foco de atenção dos interlocutores de PA2. Ademais, a iteração do gesto da paraense apresenta uma função não somente apelativa (cf. MÜLLER, 2013, p. 212) como também metacomunicativa (BRESSEM, 2014, p. 1642), por marcar aspectos focais do enunciado da falante, isto é, dos itens lexicais que carregam as informações mais relevantes de sua fala, salientando, desse modo, ao foco de atenção dos interlocutores a importância dessas palavras no discurso da paraense.

Nesse tocante, outro gesto com força apelativa que PA2 também realiza e reforça sua ação metacomunicativa é o gesto icônico, amplo e circular, coocorrente com o enunciado *Minas* é <<movimento circular com ambas as mãos> uma coisa> maior;:



Imagem 21a: Minas é <<movimento circular com ambas as mãos> uma coisa> maior;



Imagem 21b: Minas é <<movimento circular com ambas as mãos> uma coisa> maior;



Imagem 21c: MInas é <<movimento circular com ambas as mãos> uma coisa> maiOr;

O gesto de PA2, no que concerne à dimensão temporal, antecede o item *maiOr*, antecipando o conteúdo comunicado, a saber, ‘a grandiosidade espacial’ de Minas Gerais, bem como ilustrando que a paraense tem consciência de que sua crítica é feita precisamente à região de Belo Horizonte e não ao estado de Minas Gerais como um todo. Nesse instante da interação, como se vê nas linhas 32-34, os interlocutores de PA2 mostram-se alinhados a ela:



Imagem 22: Interlocutores de PA2 demonstram com aceno de cabeça sua compreensão e alinhamento com a declaração da falante.

Conforme a imagem 22 acima, PA1, MG1 e MG2 acenam com a cabeça em resposta à ação metacomunicativa de PA2, ou seja, aquiescem a interpretação que a falante explicita que eles devem fazer de sua contribuição na conversa: na verdade, o MINEIRO FECHADO é originário de Belo Horizonte.

Como dito na seção anterior, PA1 concorda com PA2 ao comunicar que A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA e que O MINEIRO É FECHADO. Ainda, o paraense retoma o aspecto ‘funcionalidade’ (L67) das relações interpessoais dos mineiros que PA2 anteriormente mencionara:

Recorte 7 - excerto 4

- 66 PA1: e aqui como o pessoAL é muito:;
67 <<all> como você falou> muito funcioNAL;
68 <<acc, sorrindo> se eu preCIso de você eu vou falAr com você
se eu não preciso eu fIco na mInha> e acabou;=né,>
69 MG1: <<acenando com a cabeça, p> mHM;>=
70 PA1: =e aí †pOucas poucas pessoas a gente fica REalmente muito
amigo;=
71 =ao ponto de procurar e querEr esTAR com a pessoa;

Nota-se que, na linha 66, PA1 reativa a categoria MINEIRO com a construção o pessoAL, bem como com o dêitico aqui, para situar o ‘objeto de discurso’ (KOCH, 2015, p.70) acerca do qual ele comentará o aspecto ‘funcionalidade’.

Uma vez que o objeto de discurso – ou referente – é estabelecido na conversa, PA1 parafraseia, na linha 68, o que ele entende por muito funcioNAL (L67). Em outras palavras, com uma ‘paráfrase de expansão’ (cf. GÜLICH; KOTSCHI, 1983, p. 328), PA1 explicita a riqueza semântica comprimida na construção muito funcioNAL. Ele o faz acentuando focalmente o verbo preCIso, núcleo da UE, o que estabelece uma relação semântica entre o item funcioNAL e o item preCIso, ou seja, ser funcional é falar com alguém quando se precisa desse alguém. Ainda, nota-se que o falante acelera seu ritmo de fala (e.g.: <<acc>) para comunicar sua explicação, assim como sorri ao final de seu enunciado, procurando por uma aquiescência de MG3, a quem se endereça ao direcionar o olhar, e usa a pergunta tag =né,. Urge comentar que a fala acelerada de PA2, bem como seu riso, indiciam a ‘consciência metapragmática’ presente na paráfrase do paraense, a qual carrega um teor avaliativo negativo. A fala acelerada do paraense, por um lado, indica uma urgência em comunicar o significado

comprimido na expressão usada na linha 67; o riso, por outro lado, tem uma função de atenuar o conteúdo delicado tratado nessa interação (HAY, 2000).

Observe o leitor ainda que, para comentar o aspecto ‘funcional’ das relações interpessoais mineiras, PA1 realiza um ‘procedimento substitutivo’, isto é, ao invés de usar a terceira pessoa ou qualquer expressão nominal que se refira à categoria MINEIRO, o paraense usa o pronome *eu* para falar do ‘outro’, ou seja, dos mineiros. Em outras palavras, como forma de mitigar uma ameaça à face (BROWN; LEVINSON, 1987) das mineiras presentes, PA1 atribui para si, em um plano condicional, com a construção ‘se p, então y’ (e.g.: *se eu preCiso de você eu vou falAr com você*), uma conduta esperada de um mineiro.

Todas essas ‘pistas contextuais’ utilizadas por PA1, portanto, revelam sua consciência metapragmática; e se valendo de estratégias de polidez, tais como o procedimento substitutivo e o riso, o falante realiza uma ação metacomunicativa, atenuadora de uma característica que poderia ser recebida com negatividade pelas interlocutoras mineiras, as quais, em verdade, mostram-se alinhadas com ele, especialmente, MG1, que profere um *token* responsivo e acena com a cabeça, concordando com o paraense.

Vê-se, desse modo, que tanto PA2 quanto PA1, com suas ações metacomunicativas, procuram realizar, no nível interacional, uma manutenção das relações interpessoais, bem como assegurar a intercompreensão: PA2, com sua inserção, além de avaliar sua própria contribuição na conversa, tenta direcionar a maneira como seus interlocutores devem interpretar a contribuição da paraense até então. PA1, por seu turno, com sua paráfrase, explicita um traço do comportamento mineiro, porém o faz com uma série de ‘pistas contextuais’ visando a atenuar o conteúdo comunicado. Assim, ambos os paraenses comunicam e explicam os sentidos presentes em suas conceptualizações, a saber, A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA e O MINEIRO É FECHADO.

Até então concentramos nossas análises sobre as conceptualizações culturais oriundas da experiência intercultural de paraenses vivendo em Minas Gerais, especificamente, em Belo Horizonte. Nas seções a seguir, passaremos a analisar as conceptualizações culturais de mineiros vivendo no estado do Pará, especificamente, em Barcarena e Belém.

4.2 INTERAÇÃO 2018BaMiPa1

A interação 2018BaMiPa1, como explicado no capítulo metodológico, ocorreu no estado do Pará, na cidade de Barcarena, na casa de uma família mineira. Convém salientar que

MG1 e MG3 moram e trabalham em Barcarena, e MG2 mora e estuda em Belém. Nos excertos a seguir, concentramos nossas análises, basicamente, nas falas de MG3, e por vezes nas falas de MG1 e MG2. Nossa escolha se deu pelo fato de os excertos em que figurou, sobremaneira, a fala de MG3, ter sido os exemplos mais representativos do nosso objetivo de pesquisa. Ademais, o foco na fala dos mineiros nessa interação é devido ao nosso interesse em inquirir as experiências interculturais deles no Pará, bem como analisar as conceptualizações culturais comunicadas por eles, fruto de sua vivência no grupo cultural paraense.

4.2.1 O nativismo estranho

No excerto 5 a seguir, o ‘tópico’ em questão é o ‘sentimento nativista’ que as pessoas no estado do Pará, conforme MG3, dizem ter pela própria região. Observe que o mineiro estabelece o ‘enquadre interacional’ (GOFFMAN, 1987; TANNEN; WALLAT, 2002 [1987]) no qual o tópico é introduzido por meio de sua declaração de que o ‘amor arraigado’ que os paraenses sentem pela própria cultura chama sua atenção (L01-11):

Excerto 5 ((2018BaMiPa1 25:38-27:52))

01 MG3: e ↑eu o que_eu reparEi é o seGUINte;=
 02 =<<all> o pesso↑AL;>
 03 <<rall> às VE:zes;>=
 04 =el eles fAlam MUIto;=né,
 05 de de (1.1) de de DESse;
 06 (---)<<mão com os dedos conectados em movimento vertical de
 cima e para baixo > desse amOr (arraigAdo) que o:;>
 07 (---) que o miNEIro <<p> tem por mInas;>
 08 (---) que paraENse tem pelo parÁ;
 09 <<dim> que o paulistAno> TEM por são pAulo;
 10 <<movimentando circularmente a mão direita,
 pp> então> todo mundo TEM,>
 11 tem esse << mão com os dedos conectados em movimento vertical
 de cima e para baixo > sentimEnto natiVISta;>
 12 <<balança a mão direita aberta> vamos diZER assim;>
 13 (1.3) mas ↑quando quando nós comeÇAmos a desenvolver;
 14 o: o: o: o trabAlho de responsabilidade sociAL;
 15 (1.5)lá na !FÁ!brica;
 16 (0.6) aí SEMpre;

17 (.) né,
18 (.) <<all> quando os estuDANtes;>=
19 =a gente comeÇOU;
20 (1.2) ´né ah VAmo cantAr o hino do Brasil.
21 aí nós tivEmos um inSIGHT;
22 <<olhando para PA1> não (.) vamos (1.0) cantAR o hino o
parÁ;>
23 (0.7) um dos HInos <<dedo indicador direito para cima> mais
bonItos que o país tem;>
24 (1.5) e nós descoBRImos que <<levantando os dedos polegar,
indicador e anelar> só tinha três pessoas cantando;>
25 PA1: [((acena com a cabeça))]
26 MG3: [(2.5)]
27 [ai TANTo] [que nós tivEmos que;]
28 MG2: [(incompreensível, 1.3s)][((levanta e abaixa os ombros))]
29 MG1: [imprimIR;]
30 MG3: [(-) passAR,]
31 MG2: [ensiNAR;]
32 MG3: [(.) imprimIr a LEtra;]
33 PA1: [<<acenando com a cabeça, pp> do HIno.>]
34 MG3: [(---) do: <<all, acc> do do do> HIno do parÁ;>]
35 e eu descobri que <<fazendo movimento arqueado com as mãos,
dedos esticados> †dAs DUAS pessOas> que tavam
cantando o hino do parÁ;
36 <<tocando com o dedo indicador esquerdo o polegar direito,
movimentando para baixo e para cima> um era um ceaREnse;>=
37 =e <<tocando com o dedo indicador esquerdo o polegar direito,
movimentando para baixo e para cima> outro era um mi†NEIro;>
38 <<dedo indicador esquerdo tocando indicador direito, movimento
para direção do corpo, all> que †era EU;>
39 PA1: <<sorrindo, p> hum;>
40 MG2: ((ri))
41 (2.8)
42 MG3: <<h>₁ e †ISso pra mIm <<separando as mãos>₂ foi assIm>₁>₂ <<all,
p>muito dOido;>=
43 [=o pessoal fala †TANTo;]
44 PA1: [<<sorrindo,p>é cê faLOU;>]
45 MG3: e †né:,
46 (1.0) e;;
47 (1.2) <<all> †eu FAlO as`sim> GENte;
48 um hIno <<fechando e abrindo a mão direita> boNItO;>

49 num <<levando a mão esquerda para frente espalmada para
 cima> esTAdo bonItO;>
 50 (1.8) que o pessoAL;
 51 (0.5) ((cerca os punhos)) '!JU!ra que tá defendendo por
 Unhas e dEntes;
 52 <<h> e não <<balançando levemente a cabeça para os lados> †TÁ
 defendEndo;>>
 53 [porque,]
 54 PA1: [<<p> é;>]
 55 MG3: (1.2) se tiVESse mesmo (esse) sentimento de de nativI:smo;
 56 °h de de de de identiDAde;
 57 (0.5) †cultUa;
 58 (-) né,
 59 (-) eh eh eh eh TOdos esses valOres;
 60 (-) né,
 61 (1.4) iGUAL a gente tá acostUmAdo a ver;
 62 (-) 'né <<levando a mão esquerdo para o lado esquerdo> em
 MInas;>
 63 <<apontando o dedo indicador esquerdo para cima e para
 esquerda> lá> <<levando o dedo indicador esquerdo para a
 direita apontando para frente> que tem que tem o perFIL>
 das montAnhas;
 64 <<levantando a mão esquerda fechada> aí tem a pessoa LA;
 65 <<levando a mão esquerda da esquerda para a direita> olhe bem
 as montAnhas;>
 66 <<movimentando a mão esquerda para os lados> MInas são
 muitos;>
 67 <<apontando os dedos indicadores para a direita ao lado do
 próprio ombro> porque são geRAIS;>
 68 (-) †e no <<juntando as mãos pelas pontas dos dedos> †parÁ;>
 69 <<all, pp> é uma> asSIM;
 70 <<levando a mão direita para perto de PA1 espalamda para si
 próprio> de um TEMpo> pra cá que a <<movimentos circulares
 com as mãos no sentido antihorário> gente começou a
 perceber> <<fechando as mãos pelas pontas dos dedos> mais
 um;;
 71 MG1: [<<acenando com a cabeça>uma construÇÃO;>]
 72 MG3: [<<mão direita espalmada para esquerda>(comeÇOU;)>]
 73 MG1: [é;]
 74 MG3: [uma evoluÇÃO de] (-) <<abrindo a mão direita espalmada para
 frente> banDEIras;>

75 [né;;]<<mão direita aberta espalmada para PA1> (0.7)>
76 PA1: [<<p>sim;>]
77 MG3: no: em <<abaixando e levantando a cabeça>camISE:ta> coisa e
tal;
78 (1.1)<<all> eu FAlô assim> <<h> GENTE;>
79 <<all> o pessoal ↑fAla que> gOsta TANTo do pará;
80 e tem COIsas;
81 (1.3) <<len> que (.) demOnstram que eles não gOstam
[TANTo;>]
82 MG2: [<<pp, crepitante> verDA:de;>]
83 PA1: [((acena com a cabeça))]
84 MG3: (1.5) né,

Para discorrer sobre o ‘sentimento nativista’, MG3 baseia-se em um ‘modelo cognitivo cultural’ (*cultural cognitive model*) (MORGAN, 2001, p. 77) de NATIVISMO, cuja estruturação é elaborada metaforicamente em termos de AMOR (L05-06, L11, respectivamente):

Recorte 1 - Excerto 5

```
05      MG3: de de (1.1) de de DESse;  
06      (---) << mão com os dedos conectados em movimento vertical de  
      cima e para baixo > desse amOr (arraiaGado) que o:;>  
      (...)  
11      tem << mão com os dedos conectados em movimento vertical de  
      cima e para baixo > esse sentimEnto nativISTA;>
```

Em nível verbal – sintático – a construção desse *amOr (arraigAdo)* (L06) instancia a maneira como MG3 perspectiva o *sentimEnto nativISta*; esta construção, por sua vez, corrobora a relação entre os conceitos NATIVISMO e AMOR ARRAIGADO expostos pelo mineiro. No tocante aos aspectos prosódicos, na linha 6, MG3 acentua a construção *amOr (arraigAdo)* – acentos secundário e focal respectivamente, bem como, na linha 11, acentua de maneira análoga, isto é, também com acentos secundário e focal respectivamente, a construção *sentimEnto nativISta*, trazendo ao foco de atenção de seus interlocutores seu esquema de proposição acerca de NATIVISMO. Tais elementos linguísticos revelam assim a relação (metafórica) NATIVISMO É AMOR ARRAIGADO. Observa-se, a propósito, MG3 procura chamar a atenção de seus interlocutores para sua conceptualização com sua expressão gestual coocorrente à sua fala:



Imagem 23: (---) <<mão com os dedos conectados em movimentos para cima e para baixo> desse amOr (arraigAdo) que o::;>

Como se pode observar na imagem 26, MG3 une os dedos de sua mão direita, mantém-na com os dedos voltados para cima e a move verticalmente, com a mão mantida em *grappolo* durante o movimento (KENDON, 2004, p. 229). Conforme Kendon (2004, p.232), esse gesto é usado, principalmente, quando se quer destacar algo como pertinente, o que, no caso do enunciado de MG3, é a ideia de amOr (arraigAdo). Ademais, Kendon assevera que, em sua forma mais específica, o *grappolo* é usado quando se quer expressar a ideia de ‘essência’, ‘cerne’ ou ‘coração’ de algo que está sendo comunicado. No caso do enunciado de MG3 a imagem de ‘enraizado’ (RIOS, 2010, p.46), ‘profundo’, presente na palavra ‘arraigado’, é destacada pelo *grappolo*.

Mais adiante em seu turno, na linha 11, MG3 repete o mesmo gesto, também coocorrente à sua fala: tem <<mão com os dedos conectados em movimento vertical de cima e para baixo> esse sentimEnto nativISTA;>:



Imagem 24: tem esse <<mão com os dedos conectados em movimentos para cima e para baixo> `sentimEnto nativISTa;`>

Convém salientar que esse gesto é pragmático e repete-se em vários momentos da interação, realizando a propósito uma função discursiva de chamar atenção a alguma parte do enunciado proferido. Nessa ocorrência da linha 11, por exemplo, esse `sentimEnto nativISTa` é ressaltado pelo *grappolo* realizado por MG3.

Vê-se, portanto, que MG3 estabelece uma relação (metafórica) entre essas duas categorias NATIVISMO – AMOR, a saber, NATIVISMO É AMOR ARRAIGADO, na qual evoca um esquema de proposição (metafórico) NATIVISMO É AMOR ENRAIZADO, em que se pressupõe dos indivíduos uma série de comportamentos que demonstrem respeito, afeto, orgulho e estima pelos valores, pela cultura e pela região em que vivem. Conforme o participante, um comportamento nativista – uma atividade ligada à categoria¹²² NATIVO → PARAENSE – adequado seria o sujeito conhecer e saber cantar, por exemplo, o hino do próprio estado.

Para ilustrar e argumentar em favor de seu esquema de proposição, MG3 inicia uma ‘narração’ (*storytelling*) (L13-37) (cf. JEFFERSON, 1978) no fluxo de sua fala, de modo a explicar o pressuposto comportamental (e.g.: conhecer o hino do estado) no esquema cultural apresentado anteriormente, bem como demonstrar a incongruência entre o discurso nativista do paraense e suas atitudes diárias:

¹²² Uma ‘atividade ligada à categoria’ (*Category-bound activity*) é uma atividade que é, *in situ*, ou seja, no momento imediato da interação, ligada à categoria em questão (cf. STOKOE, 2012, p. 281).

Recorte 2 - Excerto 5

13 MG3: (1.3) mas †quando quando nós comeÇAmos a desenvolver;
14 o: o: o: o trabAlho de responsabilidade sociAL;
15 (1.5)lá na !FÁ!brica;
16 (0.6) aí SEMpre;
17 (.) né,
18 (.) <<all> quando os estuDANtes;>=
19 =a gente comeÇOU;
20 (1.2) ´né ah VAmo cantAr o hino do Brasil.
21 aí nós tivEMos um inSIGHT;
22 <<olhando para PA1> não (.) vamos (1.0) cantAR o hino o
parÁ;>
23 (0.7) um dos HInos <<dedo indicador direito para cima> mais
bonItos que o país tem;>
24 (1.5) e nós descoBRIMos que <<levantando os dedos polegar,
indicador e anelar> só tinha trÊs pessoas cantando;>
25 PA1: [((acena com a cabeça))]
26 MG3: [(2.5)]
27 [ai TANTo] [que nós tivEMos que;]
28 MG2: [(incompreensível, 1.3s)][((levanta e abaixa os ombros))]
29 MG1: [imprimIR;]
30 MG3: [(-) pasSAR,]
31 MG2: [ensiNAR;]
32 MG3: [(.) imprimIr a LEtra;]
33 PA1: [<<acenando com a cabeça, pp> do HIno.>]
34 MG3: [(---) do: <<all, acc> do do do> HIno do parÁ;>]
35 e eu descobri que <<fazendo movimento circular com a cabeça e
com as mãos, dedos esticados> †dAs DUAS pessOas> que tavam
cantando o hino do parÁ;
36 <<tocando com o dedo indicador esquerdo o polegar direito,
movimentando para baixo e para cima> um era um ceaREnse;>=
37 =e <<tocando com o dedo indicador esquerdo o polegar direito,
movimentando para baixo e para cima> outro era um mi†NEIro;>
38 <<dedo indicador esquerdo tocando indicador direito,
movimento para direção do corpo, all> que †era EU;>
39 PA1: <<sorrindo, p> hum;>
40 MG2: ((ri))
41 (2.8)
42 MG3: <<h> e †ISso pra mIm <<separando as mãos> foi assIm> <<all,
p>muito dOido;>₂>₁=

43 [=o pessoal fala ↑TANto;]
 44 PA1: [<<sorrindo,p>é cê faLOU;>]
 45 MG3: e ↑né:,
 46 (1.0) e;;
 47 (1.2) <<all> ↑eu FAlo as`sim> GENte;
 48 um hIno <<fechando e abrindo a mão direita> boNIto;>
 49 num <<levando a mão esquerda para frente espalmada para
 cima> esTAdo bonIto;>
 50 (1.8) que o pessoAL;
 51 (0.5) ((cerra os punhos))`!JU!ra que tá defendendo por
 Unhas e dEntes;
 52 <<h> e não <<balançando levemente a cabeça para os lados> ↑TÁ
 defendEndo;>>
 53 [porque,]
 54 PA1: [<<p> é;>]
 55 MG3: (1.2) se tiVESse mesmo (esse) sentimento de de nativI:smo;
 56 °h de de de de identiDAde;
 57 (0.5) ↑culTUa;
 58 (-) né,
 59 (-) eh eh eh eh TOdos esses valOres;
 60 (-) né,

Se observarmos, a partir da linha 24, a incongruência entre o discurso nativista e a atitude diária do paraense apontada por MG3, notaremos que subjazendo a esse trecho da narrativa está o esquema de proposição O PARAENSE NÃO TEM COMPORTAMENTO NATIVISTA.

De acordo com Mandelbaum (2013, p. 493), histórias são contadas para realizar ações particulares em cenários tanto cotidianos quanto institucionais; elas podem ser usadas para implementar ações conversacionais. Nesse contexto em que MG3 insere sua sequência narrativa, o participante realiza a ação de argumentar, a qual é implementada com a narração, cuja função é a de dar suporte a sua argumentação, bem como convencer os seus interlocutores.

Ainda, Mandelbaum (2013, p. 498) assevera que o narrador (*teller*) provê o interlocutor com uma variedade de indícios dos pontos que devem ser considerados importantes na ‘contação’ (*telling*), assim como pistas acerca da maneira como ele (o interlocutor) deve reagir à narração. Tendo isso em mente, observa-se que, das linhas 21 a 26, MG3 fornece uma série de pistas contextuais para indicar o grau de importância desse trecho de sua narração:

Recorte 2 – Excerto 5

21 MG3: aí nós tivEmos um inSIGHT;

22 <<olhando para PA1> não (.) vamos (1.0) canTAR o hino o parÁ;>
 23 (0.7) um dos HInos <<dedo indicador direito para cima> mais
 bonItos que o país tem;>
 24 (1.5) e nós descoBRImos que <<levantando os dedos polegar,
 indicador e anelar> só tinha trÊs pessoas cantando;>
 25 PA1: [((acena com a cabeça))]
 26 MG3: [(2.5)]

MG3 comenta que, ao invés de cantar o hino nacional em umas das atividades de um programa de responsabilidade social desenvolvido pela empresa na qual ele trabalha, o mineiro e seus colegas resolveram fazer algo diferente, cantar o hino do estado do Pará. Para chamar a atenção de seus interlocutores no tocante a essa mudança na atividade social, MG3, na linha 21, acentua a ideia inusitada, isto é, o *inSIGHT* que ele e seus colegas tiveram, bem como acentua a ação a ser realizada, isto é, *canTAR o hino do parÁ*. Convém mencionar que as pausas inseridas na UE da linha 22 reforçam retoricamente a importância da decisão tomada. Além disso, o olhar que MG3 endereça a PA1 reforça a importância desse trecho, pelo fato de o seu interlocutor ser paraense.

Adicionalmente, MG3 suspende o curso de sua narração e faz uma inserção, um comentário parentético (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 56), acerca da beleza do hino do estado, afirmando que este é um dos *HInos mais bonItos que o país tem*;. Observa-se que, para chamar atenção ao seu comentário, o narrador acentua as duas palavras que veiculam as informações mais importantes de seu enunciado: *HInos* e *bonItos*. Ainda, o narrador realiza um gesto predominantemente apelativo (MÜLLER, 2013, p. 212), de modo a destacar seu enunciado: com o ‘dedo indicador em riste’ – dedo indicador esticado –¹²³ (BRESSEM; MÜLLER, 2014, p.1583) da mão direita, ele enfatiza a construção *mais bonItos que o país tem*.¹²⁴

¹²³ *Stretched index finger – held.*

¹²⁴ Bressemer e Müller (2014, p. 1583) comentam que a força ilocucional e a função pragmática do gesto ‘dedo indicador em riste’ compreende assertividade e diretividade. É um gesto que apresenta uma função catafórica, direcionando a atenção dos interlocutores a tópicos conversacionais novos ou particulares, bem como sinalizando mudança temática, por exemplo, quando se desfaz as declarações do outros.



Imagem 25: (0.7) um dos HInos <<dedo indicador direito para cima> mais bonItos que o país tem;>

Nas linhas 24 e 26, MG3 dá maior destaque ao fato mais intrigante de sua narração: a quantidade de pessoas que estavam cantando o hino do estado. Acentuando três itens lexicais de sua UE, a saber, descoBRImos, só e três – um verbo, um advérbio e um numeral. Ainda, a pausa no início de sua UE, (1.5), e o silêncio ao final, (2.5), causam um efeito discursivo enfático ao fato narrado.

Ademais, MG3 executa um gesto icônico, coocorrente ao seu enunciado, o qual apresenta uma relação semântica de redundância, com função de ênfase, por veicular os traços semânticos do enunciado (no plano verbal) do narrador, ou seja, a quantidade de pessoas que estavam cantando o hino do estado, três pessoas (cf. PEIXOTO, 2015):



Imagem 26: (1.5) e nós descoBRImos que <<levantando os dedos polegar, indicador e anelar> só tinha três pessoas cantando;>

Essas pistas prosódicas e visual-corporais direcionam a maneira como PA1, a quem MG3 endereça esse momento de sua narração, deve reagir ao trecho da narração (MANDELBAUM, 2013, p. 498-499), isto é, com surpresa. PA1 acena com a cabeça, bem como eleva as sobrancelhas, franzindo o cenho:



Imagem 27a: PA1 levanta as sobrancelhas e franze o cenho.



Imagem 27b: PA1 acena com a cabeça.

Considerando a sequencialidade das linhas 24-26, inferimos que os indícios visual-corporais de PA1 sugerem um alinhamento com MG3 no tocante à surpresa do narrador em face ao fato narrado.

Mais adiante, nas linhas 36-38, retomando a cena destacada na linha 24, MG3 detalha ainda mais a cena, afirmando que *↑das DUAS pessOas que tavam cantando o hino do parÁ, um era um ceaREnse e outro era um mi↑NEIro, o qual era ele próprio, MG3 (nas palavras dele: que ↑era EU)*. Observa-se que, na linha 35, MG3 usa exageradamente recursos prosódicos: (i) no meio de sua UE realiza um pulo entonacional para cima; em seguida, (ii) acentua com um acento focal o item *DUAS*, o qual carrega a informação principal de sua UE, bem como (iii) acentua secundariamente o item *pessOas*. Esses recursos prosódicos, pela proximidade em que ocorrem na UE, concentram sob o foco de atenção dos interlocutores uma informação que MG3 sinaliza como importante no trecho narrado.

Nas linhas 36-38, com um paralelismo sintático-semântico, MG3 particulariza as duas pessoas com precisão, dentre as três que sabiam cantar o hino, indicando, inclusive, a origem dessas pessoas *um era um ceaREnse (Nordeste) e outro era um mi↑NEIro (Sudeste)*. Prosodicamente, o narrador acentua focalmente as palavras-chave de suas unidades entonacionais, *ceaREnse* e *mi↑NEIro*, bem como, neste último, realiza um pulo entonacional para cima (*↑*). Ademais, MG3 acelera o ritmo de fala (*alegro*, <<all> >) para acrescentar uma informação extra sobre a identidade do mineiro, que neste caso era ele próprio. Convém ressaltar que, ao especificar a identidade do personagem da narração, MG3 realiza um pulo entonacional para cima no item *↑era*, bem como acentua focalmente o dêitico *EU*. Há um efeito

retórico-pragmático de realce nesse trecho da narrativa, haja vista os muitos recursos prosódicos que ele emprega em seus enunciados.

Em relação às suas ações visual-corporais, MG3 também performa uma série de gestos que destacam e expressam traços semântico-discursivos presentes em seus enunciados verbais, enfatizando assim o aspecto que ele deseja salientar como informações relevantes e surpreendentes. Na linha 35, ao proferir seu enunciado, MG3 faz um movimento circular com a cabeça e concomitantemente com ambas as mãos, ele realiza um movimento arqueado em direção ao seu corpo, com as palmas da mão orientadas para si e os dedos indicador e anelar esticados.¹²⁵



Imagem 28: e eu descobri que <<movimento arqueado com as mãos, dedos esticados>↑dAS DUAS pessOas que tavam cantando o hino do pará;>

No tocante à forma do gesto de MG3, especificamente, à configuração de seus dedos, o mineiro estica os dedos indicador e anelar de ambas as mãos – seu polegar fica levemente curvado, os quais expressam visualmente o traço semântico de seu enunciado *DUAS pessOas*. Semanticamente, a relação do gesto com o enunciado estabelece uma redundância, com uma função de ênfase no conteúdo comunicado. É um gesto, portanto, icônico.

Na sequência, quando MG3 singulariza essas duas personagens de sua narrativa, ao dizer que um era um cearense e outro era um mineiro, no primeiro enunciado (L36), ele toca com o dedo indicador esquerdo o polegar direito, movimentando as mãos para baixo e

¹²⁵Observa-se na imagem que o dedo polegar também está levemente esticado, porém se comparado aos outros dois dedos, indicador e anelar, não tem tanta proeminência quando relacionado à fala de MG3.

para cima; e, no segundo enunciado, toca com o dedo indicador esquerdo o indicador direito, movimentando também as mãos para baixo e para cima. Seu gesto com a mão esquerda pode ser classificado como ‘dêítico’ (MCNEILL, 1992, p. 76), pois indica e destaca as entidades – referidas pelo gesto icônico da mão direita – dentro do mundo narrativo do falante. Vejamos as imagens 29a e 29b:



Imagem 29a: um era um cearEnse.



Imagem 29b: e outro era um miNEIro;

Cabe pontuar que a classificação de seu gesto com a mão esquerda como dêitico pode ser corroborada na linha 38 quando MG3 movimenta em direção ao seu corpo ambas as mãos, com a seguinte configuração: o dedo indicador esquerdo conectado ao indicador direito, coocorrente com o ‘comentário parentético’ que ↑era EU.



Imagem 30: que ↑era EU;

Com a análise dessas sequências narrativas, percebe-se que MG3 fornece pistas contextuais – prosódicas e visuais, que comunicam, conforme Mandelbaum (2013, p. 498), o ‘tratamento afetivo dos eventos’ que ele reconta, bem como seu ‘posicionamento’ (*stance*) em relação a tais eventos. De acordo Stivers (2008), esse ‘tratamento afetivo’ e esse ‘posicionamento’ podem ser comunicados, ou não, explicitamente. Nas sequências que analisamos acima, as pistas contextuais manifestam implicitamente a surpresa e a consternação de MG3 em face aos fatos narrados. Todavia, na linha 42, MG3 demonstra explicitamente sua surpresa com a situação que viveu:

Recorte 3 – Excerto 5

- 42 MG3: <<h>e ↑ISso pra mIm <<separa as mãos> foi assIm> <<all, p> muito
dOido;>₂>₁=
- 43 [=o pessoal fala ↑TANto;]
- 44 PA1: [<<sorrindo, p> é cê faLOU;>]
- 45 MG3: e ↑né:,

Observe o leitor que (i) alterando a altura de sua fala, isto é, para uma frequência mais aguda de voz (<<h>), (ii) inserindo um pulso entonacional para cima, (iii) seguido de um acento focal no elemento anafórico encapsulador ↑ISso, o narrador retoma o evento narrado e manifesta explicitamente, com recursos prosódicos, sua surpresa com a construção muito DOIdo.

No plano visual-corporal, como se vê na imagem 31 adiante, MG3 instancia a metáfora QUANTIDADE É TAMANHO / IMPORTANTE É CENTRAL / GRANDE / TAMANHO (GRADY, 1997, p. 284-285), ao fazer um movimento em linha reta na horizontal do centro para fora do corpo. Seu gesto coocorre ao enunciado *foi assim*, sendo que o ‘curso do gesto’ (KENDON, 2004) acontece juntamente com o acento secundário do item *assim*, comunicando aos interlocutores o grau de sua surpresa:



Imagem 31: metáfora gestual IMPORTANTE É GRANDE / TAMANHO.

A surpresa de MG3 acerca do fato de nenhum paraense saber cantar o hino do próprio estado, revela uma crítica implícita ao ‘paraense’, que diz gostar de sua terra, mas não tem um comportamento adequado. A crítica de MG3 fica clara na sequência de sua fala (L50-60):

Recorte 4 – Excerto 5

- 50 MG3: (1.8) que o pessoAL;
 51 (0.5) ((cerra os punhos))'!JU!ra que tá defendendo por
 Unhas e dEntes;
 52 <<h> e não <<balança levemente a cabeça para os lados> ↑TÁ
 defendEndo;>>
 53 [porque,]
 54 PA1: [<<p> é;>]

55 MG3: (1.2) se tiVESse mesmo (esse) sentimento de de nativI:smo;
 56 °h de de de de identiDAde;
 57 (0.5) †cultUa;
 58 (-) né,
 59 (-) eh eh eh eh Todos esses valores;
 60 (-) né,

MG3 reitera sua crítica reportando seus pensamentos em face dessa experiência na cultura paraense (L73-76):

Recorte 5 – Excerto 5

78 (1.1) <<all> eu FAlo assim> <<h> GENTe;>
 79 <<all> o pessoal †fAla que> gOsta TANTo do pará;
 80 e tem COIsas;
 81 (1.3) <<len> que (.) demOnstram que eles não gOstam
 [TANTo;>]
 82 MG2: [<<pp, crepitante> verDA:de;>]
 83 PA1: [(acena com a cabeça)]
 84 MG3: (1.5) né,

Observa-se que, nesse recorte do excerto 5, MG3 critica a dissonância entre a ‘fala’ e a ‘ação’ do paraense que afirma gostar do Pará. Veja que essa dissonância é marcada prosodicamente: (i) quando o mineiro acentua os itens †fAla (que também recebe um pulo entonacional para cima) e demOnstram e (ii) quando altera sua velocidade de fala – na linha 79, ele fala rapidamente (<<all>) e, na linha 81, lentamente (<<len>). Ainda, no plano prosódico, os itens chave de sua crítica são acentuados: gOsta (L79), gOstam (L81) (acentos secundários) e TANTo (L79 e L81) (acentos focais). Esses recursos prosódicos – ou pistas contextuais, portanto, enquadram e etiquetam a contribuição de MG3 enquanto uma crítica feita às atitudes dos paraenses no tocante ao seu sentimento nativista.

Ainda, é oportuno salientar que Johnson-Laird (1980) assevera que, para além da formação de categorias e esquemas, a conceptualização de uma experiência envolve a formação de modelos mentais. Sendo assim, observa-se na narrativa de MG3 que ele elaborou, a partir de sua experiência, o modelo cognitivo – ou nos termos de Sharifian (2011) o esquema de proposição – O PARAENSE NÃO TEM COMPORTAMENTO NATIVISTA, no qual o paraense diz gostar de sua terra, porém, nas atitudes diárias, ele não demonstra gostar tanto.

Avaliamos que em sua contribuição, MG3 confere à sua fala um tom crítico, um juízo de valor acerca do comportamento das pessoas da cultura local. Quanto a isso, vemos que no tocante à sua consciência metapragmática, os indícios de tal fenômeno foram de caráter mais implícitos, como veremos na seção a seguir.

4.2.2 O nativismo estranho: ações metacomunicativas

Como visto na seção anterior, ao falar sobre o sentimento nativista que o paraense diz ter por sua cultura, sua terra, MG3 instancia a metáfora NATIVISMO É SENTIMENTO → SENTIMENTO NATIVISTA É AMOR ARRAIGADO, que estrutura o modelo cognitivo cultural NATIVISMO. Nesse modelo, pressupõe-se uma série de comportamentos que demonstrem um amor real, concreto, pela região. Contudo, com base em sua experiência na cultura local, o mineiro elaborou o ‘esquema de proposição’ O PARAENSE NÃO TEM COMPORTAMENTO NATIVISTA. Para ilustrar isso, o participante inicia uma narração. Todavia, MG3 adota um posicionamento (*stance*) crítico, repreendedor, em relação ao sentimento nativista do paraense, o qual é incongruente com os pressupostos que tal sentimento evoca conforme a conceptualização do participante mineiro. O posicionamento de MG3 em face ao evento narrado foi manifestado por meio de vários recursos prosódicos e visual-corporais, bem como verbais, dando foco num ponto da narrativa que deixa clara a crítica do falante (L24 e L36-38 – excerto 5). Ou seja, ninguém sabia o hino local; e as pessoas que o sabiam não eram paraenses.

Não obstante, ao expressar seu posicionamento, MG3 utiliza estratégias conversacionais que mitigam suas declarações, o que indica, a propósito, a manifestação de sua consciência metapragmática:

Recorte 6 – Excerto 5

45 MG3: e ↑né:,
46 (1.0) e:;
47 (1.2) <<all> ↑eu FAlô as`sim> GENte;
48 um hIno <<fechando e abrindo a mão direita> boNIto;>
49 num <<levando a mão esquerda para frente espalmada para
cima> esTAdo bonIto;>
50 (1.8) que o pessoAL;
51 (0.5) ((cerrou os punhos)) ‘!JU!ra que tá defendendo por
Unhas e dEntes;
52 <<h> e não <<balançando levemente a cabeça para os lados> ↑TÁ

```

defendEndo;>>
53      [porque,]
54  PA1:  [<<p>é;>]
55  MG3:  (1.2) se tiVESse mesmo (esse) sentimento de de nativI:smo;
56        °h de de de de identiDAde;
57        (0.5) †cultUa;
58        (-) né,
59        (-) eh eh eh eh  TOdos esses valOres;
60        (-) né,

```

Nas linhas 47-49, MG3 faz uma inserção (parentética) avaliativa (cf. KOCH, 2010, p. 88), apreciando positivamente tanto o hino quanto o estado paraense com o item *boNIto*. Em termos linguístico-conversacionais, MG3 realiza um paralelismo sintático-semântico – *hIno boNIto / esTado boNIto*, acentuando focalmente *boNIto* e *esTado* e, secundariamente, *hIno / boNIto*. Adicionalmente, em ambas as unidades entonacionais, o movimento entonacional é descendente (:), o que confere à inserção do participante um efeito assertivo, potencializando sua avaliação. Esses aspectos prosódicos do enunciado de MG3 dão maior destaque à sua fala e apelam à atenção de seus interlocutores.

Em termos visual-corporais, nas linhas 48 e 49, MG3 performa gestos coocorrentes à sua fala, os quais corroboram seu apelo aos interlocutores:



Imagem 32: um *hIno* <<fechando e abrindo a mão direita> *boNIto*;>

Na linha 48, quando enuncia um hIno boNIto, MG3 encosta seus dedos da mão direita com a palma orientada para seu corpo e, em um movimento arqueado para fora do corpo, realiza o ‘golpe’ do gesto, isto é, abre os dedos e os deixa ligeiramente curvados e afastados, com a palma vertical em direção ao corpo. Observa-se que, neste momento, o golpe do gesto coocorre com o acento focal do item boNIto.

Por sua vez, na linha 49, ao enunciar num esTAdo bonItto, MG3 curva e afasta seus dedos da mão esquerda e, com a palma da mão voltada para cima, faz um movimento arqueado para fora do corpo, sustentando o gesto ‘mão aberta, palma para cima’ (BRESSEM; MÜLLER, 2014, p. 1582). Nesse momento, o golpe do gesto coocorre, novamente, com o item bonItto, o qual nesta ocorrência leva o acento secundário, porém, com a coocorrência do gesto, sua força ilocucionária é corroborada pela função apelativa exercida pelo gesto.



Imagem 33: num <<levando a mão esquerda para frente espalmada para cima> esTAdo bonItto;>

É oportuno comentar que MG3 também olha rapidamente em direção à câmera, como observamos na imagem 34 acima, antes de uma pausa intraturno ((1.8)) na linha 50. Esse seu comportamento indica sua consciência da existência de um ‘espectador circundante’ (*bystander*) (GOFFMAN, 1981) atrás da câmera, o que pode motivar o ato metacomunicativo, ou seja, a inserção avaliativa de teor positivo.

Vemos com a análise da inserção avaliativa de MG3 que a quantidade de recursos semióticos utilizados pelo falante apresenta um alto teor apelativo aos interlocutores e ao mesmo tempo salienta o conteúdo proposicional de sua fala. Ademais, em termos sequenciais,

pela posição em que ocorre, essa inserção serve como atenuador dos segmentos posteriores, isto é, que o pessoAL (o paraense) ‘!JU!ra que tá defendendo por Unhas e dEntes sua cultura, porém, na verdade, †não TÁ defendendo. Pois, se o paraense tiVESse mesmo (esse) sentimento de nativI:smo, de identiDAde, que ele, portanto, cultuasse TOdos esses valOres.

É oportuno comentar que o comportamento autorreflexivo de MG3 também é manifestado na execução de seu enunciado nas linhas 50-59:

Recorte 7 – Excerto 5

50 MG3 (1.8) que o pessoAL;
 51 (0.5) ((cerca os punhos)) ‘!JU!ra que tá defendendo por
 Unhas e dEntes;
 52 <<h> e não <<balança levemente a cabeça para os lados> †TÁ
 defendendo>> [porque,]
 53 PA1: [<<p>é;>]
 54 MG3: (1.2) se tiVESse mesmo (esse) sentimento de de nativI:smo;
 55 °h de de de de de identiDAde;
 56 (0.5) †cultUa;
 57 (-) né,
 58 (-) eh eh eh eh TOdos esses valOres;
 59 (-) né,

A princípio, o fenômeno conversacional mais evidente na fala do participante são suas pausas no início de suas unidades entonacionais, a saber, (1.8), na linha 50, (0.5), na linha 51, (1.2), na linha 52, e as micropausas, (-), nas linhas 57, 58 e 59 respectivamente. Essas (micro)pausas, ou nas palavras de Marcuschi (2015, p. 51), ‘silêncios intraturnos’, caracterizam a ‘hesitação’ em nível prosódico.¹²⁶ No plano segmental da fala, a hesitação caracteriza-se pelas ‘repetições hesitativas’ (MARCUSCHI, 2015, p. 56) do item *de* e pela repetição da expressão hesitativa *eh* nas linhas 55 e 58 respectivamente.

É propício lembrar que a hesitação “é uma atividade textual-discursiva que atua no plano do processamento” textual (MARCUSCHI, 2015, p. 49); caracteriza-se como um mecanismo que fomenta a introdução do processo de formulação prospectiva no próprio discurso. Ou seja, durante a formulação/linearização dos enunciados, a hesitação evidencia-se por seu aspecto

¹²⁶ De acordo com Marcuschi (2015, p. 49), hesitações podem ser produzidas tanto em nível suprasegmental, ou seja, prosódico, quanto em nível segmental, ou seja, com elementos formais da língua.

prospectivo, visto que tenha como escopo o que vem depois (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 59). Ela indicia e sinaliza trechos de fala vindouros.

Posto isso, conforme Verschueren (1999, p. 198), a hesitação – juntamente com o ‘reparo’ – é uma das muitas manifestações possíveis do processo de automonitoramento, uma instância proeminente da consciência metapragmática. Assim, quando MG3 hesita em sua fala, tem-se um indício de que ele está não somente tentando formular os trechos de fala seguinte, como também retardar as proposições vindouras e atenuar seu grau de assertividade, como nas linhas 51 e 52 e linhas 54-58.

Ainda, em termos prosódicos, quando afirma que o paraense acredita estar defendendo sua cultura (‘!JU!ra que tá defendendo por Unhas e dEntes;), porém, na verdade, não está (<<h> e não <<balançando levemente a cabeça para os lados> †TÁ defendendo;>>), na linha 52, MG3 muda seu registro de voz para um tom mais agudo¹²⁷ (<<h> >), bem como realiza um pulo entonacional para cima no item †TÁ e, ao final da UE, faz um movimento entonacional final descendente (;). Este movimento entonacional confere à UE uma força ilocucional de assertividade. No entanto, essa força ilocucional é atenuada em função da mudança de ‘registro tonal’ de MG3. Segundo Reed (2011, p. 89), os participantes de uma conversa mudam seu registro tonal a fim de moldar sua fala corrente para implementar certas ações conversacionais. Tendo isso em mente, observa-se que MG3 muda seu registro de voz ao longo do trecho de fala na linha 52. Seu tom de voz mais agudo com o pulo entonacional parecem atuar como mitigadores do conteúdo proposicional expresso, bem como revela sua consciência metapragmática de que sua fala é ameaçadora de face e seu envolvimento emocional, a saber, atordoamento (SELTING, 1994; SCHRÖDER; CARNEIRO MENDES, 2016).

Vê-se, portanto, que, no plano verbal, o conteúdo é expresso de maneira direta, porém as variações prosódicas na fala do participante, seus pulos entonacionais, a alteração no volume de voz (mais aguda) e o excesso de pausas em seu turno, revelam uma preocupação em atenuar sua fala. Em outras palavras, considerando que o conteúdo de sua narrativa fosse ameaçador de face – há um paraense na presença do participante, bem como ele (o mineiro) faz um comentário sobre o comportamento dos paraenses – MG3 exagera no uso de pistas contextuais para atenuar a força ilocucionária de sua declaração.

Todos esses recursos revelam, do ponto de vista cognitivo e interacional, uma dificuldade que MG3 apresenta para expor sua opinião acerca do tópico que ele inicia, o

¹²⁷Sobre ‘registro tonal’ (*pitch register*), conferir Reed (2011), capítulo 4.

sentimento nativista. No entanto, ele o faz e deixa claro sua crítica à conduta do paraense. Uma vez que sua crítica seja ameaçadora de face, os recursos metacomunicativos mais implícitos emergiram em sua fala. Logo, seu ato metacomunicativo é instanciado via exagero de recursos prosódicos.

A seguir, o participante mineiro relata mais uma experiência na cultura paraense e, com uma narrativa, procura argumentar acerca de seu posicionamento.

4.2.3 Não pisem no jacaré

Anteriormente à sequência exposta no excerto 6 a seguir, MG3 argumentava acerca do povo brasileiro, de modo geral, ser um povo acolhedor. Conforme o falante, devido ao fato de o Brasil ter recebido um fluxo imigratório muito grande,¹²⁸ o brasileiro desenvolveu essa característica de acolher quem é de fora. Dessa forma, como se observa na linha 01, de modo a não somente retomar o tópico previamente em discussão na conversa, como também especificar a categoria sobre a qual vinha desenvolvendo sua linha argumentativa, a saber, O BRASILEIRO → O PARAENSE, MG3 realiza uma ‘ativação ancorada’ da categoria PARAENSE com a expressão nominal o paraENse, de modo a discorrer sobre o comportamento das pessoas que estão incluídas nessa categoria, ou seja, os paraenses:

Excerto 6 - (2018BaMiPa1 - 37:04-38:27))

01 MG3: o paraENse;
02 (1.7)
03 ele é !MUI!to acolhedOr.
04 (1.4) <<pp> hm;=né,
05 (0.4) mas tem HOra que esse fenômeno que cê falou aí;
06 pa paraiSISmo;
07 PA1: paraenSISmo.
08 MG3: paraenSISmo;
09 (0.7) se ma↑nifEsta de um <<mãos espalmadas e paralelas uma
a outra, com os dedos esticados espalmadas um para outra>
JEIto> que: que às vezes;
10 (.) <<balançando as mãos> cê esTRAnha;>
11 (0.3) ↑FAla aque aquele hIno informAl do parÁ;=
12 =aquela MÚsica do nilson chAves;
13 (0.7) <<rall> no ver o PEso;>=

¹²⁸ cf. Darcy Ribeiro (2015).

14 =oh GENTe;
 15 (-) eu †NUNca vI,
 16 (2.0) cês vão me desculPAR;=
 17 =<<all> é uma MÚsica bonIta;>
 18 mas eu nunca vi um <<unindo as pontas dos dedos> trOço>
 19 (.) TÃO;
 20 (0.4) polIticamente incorRE:to;
 21 <<sorrindo, balançando levemente as mãos para cima e para
 22 baixo> tão distorCIdo;>
 23 <<sorrindo, rall> quanto aquEla MÚsi[ca;>]
 24 MG2: [<<pp>`eh;>]
 25 MG3: [(0.4) <<f>`né> que vai] destruIr o <<apontao dedo
 26 MG2: [um um Outro PONto;]
 27 MG3: indicador esquerdo para frente>ver o PEso;>
 28 <<sorrindo> e não queREmos o jacarÉ que eu não sei o
 29 que lá;>
 30 <<sorrindo> um dia DESses o que aconteceu,>
 31 (.) PArece eu Eu lembrei dessa música;
 32 <<pp> POis (xxx);>
 33 (0.3) <<sorrindo,apontando o dedo indicador direito para
 34 cima> um dia> desses eu tô LÁ na fábrica;>
 35 (0.3) aí me LIgam;
 36 seu <<fechando a mão direita perto do rosto> !MG3!;>
 37 <<fechando a mão direita perto do rosto> tem um jacarÉ aqui
 38 no> PÁtio;((coloca a mão direita na testa))
 39 (2.9)
 40 MG1: [((sorri))]
 41 MG2: [hahaHA;]
 42 MG3: <<sorrindo, olhando para cima, levantando as mãos, p>
 43 [um jacarÉ aqui] no pÁtio;>
 44 MG2: [<<sorrindo> oQUEI;]
 45 MG3: (-) °h <<all> aí eu faLEI assim;>
 46 cê tá brinCANDO comigo;
 47 [<<pp, all> ele falOu> NÃO;]
 48 MG1: [<<sorrindo> não PIsa nele;]
 49 [hahaHAha;]
 50 MG2: [<<sorrindo> num PIsa no jacaré;>]
 51 MG3: <<sorrindo> jacarÉ <<abrindo as mãos> tá aqui> no PÁtio.>
 52 (0.3) ele cAiu num buRAco aqui;
 53 (0.7) que <<rindo> que eu FAço;>
 54 (1.7)

48 PA1: [((ri))]
 49 MG2: [((sorri))]
 50 [(<<rindo> chama o nilson CHAves;>]
 51 MG1: [(<<rindo> chama o nilson CHAves;>]
 52 MG3: [((sorrindo, mãos paralelas espalmadas para frente))]
 53 MG1: [((ri))]
 54 MG2: [(<<sorrindo> chama o NILson chaves;]
 55 PA1: [(<<sorrindo, pp> eh:;>]
 56 MG3: [(<<sorrindo> eu penSEI nisso;>]
 57 [(<<sorrindo, all> eu falEi> NÃO.>]
 58 MG1: [((ri))]
 59 MG2: [((sorri))]
 60 MG3: <<sorindo> †chAma o bomBE:Iro;>
 61 (0.6) <<sorrindo> e †PEde o bombEiro pra soltAr o jacaré
 <<balança a mão esquerda> de novo lá no rio;>>
 62 <<sorrindo> num †LEva o jacaré pra outro lugar <<abaixa
 as duas mãos, deixando espalmadas para baixo> não;>
 63 <<sorrindo> se não eles <<levanta as duas mãos>vão> faLAR
 que nós num tá querendo que o jacaré fique (aqui;)>
 64 mas eu lemBREI do nilson [chaves;]
 65 MG2: [enTÃO;]

Vemos que, na linha 1, como dito, MG3 retoma o tópico a ser discutido acentuando focalmente o item *paraENse*, que ativa na conversa a categoria cultural PARAENSE. Pelo contexto conversacional, MG3 relaciona essa categoria com um modelo cognitivo (cultural) mais esquemático: O POVO BRASILEIRO É ACOLHEDOR; e por uma relação de contiguidade, a categoria PARAENSE também recebe o atributo ‘acolhedor’, como se vê na linha 03.

Recorte 1 – Excerto 6

01 MG3: o paraENse;
 02 (1.7)
 03 ele é !MUI!to acolhedOr.
 04 (1.4) <<pp> hm;=né,
 05 (0.4) mas tem HOra que esse fenômeno que cê falou aí;
 06 pa paraiSISmo;
 07 PA1: paraenSISmo.
 08 MG3: paraenSISmo;
 09 (0.7) se ma†nifEsta de um <<mãos espalmadas e paralelas uma
 a outra, com os dedos esticados espalmadas um para outra>

JEIto> que: que às vezes;
 10 (.) <<balançando as mãos> cê esTRAnha;>
 11 (0.3) †FAla aque aquele hIno informAl do parÁ;=
 12 =aquela MÚsica do nilson chAves;
 13 (0.7) <<rall> no ver o PEso;>=

Notamos que, ao proferir ele é !MUI!to acolhedOr. (L03), MG3 confere ao seu enunciado uma força declarativa contundente: (i) dando um acento extra focal no advérbio de intensidade !MUI!to e um acento secundário no nome acolhedOr, bem como (ii) realizando um contorno entonacional final baixo-descendente (.). Seu comportamento linguístico-conversacional instaura na conversa o modelo cognitivo cultural O PARAENSE É ACOLHEDOR, o qual pressupõe um comportamento de amparo e hospitalidade a quem se achega à comunidade paraense.

Entretanto, no desdobrar de seu turno, o falante pontua uma incongruência no tocante ao modelo cultural que ele tem acerca do ‘paraense’, o fenômeno do paraenSISmo, previamente mencionado por PA1 na conversa: PA1 comentara sobre uma pesquisa realizada por um antropólogo paraense sobre o fenômeno do paraenSISmo, que, *grosso modo*, resume-se à postura de defender o estado do Pará e mostrar aversão à qualquer crítica feita à região. Posto isso, MG3 retoma esse conceito introduzido pelo paraense e o aponta como uma manifestação ‘estranha’(L09-10), haja vista o choque existente entre o modelo cultural O PARAENSE É ACOLHEDOR e o modelo O PARAENSE É AVESSO A QUEM É DE FORA.

De modo a discorrer sobre a estranheza do fenômeno ‘paraensismo’, MG3 menciona uma canção emblema da cultura paraense (L11-13) composta por Edmar Rocha para a banda paraense Mosaico de Ravena, mas que ganhou notoriedade nacional com a interpretação do cantor paraense Nilson Chaves, ‘Belém Pará Brasil’.¹²⁹ Em linhas gerais, a canção é uma forte crítica ao modelo cultural¹³⁰ que as outras cidades e regiões do Brasil, especialmente Sul e Sudeste, têm de Belém – e do estado do Pará: uma terra selvagem, na qual animais andam no meio das ruas e a população é composta somente por índios. Em outras palavras, BELÉM É UMA FLORESTA URBANA.

¹²⁹Para conhecer a canção acesse: <https://www.letas.mus.br/mosaico-de-ravena/268048/> ou <https://www.vagalume.com.br/mosaico-de-ravena/belem-para-brasil.html>.

¹³⁰ Dentre esses modelos é comum encontrarmos: O PARÁ É TERRA DE SELVAGENS / ÍNDIOS, BELÉM É UMA MATA, PARÁ É TERRA EXÓTICA, etc.

Percebe-se que MG3 reconhece que a canção é um emblema da cultura paraense ao se referir a ela enquanto ‘hino’: ↑FAla aque aquele hIno informAl do parÁ;. Não obstante, o falante demonstra um posicionamento crítico ao modelo cognitivo veiculado pela canção:

Recorte 2 – Excerto 6

18 MG3: mas eu nunca vi um <<unindo as pontas dos dedos> trOço>
(.) TÃO;
19 (0.4) polIticamente incorRE:to;
20 <<sorrindo, balançando levemente as mãos para cima e para
baixo> tão distorCIdo;>
21 <<sorrindo,rall> quanto aquEla MÚsi[ca;>]
22 MG2: [<<pp>`eh;>]
23 MG3: [(0.4) <<f>`né> que vai] destruIr o <<apontando o dedo
24 MG2: [um um Outro PONto;]
MG3: indicador esquerdo para frente>ver o PEso;>
25 <<sorrindo> e não queREmos o jacarÉ que eu não sei o
que lá;>

Para MG3, a canção reforça um modelo cultural estereotipado, a saber, BELÉM É UMA FLORESTA URBANA, em que os animais andam no meio da rua (L25), ou, ainda, que pessoas que não são da terra destruirão o patrimônio cultural ícone da cultura paraense, o Ver-o-Peso, por exemplo (L23). Vemos que, em nível prosódico, quando se expressa em relação a essa canção, MG3 (i) acentua focalmente as palavras TÃO, incorRE:to e distorCIdo, e, secundariamente, as palavras trOço e polIticamente; (ii) faz um alongamento vocálico no item incorRE:to e (iii) realiza (micro)pausas, (.) (L18) e (0.4) (L19). Esses recursos desempenhados pelo falante evidenciam sua crítica ao conteúdo da música, salientando um aspecto negativo, principalmente, no tocante à conceptualização O PARAENSE É AVESSO A QUEM É DE FORA, relativa à atitude do paraense em relação a quem é de fora, ou seja, aversão ao forasteiro que vai destruIr o ver o Peso (L23).

A seguir em seu turno, MG3 prefacia uma narração nas linhas 26-28 (o que sinaliza que ele ainda continuará mantendo seu turno de fala).¹³¹ O mineiro tenta ilustrar com humor não somente sua crítica ao conteúdo da canção, como também à ideia de que quem não é paraense não sabe preservar os elementos culturais da região:

¹³¹ Convém comentar que, na linha 24, MG2 tenta assaltar o turno de MG3 e sobrepõe sua fala, porém não obtém sucesso em sua ação. É somente na linha 64, quando o falante encerra sua narração, que a interlocutora toma o turno com o marcador enTÃO.

Recorte 3 - Excerto 6

26 MG3: <<sorrindo> um dia DESses o que aconteceu,>
27 (.) PArece eu Eu lembrei dessa música;
28 <<pp> POis (xxx);>
29 (0.3) <<sorrindo,apontando o dedo indicador direito para
cima> um dia> desses eu tô LÁ na fábrica;>
30 (0.3) aí me LIgam;
31 seu <<fechando a mão direita perto do rosto> !MG3!;>
32 <<fechando a mão direita perto do rosto> tem um jacaré aqui
no> PÁtio;((coloca a mão direita na testa))
33 (2.9)
34 MG1: [((sorri))]
35 MG2: [hahaHA;]
36 MG3: <<sorrindo, olhando para cima, levantando as mãos, p>
[um jacaRÉ aqui] no pÁtio;>
37 MG2: [<<sorrindo> oQUEI;]
38 MG3: (-) °h <<all> aí eu faLEI assim;>
39 cê tá brinCANdo comigo;
40 [<<pp, all> ele falOu> NÃO;]
41 MG1: [<<sorrindo> não PIsa nele;]
42 [hahaHAha;]
43 MG2: [<<sorrindo> num PIsa no jacaré;>]
44 MG3: <<sorrindo> jacaré <<abrindo as mãos> tá aqui> no PÁtio.>
45 (0.3) ele cAiu num buRAco aqui;
46 (0.7) que <<rindo> que eu FAço;>
47 (1.7)
48 PA1: [((ri))]
49 MG2: [((sorri))]
50 [<<rindo> chama o nilson CHAves;>]
51 MG1: [<<rindo> chama o nilson CHAves;>]
52 MG3: [((sorrindo, mãos paralelas espalmadas para frente))]
53 MG1: [((ri))]
54 MG2: [<<sorrindo> chama o NILson chaves;]
55 PA1: [<<sorrindo, pp> eh:;>]
56 MG3: [<<sorrindo> eu penSEI nisso;>]
57 [<<sorrindo, all> eu falEi> NÃO.>]
58 MG1: [((ri))]
59 MG2: [((sorri))]
60 MG3: <<sorindo> †chAma o bomBE:Iro;>
61 (0.6) <<sorrindo> e †PEde o bombEiro pra soltAr o jacaré

62 <<balança a mão esquerda> de novo lá no rio;>>
 <<sorrindo> num †LEva o jacaré pra outro lugar <<abaixa
 as duas mãos, deixando espalmadas para baixo> não;>
 63 <<sorrindo> se não eles <<levanta as duas mãos>vão> faLAR
 que nós num tá querendo que o jacaré fique (aqui;)>
 64 mas eu lemBREI do nilson [chaves;]

Couper-Kuhlen e Selting (2018, p. 5) comentam que, no prefácio de uma narrativa (*story preface*), o narrador fornece pistas acerca da natureza e do conteúdo da história, isto é, se é uma história conhecida por todos, se é uma história alegre ou triste, etc. No caso de histórias divertidas, as autoras afirmam que ‘partículas de riso’ (*laughter particles*)¹³² projetam a nuance engraçada da narração. Observamos esse fenômeno na linha 26, quando MG3 prefacia sua história: <<sorrindo> um dia DEsses o que aconteceu,> (cf. Imagem 34 a seguir). Desse modo, ao prefaciá-la com um sorriso, MG3 indica que o teor de sua narração será humorístico e que o (sor)riso será apropriado, visto que ele mesmo (sor)ri ao longo de sua ação conversacional (cf. JEFFERSON, 1979, p. 80).

Destarte, da linha 29 à linha 63, MG3 narra uma situação – ao que parece, pelo modo como o participante conta a história, uma situação inusitada – em que um jacaré apareceu no pátio da fábrica na qual ele trabalha. Na narrativa, de modo a preservar tanto a integridade física do jacaré quanto a própria imagem de pessoa de fora do estado que é, MG3 orienta seus subordinados a chamarem os bombeiros para recolherem o animal e o devolverem ao rio (L61-62), exatamente para evitar que ele mesmo e seus colegas, que não eram paraenses, fossem criticados pelos nativos da região (cf. L63).

Posto isso, chama-nos a atenção as ações visual-corporais de MG3 ao longo de sua narração, precisamente por enriquecer e reforçar a nuance humorística da história, bem como por convidar e conduzir a responsividade de seus interlocutores à sua ação narrativa. MG3 dramatiza sua narração, demasiadamente, com os recursos do riso, das expressões faciais e

¹³² De acordo com o *The Oxford English Dictionary* (MURRAY et al., 1993 *apud* GLEEN, 2003, p. 8), *to laugh* (rir) significa “manifestar a combinação de fenômenos corporais (enunciado espasmódico de sons inarticulados, distorção facial, agitação dos lados, etc.) que forma a expressão instintiva de alegria ou senso do ridículo e que pode ser ocasionado também por certas sensações físicas, em especial, aquela produzida por cócegas” (“To manifest the combination of bodily phenomena (spasmodic utterance of inarticulate sounds, facial distortion, shaking of the sides, etc.) which forms the instinctive expression of mirth or of the sense of something ludicrous, and which can also be occasioned by certain physical sensations, esp. that produced by tickling.”) Considerando principalmente a dimensão fisiológica dessa definição, no tocante à musculatura envolvida para a percepção visual do riso (distorção facial), adaptaremos o termo ‘rir’ para ‘(sor)rir’, haja vista que, do ponto de vista visual, no ‘sorriso’ exista também uma contração/distorção perceptível da musculatura facial. Portanto, para tratar do fenômeno do ‘humor’ na interação, em geral, usaremos os termos ‘(sor)riso(s)’ / ‘(sor)rir’, e nos casos de clara distinção, usaremos os termos ‘rir’, ‘sorrir’, ‘risos’ e ‘sorrisos’. Esta explicação deve vir mais cedo.

gestuais. Os recursos prosódicos, sobremaneira, as mudanças de registro tonal e (micro)pausas, também são mobilizados pelo narrador para aumentar os efeitos de dramaticidade e comicidade da situação.

Primeiramente, analisemos as ações visual-corporais de MG3. Como dito anteriormente, o falante mineiro prefacia sua história sorrindo, o que já prepara seus interlocutores para uma história de teor cômico:



Imagem 34: <<sorrindo> um dia DESSes o que aconteceu,>

Em outros momentos da narrativa, os enunciados de MG3 são proferidos com (sor)risos, por exemplo, <<sorrindo, apontando o dedo indicador direito para cima> um dia> desses eu tô LÁ na fábrica;> (L29), <<sorrindo, olhando para cima, levantando as mãos, p> [um jacaRÉ aqui]no pÁtio;> (L36), <<sorrindo> jacaRÉ <<abrindo as mãos> tá aqui> no PÁtio.> (L44), que <<rindo> que eu FAço;> (L46), <<sorrindo> eu penSEI nisso;> (L56). Essas ocorrências de ‘partículas de riso’ corroboram a observação de que o riso, em geral, acompanha a instauração do ‘humor’ na conversa (PULLIN, 2018, p. 335).¹³³

No tocante ao fenômeno do ‘humor’, este possui uma natureza multifuncional (cf. HAY, 2000; HOLMES, 2000; MATSUMOTO, 2014). Pullin (2018, p. 334) comenta que o humor pode, por exemplo, ajudar a estabelecer laços e manter a solidariedade na conversa; reduzir a tensão em interações; bem como mitigar, manejar ou contestar relações de poder. Hay (2000) elenca três categorias funcionais básicas do humor: (i) solidariedade (*solidarity-based*), na qual o humor serve para criar um vínculo de irmandade dentro de um grupo ou um vínculo entre

¹³³ Conforme Pullin (2018, p. 335), “o riso pode ou não estar presente quando o humor ocorre, muito embora ele [o riso] frequentemente esteja [presente] [...] / laughter may or may not be present when humour occurs, although it frequently is [...]”.

membros específicos (p. 718);¹³⁴ (ii) poder (*power-based*), na qual o humor atua na manutenção ou criação de poder, por meio de quatro estratégias basicamente, a saber, fomentação de conflito, controle, provocação e estabelecimento de limites (p. 721); e (iii) psicológica (*psychological*), na qual o humor comumente serve para atenuar uma situação séria ou tensa.

Quanto à última categoria, a psicológica, Hay (2000) a subdivide em mais duas categorias: (a) defesa (*to defend*), na qual o indivíduo identifica uma “fraqueza” e, por meio do humor, protege a si mesmo (p. 725) e (b) resolução (*to cope*), na qual o humor ocorre tanto para atenuar uma situação tensa, local, na conversa *in situ* quanto para amenizar questões mais gerais, isto é, temas como morte ou doença, piadas sobre algo terrível, deprimente ou embaraçoso (p. 725-726). Pullin (2018, p.334) comenta que a categoria psicológica também pode ser relacionada ao conceito de ‘face’, visto que, com o humor, pode-se defender alguém (ou a si mesmo) de críticas alheias, assim como pode-se lidar com situações ou questões difíceis, delicadas, para outrem ou para si.

Posto isso, de volta à história de MG3, as partículas de (sor)riso indiciam e reforçam a ocorrência do humor na narrativa. Avaliamos que a ocorrência de humor na fala do mineiro acontece por dois motivos: o primeiro concerne à situação narrada – uma ‘situação incongruente com a realidade’ (cf. GLEEN, 2003, p. 21-23), ou seja, a presença de um animal da floresta numa fábrica: o jacaré; o segundo, ao tom de crítica à questão tangencial do sentimento bairrista dos paraenses: que os elementos culturais da região sejam preservados pelas pessoas que vêm de fora. No tocante ao tom de crítica, vale lembrar que, ao narrar os eventos passados, o falante expressa seu ‘tratamento afetivo dos eventos’ e seu ‘posicionamento’ (STIVERS, 2008, p. 27; MANDELBAUM, 2013, p. 498; COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p.2).¹³⁵ MG3 parece tratar com espirituosidade a situação que ele narra – haja vista a presença das partículas de (sor)riso; porém, como dito, nas linhas 63-64, o posicionamento crítico do falante fica mais evidente: o tom jocoso com o qual a história é narrada parece atenuar o sentimento de embaraço sentido pelo falante mineiro.

Logo, o humor instaurado por MG3 se insere, sobremaneira, na categoria ‘psicológica’ de Hay (2000), por narrar uma questão complexa que ilustra a construção da imagem negativa de quem é de fora do estado do Pará e que, ao ir habitar o estado, descaracteriza o que é da cultural local e não preserva os elementos naturais da região. Ainda, como veremos mais adiante

¹³⁴ Pullin (2018, p.334) comenta que a categoria ‘solidariedade’ está muito relacionada ao conceito de ‘face’ (cf. GOFFMAN, 1987; BROWN; LEVINSON, 1987).

¹³⁵ Cf. Capítulo online de Couper-Kuhlen e Selting (2018), disponível em: <https://www.cambridge.org/br/academic/subjects/languages-linguistics/sociolinguistics/interactional-linguistics-studying-language-social-interaction?format=HB#resources>.

em nossa análise, o humor presente na narrativa, assim como a responsividade dos interlocutores de MG3, revelam a atuação mais global da categoria ‘solidariedade’ do humor.

No tocante aos gestos de MG3, o falante aumenta não somente o tom de dramaticidade como também reforça a comicidade da situação inesperada quando reencena algumas partes de sua narrativa. Nas linhas 30, 31 e 32, por exemplo, após anunciar o discurso reportado com a construção *aí me LIgam* (L30), MG3 introduz o discurso de um dos personagens de sua história, erguendo o braço direito e o mantendo estático, próximo à região central e à direita de seu corpo, com a mão em punho (*fist*):



Imagem 35: seu <<fechando a mão direita perto corpo> !MG3!; tem um jacaré aqui no> Pátio;

Vemos na imagem 35 que MG3 realiza um gesto icônico cujo ‘padrão de ação’ (*pattern of action*) apresenta os mesmos traços semânticos existentes no padrão de ação referido pelo item *LIgam*. Assim, pelo seu contexto de ocorrência, o gesto representa tanto a ação de ‘telefonar’ quanto a ação de ‘atender’ a um telefonema (KENDON, 2004, p. 160), ou seja, MG3 segurando o aparelho de telefone (*handset*). Com o verbo *LIgam*, o qual estabelece o *frame* de discurso reportado, a relação de sentido entre o gesto e o enunciado das linhas 30, 31 e 32 fica clara, refinada (*ibid*).

Adiante, na linha 33, dentro da pausa de (2.9), que segue o discurso reportado, MG3 reencena sua reação ao conteúdo do telefonema recebido:



Imagem 36: MG3 toca a testa com a mão direita.

MG3 toca com a mão direita a própria testa. Esse gesto do falante é acompanhado por um ‘movimento’ (KIDWELL, 2013, p. 105) de cabeça e por uma expressão facial dramática. Concernente ao movimento que MG3 faz com sua cabeça, ele a movimenta de cima para baixo em direção ao centro de seu corpo. Kidwell (2013) comenta que o elemento ‘movimento’ é um recurso interacional que propicia uma ‘sincronia interacional’ (*ibid*), ou seja, “um fluxo aproximadamente parecido de movimentos corporais tais como mudanças de postura, posicionamento dos membros e **movimentos de cabeça** pelos quais eles [os participantes] tornam visíveis e regulam seu envolvimento um com o outro” (KIDWELL, 2013, p. 105, grifo nosso).¹³⁶ Vê-se que, na imagem 36, podemos vislumbrar um envolvimento dos interlocutores, pelo menos de MG1 e MG2 (indicadas pela seta), com a ação corporal de MG3: as duas interlocutoras esboçam, respectivamente, aparente incredulidade com a situação e humor em face aos movimentos corporais de MG3.

Bem assim, além de movimentar a cabeça para baixo, o falante mineiro fecha os olhos e esboça uma expressão facial de preocupação e incredulidade em relação ao teor da mensagem do discurso reportado. O ‘rosto’,¹³⁷ de acordo com Kidwell (2013, p. 104-105), é um elemento fundamental na elaboração da fala para a expressão de avaliações no tocante ao conteúdo verbalmente enunciado.

Ainda, na linha 36, MG3 faz uso dos mesmos recursos de expressão facial e gestos para aumentar sua dramaticidade e incredulidade quanto à situação de um jacaré no pátio da fábrica:

¹³⁶ Tradução nossa: “a roughly similar flow of body movements such as postural shifts, positioning of limbs, and head movements by which they make visible and regulate their involvement with one another.” (KIDWELL, 2013, p. 115).

¹³⁷ Preferimos traduzir o termo ‘face’ (KIDWELL, 2013, p. 104) por ‘rosto’ para evitar confusões terminológicas e conceituais com o termo ‘face’ de Goffman (2011 [1967]).

ele levanta ambas as mãos com as palmas voltadas para si, dedos esticados, assim como olha para cima com uma expressão facial risonha. Convém lembrar que essa ação visual-corporal de MG3 é acompanhada do enunciado <<sorrindo, olhando para cima, levantando as mãos, p> [um jacaRÉ aqui]no pÁtio;>, o qual é proferido com uma mudança de volume da voz, isto é, um volume mais baixo (*piano*, p), que, além de reforçar o efeito dramático da narração, revela o pensamento de incredulidade por parte do narrador:



Imagem 37: expressão facial de incredulidade e gestos de MG3.

Outro aspecto que importa destacar sobre essa sequência narrativa de MG3 concerne à reação de seus interlocutores ante à ação do narrador. Como dito anteriormente, durante a ação de narrar, o narrador provê seus interlocutores com índices de como eles devem reagir à história. Observamos que a expressão facial de MG3 é usada como recurso para orientar a maneira que os outros participantes da conversa devem interpretar sua história. Em seu estudo acerca de como a expressão facial veicula a avaliação (*assessment*) em narrativas, Ruusuvuori e Peräkylä (2009) concluem que as expressões faciais regulam a maneira como os interlocutores devem reagir aos fatos narrados numa contação. Logo, como se vê na imagem 38 abaixo, a expressão facial – com discreto sorriso – esboçada por MG3 em conjunto com o gesto de tocar na testa e os recursos prosódicos de sua fala, indicia o tratamento afetivo do mineiro em relação à sua narração, isto é, jocosidade, o que provocou uma reciprocidade de tratamento afetivo da parte de suas interlocutoras mineiras. (cf. RUUSUVUORI; PERÄKYLÄ, 2009, p. 392).



Imagem 38: MG1 e MG2 reagem à expressão facial de MG3.

Vê-se, portanto, que nesse momento da interação, o humor, por meio das partículas de (sor)riso, estabeleceu um vínculo de solidariedade e pertencimento entre os três participantes da conversa que, especificamente, são mineiros. Observe o leitor que, na imagem 41, PA1 (indicado com a seta) mantém-se com uma expressão facial neutra, somente observando as ações de MG3. Isso corrobora a afirmação de Hay (2000, p. 718) sobre a função de ‘solidariedade’ acerca de o humor servir também para criar um vínculo de irmandade entre membros específicos – do qual PA1, obviamente, não faz parte – dentro de um grupo.

Do ponto de vista prosódico, MG3 acentua focalmente palavras-chave de sua narrativa, as quais, em seu ritmo de fala conjugadas aos (sor)risos do narrador, ressaltam a comicidade e drama de sua narrativa: !MG3! (L31),¹³⁸ PÁtio (L32), jacaré (L36),¹³⁹ brinCAndo (L39), PIsa (L41), buRAco (L45), FAço (L46). Esses itens lexicais, no contexto em que ocorrem, revelam a situação inesperada de um jacaré cair em um buraco no pátio de uma fábrica, o que gera o efeito humorístico da história.

MG3 realiza ainda mudanças na qualidade de voz, sobremaneira, na velocidade e no volume, que conferem certa dinâmica à sua ação conversacional: <<sorrindo, olhando para cima, levantando as mãos, p> [um jacaré aqui] no pátio;> (L36), <<a11> aí eu faLEI assim;> (L38), <<pp, a11> ele falOu> NÃO;. Nota-se que o aumento da velocidade de fala

¹³⁸ MG3 confere um acento extra focal no evocativo MG3 (seu nome), para dar um tom dramático a narrativa.

¹³⁹ Na linha 32, o item ‘jacaré’ havia recebido um acento secundário no momento em que foi introduzido como elemento da narrativa.

em alguns trechos de sua narrativa (a11), bem como a diminuição no volume de sua voz (p / pp) destacam não somente o drama como também o clímax de sua história de MG3.

Convém ainda mencionar que as (micro)pausas realizadas por MG3, a saber, (2.9) (L33), (0.3) (L45), (0.7) (L46), (1.7) (L47), também aumentam os efeitos de dramaticidade de sua narração. Especificamente, as pausas das linhas 33 e 47, mais longas, causam um efeito não somente dramático, como também fomentam o fenômeno do humor, visto que que, no momento em que faz suas pausas, MG3 as preenche com ações visual-corporais: como exposto anteriormente, na pausa (2.9), MG3 faz uma expressão facial dramática, bem como baixa a cabeça e toca a testa com a mão esquerda (cf. Imagem 38); e, na pausa (1.7), o narrador estica seus braços com as mãos abertas e palmas voltadas para fora do corpo – o ‘gesto de manter afastado’¹⁴⁰ (BRESSEM; MÜLLER, 2014, p. 1582),¹⁴¹ balançando a cabeça de um lado para o outro sorrindo, como podemos ver na imagem 39:



Imagem 39: pausa (1.7) .

Chama-nos a atenção o gesto de MG3, pois tal gesto parece revelar uma avaliação do mineiro em face à situação descrita ao telefone, ou seja, sua incredulidade em relação à situação inusitada. Convém observar que, em ambas ocorrências de pausas longas, MG3 convida seus interlocutores a ‘rirem da’ situação (*laughing at*) (GLEEN, 2003, p. 112),¹⁴² de modo a obter a

¹⁴⁰ *Holding away gesture.*

¹⁴¹ Bressem e Müller (2014) explicam que o ‘gesto de manter afastado’ tem como cerne semântico os seguintes traços: exclusão, negação, pausa e rejeição. Dentre suas forças ilocucionárias e funções pragmáticas, podemos destacar respectivamente a expressividade e diretividade, bem como parar a continuação de algo ou rejeitar o tópico conversacional do falante e do ouvinte.

¹⁴² Cf. Jefferson (1979).

afiliação deles. No entanto, é somente no momento da pausa ((1.7)) que todos os participantes se alinham com MG3 ao sorrirem.

É oportuno salientar ainda que, numa perspectiva socio-interacional, o humor pode ser coconstruído, isto é, as ocorrências de passagens humorísticas na conversa podem ser desenvolvidas ao longo de vários turnos de fala, alcançando um nível máximo colaborativo (HOLMES, 2006, p. 36).¹⁴³ Tendo isso em mente, a reação de MG1 e MG2 à narração de MG3 revela-se muito interessante, porque ambas contribuem para o desenvolvimento da narrativa por meio da construção colaborativa de um ‘ piso compartilhado ’ (*shared floor*) (HOLMES, 2006, p. 36), resultando em um ‘ humor conjunto ’ (*cojoint humour*) (HOLMES, 2006, p. 33). Vejamos no recorte a seguir que, nas linhas 34 e 35/37, MG1 e MG2, respectivamente, contribuem para a narração de MG3:

Recorte 4 – Excerto 6

30 MG3: (0.3) aí me Ligam;
31 seu <<fechando a mão direita perto do rosto>!MG3!;>
32 <<fechando a mão direita perto do rosto>tem um jacarÉ aqui
no> Pátio; ((coloca a mão direita na testa))
33 (2.9)
34 MG1: [((sorri))]
35 MG2: [hahaHA;]
36 MG3: <<sorrindo, olhando para cima, levantando as mãos, p>
[um jacaRÉ aqui] no pÁtio;>
37 MG2: [<<sorrindo> oQUEI;]

De acordo com Holmes (2006, p. 33), é a ‘ realização interacional conjunta ’ por parte dos interactantes que caracteriza as sequências de humor conjunto, isto é, quando muitas pessoas contribuem para a manifestação do humor na conversa, por meio de sobreposições, falas encaixadas (*latching*), por exemplo. Assim, conforme Holmes e Hay (1997), enquanto processo social, uma ‘ conversa lúdica ’ (*playful talk*) (COATES, 2007, p. 29) requer a colaboração tanto do falante quanto do interlocutor: “o humor bem-sucedido é uma construção conjunta que envolve uma interação complexa entre a pessoa que intenciona uma contribuição humorística e aqueles com uma responsividade potencial” (HOLMES; HAY, 1997, p. 131).¹⁴⁴

¹⁴³ Mais adiante em nossa análise, veremos como o ‘ piso compartilhado ’ (*shared floor*) se manifesta por meio do humor colaborativo quando os interlocutores de MG3 contribuem para o desenvolvimento de sua narrativa.

¹⁴⁴Tradução nossa: “successful humour is a joint construction involving a complex interaction between the person intending a humorous remark and those with the potential of responding” (HOLMES; HAY, 1997, p. 131).

Sendo assim, vê-se que, nas linhas 34 e 35, MG1 e MG3, em sobreposição, (sor)riem em resposta à pausa de MG3 e sua expressão facial jocosa. Ainda, na linha 37, MG2 expressa sua afiliação à incredulidade e à comicidade de MG3: a mineira sobrepõe o turno de seu interlocutor com o enunciado [<<sorrindo> oQUEI;], pondo um acento focal no item oQUEI e esboçando um sorriso durante sua elocução.

Mais adiante, nas linhas 46-59, observamos uma sequência na qual o humor conjunto alcança seu grau máximo colaborativo por meio da sobreposição de turnos:

Recorte 5 – Excerto 6

```

46  MG3:    (0.7) que <<rindo> que eu FAço;>
47          (1.7)
48  PA1:    [((ri))    ]
49  MG2:    [((sorri))]
50          [<<rindo> chama o nilson CHAves;>          ]
51  MG1:    [<<rindo> chama o nilson CHAves;>          ]
52  MG3:    [((sorrindo, mãos paralelas espalmadas para frente))]
53  MG1:    [((ri))          ]
54  MG2:    [<<sorrindo> chama o NILson chaves;]
55  PA1:    [<<sorrindo, pp> eh:;>          ]
56  MG3:    [<<sorrindo> eu penSEI nisso;>          ]
57          [<<sorrindo, all> eu falEI> NÃO.>]
58  MG1:    [((ri))          ]
59  MG2:    [((sorri))          ]

```

Precisamente, nas linhas 50 e 51, vemos que MG1 e MG2, após a pausa de MG3, em sobreposição, produzem o mesmo enunciado <<rindo> chama o nilson CHAves;>. Esse trecho é um típico caso em que há mais do que a mera repetição do mesmo enunciado, mas, sim, a construção de uma ‘voz do grupo’ (COATES, 1997, p. 70), cujo teor humorístico, instanciado pelas partículas de riso, mostra não somente a manutenção da solidariedade e empatia entre os três mineiros na conversa, como também o grau de envolvimento entre eles, isto é, sua ‘união’ (*togetherness*) (COATES, 2007, p. 47). Nesse momento da interação, portanto, os três mineiros constroem um ‘piso compartilhado’ (*shared floor*) (HOLMES, 2006, p. 36), no qual, por meio de suas breves contribuições, MG1 e MG2, enquanto ‘receptoras’ (*recipients*) (MANDELBAUM, 2013, p. 499), monitoram a narrativa de MG3, de modo a produzir os comportamentos responsivos mais adequados a momentos da narrativa tanto para

demonstrar sua compreensão da história quanto motivá-lo a continuar com sua ação comunicativa.

Vemos que, ao responderem à história de MG3, MG1 e MG2: (i) mostram-se alinhadas a MG3 (cf. MANDELBAUM, 2013, p.500), reforçando sua posição de narrador assim como motivando-o a prosseguir com a narrativa; (ii) constroem um ‘humor conjunto’ com grau colaborativo máximo (cf. HOLMES, 2006, p. 36), no qual as interlocutoras não somente sobrepõem o turno de MG3, como também (iii) adotam o posicionamento de MG3 em relação aos eventos narrados, afiliando-se a ele.

Em síntese, nessa sequência narrativa do excerto 6, observamos que MG3 manifesta ‘mecanismos avaliativos’ (*evaluative devices*)¹⁴⁵ (GÜLICH; QUASTHOFF, 1986, p. 229) para pontuar os aspectos relevantes em sua narração que expressam sua crítica à cultura paraense e o motivo de tal narrativa ter aparecido na conversa. Precisamente, a narrativa contrapõe-se à conceptualização O PARAENSE É ACOLHEDOR e ilustra a conceptualização O PARAENSE É AVESSE A QUEM É DE FORA, especialmente quando MG3 enuncia num ↑LEva o jacaré pra outro lugar não;/ se não eles vão falar/ que nós num tá querendo que o jacaré fique (aqui;). Há, portanto, uma crítica sutil, encoberta de humor, acerca das atitudes que os paraenses têm em relação às pessoas de fora do estado que vêm para Belém.

A seguir, vejamos os mecanismos metacomunicativos que operam na expressão da crítica que MG3 comunica por meio de suas conceptualizações.

4.2.4 Não pisem no jacaré: ações metacomunicativas

Na seção anterior, MG3 discorre sobre o fenômeno do ‘paraensismo’, algo estranho para ele; visto que, ao mesmo tempo em que os paraenses têm aversão a críticas feitas ao estado e à cultura do Pará, eles também fazem manutenção dos estereótipos a eles atribuídos. Como exemplo ilustrativo, MG3 cita a canção Belém Pará Brasil, interpretada pelo cantor paraense Nilson Chaves. A canção, segundo o mineiro, é ‘politicamente incorreta’ por veicular um estereótipo negativo da região, assim como reforça o modelo cognitivo O PARAENSE É AVESSE A QUEM É DE FORA:

Recorte 6 – Excerto 6

¹⁴⁵ Gülich e Quasthoff (1986, p.224) sintetizam sob o termo ‘mecanismos avaliativos’ (*evaluative devices*) todos os tipos de ‘pistas de contextualização’ (GUMPERZ, 1982) que marcam o ‘ponto’ relevante da narrativa, o motivo pelo qual ela é contada na conversa.

08 MG3: paraenSISmo;
09 (0.7) se maḡnifEsta de um <<mãos espalmadas e paralelas uma
a outra, com os dedos esticados espalmadas um para outra>
JEIto> que: que às vezes;
10 (.) <<balançando as mãos> cê esTRAnha;>
11 (0.3) †FAla aque aquele hIno informAl do parÁ;=
12 =aquela MÚsica do nilson chAves;
13 (0.7) <<rall> no ver o PEso;>=
14 =oh GENTe;
15 (-) eu †NUNca vI,
16 → (2.0) cês vão me desculPAR;=
17 → =<<all> é uma MÚsica bonIta;>
18 mas eu nunca vi um <<unindo as pontas dos dedos> troço>
(.) TÃO;
19 (0.4) polIticamente incorRE:to;
20 <<sorrindo, balançando levemente as mãos para cima e para
baixo> tão distorCIdo;>
21 <<sorrindo,rall>quanto aquEla MÚsi[ca;>]
22 MG2: [<<pp>`eh;>]
23 MG3: [(0.4) <<f>`né> que vai] destruIr o <<apontando o dedo
24 MG2: [um um Outro PONto;]
MG3: indicador esquerdo para frente>ver o PEso;>
25 <<sorrindo> e não queREmos o jacarÉ que eu não sei o
que lá;>
26 <<sorrindo> um dia DEsses o que aconteceu,>
27 (.) PArece eu Eu lembrei dessa música;

Notamos que, na linha 15, MG3 suspende o fluxo de sua fala com uma pausa ((2.0)) para realizar uma inserção atenuadora nas linhas 16 e 17. Essa ação metacomunicativa de MG3 atua como uma ‘estratégia de polidez’ (BROWN; LEVINSON, 1987), de modo a mitigar o efeito ‘ameaçador de face’ que sua declaração causa nas linhas 18 a 21: o participante mineiro não somente pede desculpas antecipadas (e.g.: cês vão me desculPAR;) pelo que ele declarará adiante em sua fala (cf. HILGERT, 2014, p. 375), especialmente pelo fato de haver um paraense na conversa, PA1, como também faz um comentário positivo sobre a canção (e.g.: <<all> é uma MÚsica bonIta;>). De acordo com Schröder (2018, p. 205), em termos sequenciais, enunciações metacomunicativas ‘pré-postas’ abarcam antecipações cujo propósito é o de evitar potenciais reações negativas na conversa. Sendo assim, MG3 faz a inserção pré-posta à crítica feita nas linhas 18 a 21 (mas eu nunca vi um troço (.) TÃO;/ (0.4) polIticamente

incorRE:to;/ <<sorrindo, balançando levemente as mãos para cima e para baixo>
tão distorCIdo;>/ <<sorrindo,rall> quanto aquEla MÚsi[ca;>]], à guisa de evitar
reações negativas de seus interlocutores, em especial de PA1.

Ademais, como visto na seção anterior, a narrativa de MG3 é carregada de partículas de (sor)riso. De acordo com Coates (1997, p. 79-80), o (sor)riso (*laughter*) ocorre em função de uma variedade de aspectos na conversa, por exemplo, em confissões e narrativas dolorosas, em momentos engraçados ou tolos. O (sor)riso pode emergir como resposta a algo que tenha sido dito na conversa, ou mesmo durante o curso de fala de alguém. Outrossim, conforme a autora, o (sor)riso permite ao falante sinalizar o seu envolvimento com o que é dito: surpresa, horror, empatia ou catarse. Posto isso, o (sor)riso é um indício contundente de metacomunicação implícita, visto que revela um grau de consciência metapragmática que o falante tem em relação ao conteúdo e à forma de sua contribuição numa conversa. No recorte 7 a seguir, vejamos como os (sor)risos de MG3 – e de seus interlocutores – atuam como manifestações de metacomunicação:

Recorte 7 – Excerto 6

36 → MG3: <<sorrindo, olhando para cima, levantando as mãos, p>
[um jacaRÉ aqui] no pÁtio;>
37 MG2: [<<sorrindo> oQUEI;]
38 MG3: (-) °h <<all> aí eu faLEI assim;>
39 cê tá brinCANdo comigo;
40 [<<pp, all> ele falOu> NÃO;]
41 MG1: [<<sorrindo> não PIsa nele;]
42 [hahaHAha;]
43 MG2: [<<sorrindo> num PIsa no jacaré;>]
44 → MG3: <<sorrindo> jacarÉ <<abrindo as mãos> tá aqui> no PÁtio.>
45 → (0.3) <<sorrindo> ele cAiu num buRAco aqui;>
46 (0.7) que <<rindo> que eu FAço;>
47 (1.7)
48 PA1: [((ri))]
49 MG2: [((sorri))]
50 [<<rindo> chama o nilson CHAves;>]
51 MG1: [<<rindo> chama o nilson CHAves;>]
52 MG3: [((sorrindo, mãos paralelas espalmadas para frente))]
53 MG1: [((ri))]
54 MG2: [<<sorrindo> chama o NILson chaves;]
55 PA1: [<<sorrindo, pp>eh;;>]

Nota-se que, no recorte 7 do excerto 6 acima, o (sor)riso pode ser considerado como uma ‘pista de contextualização’, visto que ele funcione como um *hint* (pista) (SCHRÖDER, 2015, p. 30)¹⁴⁶ que etiqueta a narrativa de MG3 como inacreditável e engraçada, especialmente pelo fato de a situação narrada ser incongruente com a realidade, ou normalidade, (cf. GLEEN, 2003, p. 21-23; BROCK, 2009, p. 183-184), isto é, a presença de um jacaré no pátio de uma fábrica mineradora (L36, 44 e 45).

Enquanto uma ação metacomunicativa, o (sor)riso também aparece como uma forma de mitigar uma situação tensa ou mesmo suavizar uma crítica que emerja na conversa. Observamos que, nesse caso, o (sor)riso ocorre interligado ao fenômeno do humor. Vejamos o recorte 8 do excerto 6 a seguir:

Recorte 8 - Excerto 6

56 MG3: [<<sorrindo> eu penSEI nisso;>]
 57 [<<sorrindo, all> eu falEi> NÃO.>]
 58 MG1: [((ri))]
 59 MG2: [((sorri))]
 60 MG3: <<sorindo> †chAma o bomBE:Iro;>
 61 (0.6) <<sorrindo> e †PEde o bombEiro pra soltAr o jacarÉ
 <<balançando a mão esquerda> de novo lá no rio;>>
 62 → <<sorrindo> num †LEva o jacarÉ pra outro lugar <<abaixando
 as duas mãos, deixando espalmadas para baixo> não;>
 63 → <<sorrindo> se não eles <<levantando as duas mãos> vão> faLAR
 que nós num tá querendo que o jacaré fique (aqui;)>
 64 → mas eu lemBREI do nilson [chaves;]

Pode-se notar que, nas linhas 62 a 64, MG3 tangencia a mera narração de uma situação inusitada e humorística: ele realiza uma crítica sutil à conceptualização cultural O PARAENSE É AVESSO A QUEM É DE FORA. Assim sendo, por meio do uso de partículas de (sor)riso, MG3 atribui o tom jocoso a esse segmento de sua fala em função de um possível embaraço oriundo do fato de ele não ser paraense. Ainda, no plano da narrativa, o falante do cuidado em sua conduta diante da situação com o jacaré, para não incorrer na mensagem veiculada na canção interpretada pelo cantor Nilson Chaves: de que o paraense não quer que pisem nos jacarés ou destruam o Ver-o-Peso. Talvez, por esse motivo, na linha 64, o mineiro diga ter lembrado da

¹⁴⁶ Cf. Jefferson (1979).

canção, via metonímia – AUTOR PELA OBRA (KÖVECSES, 2010) – ao dizer que pensou no cantor Nilson Chaves em face da situação narrada.

É oportuno lembrar que, conforme Hay (2000, p. 716), na interação, o humor tem uma função psicológica na qual o indivíduo tanto o utiliza para se defender ou defender alguém (*to defend*) quanto para lidar com situações problemáticas (*to cope*), seja no âmbito imediato da interação *in situ*, contextual (e.g.: cometer uma gafe ao longo de uma conversa), seja para lidar com questões mais gerais da vida em uma conversa, não contextual (e.g.: temas delicados). Ou seja, em linhas gerais, o humor, numa perspectiva psicológica, serve sobremaneira para tornar leve uma situação séria ou tensa. Sendo assim, quando MG3 reporta seu discurso – <<sorrindo> num †LEva o jacaré pra outro lugar não;>/ <<sorrindo> se não eles vão> faLAR que nós num tá querendo que o jacaré fique (aqui;)>, ele o faz com partículas de (sor)riso, instaurando humor, de modo a atenuar a crítica subjacente à narrativa: os paraenses não querem pessoas de fora do estado habitando ou tumultuando a região.

Segundo Jefferson (1984), visto que o humor seja usado em conversas sobre problemas (*troubles-talk*), o (sor)riso pode sinalizar que o interlocutor toma a situação desafortunada do falante como algo engraçado. Hay (2001) comenta que o falante pode satirizar seu próprio infortúnio, porém, em geral, a resposta a essa ação é a oferta de empatia, que no caso pode ocorrer com *tokens* de (sor)risos. Na imagem 40 a seguir, vemos que os interlocutores de MG3 parecem compartilhar da crítica e humor instaurados por ele:



Imagem 40: Interlocutores de MG3 sorrindo em resposta ao seu riso.

As expressões faciais dos interlocutores de MG3, bem como seus sorrisos demonstram alto grau de envolvimento e afiliação com o mineiro. O humor que eles aquiescem, ao

(sor)rirem e sobreporem em muitos momentos à fala de MG3, implica em uma concordância (cf. HAY, 2001, p. 72) e empatia à crítica do mineiro.

Em síntese, as partículas de o (sor)riso de MG3 – e de seus interlocutores – revelam um grau de automonitoramento - consciência metapragmática – dos participantes quanto ao trecho da narrativa contada, que veicula um posicionamento quanto à aceitabilidade de pessoas de fora do estado na cultura paraense. A seguir, com base na análise dos dados aqui apresentados, algumas reflexões emergiram quanto aos fenômenos aqui investigados.

4.3 COMPROVAÇÃO DA HIPÓTESE

Ao final da análise dos quatro excertos oriundos das interações 2017BHMIPa1e 2018BaMiPa1, algumas questões suscitaram principalmente no tocante à hipótese formulada nesta pesquisa: haverá maior manifestação de atos metacomunicativos (explícitos) na conversa quando as conceptualizações culturais informadas possam comprometer o ‘gerenciamento das relações’ (SPENCER-OATEY, 2008, p.13) entre os participantes em função de seu alto teor avaliativo?

Esperávamos que, em ambas as interações, houvesse manifestações de atos metacomunicativos explícitos como ocorreu especialmente nos excertos 2 e 4, da interação 2017BHMIPa1, na qual PA2 expressou as seguintes conceptualizações culturais: MINEIRO É DESONESTO, A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA e MINEIRO É FECHADO. Em suas instanciações, foram destacados sobremaneira os aspectos negativos em tais conceptualizações da cultura mineira. PA2 foi assertiva em suas colocações, o que motivou o aparecimento de atos metacomunicativos explícitos: inserções que avaliavam suas atitudes enunciativas na conversa.

No tocante a PA1, no excerto 4, houve a realização de atos metacomunicativos mais implícitos: em nível verbal, o paraense recorreu ao uso da paráfrase e ao procedimento substitutivo, para explicar a ideia de funcionalidade nas relações interpessoais dos mineiros ao explicar sua perspectiva acerca da conceptualização MINEIRO É FECHADO. Em nível prosódico, PA1 alterou seu ritmo de fala, acelerando-a e, posteriormente, desacelerando-a, para explicar que o mineiro somente rompe os limites de sua introspecção se ele precisar de algo de outrem.

Nos excertos 5 e 6, provenientes da interação 2018BaMiPa1, analisamos sobremaneira as falas de MG3, o qual manifestou atos metacomunicativos implícitos, principalmente,

partículas de riso e recursos prosódicos, para comunicar suas conceptualizações culturais, a saber, O PARAENSE NÃO TEM COMPORTAMENTO NATIVISTA e O PARAENSE É AVESSE A QUEM É DE FORA. Em ambos os casos, MG3 recorreu à narração para comunicar suas conceptualizações e criticar as atitudes dos paraenses.

Se comparados os estilos conversacionais, PA2 (2017BHMIPa1) apresenta um estilo mais direto, enquanto que MG3 (2018BaMiPa1) um estilo mais indireto. Isso aponta tendências culturais de estilo de comunicação, como por vezes, figurou nas falas de MG1 (2018BaMiPa1) que mineiro não é direto. Entrementes, percebemos em nossa análise ocorrências mais frequentes de atos metacomunicativos implícitos. Nossos achados corroboram o que Schröder (2018, p. 216) notou ao investigar sobre processos cognitivos a partir de uma perspectiva metacomunicativa: brasileiros têm uma tendência a performar ações metacomunicativas implícitas. Vemos que isso pode se estender a nível regional, no qual uma região apresenta um estilo metacomunicativo mais implícito que outra, ou seja, mineiros tendem a ser mais implícitos que paraenses. Nossa hipótese, portanto, mostrou-se válida.

CAPÍTULO 5 - PARA CONCLUIR NOSSA INVESTIGAÇÃO

Apresentamos no presente capítulo nossas considerações finais a partir da análise e discussão dos dados que empreendemos no capítulo anterior. Ainda, discorreremos das contribuições que esta tese traz para o campo de pesquisa da Linguística Teórica e Descritiva, bem como sugerimos algumas possibilidades de pesquisas futuras que emergiram ao longo do desenvolvimento desta investigação. Passemos, pois, às considerações finais.

5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivados pelo seguinte objetivo: investigar as funções de atos metacomunicativos durante a negociação e a coconstrução de conceptualizações culturais instanciadas na fala de paraenses e mineiros quando engajados em uma conversa, no capítulo anterior, analisamos a fala de participantes de duas ‘conversas eliciadas’, nas quais eles discorreram sobre suas experiências interculturais. Precisamente, analisamos a interação entre paraenses e mineiros quando estes discutiam acerca de suas vivências na cultura um do outro. Em seus relatos acerca de tais experiências interculturais, pudemos identificar com o auxílio das técnicas analítico-metodológicas da Linguística Interacional e da Análise da Conversa e com o aparato teórico da Linguística Cognitiva, Linguística Cultural e Metapragmática, como os participantes comunicaram e negociaram suas conceptualizações culturais.

Com a consecução de nosso objetivo, procuramos responder a três perguntas de pesquisa: (i) Quais são as conceptualizações culturais que paraenses e mineiros elaboram quando falam sobre suas experiências no grupo cultural um do outro? (ii) Quais são os atos metacomunicativos usados pelos participantes quando estes comunicam suas conceptualizações culturais? E (iii) quais funções tais atos desempenham nessa situação interacional?

Concernente à primeira pergunta, sobre as conceptualizações culturais que os paraenses e os mineiros elaboraram quando falavam sobre suas experiências no grupo cultural um do outro, na interação 2017BHMIPa1, com base na análise principalmente dos excertos 2 e 4, concentramo-nos sobremaneira nas falas de PA2 e PA1. Como visto nas análises, observamos, da parte de PA2, um processo de categorização, no qual o ‘esquema de proposição’ MINEIRO É DESONESTO (excerto 2) foi instanciado. Referente a essa conceptualização, PA1 manifestou concordância com sua interlocutora ao realizar um processo de nocionalização, acenar com a

cabeça e sorrir. Identificamos também as metáforas A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA e O MINEIRO É FECHADO (excerto 4), comunicadas tanto por PA2 quanto por PA1. Um ponto interessante sobre a maneira como essas duas metáforas foram instanciadas refere-se à nuance de sentido atribuído a elas: PA2 ressaltou aspectos negativos sobre a cultura mineira e o mineiro serem fechados, isto é, estabelecer vínculos de intimidade com os mineiros é algo difícil. Por seu turno, PA1 salientou aspectos positivos no tocante à reserva do mineiro, isto é, que o mineiro é introvertido, característica com a qual o paraense se identifica. No entanto, PA1 ainda assim manifestou concordância com PA2 quanto a essas conceptualizações, mesmo destacando nuances positivas sobre o fato de a cultura ser uma cultura fechada.

No que tange à instanciação das conceptualizações culturais na dimensão visual-corporal, chamou-nos a atenção os gestos de PA2. Quando comunica seu esquema de proposição MINEIRO É DESONESTO, a paraense realiza um gesto metafórico – o ‘mão aberta, palma para cima’ (*PUOH – palm up open hand*) –, juntamente com um gesto dêitico – o *lip pointing* –, para dar destaque à sua conceptualização. Em outras palavras, com seus gestos, PA2 tenta ‘expor’ a categoria DESONESTA à qual a falante insere os mineiros. Ainda, ao comunicar a conceptualização A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA, a paraense também realiza um gesto metafórico, para demonstrar a imagem de algo ‘fechando-se em si’, o que corroborou a proposição do enunciado da falante, bem como aumentou o grau de metaforicidade de sua fala. Notamos que a fala de PA2 foi muito apelativa dado o uso hiperbólico dos vários modos semióticos à sua disposição.

Na interação 2018BaMiPa1, após a análise dos excertos 5 e 6, concentramo-nos na fala, em especial, de MG3, com o qual, MG1 e MG2, mantiveram-se alinhadas. Identificamos os esquemas de proposição O PARAENSE NÃO TEM COMPORTAMENTO NATIVISTA (excerto 5) e O PARAENSE É AVESSO A QUEM É DE FORA (excerto 6). Tais esquemas de proposição foram instanciados por meio de sequências narrativas, de modo a comprovar com eventos vividos sua visão de mundo acerca da cultura paraense. Convém ressaltar que MG1 e MG2 demonstraram alinhamento com MG3, quando ele narrava suas situações, não somente ao fazerem pequenas contribuições nas narrativas do mineiro, como também esboçavam sorrisos e riam em responsividade à ação conversacional de MG3. A partir desses indícios, inferimos que as duas interlocutoras compartilham do esquema cultural comunicado por MG3.

No plano visual-corporal, MG3 também realizou gestos que nos chamaram a atenção quando ele comunicou suas conceptualizações. No excerto 5, o mineiro, primeiramente, instancia o seguinte esquema de proposição NATIVISMO É AMOR ENRAIZADO, o qual é realçado pelo gesto *grappolo*, classificado como pragmático com uma função discursiva de dar destaque

a alguma parte do enunciado verbal. Vimos que MG3 realiza esse gesto para chamar a atenção de seus interlocutores ao cerne da ideia que ele queria expressar: nativismo enquanto um sentimento profundo, um amor arraigado. Posteriormente, o mineiro comunica outro esquema de proposição O PARAENSE NÃO TEM COMPORTAMENTO NATIVISTA, o qual contrasta com o primeiro referente ao ‘nativismo’.

Por seu turno, no excerto 6, como vimos, por meio de uma sequência narrativa, MG3 instanciou o esquema de proposição PARAENSE É AVESSE A QUEM É DE FORA. Para tanto, o mineiro fez uso do humor em sua narração, a qual teve seu teor de dramaticidade e apelo reforçada pelos gestos do falante. Notamos que em sua narração MG3 realiza (i) um gesto icônico, encenando a ação de ‘telefonar’, (ii) a elevação das mãos para o alto, de modo a expressar incredulidade, e (iii) um gesto metafórico, ‘manter afastado’ (*holding away*), para expressar sua atitude ao telefone na situação narrada. Seu comportamento visual-gestual atendeu sobremaneira às funções representacional e apelativa da linguagem (MÜLLER, 2013), de maneira que a nuance humorística fosse mantida e MG3 conseguisse expressar sua conceptualização em relação aos paraenses.

Por fim, é importante ressaltar que as conceptualizações culturais identificadas e analisadas nos excertos apresentados refletem a interação entre os esquemas cognitivos que os participantes formaram a partir de suas experiências individuais, isto é, seus modelos cognitivos privados (*private models*, cf. KECSKES, 2014, p. 89) e os esquemas cognitivos – modelos cognitivos – já existentes na cognição cultural. Em outras palavras, da combinação de modelos culturais existentes no grupo cultural com as disposições cognitivas únicas do indivíduo (tais como autorreflexão, pensamento crítico, etc.), modelos mentais privados são formados. Posteriormente, compartilhados, atualizados, mudados (KESCKES, 2014, p. 88-89). Em síntese, tanto o modelo cultural quanto o modelo cognitivo privado auxiliam os indivíduos a organizarem a realidade e se orientarem no mundo.

Ainda, com a análise das conceptualizações explanadas nas conversas eliciadas, notamos que as nuances dadas a essas conceptualizações foram de teor valorativo negativo, o que ameaçou o gerenciamento das relações interpessoais na interação e motivou o aparecimento de uma série de manifestações de atos metacomunicativos. Isso nos remete à nossa hipótese de que, quando as conceptualizações culturais carregassem um valor avaliativo negativo e que comprometessem o ‘gerenciamento das relações’, os atos metacomunicativos emergiriam na interação. Nossa hipótese foi comprovada, como já explicado no capítulo anterior.

A propósito dos atos metacomunicativos, nossas segunda e terceira perguntas de pesquisa foram direcionadas a quais atos metacomunicativos foram usados pelos participantes

quando estes comunicavam suas conceptualizações culturais e a quais funções tais atos metacomunicativos desempenharam nas situações interacionais.

Posto isso, no caso da interação 2017BHMIPa1, na explanação do excerto 2, PA2 realizou uma inserção posposta, de modo a primar pela intercompreensão. Precisamente, PA2, ao comunicar sua conceptualização (MINEIRO É DESONESTO), tanto prefaciou com recursos metacomunicativos implícitos sua conceptualização quanto realizou um ato metacomunicativo explícito para categorizar sua contribuição na conversa. Ainda, ao realizar o ato metacomunicativo explícito, PA2, no plano visual-gestual, realizou o gesto ‘dedo indicador esticado’, o qual atuou no realce de seu ato de categorizar a qualidade de sua contribuição na conversa, ou seja, chamar a atenção de seus interlocutores a algum aspecto de seu enunciado, isto é, ao item lexical que qualificava sua contribuição: ‘exagerada’. Ademais, ambos atos metacomunicativos, tanto o implícito quanto o explícito, indicaram graus diferentes de saliência, isto é, de consciência metapragmática, por parte de PA2; porém, serviram de indícios reveladores da atenção da participante quanto ao impacto que o conteúdo proposicional de seus enunciados poderia causar em seus interlocutores, em especial nas mineiras. Em assim sendo, vemos que os atos metacomunicativos esboçados por PA2 serviram, sobremaneira, ao propósito de antecipar e mitigar possíveis reações negativas por parte de seus interlocutores (ver o ato metacomunicativo implícito), bem como de classificar seu ato de enunciação e direcionar a interpretação que os seus interlocutores deveriam depreender de sua contribuição conversacional (ver o ato metacomunicativo explícito).

No tocante ao excerto 4, PA2 e PA1 manifestaram ações metacomunicativas distintas no tocante aos diferentes aspectos que destacaram referentes às conceptualizações A CULTURA MINEIRA É UMA CULTURA FECHADA e O MINEIRO É FECHADO. PA2 realizou um ato metacomunicativo explícito, isto é, uma inserção posposta, avaliando, em caráter autorreflexivo, sua própria contribuição na conversa. Com essa atitude conversacional, o ato metacomunicativo de PA2 age em direção à manutenção da intercompreensão, ou seja, ainda que tenha feito uma crítica à cultura mineira e ao comportamento dos mineiros, a paraense tenta mostrar que seu posicionamento não é fruto de milindres de sua personalidade, mas sim de um espaço amostral de experiências negativas vividas na cultura mineira. Adicionalmente, PA2 esclarece que está consciente de que sua conceptualização não se aplica a todo o estado de Minas Gerais, mas a um espaço específico, a saber, Belo Horizonte.

Convém mencionar que o comportamento visual-corporal também instanciou sua consciência metapragmática, logo, uma ação metacomunicativa. Durante sua inserção posposta, PA2 realiza uma repetição gestual – movimentos circulares coocorrentes à sua enunciação –

cuja função discursiva é a de dar destaque ao comentário da paraense, isto é, que ela não estava se vitimizando – ou nas palavras da participante, “não estava na síndrome de coitadinha”. O gesto de PA2 atua sobre o enunciado dela, logo, apresenta uma função metacomunicativa. Ainda, no tocante ao escopo de sua generalização sobre o mineiro ser fechado, PA2 manifesta dois gestos: um metafórico, ‘mão aberta, palma pra cima’, e um icônico. O primeiro ocorre quando a paraense diz não querer demonizar Belo Horizonte; o segundo, quando a paraense diz saber que Minas é algo muito maior e que não se restringe à capital. Ambos os gestos corroboraram o ato metacomunicativo explícito de PA2, reforçando certas partes do discurso da falante e auxiliando no direcionamento da interpretação a ser tomada pelos interlocutores dela. Em síntese, PA2 tenta direcionar a interpretação de seus interlocutores à ideia de que seu posicionamento é resultante de experiências vividas em um espaço específico, logo, sua conceptualização não se aplica a todo mineiro.

Ainda sobre o excerto 4, PA1 também manifesta atos metacomunicativos. Como dito, o paraense concorda com PA2 quanto à introversão do mineiro; no entanto, PA1 assevera identificar-se com essa característica do nativo mineiro. Porém, ao explicar como ocorre o comportamento do mineiro, PA1 retoma uma característica apontada por PA1: a ‘funcionalidade’ das relações interpessoais dos mineiros. Para explicar esse aspecto, o paraense realiza um ato metacomunicativo implícito que subsume o uso de uma paráfrase de expansão, pistas contextuais – tais como risos e aceleração do ritmo de fala, e um procedimento substitutivo, para rapidamente comunicar um aspecto que poderia ser recebido negativamente por suas interlocutoras mineiras. Em suma, os atos metacomunicativo de PA1 atuam como atenuadores do conteúdo exposto potencialmente ameaçador de face.

Acerca da interação 2018BaMiPa1, MG3, no excerto 5, como dito, com sua sequência narrativa, comunica seu esquema de proposição O PARAENSE NÃO TEM COMPORTAMENTO NATIVISTA. Observamos o tom crítico que o mineiro afere à sua contribuição como ilustrado no excerto 5. Assim sendo, MG3 realiza uma ação metacomunicativa explícita, uma inserção avaliativa pré-posta, destacando as belezas e qualidades do estado do Pará. Sua inserção, como explicamos, teve um alto teor apelativo aos interlocutores, de modo a chamar atenção ao conteúdo proposicional de sua fala, ou seja, as belezas do Pará. Sua inserção serve, portanto, como atenuador à crítica feita aos nativos paraenses. Observamos também que a inserção de MG3 é feita com dois gestos coocorrentes à sua fala: no primeiro gesto, MG3 abre os dedos e os deixa ligeiramente curvados e afastados, com a palma voltada para seu corpo, coocorrendo com o item *boNIto*; o outro gesto, ‘mão aberta, palma para cima’, coocorre também com o item *boNIto*. Em ambas as ocorrências gestuais, os gestos auxiliaram na exposição da ideia de

beleza expressa no enunciado de MG3, ou seja, os gestos direcionaram o foco de atenção dos interlocutores a itens específicos da inserção feita pelo mineiro.

Um outro ato metacomunicativo de MG3 é sua hesitação quando enuncia sua crítica ao povo paraense, visto que, ao hesitar, fica evidente o retardamento da proposição vindoura – que carrega a crítica –, de modo a atenuar sua recepção por parte do paraense presente na conversa, bem como do espectador circundante materializado na câmera. A hesitação de MG3 revela em certo grau sua consciência metapragmática de que sua atitude e contribuição na conversa são ameaçadoras de face.

Por seu turno, no excerto 6, para comunicar a conceptualização O PARAENSE É AVESSO A QUEM É DE FORA, MG3 inicia uma sequência narrativa carregada de partículas de (sor)riso que enquadram sua contribuição como humorística. Em outras palavras, o uso do humor enquanto ato metacomunicativo por parte de MG3 serviu à função de mitigar a situação tensa de sua história, bem como suavizar a crítica que tangenciou sua narração, de que paraense tem aversão a quem não é nativo.

Em resumo, nos quatro excertos que analisamos (2, 4, 5 e 6), pudemos observar que houve manifestações tanto de atos metacomunicativos explícitos quanto implícitos, sendo estas últimas mais frequentes. Em relação aos atos metacomunicativos explícitos, identificamos principalmente inserções pré- e pós-postas, as quais atuaram, respectivamente, (i) na anulação de possíveis reações negativas dos interlocutores e (ii) na manutenção da intercompreensão, bem como na correção (e direcionamento) das interpretações dos interlocutores. Os gestos identificados, tais como gestos rítmicos, dedo indicador em riste, revelaram sua função pragmática metacomunicativa ao dar destaque a aspectos dos enunciados verbais conforme o contexto local em que ocorreram. Quanto aos atos metacomunicativos implícitos, identificamos sobremaneira o uso intensivo de pistas contextuais, tais como risos, mudanças no registro tonal e ritmo de fala, etc., que, em geral, atuaram na mitigação dos impactos negativos que os conteúdos proposicionais veicularam. O que procuramos e encontramos nos enunciados dos participantes desta pesquisa foram indicadores que atestassem uma consciência metapragmática dos falantes – um tipo de atividade de automonitoramento – que calibra constantemente a intenção comunicativa com as condições situacionais e contextuais, ou seja, observamos como eles (co)negociaram e coconstruíram os sentidos veiculados pelas suas conceptualizações culturais.

5.2 CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES DESTA PESQUISA

Ao longo desta tese, por meio da análise dos fenômenos estudados aqui, a saber, as instancias das conceptualizações culturais oriundas das experiências interculturais dos participantes desta pesquisa, bem como as manifestações de atos metacomunicativos e metalinguísticos quando tais conceptualizações foram comunicadas, objetivamos mostrar com nossa abordagem cognitivo-interacional a relevância de nossa investigação para os campos:

- (i) da Análise da Conversa, que com seu enfoque na realização local e na arquitetura da conversação, pouca ênfase dá aos aspectos cognitivos subjacentes às situações comunicativas. Logo, como vimos em nossas análises, ações conversacionais como hesitações e inserções, apresentam um caráter não somente conversacional, como também cognitivo ao revelar aspectos do foco de atenção do participante ao longo da conversa, ou seja, como ele pretende guiar e sinalizar a maneira como o interlocutor deve interpretar suas contribuições.
- (ii) da Linguística Interacional, que, conforme Barth-Weingarten (2011), ao investigar a organização e o uso da língua estrutural e funcionalmente na interação social, tem procurado formas de se ajustar a estudos que levem em conta os aspectos cognitivos da estrutura e uso da língua na fala-em-interação. Sendo assim, vimos que não somente com atos metacomunicativos explícitos, e.g.: atos metacomunicativos de fala, como também com a instanciação de conceptualizações culturais, pudemos observar, com a ação conjunta de construção do texto conversacional (*joint accomplishment of talk*), como os esquemas culturais são comunicados, negociados e atualizados na interação (cf. SHARIFIAN, 2011, 2015).
- (iii) dos estudos em Metapragmática e reflexividade linguística, que embora sejam campos investigativos profícuos e muito difundidos, no Brasil, são raros os trabalhos que investigam os atos metacomunicativos na coconstrução e negociação de sentido na fala-em-interação. Por isso, vemos também que contribuimos com mais um estudo que explora a consciência metapragmática e sua instanciação por meio de atos metacomunicativos e metalinguísticos.
- (iv) da Linguística Cognitiva, que sofreu, por muito tempo, severas críticas, como nos lembra Schröder (2019, p. 27), por sua metodologia circular, seu alto grau

de abstração e individualismo metódico, bem como o não uso de dados autênticos, provindo da fala-em-interação. Posto isso, com nossa investigação guiada por uma orientação cognitivista da (língua)gem, contribuímos com dados autênticos da língua em uso para mostrar como esquemas cognitivos (culturais), metáforas, metonímias e processos de categorização estruturam o sistema conceitual dos indivíduos, são instanciados, coconstruídos e atualizados na fala-em-interação. Afinal, é por meio da interação social que os modelos cognitivos são compartilhados e atualizados entre os indivíduos.

- (v) e da Linguística Cultural, que embora reintegre a cognição à cultura, ao que nos parece ainda apresenta a lacuna de investigar os modelos cognitivos (culturais) subjacentes à fala na comunicação situada, *in locus*. Com isso, vemos também que nossa investigação também contribui para o campo da Linguística Cultural, uma vez que identificamos e descrevemos as conceptualizações culturais instanciadas na conversa *in situ*.

Por fim, uma contribuição de nossa investigação muito pertinente que também vale destacar, principalmente, no que se refere aos estudos da Linguística Interacional e da Análise da Conversa – e também da Linguística Cognitiva e da Linguística Cultural, dado os avanços dos meios tecnológicos de obtenção e registro de dados em áudio e vídeo, é o aspecto multimodal da conversa. Esse aspecto, segundo Schröder (2019, p. 29), na fala-em-interação, promove um ponto de acesso aos processos cognitivos e de conceptualizações culturais. Conforme a autora, nas últimas décadas, os estudos multimodais no campo da metáfora (e metonímia) cognitiva, que se engajaram em investigar as produções de gestos metafóricos online na fala-em-interação, aumentaram exponencialmente, o que promoveu uma interface dos estudos da fala-em-interação com os estudos cognitivistas da (língua)gem. Tendo isso em mente, em nossas análises, integramos também os aspectos visual-corporais não somente para descrever e explicar as instanciações das conceptualizações culturais, mas também dos atos metacomunicativos na conversa. Assim, procuramos contribuir com nossa pesquisa, sobremaneira, aos estudos interacionais, que agora, conforme Barth-Weingarten (2011, p. 91), procuram atender a demanda de integrar aspectos linguísticos não verbais na organização da comunicação, o que inclui o desafio de como transcrever aspectos como gestos, olhar e postura corporal, sem comprometer a legibilidade das transcrições, bem como o desafio em decidir até que ponto os gestos, o olhar e posições corporais precisam ser levados em conta na interação. Procuramos, portanto, mostrar não somente por meio da transcrição dos excertos, mas também

da escolha precisa deles, a importância e o papel dos gestos, do olhar e da postura corporal na fala-em-interação, como vimos em nossas análises a maneira como os participantes usaram desses recursos semióticos para regular a interação deles.

5.3 PESQUISAS FUTURAS

Com a conclusão de nossa pesquisa, observamos quão necessário – quiçá imperativo – é a condução de mais pesquisas no campo da língua em uso, em especial, na interface Linguística Interacional / Análise da Conversa e Linguística Cognitiva / Linguística Cultural. Desse modo, pelo menos duas questões que apontam para novos horizontes de investigação levantamos agora:

- Pensamos que é de primordial importância desenvolver mais estudos que promovam a integração da multimodalidade aos estudos da fala-em-interação, tais como o papel do corpo na interação social. Como visto em nossos dados, nas sequências narrativas, os participantes usaram de muitos recursos visual-corporais para coconstruírem as narrações. Observamos que o papel do corpo na construção de um ‘terreno comum’ é vital para a manutenção do envolvimento e engajamento na conversa.
- No campo da Comunicação (Inter)Cultural seria muito interessante desenvolver estudos que permitissem observar as diferenças culturais na maneira como os participantes de diferentes regiões do Brasil comportam-se em interações sociais situadas. Precisamente, investigar se há diferenças na maneira como pessoas de diferentes regiões do Brasil gesticulam, regulam a interação com o olhar e expressões faciais.
- No campo da Linguística Cultural e da Linguística Cognitiva, seria pertinente inquirir sobre os modelos culturais das regiões do Brasil para fins de descrição, comparação e observação de suas instancias em contatos (inter)culturais.

Posto tudo isso, procuramos contribuir, de modo geral, com os estudos no campo da Linguística Teórica e Descritiva e incitar mais pesquisa nas áreas de estudo da linguagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Diogo. *A construção do conceito de heimat (Alemanha)/pátria (brasil) em âmbito intercultural*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ALMEIDA, Maria Clotilde; Sousa, Bibiana de; ÓRFÃO, Paula; TEIXEIRA, Silvia. *Jogar futebol com as palavras: imagens□metafóricas no jornal ‘A bola’*. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

AVELAR, Maíra. O papel dos gestos de apontar na construção da dêixis multimodal: dos usos concretos aos usos abstratos. *Revista Linguística*, v. 1, n. 12, 2016, p.161-176.

_____. *A emergência de metáforas multimodais no discurso politico-eleitoral: análise das variáveis verbais, prosódicas e gestuais em debates de segundo turno às eleições presidenciais de 2010*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2013.

AZEVEDO, Adriana Tenuta de; LEPESQUEUR, Marcus. Aspectos da afiliação epistemológica da Linguística Cognitiva à Psicologia da Gestalt: percepção e linguagem. *Ciências & Cognição*, 2011; Vol 16 (2). p. 065-081.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARCELONA, António. A Metonímia conceitual. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Org.) *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2013, p. 123-146.

BARDOVI-HARLIG, K; HARTFORD, B. Institutional discourse and interlanguage pragmatics research. In: _____. (eds). *Interlanguage pragmatics: exploring institutional talk*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2005, pp. 7-36.

BARTH-WEINGARTEN, Dagmar. Interactional linguistics. In: ANTOS, Gerd; VENTOLA, Eija; WEBER, Tilo; (eds.): *Handbook of Applied Linguistics*. Band 2: Interpersonal Communication. Berlin, New York: De Gruyter, 2011, p. 77-105.

BATESON, Gregory. Steps to an ecology of mind. New York: Ballantine, 1972 [1950].

BEHNKE, Elizabeth. Interkinaesthetic affectivity: a phenomenological approach. *Continental Philosophy Review*. 41 (2). 2008, p. 143-161.

BENNARDO, Giovanni; MUNCK, Victor. *Cultural models: genesis, methods, and experiences*. New York: Oxford University Press, 2014.

BERLIN, Brent; BREEDLOVE, Dennis; RAVEN, Peter. General principles of classification and nomenclature in folk biology. *American Anthropologist*, 75, 1973, p. 214-242.

BORILLO, André. *Discours ou Metadiscours*. *DRLAV Revue de linguistique* (32). Paris: Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, 1985, p. 91-151.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BRESSEM, Jana. Repetitions in gestures. In: MÜLLER, Cornelia; MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEßENDORF, Sedinha (Org.) *Body-Language-Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/2. Berlin, Boston: Mouton De Gruyter, 2014, p. 1641-1649.

_____. A linguistic perspective on the notation of form features in gesture. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Org.) *Body-Language-Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/1. Berlin, Boston: Mouton De Gruyter, 2013. p. 1079-1098.

_____; LADEWIG, Silva; MÜLLER, Cornelia. Linguistic annotation system for gestures (LASG). In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Org.) *Body-Language-Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/1. Berlin, Boston: Mouton De Gruyter, 2013. p. 1079-1098.

_____; MÜLLER, Cornelia. A repertoire of german recurrent gestures with pragmatic functions. In: MÜLLER, Cornelia; MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEßENDORF, Sedinha (Org.) *Body-Language-Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/2. Berlin, Boston: Mouton De Gruyter, 2014, p. 1575-1591.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language and usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BROCK, Alexander. Humour as a metacommunicative process. *JLT*, 3:2, 2009, p. 177-194.

BUBLITZ, Wolfram; HÜBLER, Axel. *Metapragmatics in use*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

BÜHLER, Karl. *Theory of language: the representation function of language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011[1934].

CAFFI, Claudia. Some remarks on illocution and metacommunication. *Journal of Pragmatics*, (8), 1984, p. 449-467.

CAMPANHA, Danilo. Formulações espaciais como práticas de categorização na interação entre brasileiros e alemães. (Monografia de graduação). Faculdade de Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2016.

_____; SCHRÖDER, Ulrike. Categorização e Generalização em atividades de comparação cultural na interação entre brasileiros e alemães. *Anais do 1º Congresso da*

Associação Brasileira de Estudos Germanísticos (ABEG), 09-11 de novembro 2015 – USP São Paulo, p. 377-384.

CARNEIRO MENDES, Mariana. *Metáforas, gestos e aspectos conversacionais de interações em grupo entre membros da Assembleia de Deus*. 2017. 219f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CARPENTER, Malinda; NAGELL, Katherine; TOMASELLO, Michael. *Social cognition, joint attention, and communicative competence from 9 to 15 months of age*. Monographs of the Society for Research in Child Development. Serial number 255, v. 63. N. 4, 1998.

CASTRO, Fábio. *Entre o mito e a fronteira: estudo sobre a figuração da Amazônia na produção artística contemporânea de Belém*. Belém: Labor Editorial, 2011.

CAPUTO, Caroline. *A negociação de co-pertencimento de professores e alunos na sala de aula de ple: um estudo empírico sobre a interação face a face*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CHAFE, Wallace. *Discourse, Consciousness and Time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

_____. Some things that narratives tell us about the mind. In: BRITTON, Bruce; PELLEGRINI, A. D. *Narrative thought and narrative language*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1990, p. 79-98.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. Paris: Mouton Publishers, 1957.

CIENKI, Alan. Cognitive Linguistics: Spoken language and gesture as expressions of conceptualization. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Org.) *Body-Language-Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Handbücher zur Sprach- und

Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK)
38/1. Berlin, Boston: Mouton De Gruyter, 2013, p. 182-201.

_____. Frames, Idealized Cognitive Models and domains. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 170-187.

COATES, Joanne. The construction of a collaborative floor in women's friendly talk. In: GIVON, T. (ed.) *Conversation: cognitive, communicative and social perspectives*. New Mexico: John Benjamins B.V., 1997. p. 55-89.

COLLINS, Allan M.; QUILLIAN, M. Ross. Retrieval time from semantic memory. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour*, 8, 1969, p. 240–247.

COUPER-KUHLEN, Elizabeth; SELTING, Margret. *Interactional linguistics: studying language in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

COUPLAND, Nikolas; JAWORSKI, Adam. Sociolinguistic perspectives on metalanguage: reflexivity, evaluation and ideology. In: JAWORSKI, Adam; COUPLAND, Nikolas; GALASINSKI, Dariusz. *Metalanguage: social and ideological perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998, p. 15-51

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. (Cambridge Textbooks in Linguistics.) Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CRUSE, Alan. The pragmatics of lexical specificity. *Journal of Linguistics*, 13, 1977, p. 153-164.

DALLA COSTA, Silvia Fernanda. *A metaenunciação como processo de construção dos sentidos e de compreensão na interação falada*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

DAMÁSIO, António. *O sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2000.

_____. *O erro de descartes: emoção, razão e cérebro humano*. Mem Martins: Publicações Europa América, 1995.

D'ANDRADE, Roy. *The development of cognitive anthropology*. New York: Cambridge University Press, 2003 [1995].

_____; STRAUSS, Claudia. (Ed.) *Human motives and cultural models*. New York: Cambridge University Press, 1992.

_____. Schemas and motivation. In: _____. STRAUSS, Claudia. (Ed.) *Human motives and cultural models*. New York: Cambridge University Press, 1992. p. 23-44

_____. A folk model of the mind. In: HOLLAND, Dorothy; QUINN; Naomi. *Cultural Models in language and thought*. Cambridge University Press, 1987, p. 35-58.

DEPPERMAN, Arnulf. Notionalization: The Transformation of Descriptions into Categorizations. In: *Human Studies* 34, 2011, 155–181.

DEWEY, JOHN. *Experience and nature*. London: George Allen and Unwin Ltd, 1929.

DIONÍSIO, Ângela. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2012, p.81-112.

DU BOIS, John. The discourse basis of ergativity. *Language*, 63, 1987, p. 805-855.

DUQUE, Paulo Henrique. Categorização: a perspectiva de protótipos. In: SOUSA, Ada Lima Ferreira de; _____. *Cognição e práticas discursivas*. Natal: EDUFRN, 2018. p. 42-67.

_____; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal / RN: EDUFRN, 2012.

DURANTI, Alessandro. *Linguistic Antropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

EDELMAN, Gerald. *Bright air, brilliant fire: on the matter of the mind*. New York: Basic Books, 1992.

EGLIN, Peter; HESTER, Stephen. *Culture in Action: Studies in Membership Categorization Analysis*. Lanham: International Institute for Ethnomethodology and Conversation Analysis and University Press of America, 1997.

ENFIELD, Nick. 'Lip-pointing': a discussion of form and function with reference to data from Laos. *Gestures* 1 (2), pp. 185-212, 2001.

EVANS, Vyvyan. 2012. Cognitive linguistics. *WIREs Cogn Sci*, 2012, 3, p. 129-141.

_____; BERGEN, Benjamin K.; ZINKEN; Jörg. The cognitive linguistics enterprise: an overview. In: _____. *The cognitive linguistics reader*. London: Equinox, 2007. p. 1-36.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FÁVERO, Leonor; ANDRADE, Maria Lúcia; AQUINO, Zilda. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FELTES, Heloísa. Modelos culturais: teoria, estudos e métodos. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v.18, n.1, p. 193-213, jan./abr. 2018.

_____. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2007.

FIDELIS DE PAULA, Flavia. *Contribuições do silêncio na conversa eliciada: um estudo à luz da análise da conversa e de teorias de polidez*. 2018. 127f. Dissertação (mestrado em Estudos

Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

GALEMBECK, Paulo de Tarso.; CARVALHO, Kelly Alessandra. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). São Paulo, [s.n.],[20--].

GALLESE, Vittorio. A neuroscientific grasp of concepts: from action to representation. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*. 358, p. 1231-1240, 2003.

_____; LAKOFF, George. The brain's concepts: the role of the sensory-motor system in conceptual knowledge. *Cognitive Neuropsychology*, 21 (o), 2005, p. 1-26.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIBBS, Raymond. *Embodiment and cognitive science*. New York: Cambridge University Press, 2005.

GIBSON, James. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton-Mifflin, 1986 [1979].

GLENN, Phillip. *Laughter in interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011 [1967].

_____. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row, 1987.

_____. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

_____. Footing. *Semiotica*, v. 25, issue 1-2, 1979, p. 1–19.

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (Doutorado em Linguística), University of California, Berkeley, 1997.

GÜLICH; Elisabeth; QUASTHOFF, Uta. Story-telling in conversation: cognitive and interactive aspects. North-Holland. *Poetics*, v. 15, 1986, p. 217-41.

_____. Les marqueurs de la réformulation paraphrasique. *Cahiers de Linguistique Française*, 5, 1983, p. 305-351.

GUMPERZ, John. *Discourse strategies*. New York: Cambridge University Press, 1982.

GÜNTNER, Suasanne. Polyphony and the ‘layering of voices’ in reported dialogues: an analysis of the use of prosody devices in everyday reported speech. *Journal of Pragmatics*. 31, 1999.

HAHN, Ulrike; CHATER, Nick. Concepts and similarity. In: LAMBERTS, Koen; SHANKS, David (eds.). *Knowledge, concepts and categories*. Hove: Psychology Press, 1997, p. 43-92.

HAUSER, Eric. Generalization: A Practice of Situated Categorization in Talk. In: *Human Studies* 34, 2011, 183–198.

HAY, Jennifer. The Pragmatics of humour support. *Humor - International Journal of Humor Research*. volume 14, issue 1, 2001, p. 55-82.

_____. Functions of humour in the conversations of men and women. *Journal of Pragmatics*, vol. 32, 2000, pp. 709–742.

HILGERT, José Gaston. Atenuação e cortesia em intervenções metaeununciativas na conversa. *Filologia Linguística Portuguesa*, 16(2), 2014, p. 365-379.

HOLMES, Janet. Politeness, power and provocation: how humour functions in the workplace. *Discourse Studies*, vol. 2, no. 2, (2000), pp. 159–185.

_____. Sharing a laugh: Pragmatic aspects of humour and gender in the workplace. *Journal of Pragmatics*, vol. 38, 2006, no. 26–50.

_____; HAY, Jennifer. Humor as an ethnic boundary marker in new Zealand interaction. *Journal of Intercultural Studies*, 18:2, 1997, p. 127-151.

HONGLADAROM, Krisadawan. "Don't blame me for criticizing you ...": A study of metapragmatic comments in Thai. In: BUBLITZ, Wolfram; HÜBLER, Axel. *Metapragmatics in use*. Amsterdam: John Benjamins, 2007, p. 29-48.

HÜBLER, Alex. Metapragmatics. In: BUBLITZ, Wolfram; NORRICK, Neal. (Org.). *Foundations of Pragmatics*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2011, p. 107-136.

HUTCHINS, Edwin. *Cognition in the wild*. Cambridge, Massachussets: The MIT Press, 1995.

JÄKEL, Olaf. *Kant, Blumenberg, Weinrich: Some Forgotten Contributions to the Cognitive Theory of Metaphor*. In: GIBBS, Raymond; STEEN, Gerard. *Metaphor in cognitive linguistics: selected paper from the fifth international cognitive linguistics conference*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1999.

JAKOBSON, Roman. Metalanguage as a linguistic problem. In: _____. *The framework of language*. Michigan: Michigan University, 1980 [1957], p. 81-92.

_____. *Shifters, verbal categories, and the russian verb*. In: _____. *Russian and Slavic grammar: studies 1931-1981*. Edited by Linda Waugh and Morris Halle. Berlin / New York / Amsterdam: Mouton Publishers, 1984.

_____. *Linguística e poética*. In: _____. *Linguística e comunicação*. Prefácio de Izidoro Blikstein. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2010 [1960].

JAWORSKI, Adam; COUPLAND, Nikolas; GALASINSKI, Dariusz. *Metalanguage: social and ideological perspectives*. 3ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.

JEFFERSON, Gail. On the organization of laughter in talk about troubles. In: Atkinson, J.M., Heritage, J. (Eds.), *Structures of Social Action*. Cambridge University Press, Cambridge, 1984, p. 346–369.

_____. A technique for inviting laughter and its subsequent acceptance/declination. In: PSATHAS, George. (Ed.). *Everyday language: Studies in ethnomethodology*. New York, NY: Irvington Publishers, 1979, pp.79-96).

_____. Sequential aspects of storytelling in conversation. In: SCHENKEIN, Jim. *Studies in the Organization of Conversational Interaction*. New York: Academic Press, 1978, pp. 219-248.

JOHNSON, Mark. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago: Cambridge University Press, 2007.

_____. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.

JOHNSON-LAIRD, Phil. Mental models in cognitive science. *Cognitive Science*. 4, 1980, p. 71-115.

KASPER, Gabrielle. Data collection in pragmatic research. In: SPENCER-OATLY, Helen. *Culturally speaking: culture, communication and politeness theory*. London: Continuum, 2008, p. 270-302.

KATZ, Jerrold J.; FODOR, Jerry A. The structure of a semantic theory. *Language*, 39, 1963, p.170–210.

KECSKES, Istvan. *Intercultural pragmatics*. Oxford / New York: Oxford University Press, 2014.

KENDON, Adam. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge Press, 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. A multilevel approach in the study of talk-in-interaction. In: *Pragmatics* 7 (1), 1997.

KIDWELL, Mardi. Framing, grounding and coordinating conversational interaction: Posture, gaze, facial expression, and movement in space. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Org.) *Body-Language-Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/1. Berlin, Boston: Mouton De Gruyter, 2013. p.100-113.

KOCH, Ingedore. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia. *A construção do texto falado: gramática do português culto falado no brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 39-46.

_____. *O texto e a construção do sentido*. São Paulo: Contexto, 2010.

KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LADEWIG, Silva. H.; BRESSEM, Jana. A linguistic perspective on the notation of gesture phases. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Org.) *Body-Language-Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/1. Berlin, Boston: Mouton De Gruyter, 2013. p. 1060-1079.

LAGE, Carolina; SCHRÖDER, Ulrike; SILVA, Diogo. Trabalhar com o programa de transcrição EXMARaLDA: um relatório de experiência. In: SCHRÖDER, Ulrike; CARNEIRO MENDES, Mariana. *Comunicação (inter)cultural em interação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019, p.145-167.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

_____. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2003 [1980].

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: GEEREARTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 185-238.

_____; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. New York: University of Chicago Press, 1989.

_____. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. vol. 1. Standford: Standford University Press, 1987.

LEVINSON, Stephen. *Pragmática*. Tradução de Luís Carlos Borges, Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LITTLEMORE, Jeannette. *Metonymy: hidden shortcuts in language, thought and communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

LODER, Letícia. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In.: _____; JUNG, Neiva M. (Orgs.) *Fala-Em-Interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 127-161.

LOENHOFF, Jens. Tacit knowledge in intercultural communication. *Intercultural Communication Studies: ICS* Jg. 20, n. 1, 2011, p. 57-64. Disponível em: <http://web.uri.edu/iaics/files/05JensLoenhoff.pdf> . Acesso em: 08/09/17.

LONGORDO, Monique. *Estudantes estrangeiros no brasil: reflexões sobre questões interculturais e suas análises em sala de aula de PLE*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LUCY, John. Reflexive language and the human disciplines. In: _____ (ed.). *Reflexive language: reported speech and metapragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 9-32.

MANDELBAUM, Jenny. Storytelling in conversation. In: SIDNELL, Jack; STIVERS, Tanya. (Eds.). *The Handbook of Conversation Analysis*. 2013, pp. 492-507.

MARCUSCHI, Luiz. Hesitações. In: JUBRAN, Clélia. (org). *A construção do texto falado: gramática do português culto falado no brasil*. v.1. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Análise da conversação*. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

MARSCHARK, Marc. Metaphors in sign language and sign language users: A window into relations of language and thought. In: COLSTON, Herbert L.; KATZ, Albert N. *Figurative language comprehension: Social and cultural influences*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 309-334.

MATSUMOTO, Yumi. Collaborative co-construction of humorous interaction among ELF speakers. *Journal of English as a Lingua Franca*, vol. 3, no. 1, 2014, pp. 81–107.

MCNEILL, David. *Gesture and Thought*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

_____. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MEDEIROS, Ilana; SANTOS, Ricardo; MEDEIROS, Simone. Modelos cognitivos idealizados: analisando os processos de comunicação. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 17, 2015, Natal, RN. Anais (Online). São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1575-1.pdf> . Acessado em: 17 de julho de 2019.

MERTZ, Elizabeth; YOVEL, Jonathan. Metalinguistic awareness. In: SANDRA, Dominiek; ÖTSMAN, Jan-Ola; VERSCHUEREN, Jef. *Cognition and pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 250- 271.

MERVIS, Carolyn; ROSCH, Eleanor. Categorization of natural objects. *Ann. Rev. Psycho.* 32. 1981. p. 89-115.

MEYER, Christian; STREECK, Jünger; JORDAN, Scott. Introduction. In: _____; JORDAN, J. Scott. *Intercorporeality: emerging socialities in interaction*. New York: Oxford, 2017, p. xv-xlix.

MONDADA, Lorenza. Multimodal resources for turn-taking: pointing and the emergence of possible next speakers. *Discourse Studies*, 9 (2), 2007, p. 197-226.

MONTREDON, Jacques et al. Catchment, growth point, and spatial metaphor: Analyzing Derrida's oral discourse on deconstruction. In: CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. *Metaphor and gesture*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2008, p. 171-194.

MORGAN, Pamela. The semantics of an impeachment". In: DIRVEN, René; FRANK, Roslyn; ILE, Cornelia. (eds). *Language and Ideology: Descriptive Cognitive Approaches*. V.2 (eds),. [Current Issues in Linguistic Theory 205.] Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2001, p. 77–106.

MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEßENDORF, Sedinha (Org.) *Body-Language-Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Handbücher zur Sprach- und

Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK)
38/2. Berlin, Boston: Mouton De Gruyter, 2014.

_____; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEßENDORF, Sedinha (Org.) *Body-Language-Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/1. Berlin, Boston: Mouton De Gruyter, 2013.

_____. Gestures as a médium of expression.: the linguistic potential of gestures. In: MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEßENDORF, Sedinha (Orgs.). *Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. v. 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013, pp. 202-217.

_____; TAG, Susanne. The dynamics of metaphor foregrounding and activating metaphoricality in conversational interaction. *Cognitive semiotics*, issue 6, Spring, 2010, p. 85-120.

_____; CIENKI, Alan. Words, gestures, and beyond: forms of multimodal metaphor in the use of spoken language. In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI. *Multimodal metaphor*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009, p. 297-328.

NASCIMENTO, Thiago. *Metáforas no pensamento e no discurso: uma análise cognitivo-discursiva da fala de aprendizes de inglês língua estrangeira sobre sua experiência de aprendizagem*. 2016. 175f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

_____. A construção e a tomada de turno: observações empíricas no *corpus* NUCOI. *Cadernos Viva Voz*. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (no prelo).

NEISSER, Ulric. *Cognition and Reality: principles and implications of cognitive psychology*. New York: W. H. Freeman and Company, 1976.

OLIVEIRA, Aparecida. Functional effects, prepositional semantics, and metaphorical containment in Brazilian Portuguese: the case of *em*, *dentro de*, and *for a de*. *Scripta* (PUCMG), v 20, p. 61/3-83, 2016.

_____. Cognitive relations in semantics of Brazilian-portuguese preposition *em*. *Selected papers from UK-CLA Meetings*. Vol.1, p. 19-45, 2012.

_____. Mapeamentos metafóricos a partir do esquema imagético de contentor: o caso de ‘*em*’. *Revista da Abralín*, v.10, p.43-65, 2011.

_____. Uma introdução à gramática cognitiva. In: HERMONT, Arabie; ESPÍRITO SANTO, Rosana; CAVALCANTE, Sandra. (org.) *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas – de cada lugar um outro olhar*. 1 ed. Belo Horizonte: PUCSMINAS, 2010.

OLIVEIRA, Milene; WOLF, Hans-Georg. Linguística Cultural e comunicação intercultural: uma síntese de discussões recentes na universidade de Potsdam. In: SCHRÖDER, Ulrike; CARNEIRO MENDES. *Comunicação (inter)cultural em interação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019, p.65-87.

PALMER, Gary. *Towards a theory of cultural linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1996.

PAYRATÓ, Lluís; TESSORDOF, Sedina. Pragmatic gestures. In: MÜLLER, Cornelia; MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEßENDORF, Sedinha (Org.) *Body-Language-Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/2. Berlin, Boston: Mouton De Gruyter, 2014, p. 1531-1539.

PEIXOTO, Jurema. Gestos, sinais e esquemas de aprendizes surdos na multiplicação. *Revista Latinoamericana de Investigación en Matemática Educativa*, 18 (3), 2015, p. 359-386.

PEREIRA, Ana Cristina Carvalho. *Os Gestos das Mãos e a Referenciação*: investigação de processos cognitivos na produção oral. Tese (Doutorado em Linguística). Orientadora: Profa Dra Maria Luiza Cunha Lima. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

PIZZICONI, Barbara. Facework and multiple selves in apologetic metapragmatic comments in Japanese. In: BUBLITZ, Wolfram; HÜBLER, Axel. *Metapragmatics in use*. Amsterdam: John Benjamins, 2007, p. 49-72.

POSSENTI, Sírio. Metaenunciação: uma questão de interdiscurso e de relevância. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 1, p. 91-108, jan./jun. 2000.

PULLIN, Patricia. Humour in ELF interaction: a powerful, multifunctional resource in relational practice. In: JENKINS, Jennifer; BAKER, Will; DEWEY, Martin. *The Routledge handbook of English as a lingua franca*. New York: Routledge, 2018, p. 333-344.

QUINN; Naomi; HOLLAND, Dorothy. Culture and cognition. In: HOLLAND, Dorothy; QUINN; Naomi. *Cultural Models in language and thought*. Cambridge University Press, 1987, p. 3-40.

RADDEN, Gunter; KOVECSES, Zoltan. Towards a theory of metonymy. In: _____. *Metonymy in language and thought*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1999.

REED, Beatrice. *Analysing conversation*: an introduction to prosody. London / New York: Palgrave, 2011.

RIBEIRO, Branca; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística Interacional*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: a formação e o sentido do Brasil. 3 ed. São Paulo: Global, 2015.

RIOS, Dermival Ribeiro. *Minidicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: DCL, 2010.

ROHRER, Tim. Embodiment and experientialism. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 25-48.

_____. Understanding through the body: fMRI and ERP investigations into the neurophysiology of cognitive semantics. Paper presented at the *7th International Cognitive Linguistics Association* conference, University of California at Santa Barbara, Santa Barbara, CA, July 2001. p. 1-15.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: _____; LLOYD, Barbara (eds.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale NJ: Lawrence Erlbaum, 1978, pp. 27-48.

_____. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*. vol. 104. n. 3. 1975a. p. 192-233.

_____. Cognitive reference points. *Cognitive Psychology*. 7. 1975b. p. 532-547.

_____. MERVIS, Carolyn; GRAY, Wayne D.; JOHNSON, David M.; BOYES-BRAEM, Penny. Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*. 8. 1976, p. 382-439.

_____. MERVIS, Carolyn. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*. 7. 1975. p. 573-605.

RUUSUVUORI, Johanna; PERAKYLA, Anssi. Facial and Verbal Expressions in Assessing Stories and Topics. *Research on Language and Social Interaction*, 42, 2009, p. 377-394.

SACKS, Harvey; JEFFERSON, Gail. *Lectures on Conversation*. Volume 1 e 2. Oxford: Blackwell Publishing, 2006 [1995].

_____; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*. In: *Language*, Vol. 50. No. 4, Part 1. Dec, 1974, pp. 696-735.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. *The ethnography of communication: an introduction*. 3 ed. Oxford: Blackwell, 2003, p.14-17.

SCHEGLOFF, Emanuel. A tutorial on membership categorization. *Journal of Pragmatics*, 39, 2007, p. 462-482.

_____. Turn organisation: one intersection of grammar and interaction. In: OCHS, Elinor; _____; THOMPSON, Sandra (eds.). *Interaction and grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 52-133.

_____. Conversation analysis and socially shared cognition. In: RESNICK, Lauren; LEVINE, John; TEASLEY, Stephanie. *Perspectives on socially shared cognition*. Washington: University of Pittsburgh / American Psychology Association, 1991.

_____. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. In: *American Journal of Sociology*. 97. 5, 1295–1345. 1992.

_____. Turn organization: one intersection of grammar and interaction. In: OCHS, Elinor; _____; THOMPSON, Sandra(eds.). *Interaction and grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 52-133.

_____. Practices and actions: boundary cases of other-initiated repair. *Discourse Processes*, 23, 1997, p. 499-545.

_____. Discourse as an interactional achievement: some uses of “uh huh” and other things that come between sentences. In: TANNEN, Deborah (org.) *Analysing discourse: text and talk*. Washington: Georgetown University Press, 1981, p. 71-93.

SCHRÖDER, Ulrike. Comunicação (inter)cultural em interação: um grupo de pesquisa na interface dos estudos da fala-em-interação e da linguística cultural. In: _____; CARNEIRO MENDES. *Comunicação (inter)cultural em interação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019, p.19-53.

_____. O que a metacomunicação revela sobre nossos processos cognitivos: um estudo sobre a coconstrução da alteridade. In: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria (Org.). *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2018.

_____. The interplay of verbal, vocal, and visual cues in the co-construction of the experience of alterity in exchange students' talk. *Journal of Pragmatics*. n. 81. 2015, p. 21-35.

_____. The interplay of politeness, conflict styles, rapport management and metacomunication in Brazilian-German interaction. *Intercultural Pragmatics*, v. 11, issue 1, Mar. 2014, p. 57-82.

_____. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora. *Alfa*, São Paulo, v. 52, n.1, p. 39-56, 2008.

_____. Os precursores filosóficos da teoria cognitivista das metáforas. *Cadernos de Estudos da Linguagem*, Campinas, v. 46, n.2, p. 243-252, Jul/Dez, 2004.

_____; NASCIMENTO, Thiago; SILVA, Arthur. Reflexões metodológicas sobre transcrição e a escolha do GAT2 como sistema de transcrição para o NUCOI. In: _____; CARNEIRO MENDES. *Comunicação (inter)cultural em interação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019, p.107-143.

_____; CARNEIRO MENDES, Mariana. Diferenças no uso e nas funções de meios prosódicos na fala alemã e brasileira e suas implicações para a transcrição com GAT2. In: GALLE, Helmut Paul Erich; PEREIRA, Valéria Sabrina (org.). *Anais do I Congresso da ABEG*. São Paulo: ABEG Editora Associação Brasileira de Estudos Germanísticos (ABEG), v. 1, p. 385-394, 2016.

_____. A utilização da metáfora CULTURA É UM CONTÊINER e sua contextualização multimodal em uma interação intercultural: uma análise a partir das perspectivas comunicativas e extracomunicativas. *Antares*, 7, 14, p. 107-128, 2015.

SCHMIDT, Thomas; WÖRNER, Kai. EXMARaLDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. *Pragmatics*, 19, p. 565-582, 2009.

SCHÜTZ, Alfred. The stranger: an essay in social psychology. *American Journal of Sociology*, vol. 49, No. 6 (May, 1944), pp. 499-507.

_____. The homecomer. *American Journal of Sociology*, v. 50, issue 5, Mar. 1945, p. 369-376.

SELTING, Margre; AUER, Peter; BARTH-WEINGARTEN, Dagmar. *et al.* Um sistema para transcrever fala-em-interação: GAT 2. Traduzido por Ulrike Schröder, Mariana Carneiro Mendes, Caroline Caputo Pires, Diogo Henrique Alves da Silva, Thiago da Cunha Nascimento, Flavia Fidelis Paula. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 2, p. 6-61, 2016.

_____; AUER, Peter; BARTH-WEINGARTEN, Dagmar; BERGMANN, Jörg; BERGMANN, Pia; BIRKNER, Karin; COUPER-KUHLEN, Elizabeth; DEPPERMAN, Arnulf; GILLES, Peter; GÜNTNER, Susanne; HARTUNG, Martin; KERN, Friederike; MERTZLUFFT, Christine; MEYER, Christian; MOREK, Miriam; OBERZAUCHER, Frank; PETERS, Jörg; QUAETHOFF, Uta; SCHÜTTE, Wilfried; STUKENBROCK, Anja; UHMANN, Susanne: Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2 (GAT 2). *Gesprächsforschung* 10, p. 353-402, 2009.

_____. *Syntax and prosody as methods for the construction and identification of turn-constructual units in conversation*. In: HAKULINEN, Auli; SELTING, Margret (Org.). *Syntax and Lexis in Conversation*. Amsterdam: Benjamins, 2005, pp. 17-44.

_____; COUPER-KUHLEN, Elizabeth. *Studies in interactional linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

_____. Emphatic speech style: with special focus on the prosodic signalling of heightened emotive involvement in conversation. *Journal of Pragmatics*, 22, 3 / 4, 1994, pp.375-408.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHARIFIAN, Fazard. *The routledge handbook of language and culture*. London / New York: Routledge, 2015.

_____. *Cultural conceptualizations and language: theoretical frameworks and applications*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2011.

SIDNELL, Jack; STIVERS, Tanya. (Eds.). *The Handbook of Conversation Analysis*. 2013.

_____. *Conversation analysis: an introduction*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

SILVA, Augusto. O cognitivo e o social nos estudos linguísticos: inimigos íntimos?. *Textos Seleccionados*. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2009, pp. 511-525.

SILVERSTEIN, Michael. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: LUCY, John (ed.). *Reflexive language: reported speech and metapragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 33-58.

SMITH, Barry. Gestalt theory: an essay in philosophy. In: _____. (ed.) *Foundations of Gestalt Theory*. Munich and Vienna: Philosophia, 1988, p. 11-81. Disponível em: <file:///C:/Users/Thiago%20Nascimento/Downloads/gestalt.pdf>

SPENCER-OATEY, Helen. Promoting rapport in intercultural communication. In: _____; FRANKLIN, Peter. *Intercultural interaction: a multidisciplinary approach to intercultural communication*. New York: Palgrave Macmillan, 2009, p. 101-129.

_____; Face, (im)politeness and rapport. In: _____. *Culturally speaking: culture, communication and politeness theory*. London: Continuum, 2008, p. 11-47.

STIVERS, Tanya. Stance, alignment, and affiliation during storytelling: When nodding is a token of affiliation. *Research on Language and Social Interaction*, 41 (1), 2008, pp.31 – 57.

_____; SIDNELL, Jack. Introduction: multimodal interaction. *Semiotica*. Special issue. 156 (1/4). 2005. p. 1-20.

STRAUSS, Claudia. Models and motives. In: D'ANDRADE, Roy; _____. *Human motives and cultural models*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p.1-20.

STREECK, Jürgen; HARTGE, Ulrike. Previews: Gestures at the transition place. In: AUER, Peter; DI LUZIO, Aldo, (eds.), *The Contextualization of Language*. Amsterdam: John Benjamins. 1992, p. 135-157.

STOKOE, Elizabeth. Moving forward with membership categorization analysis: Methods for systematic analysis. In: *Discourse Studies* 14(3), 2012, 277–303.

SUZUKI, Satoko. Metapragmatic function of quotative markers in Japanese. In: BUBLITZ, Wolfram; HÜBLER, Axel. *Metapragmatics in use*. Amsterdam: John Benjamins, 2007, p. 73-85.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística Interacional*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1987]. pp. 183-214.

TOMASELLO, Michael. A chave está na cognição social. Tradução de André Luiz de Souza. *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre. n. 31. Jul-dez, 2012, p. 205-215.

_____. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TUGGY, David. Schemacity. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 82-116.

TURNER, Victor; BRUNER, Edward. *The anthropology of experience*. 6.ed. Chicago: University of Illinois Press, 1986.

TYLER, Andrea. *Cognitive linguistics and second language learning: theoretical basics and experimental evidence*. New York / London: Routledge Taylor e Francis group, 2012.

URBANO, Hudimilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, Clélia. (org). *A construção do texto falado: gramática do português culto falado no brasil*. v.1. São Paulo: Contexto, 2015.

VARELLA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *The Embodied Mind*. Cambridge-MA: MIT Press, 1991.

VERSCHUEREN, Jen. *Understanding pragmatics*. London: Edward Arnold / New York: Oxford University Press, 1999.

_____. Notes on the role of metapragmatics awareness in language use. In: JAWORSKI, Adam; COUPLAND, Nicolas; GALASINSKI, Dariusz (eds.). *Metalinguage: social and ideological perspectives*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1998, p. 53-73.

VILLAÇA, Ingedore; BENTES, Ana Cristina. Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, Dino (org.). *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008, p; 19-48

VYGOTSKY, Lev. *Mind in society: the development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

WAGNER, Helmut. Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia. In: SCHÜTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Edição e organização Helmut Wagner; tradução de Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 11-62.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. *Etnometodologia e análise da conversa*. Petrópolis, RJ: Vozes / Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015.

WOLF, Hans-Georg; POLZENHAGEN, Frank. Intercultural communication in English – Arguments for a cognitive approach to intercultural pragmatics. *Intercultural Pragmatics* 3(3), 2006, p. 285-321.

_____. Language and culture in intercultural communication. In: SHARIFIAN, Fazard. *The routledge handbook of language and culture*. London / New York: Routledge, 2015, p. 445-459.

WITTGENSTEIN, Ludowig. *Tractatus logico-philosophicus*. London: Routledge & Kegan Paul, 1922.

ANEXO A

Gatilhos para a interação na conversa eliciada.

1. Você acha que Minas Gerais e Pará são muito diferentes culturalmente?
2. Quais são as diferenças entre as culturas que você destacaria?
3. Quem é o mineiro em sua opinião? Como é relacionar-se com um mineiro? E com um paraense?
4. O que mais chama atenção num mineiro/paraense em você?
5. Como é comunicar-se com um mineiro?
6. Você acha que existe um modo de agir tipicamente mineiro ou tipicamente paraense?
7. Qual era sua ideia sobre Minas antes de chegar aqui? Essa ideia mudou? Se sim, como?
8. O que você acha que é bom em Minas e no Pará? Têm coisas que lhe incomodam?
9. Você se sente parte desse grupo cultural?

Temas para discussão:

Família
Diversão

Amor
Sociedade

Amizade
Trabalho

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) participante,

eu, Thiago da Cunha Nascimento, doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PosLin), convido você a participar da pesquisa intitulada “Reflexividade e Atos Metacomunicativos em Conceptualizações evidenciadas na fala-em-interação”, vinculada ao projeto “Conceitos (inter-)culturais chave na interface entre interação, cognição e variação”, sob a responsabilidade da Profª Drª Ulrike Agathe Schröder, da Universidade Federal de Minas Gerais.

O projeto propõe investigar como conceitos culturais distintos e/ou novos emergem durante as interações em encontros interculturais. Para que possamos realizar esse tipo de estudo, gostaríamos de filmar interações, com duração de no máximo 90 minutos, sobre assuntos interculturais para que possam ser, posteriormente, analisadas. Além disso, 3 semanas depois da filmagem, faremos entrevistas com cada um dos participantes que serão registradas por um gravador de áudio ou filmadora.

Os possíveis riscos para você durante a filmagem e a entrevista são desconforto, constrangimento e/ou cansaço. Procuraremos minimizar ao máximo esses riscos com os seguintes procedimentos: somente você e os outros participantes da filmagem permanecerão na sala, um lanche será disponibilizado para você durante o período da filmagem e você poderá sair da sala a qualquer momento para usar o banheiro, ou por qualquer necessidade. Você não é obrigado(a) a participar de toda a filmagem, podendo desistir no momento em que se sentir desconfortável, constrangido(a), cansado(a) ou por qualquer outro motivo pessoal.

Os resultados serão utilizados apenas para propósitos acadêmicos, como a reprodução da filmagem em congressos e sala de aula, bem como o uso de imagem em artigos científicos e livros da área. Os arquivos contendo interações filmadas e as gravações das entrevistas farão parte de um corpus online destinado a pesquisadores da área, sendo que as transcrições serão disponibilizadas em nosso site (www.lettras.ufmg.br/nucleos/nucoi) e os vídeos, de forma privada, na plataforma do YouTube por meio da conta do NUCOI. Os dados ficarão disponíveis pelo período de 5 anos. Entretanto, o acesso aos vídeos só será permitido aos pesquisadores previamente autorizados pelo NUCOI que concordarem com os termos acima. Além disso, ao divulgarmos algum dado da pesquisa, seu nome não será utilizado, será substituído por um codinome.

Comprometo-me ainda a divulgar os resultados para os participantes que demonstrarem interesse em obter informações sobre eles (enviando um e-mail para schroederulrike@gmx.com ou ncthiago1989@gmail.com).

Caso surja qualquer dúvida ou problema relacionado aos procedimentos adotados nesta pesquisa, você poderá contatar o pesquisador responsável na Faculdade de Letras da UFMG através dos e-mails: schroederulrike@gmx.com (orientadora), ncthiago1989@gmail.com (doutorando), ou do telefone (31) 3409 6031. Você pode também buscar informações sobre aspectos éticos desta pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, localizado na Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2. andar, sala 2005, CEP: 31270-901, BH-MG, fone (31) 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido(a), solicito a gentileza de escrever seu nome e assinar sua concordância nos espaços em branco abaixo. Ressaltamos que esse termo deve ser preenchido e assinado em duas vias.

Eu, ..., confirmo estar esclarecido(a) sobre a pesquisa e concordo em dela participar.

.....
Assinatura

.....
Thiago da Cunha Nascimento
Pesquisador Responsável

.....

Profª Drª Ulrike Agathe Schröder
Pesquisadora Supervisora

E-mail ou telefone para contato:

ANEXO C
TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Por intermédio do presente instrumento, de um lado, _____, CPF _____, doravante denominado CEDENTE; e, de outro lado, **THIAGO DA CUNHA NASCIMENTO**, aluno do programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, nível doutorado, matrícula 2016659429, CPF 981.614.312-72, doravante denominado CESSIONÁRIO:

1 – o CEDENTE cede gratuitamente ao CESSIONÁRIO, por prazo indeterminado, o direito de uso de sua imagem e voz captadas durante uma conversa eliciada para a pesquisa intitulada “Reflexividade e Atos Metacomunicativos em conceptualizações evidenciadas na fala-em-interação”, vinculada ao projeto “Conceitos (inter-)culturais chave na interface entre interação, cognição e variação”, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Ulrike Agathe Schröder, da Universidade Federal de Minas Gerais;

2 – o CEDENTE autoriza também o direito de uso de sua imagem e voz para fins acadêmicos e educacionais em quaisquer materiais de divulgação científica como revistas, periódicos eletrônicos, mídia virtual (como VHS, DVD, dados digitais e similares), livros, seminários, congressos, etc.;

3 – o CESSIONÁRIO compromete-se a utilizar a imagem e voz do CEDENTE sem efetuar nenhuma modificação em sua fisionomia, estrutura sonora ou contextual, bem como não fazer uso de forma depreciativa, ou que possa representar, sob qualquer forma, algum tipo de violação à moral ou honra. Ficando igualmente proibida a comercialização do material coletado na referida pesquisa, com exceção daquilo que constar na produção acadêmica de autoria do CESSIONÁRIO;

4 – o CEDENTE faz a cessão a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionados a sua imagem e voz, bem como aos direitos autorais dos trabalhos desenvolvidos pelo CESSIONÁRIO;

Para que produza todos os efeitos de direito, as partes assinam o presente instrumento em duas vias, na presença de duas testemunhas.

Belém, _____.

CEDENTE

CESSIONÁRIO

Testemunha: _____ RG _____